

1120

DM
CUNHA/1.1

INSTITUTO SUPERIOR DE PSICOLOGIA APLICADA
MESTRADO DE PSICOPATOLOGIA E PSICOLOGIA CLÍNICA
EDIÇÃO 2001/2003
REINGRESSO 2004/2006

TESE DE MESTRADO

Volume I

A construção do Eu adolescente na relação com
o(s) Outro(s) através do Rorschach.

Isabel Maria Gonzalez Duarte da Cunha – N.º 1823

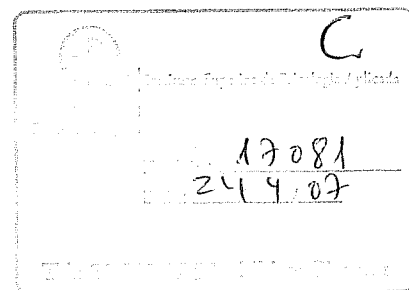
ORIENTADORA: Prof.^a Doutora Maria Emília Marques

Instituto Superior de Psicologia Aplicada

SEMINÁRIO DIRIGIDO POR: Prof.^a Doutora Maria Emília Marques

Instituto Superior de Psicologia Aplicada

2006



Agradeço

À Prof.^a Doutora Maria Emília Marques, pela disponibilidade que sempre demonstrou ao longo da realização deste estudo, pelo percurso de aprendizagem, de descoberta e de transformação, presente na relação Eu-Outro.

Ao meu marido, por me ter acompanhado neste percurso em que foi o meu par, o meu igual, com toda a sua diferença, o meu complementar.

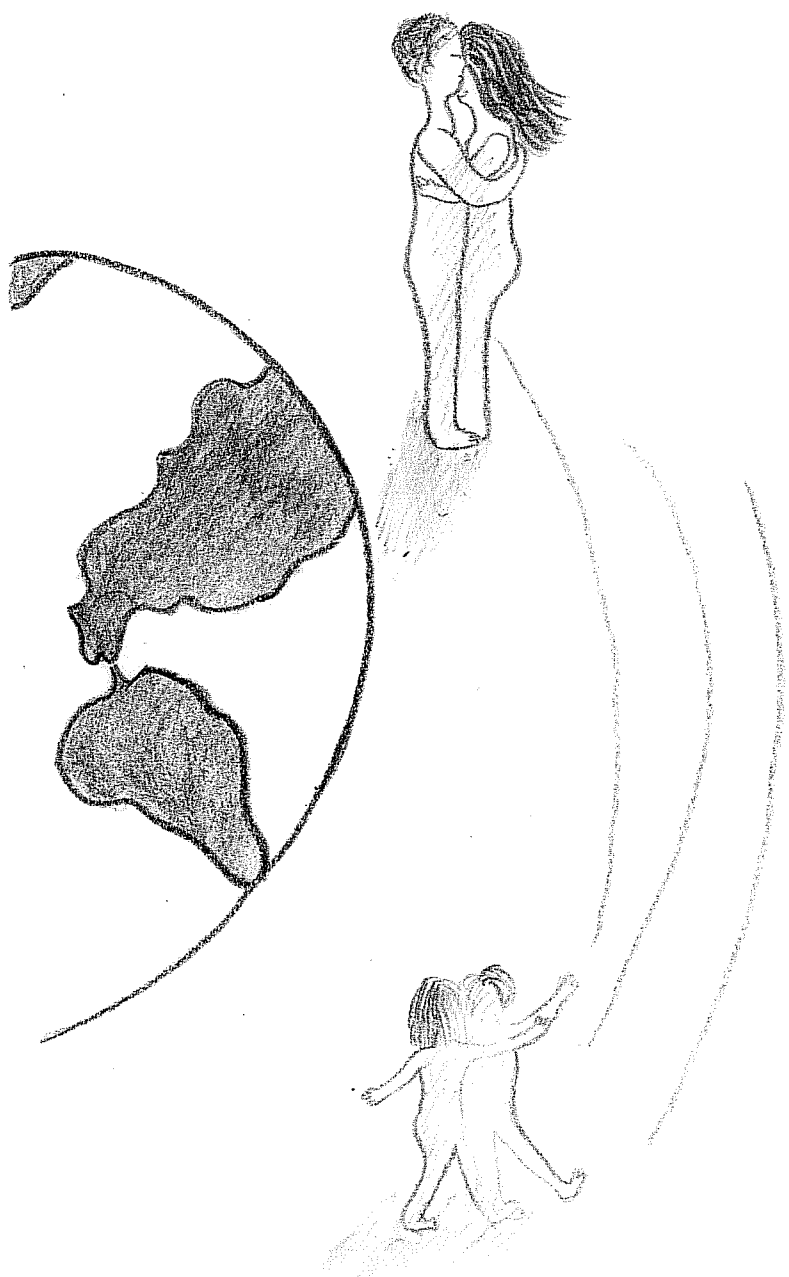
À minha analista e ao meu grupo de análise, por me terem ensinado a ser Eu na relação com o(s) Outro(s).

A todos os meus amigos, o(s) Outro(s), com quem partilho e em quem procuro a igualdade, a diferença e a complementaridade.

A todos, o meu Obrigada.

Dedico

Ao(s) Outro(s)



Desenho realizado por uma adolescente a quem foi pedido para ilustrar a relação Eu-Outro

*“Foi antigamente,
noutro tempo, noutra era...*

*Tu talvez então
Vivesses o meu sonho...
Eu não...*

...Eu nem era eu...”

Sena, J. (op. cit., pp. 47) Vol II

RESUMO

A adolescência é um período do desenvolvimento e de crescimento, durante o qual decorrem importantes transformações na relação entre o Eu e o(s) Outro(s) vividas com grande turbulência, e que impõem um processo criativo e uma relação de ligação e de comunicação entre o interno e o externo, entre o belo exterior e o enigmático interior, entre o conhecido e o ainda desconhecido.

Neste trabalho, ao começarmos por reunir as principais concepções sobre a adolescência, com inscrição na teoria psicanalítica, constatámos que são escassas as referências feitas à dimensão do Outro, pelo que considerámos, importante aprofundar esta dimensão, e constituímos, assim, o Outro como um organizador a ser estudado no processo de desenvolvimento adolescente.

Se as referências ao Outro na literatura sobre a adolescência são quase inexistentes, as suas referências na teoria psicanalítica são abundantes, reportando-nos para as noções de sujeito e de objecto. Procurámos, então, aprofundar estas noções na teoria pulsional, freudiana, na teoria das relações de objecto e nas teorias que se inscrevem nos modelos do pensamento, após o que realizámos uma articulação entre estes modelos teóricos e as concepções teóricas existentes sobre a adolescência. Foram assim constituídas três dimensões relativas ao Outro durante o processo de desenvolvimento adolescente: o Igual, o Diferente e o Complementar.

O objectivo deste estudo foi compreender como é que durante o processo de desenvolvimento adolescente decorre a relação entre o Eu e o Outro, ou seja, entre o sujeito e o objecto, numa articulação entre o mundo interno e o mundo externo, numa procura da igualdade mas também da diferença entre Um(s) e Outro(s), numa lógica onde impera a procura do complementar.

Para podermos aceder ao objectivo a que nos propusemos, utilizámos como instrumento o Rorschach, depois de ter sido explicitado como método de acesso ao sujeito psicológico e ter sido inscrito nos modelos do pensamento, onde pode ser compreendido com o recurso ao modelo transformacional que coloca em lugar de destaque a relação de comunicação, de simbolização, de criação e de expansão, tendo, para tal, sido construída uma grelha de análise. Foi através desta análise aos Rorschach de sujeitos de 13 e de 17 anos, que pudemos compreender de que forma é que decorre a relação entre o Eu e o(s) Outro(s) na Adolescência. Assim, pudemos destacar que, o Outro na condição de Igual, é mais visível nas raparigas no início da adolescência, o que só acontece mais tarde nos rapazes, que o Outro Diferente é mais notório no final da adolescência para ambos os sexos, e que o Outro como Complementar é visível nas raparigas mais novas, mas apresenta uma maior expressão nos adolescentes mais velhos.

Palavras Chave:

Adolescência, Relação Eu-Outro, Rorschach, Igual, Diferente, Complementar.

ABSTRACT

Adolescence is a development stage of growing in which important transformations occur in the relation between the Self and the Other(s) lived in great turbulence, that impose a creative process and an relation of liaison and the communication between internal and external world, between the external beauty and the enigmatic interior, say, between the known and the yet unknown.

In this work we started by going through the main conceptions of adolescence as inscribed in psychoanalytical theory in which we realized how scarce are the references concerning the Other. Thus, we considered how necessary it is to go deeper into this dimension, establishing the Other as an organizer to be studied on the adolescent development process.

If references to the Other in literature on adolescence are practically inexistent, in psychoanalytical theory these references are abundant and leading us to the notions of subject and object. Next, we went through these notions in the plusional Freudian theory, as well as in the Object Relations theory and theories that were inscribed in the models of thought, while performing one articulation between these theoretical models and conceptions on adolescence. Three dimensions related to the Other in the adolescent development process were then constituted: the Equal, the Different and the Complementary.

The objective of this study was therefore to understand how the relation between the Self and the Other occurs during this adolescent development process, that is between the subject and the object, in articulation between the internal and external world, in a search for the equality while considering as well the difference between

One(s) and the Other(s), in a logical way where the rules tend to achieve the Complementary.

Having this objective in mind we used Rorschach as an instrument, after having used it as a method of access to the psychological subject, and so inscribed in the models of thought; in this way, it can be taken as a source to the transformational model, that set in place of detail the relationship of communication, simbolization, creation and expansion, for what it was constructed an analitical grid. The Rorschach aplied to subjects of 13 and 17 years old, were analized; in this way it was possible to understand how the relation between Self and the Other(s) is processed in adolescence. In this way we can detach that the Other in the condition of Equal it is more visible in the beginning of adolescence in girls, an later in boys; that the Other Different, it is more evident at the end of adolescence for both sexes, and the Other Complementary it is more visible at the young girls, but presents a greater expression in older adolescents.

Key words:

Adolescence, Relation Self-Other, Rorschach, Equal, Different, Complementary.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	13
I. A ADOLESCÊNCIA	22
1. Introdução	22
2. O Processo Adolescente	24
3. Síntese	46
II. O EU–OUTRO	52
1. Introdução	52
2. O Eu – A construção do Objecto Interno	55
3. O Outro – O Objecto de Identificação	75
4. O Eu–Outro: da Alteridade à Complementaridade	89
5. Síntese	103
III. O EU–OUTRO NA ADOLESCÊNCIA	108
1. Introdução	108
2. Eu–Outro na Adolescência	110
2.1. O Outro Igual	112
2.2. O Outro Diferente	119
2.3. O Outro Complementar	124
IV. O OBJECTIVO DO ESTUDO	131

V. O MÉTODO	140
VI. O INSTRUMENTO	152
1. Agrupamento dos Cartões Rorschach	155
2. A Expressão, no Rorschach, do que é mais frequente na Adolescência	157
3. Valores Interpretativos da Cotação	174
3.1. Os Modos de Apreensão	174
3.2. Os Determinantes	178
3.3. Os Conteúdos	184
VII. OS SUJEITOS	186
VIII. PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE	187
1. Parâmetros a Analisar no Rorschach	187
1.1. Representação de Si e Representação das Relações	188
1.2. Processos de Transformação e de Simbolização no Rorschach	193
2. Elementos para a Análise dos Protocolos de Rorschach	204
2.1. O Outro Igual no Rorschach	205
2.2. O Outro Diferente no Rorschach	213
2.3. O Outro Complementar no Rorschach	223
3. Síntese	230
IX. ANÁLISE DOS PROTOCOLOS DE RORSCHACH	233
1. Análise do Outro Igual nos Protocolos de Rorschach	236
2. Análise do Outro Diferente nos Protocolos de Rorschach	245
3. Análise do Outro Complementar nos Protocolos de Rorschach	256

X. DISCUSSÃO E INTERPRETAÇÃO 263

1. Dos Parâmetros: Representação de Si e Representação das Relações 264
 - 1.1. O Outro Igual 264
 - 1.2. O Outro Diferente 273
 - 1.3. O Outro Complementar 280
2. Dos Parâmetros: Processos de Transformação e de Simbolização 287
 - 2.1. O Outro Igual 287
 - 2.2. O Outro Diferente 291
 - 2.3. O Outro Complementar 294
3. Sínteses e Integrações da Relação Eu-Outro na Adolescência 298

XI. CONCLUSÃO 309

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 315

ANEXOS VOL. II

INTRODUÇÃO

Este trabalho inscreve-se no contexto da realização da Dissertação do Mestrado de Psicopatologia e Psicologia Clínica. Os imperativos académicos foram determinantes para a sua realização, mas a escolha do tema surge de um gosto pessoal, de um desejo de aprofundar o conhecimento sobre o processo de desenvolvimento adolescente, revestindo-o de novos sentidos e de novos significados.

A adolescência tem sido objecto de estudo de inúmeras ciências, apresentando-se como uma fonte inesgotável para o conhecimento, já que uma das suas características se encontra relacionada com o desejo de saber, onde está implícita a relação com o(s) Outro(s). É através desta relação que se constitui um lugar de encontro entre o Eu e o(s) Outro(s), no qual é possível ao Eu conhecer o Outro; mas, é na medida em que o Outro é conhecido que o Eu se pode conhecer e se dar a conhecer ao(s) Outro(s), numa relação de transformação, entre Un(s) e Outro(s).

Também aqui se encontra presente uma relação com Outro(s), com os autores, ou melhor, com as suas teorias e os seus pensamentos, que nos permitem sustentar e alimentar esta linha de pensamento, de modo a que os conceitos ganhem formas e possam ser dados a conhecer a Outro(s), interessado(s) por este tipo de pensamento. Mas, pensar implica uma relação a dois, em que é esperado que ocorra um crescimento. Crescer implica optar, escolher, renunciar, encontrando-se todos estes movimentos particularmente activos durante o processo de desenvolvimento adolescente.

A adolescência é um período do desenvolvimento que tem vindo a ser alvo de diferentes abordagens, que nos dão conta da emergência de novos desejos, de novas formas de relação entre o Próprio, o mundo que o rodeia e o(s) Outro(s) com quem se relaciona. É durante este período do desenvolvimento que decorre todo um movimento de procura de significados para o que, sendo desconhecido, agora se procura conhecer e dar a conhecer.

A relação com o conhecimento decorre num movimento de ligação entre o mundo interno e o mundo externo, entre o conhecido e o desconhecido, numa dinâmica presente ao longo do crescimento. É o desejo de conhecer o que ainda é desconhecido que conduz o adolescente, numa procura pontuada por dúvidas, hesitações e incertezas, ao conhecido, o que só é possível através de uma actividade de transformação e de integração.

Ao longo dos anos, as concepções que nos dão conta do que ocorre durante a adolescência têm sido diversas, sendo as mais clássicas aquelas que se reportam ao modelo pulsional e à assimilação da adolescência a um período de sucessivos lutos. Já as concepções mais recentes, com inscrição num modelo relacional e do pensar, permitem-nos compreender a adolescência como um período em que decorrem sucessivas transformações e no qual se opera todo um movimento de relação, de ligação e de (re)construção entre o Eu e o Outro.

A adolescência é, por excelência, o momento de descoberta do Próprio na e com a relação com o(s) Outro(s), com quem o adolescente se (re)constrói, dando um significado e um sentido ao que antes era diferente e que, agora, pode ser (re)significado e integrado. Neste sentido, procuramos pensar as diferentes dimensões que o Outro pode apresentar, uma vez que têm sido pouco referenciadas na literatura sobre este período do desenvolvimento. Mas, mais do que serem dimensões do Outro, são também dimensões que constituem o Próprio, uma vez que decorre uma relação de ligação sem a qual não é possível o crescimento e a transformação.

A adolescência emerge, assim, como um período de grande tumulto entre o que é da ordem do mundo interno e do mundo externo. O adolescente depara-se com a necessidade de investir no mundo externo, tendo simultaneamente de lidar com as pressões que são sentidas no seu mundo interno. Deste modo, torna-se difícil manter o equilíbrio, entre os movimentos de integração e de desintegração, de ligação e de desligação, de autonomia e de dependência e de oscilação entre as posições activas e

passivas, masculinas e femininas. Deste modo, parece-nos importante a designação de processo adolescente, na medida em que decorrem alterações e transformações importantes, em que existe a necessidade de reunir e integrar tendências diferentes e opostas, até mesmo contraditórias. É na medida em que existem processos que são marcados pela presença de tendências contraditórias, em que está fortemente presente a clivagem e a identificação projectiva, que existe a necessidade de realizar integrações e de estabelecer novas relações, ligações e transformações.

Neste sentido, Marques (1999) sublinha a importância de a adolescência poder ser autonomizada, enquanto um objecto de estudo, sendo entendida como um período de transição e de transformação, em que está presente uma oscilação entre a continuidade e a descontinuidade, a clivagem e a integração, em que as mudanças e as transformações são vividas como uma “experiência catastrófica”, sem a qual não é possível o crescimento. Esta mudança catastrófica pode ser entendida através das noções de ligação, transformação e simbolização, que permitem a instauração e a realização, pela experiência, de um processo que possibilita a criação de novos objectos, com base numa relação de comunicação entre o objecto interno e o externo.

Na adolescência tomam lugar de relevo as identificações secundárias, tendo o adolescente necessidade de (re)organizar a sua identidade e a sua identificação em função de novos objectos e objectivos. Estes movimentos decorrem numa relação entre o que é da ordem do mundo externo e do mundo interno, em que o Outro se constitui como um novo objecto a investir, mas ele é também o objecto que investe o sujeito, numa relação recíproca que possibilita a construção e a constituição do novo processo de identificação, e que leva a estabilizar o sentimento de integridade.

A construção do Próprio aparece, assim, mediada pelo Outro, com o qual se estabelecem trocas, numa relação do tipo continente-conteúdo, em que o Eu necessita do Outro para a sua constituição, mas em que o Outro também necessita do Eu, estabelecendo-se uma relação de ligação entre Um e o Outro, na qual os conteúdos de Um podem ser significados pelo continente-Outro, sendo este também conteúdo de Outro(s) continente(s).

O processo de desenvolvimento adolescente caracteriza-se por uma oscilação entre os movimentos progressivos e os regressivos, entre a clivagem e a integração, entre o mundo interno e o mundo externo, em que o antigo dá lugar ao novo, agora (re)ligado e (re)criado. O Eu adolescente encontra-se em transformação a vários

níveis, internos e externos, com o Outro que, sendo externo, desempenha um papel importante na constituição interna do Próprio.

Dada a importância que o Outro pode apresentar no processo de desenvolvimento adolescente, neste estudo procuramos dotá-lo de um estatuto teórico, no sentido de se constituir como um dos organizadores deste período do desenvolvimento. Neste sentido, procurámos pensar de que forma é que o adolescente realiza a procura do Outro, que é externo, mas também interno, na medida em que passa a ser parte integrante do Próprio, depois de ligado e integrado.

Numa ligação mais directa com o objectivo deste estudo, destaca-se o trabalho de Marques (1999), no qual tem procurado caracterizar e diferenciar os processos adolescentes nas duplas expressões masculino-feminino e puberdade-adolescência, tendo por base os organizadores: corpo, identidade e identificação, relação consigo e com o Outro. Estes processos decorrem numa lógica de maturação gradual, em que está presente uma oscilação entre os movimentos de clivagem e os movimentos de integração, num processo que se encontra em (re)construção e em transformação.

A relação Eu-Outro, dentro das concepções psicanalíticas, encontra-se ligada às noções de sujeito e de objecto, que por sua vez apresentam diferentes sentidos e significados, de acordo com os diferentes paradigmas teóricos. Assim, surgiu a necessidade de explicitar estes conceitos, recorrendo, por um lado, às concepções clássicas de inscrição freudiana e, por outro lado, às teorias da relação de objecto e aos modelos do pensamento, em que destacamos os trabalhos de Bion, que nos permitem compreender esta relação através de uma oscilação dinâmica, de crescimento e de transformação entre o Eu e o Outro.

Na teoria psicanalítica, os trabalhos de Freud, inicialmente, acentuam as qualidades externas do objecto que se encontra ao serviço das pulsões de auto conservação e do desenvolvimento sexual; posteriormente, passa a incidir nas qualidades internas do objecto, na medida em que o objecto passa a estar ligado a uma pulsão, sendo esta a forma através da qual alcança o seu alvo. Assim, o objecto é não só externo, como passa também a ser uma parte do corpo do próprio sujeito.

A teoria das relações de objecto, por sua vez, permite-nos compreender de que modo é que ocorre a relação de ligação entre o sujeito e os seus objectos. Nesta teoria destacam-se os trabalhos de Melanie Klein, que desenvolve a sua teoria sobre a qualidade das relações e das representações do objecto, quer este seja interno ou externo ao sujeito.

Neste modelo a noção de objecto interno ganha uma nova dimensão e importância, mas é igualmente importante a interacção que se estabelece entre o sujeito e o(s) objecto(s). Assim, não só é importante a forma como o sujeito se constrói na relação com os seus objectos, mas também a forma como estes são peças fundamentais neste processo de construção. O objecto constitui-se como objecto interno, na medida em que existe uma constância, uma permanência, para o que é necessária uma relação de articulação e de integração entre os mecanismos de introjecção, de projecção e de identificação projectiva.

No modelo do pensamento destaca-se o trabalho de Bion, que elabora o modelo continente-conteúdo, que tem por base o uso de identificações projectivas. Aqui, o continente constitui-se como o lugar no qual o objecto é projectado, enquanto que o conteúdo corresponde ao objecto que é projectado no interior do continente. Mas, para que se produzam pensamentos, é necessário que se estabeleça uma interacção dinâmica entre continente e conteúdo, já que é através dela que é possível o crescimento, na medida em que ocorre uma relação de ligação entre o que é da ordem do mundo interno e do mundo externo do sujeito. Nesta relação tem lugar uma transformação dos objectos dentro do sujeito, mas também entre os objectos e os sujeitos, entre os sujeitos e os objectos e entre os objectos, numa relação de (re)criação e de (re)construção entre Un(s) e Outro(s) e de Un(s) com o(s) Outro(s).

A adolescência é um período do desenvolvimento que se caracteriza pela existência de dúvidas, de hesitações; trata-se de um momento do desenvolvimento em que existe a necessidade de conter, mas também de elaborar e de integrar as transformações que se encontram a decorrer. Estas decorrem sempre na relação que o Próprio estabelece com o(s) Outro(s), numa relação íntima, na qual o desejo de crescer, de conquistar e de conhecer está presente, numa procura que o adolescente realiza, tendo em vista o adulto que virá a ser.

O adolescente constitui-se na relação com o(s) Outro(s), podendo este apresentar diferentes dimensões. Neste estudo procuramos constituir o Outro como um dos organizadores do processo de desenvolvimento adolescente, já que este poderá ser considerado um outro eixo a partir do qual podem ser pensadas as questões do crescimento e do desenvolvimento adolescente. Neste sentido, procuramos pensar e significar a relação que se estabelece entre o Eu e o Outro neste período de crescimento, na sua condição de Igual, de Diferente e de Complementar. Estas três condições da dimensão do Outro surgiram da articulação entre, o processo de

desenvolvimento adolescente e a constituição das noções de sujeito e de objecto. Ao pensarmos as diferentes dimensões do Outro de uma forma separada podemos aceder, por um lado, a uma melhor compreensão dos processos que se encontram a decorrer durante o processo de desenvolvimento adolescente e, por outro lado, identificar de uma forma mais concisa, os processos de constituição, quer do sujeito, quer do objecto.

Na adolescência, o grupo dos pares é um lugar privilegiado para a realização de trocas; estas, sendo externas, são também internas, na medida em que possibilitam a construção do Eu adolescente com os seus iguais. No entanto, durante este período do desenvolvimento, as diferenças são bastante notórias, nomeadamente ao nível dos sexos e das gerações. Deste modo, o Outro, na sua condição de diferente reenvia-nos para a questão da alteridade, possibilitando a constituição da diferença entre o Eu e o Outro. Mas é, por um lado, a possibilidade de equacionar a diferença e, por outro lado, a possibilidade de reconhecer o que está em falta, que permite ao adolescente realizar uma procura complementar, numa relação de união e de integração do que, sendo de Um e do que, sendo do Outro, pode ser (re)unido e (re)significado.

Para podermos aceder ao objectivo do nosso estudo, ou seja, para podermos compreender como é que se processa a relação Eu-Outro durante o processo de desenvolvimento adolescente, recorremos ao Rorschach. Esta prova, na sua utilização mais usual, encontra-se ligada aos modelos da psicopatologia que visam o estabelecimento de um diagnóstico. Já que não procuramos uma abordagem inscrita neste tipo de referência, dotámos o nosso instrumento de trabalho de um modelo que nos permite realizar uma abordagem próxima da concepção que procuramos para o estudo do adolescente, a qual se inscreve num modelo de expansão e de crescimento, no qual é possível conceber a transformação e a simbolização.

Através do processo de resposta Rorschach, procuramos realizar uma compressão da relação que se estabelece face ao Outro, que aqui surge representada e que nos permite caracterizar o pensamento dos adolescentes que participaram neste estudo. O processo de resposta Rorschach é por nós compreendido através dos trabalhos desenvolvidos por Maria Emília Marques, que tem procurado realizar uma articulação entre o Rorschach e os modelos de relação, de crescimento e pensamento, que se sustentam nas concepções de ligação e transformação e que, deste modo, permitem aceder aos processos dinâmicos do funcionamento mental.

A situação Rorschach, ou seja, a situação de teste, constitui-se como um espaço de interação entre o examinador e o examinado, entre o sujeito e a mancha. Dá-se uma instrução que conduz o sujeito a interpretar a mancha Rorschach, ao mesmo tempo que se cria no sujeito uma situação de caos psíquico, que o leva a mobilizar processos adaptativos, de modo a restaurar o equilíbrio perdido. Assim, o sujeito dá início ao trabalho de ordenação da desordem interna, o que suscita a criação de novos símbolos, de respostas, de forma a atribuir um sentido a toda esta experiência. O processo de formação de símbolos é um processo contínuo de união e integração do interno com o externo, do sujeito com o objecto, das experiências anteriores com as posteriores.

O modelo das transformações, explicitado por Bion (1965/1984), foi aplicado por Marques (1999) ao Rorschach, o que nos leva a poder considerar que as respostas deste teste apresentam sempre os factos que estão na sua origem, sendo o trabalho do sujeito o de transformar esses factos originais. Assim, as imagens dadas pelo sujeito, formuladas em palavras, podem ser consideradas como o produto de transformação de pensamentos e emoções que se referem à situação Rorschach. A resposta Rorschach, o novo objecto criado, surge como o resultado de um trabalho de ligação e de transformação, a partir do encontro entre o Eu e o Outro, no qual estão presentes situações internas e externas, presentes e passadas, sendo a transformação apenas possível através da organização das mesmas, ou seja, através da delimitação do espaço psíquico do Eu na relação e/com o Outro.

Neste estudo, onde privilegiamos os modelos que nos permitem pensar a adolescência numa perspectiva de transformação, procuramos compreender o Outro nas suas várias dimensões, enquanto organizadoras deste processo. Assim, o Rorschach surge como o instrumento que nos permite conhecer de que modo é que decorre este movimento no início e na adolescência propriamente dita. Neste sentido recorreremos a protocolos de pré-adolescentes de 13 anos e de adolescentes de 17 anos, por considerarmos serem momentos contrastantes ao nível das relações que se estabelecem entre o Eu e o Outro, sendo-nos possível observar uma reestruturação e uma negociação das experiências emocionais presentes na relação Eu-Outro. Procurámos, ainda, ver a evolução e as vicissitudes do Outro, nas dimensões de Igual, de Diferente e de Complementar, tendo em conta o sexo e a idade dos adolescentes.

No primeiro capítulo elaboramos uma revisão bibliográfica sobre as principais concepções existentes acerca da adolescência, dando particular atenção às concepções psicanalíticas, uma vez que é nelas que inscrevemos a realização deste trabalho e são elas que nos permitem definir a adolescência como um processo de desenvolvimento.

No segundo capítulo, denominado Eu-Outro, procuramos atribuir um estatuto teórico ao Outro, ou seja, procurámos reunir e integrar as várias dimensões que a noção de sujeito e de objecto apresentam no seio da literatura psicanalítica.

No terceiro capítulo procuramos pensar a relação Eu-Outro no processo de desenvolvimento adolescente. Com esta finalidade estruturamos três dimensões, a partir das quais se pode pensar a relação com o Outro: o Igual, o Diferente e o Complementar.

No quarto capítulo realizamos uma explicitação do objectivo do estudo, em que se procede à reunião e à integração dos capítulos anteriores, procurando uma articulação e uma operacionalização entre os conceitos teóricos da adolescência e as diferentes dimensões do Outro, existentes na teoria psicanalítica.

O quinto capítulo é dedicado ao método Rorschach e tem como finalidade explicitar a utilização deste instrumento de avaliação como um método, inscrito e consagrado pelos modelos do pensamento e da significação, através dos quais é possível pensar o processo de desenvolvimento adolescente.

No sexto capítulo explicitamos a importância do Rorschach, como instrumento, dando conta das suas características objectivas e que se encontram ligadas com o agrupamento mais usual dos cartões, a expressão do que é mais frequente na adolescência e os valores interpretativos da cotação.

Num momento seguinte, procedemos à descrição dos sujeitos que aceitaram participar neste estudo, quatro raparigas e quatro rapazes, que se encontram em diferentes fases do processo de desenvolvimento adolescente.

No oitavo capítulo constituímos os procedimentos de análise para as respostas Rorschach dadas pelos adolescentes, tendo em conta os parâmetros: representação de si e representação das relações e os processos de transformação e de simbolização. Estes foram os parâmetros que nos permitiram aceder ao objectivo do nosso estudo, ou seja, proceder à análise das diferentes dimensões do Outro no processo de desenvolvimento adolescente, pelo que realizamos a uma especificação para cada uma das dimensões do Outro.

Posteriormente, procedemos à análise e à discussão dos resultados encontrados, o que nos permitiu realizar algumas sínteses e integrações antes da conclusão.

Este estudo permitiu-nos chegar a algumas conclusões referentes a cada uma das dimensões do Outro, na condição de Igual, de Diferente e de Complementar, tendo em conta, por um lado, o sexo e, por outro lado, a fase do processo de desenvolvimento adolescente em que os participantes deste estudo se encontravam.

Para o Outro na condição de Igual encontrámos uma similaridade na capacidade de delimitação entre o Eu e o Outro, ou seja, entre o sujeito e o objecto nos protocolos de Rorschach das raparigas de 13 anos e dos rapazes de 17 anos. Já para os rapazes mais novos a estruturação deste organizador encontra-se ainda em construção, surgindo a separação entre o Eu e o Outro de uma forma pouco coesa e estruturada. Esta dimensão do Outro na condição de Igual surge já suficientemente ligada e transformada nos protocolos das raparigas de 17 anos, nos quais é mais evidente a dimensão do Outro na condição de Diferente.

De uma forma geral, o Outro na condição de Diferente é mais notório nos protocolos dos adolescentes de 17 anos, no entanto, nos protocolos dos adolescentes de 13 anos encontramos presente de uma forma bem definida e integrada, o sexo do Próprio, masculino ou feminino.

O Outro na condição de Complementar reporta-nos para a capacidade de integração da parte em falta, sendo esta mais visível nos protocolos das raparigas de 13 anos e menos evidente nos protocolos dos rapazes desta idade, uma vez que é nos protocolos dos rapazes mais velhos que surge a possibilidade de integrar o feminino, numa lógica de (re)união do que Um tem e do que falta ao Outro. Nas raparigas mais velhas é de salientar que esta dimensão aparece dotada de um simbolismo mais abstracto, revelando ao Outro a capacidade de transformação, simbolização e criação.

I. A ADOLESCÊNCIA

*“...Tenho em mim dúvidas imensas
manchadas todas de aflições intensas ...”*

Sena, J. (op. cit., pp. 59) Vol I

1. Introdução

Neste capítulo procuramos, num primeiro momento, explicitar as diferentes concepções que, dentro da teoria psicanalítica, têm abordado o processo adolescente, para podermos destacar as características psicológicas que são fundamentais neste processo. Neste sentido iniciamos a nossa revisão pelos modelos clássicos, que nos dão conta da realidade interna, passando, posteriormente, para as concepções que privilegiamos neste estudo, que se inscrevem nos modelos que têm em conta o desenvolvimento e o crescimento mental.

A adolescência é a ponte que liga a infância à vida adulta. Trata-se de um período do crescimento e do desenvolvimento, que é vivido com tumulto, com insistentes dúvidas e hesitações, em que nem sempre é possível atravessar a ponte de uma forma tranquila, vendo-se o adolescente perante o imperativo de lidar com o que de novo e de diferente emerge neste momento do seu desenvolvimento, com as dúvidas e as hesitações que o assaltam e que, se, por um lado, o podem conduzir a uma travessia, por outro, podem ser o obstáculo a esse mesmo percurso.

O processo de desenvolvimento adolescente é pontuado por desencontros, por tendências opostas, até mesmo contraditórias, mas também por encontros, pela necessidade de reunir, de ligar, de construir, de transformar o que é da ordem do conhecido e do desconhecido, do interno e do externo, e que podem agora ser (re)ligados e (re)construídos, dando lugar a novos sentidos e a novos significados.

É no percurso que o adolescente faz de criança para adulto, que assistimos a um passar do tempo, num contínuo que é pontuado pelas descontinuidades das mudanças

que aqui têm lugar e em que o sossego se torna desassossego, na eminência da turbulência que inquieta o adolescente no percurso do seu caminho, onde está presente uma mudança de objectos e de objectivos, no qual existe um (re)equacionar do Eu, que é vivido na relação consigo Próprio e com o(s) Outro(s), pelo que o grupo surge como um espaço fundamental de partilha e de construção entre os iguais, que, no entanto, mantêm toda a sua diferença.

A compreensão da adolescência não passa apenas pelo que esta possui de negativo, uma vez que toda a turbulência e inquietação que estão presentes neste processo, podendo ter uma conotação negativa, decorrem no sentido do crescimento. A adolescência pode ser encarada como um período onde há lutos e perdas, mas deve ser entendida como um processo em que também há ganhos, conquistas e no qual emergem novas possibilidades para a procura do Próprio, o que só é possível na relação com o(s) Outro(s).

*“A tragédia antiga era de heróis divinos,
depois era peripécias.
Havia alguém que nos magoava a alma –
Agora ou somos nós,
ou não existe e dói por si.”*

Sena, J. (op. cit., pp. 202) Vol I

2. O Processo Adolescente

A adolescência pode ser entendida com recurso a diferentes teorias. Neste estudo procuramos realizar uma compreensão, com base nas teorias psicanalíticas, pelo que procedemos a um levantamento, na abordagem deste tema, nas correntes clássicas, nas teorias da relação de objecto e nos modelos do pensamento, nos quais a adolescência passa a poder ser compreendida como um processo, durante o qual decorrem transformações fundamentais para o crescimento.

Dentro do paradigma psicanalítico, que ao longo dos anos tem vindo a sofrer numerosas alterações e alargamentos, encontramos várias concepções, apontando algumas delas, por vezes, em sentidos aparentemente contraditórios. A adolescência aparece, assim, muito próxima dos referenciais da psicopatologia, ou então, num extremo oposto em que se enaltece a excentricidade e a criatividade existentes durante este período. Neste trabalho vamos valorizar e explorar, preferencialmente, os trabalhos mais recentes, que podemos reunir em três modelos, que já foram definidos e estabilizados para a adolescência por Marques (1999) e que são: o modelo estrutural, no qual é valorizada a submersão ou fragilização do Ego face ao aumento da tensão pulsional e em que também é destacada a construção das instâncias ideais; o modelo do luto, que possibilita a análise das discontinuidades e das formas de integração que elas impõem; e o modelo das transformações, que procura dar conta da necessidade e do imperativo de criar novas estruturas e novas qualidades de relação de objecto.

Independentemente do modelo a partir do qual a adolescência é estudada, em todos é consensual a ideia de que, durante este período, decorrem processos fundamentais, pelo que surge como importante a noção de transição da infância para a idade adulta, mas também do antigo para o novo. Para Marques (1999), estes processos são descritos como ocorrendo “*numa lógica de colisão, ruptura, desestabilização ou descontinuidade dentro do próprio sujeito e do sujeito com o Outro, que é o igual ou semelhante e o diferente, ou então, o familiar e o extra familiar ou estranho.*” (op. cit., pp. 251). Os referenciais têm vindo a ser alargados, o que leva a que os estudos sobre a adolescência passem a valorizar este processo como sendo de crescimento e de maturação, pelo que podemos encontrar descrições sobre o papel estruturante da adolescência, no qual se impõe um novo corpo e novas relações de objecto.

Mas, tal como referimos, é com base na teoria psicanalítica que vamos procurar caracterizar os processos que têm lugar na adolescência.

Nas correntes clássicas, freudianas, não encontramos uma referência directa à adolescência, mas antes à puberdade ou pubescência, que é o período que se segue ao período de latência. Freud (1905/1989) descreve que é com a chegada à puberdade que ocorrem mudanças destinadas a dar à vida sexual infantil a sua forma adulta, estabelecendo-se a organização sexual definitiva. É na sequência das transformações pubertárias que a pulsão, que até ao momento tinha sido predominantemente auto-erótica, encontra um objecto sexual, um novo alvo sexual, passando assim a estar ao serviço da função reprodutora.

A adolescência surge no final do período de latência, com o início da puberdade, correspondendo a uma passagem da infância para a vida adulta, durante a qual ocorrem mudanças a vários níveis. É um período de “mudança de página”, de abandono dos antigos investimentos, para se realizarem novas procuras, o que decorre num clima de inquietação, mas também de expectativa, de sonho, de desejo, face ao novo, ao que ainda não é conhecido.

Ao realizarmos uma leitura da adolescência, com base numa perspectiva dinâmica, a questão central que se coloca prende-se com a situação pré-edipiana e edipiana. Existe um reviver dos conflitos que anteriormente não foram resolvidos, e que permaneceram adormecidos durante o período de latência, deparando-se o adolescente com a necessidade de renegociar a relação pais/criança, inserida num contexto de mudança, que se encontra particularmente ligado ao seu

desenvolvimento sexual e corporal. Assim, a adolescência constitui-se como sendo o último momento que o sujeito possui para poder resolver aquilo que não pôde, ou não foi capaz, nas primeiras relações que estabeleceu durante a infância. Trata-se de um período de mudança, de inquietação, em que a relação com o Outro desempenha um papel importante na contenção e na estabilidade necessárias ao crescimento.

As concepções mais consensuais, na caracterização do processo adolescente, têm sido as que se libertaram da inscrição da adolescência na psicopatologia, ainda que alguns dos seus modelos aqui se encontrem inscritos. O que emerge como fundamental, durante o processo adolescente, é a possibilidade de **separação-individuação** face aos objectos parentais infantis, que vão permitir ao sujeito a aquisição da sua autonomia, assim como a estabilização psíquica. Todo este processo leva o seu tempo, uma vez que é necessário que se formem novas estruturas que vão conduzir à formação de uma identidade coerente e bem delimitada. Todo este processo adolescente decorre com base em diferenciações e integrações progressivas, nomeadamente da maturação corporal, que faz emergir o Outro, dotado de qualidades diferentes, levando o Próprio a construir novas representações e a realizar novos investimentos, o que suscita uma escolha sexual definitiva, masculina ou feminina.

Para Blos (1962/1998), a adolescência passa a ser entendida como a quarta fase do desenvolvimento psicosexual, a fase genital, que foi interrompida pelo período de latência. Para um melhor entendimento daquilo que é a adolescência, o autor propõe a sua análise com o recurso a uma divisão em sucessivas fases, nas quais o sujeito pode permanecer mais ou menos tempo:

Antes da entrada na adolescência existe um período de latência, durante o qual decorrem alterações ao nível do ego e do superego. Ao período de latência segue-se a pré-adolescência, que se caracteriza por um aumento quantitativo da pulsão, o que suscita um reaparecimento, mais ou menos amplo, da pré-genitalidade. Aqui, as relações objectais passam para primeiro plano e assistimos a um aumento da pulsão meramente quantitativa, a que se segue o aparecimento de uma qualidade de pulsão nitidamente nova. A fase seguinte diz respeito à escolha objectal adolescente, passando as relações objectais do adolescente a constar do primeiro plano. Segue-se a fase da adolescência inicial, em que passa a existir um predomínio da escolha objectal narcísica e uma procura de amizades íntimas e idealizadas com o mesmo

sexo. É o declínio da tendência bissexual, que marca a entrada na adolescência propriamente dita, sendo aqui que se dá o encontro com o objecto heterossexual.

Blos (1962/1998) refere, ainda, dois temas dominantes, no que diz respeito à adolescência propriamente dita: o renascimento do complexo de Édipo e o desinvestimento dos objectos de amor iniciais. Este é um processo que constitui uma sequência de abandono do objecto e procura do objecto, tendo como objectivo a organização da pulsão adulta. Neste sentido, descreve a adolescência recorrendo a dois estados afectivos: o “luto” e o “estar apaixonado”. O “luto” prende-se com a renúncia aos pais edípicos, o que leva o adolescente a experimentar um vazio interno, acompanhado por sentimentos de tristeza. O “estar apaixonado” evidencia o avanço da libido para novos objectos, sendo este um estado marcado por uma sensação de completude. É na medida em que decorre este novo investimento que é possível superar o luto, o que nos revela que este não tem de ser encarado como um processo patológico, podendo ser entendido como um momento de passagem, como um processo transitório e não definitivo.

O problema essencial da adolescência inicial e da adolescência propriamente dita está numa série de dificuldades com as relações objectais. A ambivalência, tão característica da adolescência, abrange a polaridade amor-ódio, mas também, a polaridade activo-passivo que é exercida em relação ao ego, ao objecto e ao mundo exterior. Esse estado de coisas explica, em parte, a escolha objectal adolescente, assim como as constantes oscilações do estado de espírito e as mudanças de comportamento. Durante a adolescência, é esperado que se realize uma renúncia aos objectos primários de amor enquanto objectos sexuais. Estamos perante um abandono e um encontro do objecto, e tais processos encontram eco no ego, produzindo mudanças que influenciam as representações objectais existentes e a auto-representação, pelo que a identidade do próprio adquire uma instabilidade que, até então, era desconhecida (Blos, 1962/1998).

Blos (1967) propõe a visão da adolescência como o segundo processo de individuação, visto que o primeiro fica completo aos três anos de vida, quando existe a constância do objecto, como foi descrito por Mahler. Ambos os períodos têm em comum o aumento da vulnerabilidade da organização da personalidade, reflectindo o segundo processo de individuação, presente durante a adolescência, as mudanças do Ego que surgem como consequência da perda dos objectos infantis e conduzem a um estado de regressão do Ego, que se constitui como obrigatório para o

desenvolvimento normal. A regressão durante este período faz parte do processo de desenvolvimento normal, sendo necessária a capacidade de oscilar entre os movimentos regressivos e os progressivos. Os estados emocionais exprimem-se de formas extremamente contrastadas: amor/ódio, actividade/passividade, fascínio/desinteresse, o que revela um estado de ambivalência muito contrastado. Neste sentido, o adolescente tem de entrar em contacto emocional com os antigos investimentos, de modo a poder substituí-los por novos. Assim, assistimos, por um lado, a uma progressiva estruturação do Ego, uma vez que decorrem novas ligações e, por outro, ao estabelecimento de uma identidade sexual.

O processo adolescente tem vindo a ser abordado por diferentes correntes teóricas, ou seja, quer pelo modelo pulsional, quer pelos modelos que se inscrevem nas teorias da relação de objecto, nas quais é atribuída uma particular importância ao papel da (re)constituição e peso do objecto interno e externo, nesse processo o que se procura é uma redescoberta do objecto, a qual deve estabelecer-se face ao imperativo de abandonar os antigos investimentos e as antigas representações das imagos parentais infantis e do corpo de criança, pelo que tem sido utilizado o **modelo do luto**.

Freud (1917/1969) descreve o luto como sendo um processo que conduz o Ego a renunciar ao objecto. É apenas quando termina o trabalho de luto, que o Ego fica outra vez livre e desinibido. Este modelo permite a compreensão do processo de redescoberta do objecto, que deverá estabelecer-se perante o imperativo de abandonar as identificações e os investimentos antigos, as imagos parentais infantis, de forma a que possam ocorrer novas identificações, libertando-se do corpo de criança, para que agora possa emergir o corpo de adulto.

Laufer (1964/1980) descreve a adolescência como sendo um período em que decorrem várias perdas e lutos relacionados com a emergência do corpo sexuado, da constituição do Ideal do Eu e das novas identificações que agora têm lugar. Para o autor, o Ideal do Eu é definido como sendo *“a parte do Supereu que contém as imagens e os atributos que o Ego se esforça por obter com o objectivo de restabelecer o objectivo narcísico”* (op. cit., pp. 595). Por sua vez, as identificações do Eu que têm lugar durante a adolescência, por serem as primeiras exigências internas, são tidas como fazendo parte do Ideal do Eu.

Na adolescência decorre um processo de redescoberta do objecto que é assinalado pela alternância entre os movimentos progressivos e os regressivos. O

Ego aparece mais fragilizado pelas alterações que acontecem ao nível corporal, mas também pelos investimentos que agora têm lugar e que vão levar à (re)organização dos existentes no passado.

O trabalho de luto, durante a adolescência, é considerado por Sugar (1968) como um fenómeno normal, presente durante o desenvolvimento, e que passa por três fases: a fase de separação e protesto, que ocorre durante a fase inicial da adolescência; segue-se uma fase de desorganização, que se caracteriza por tumulto, rebelião, vazio e depressão; e uma última fase, de reorganização, na qual se observa uma acalmia geral que está presente na fase tardia da adolescência.

A adolescência tem início com as modificações corporais que começam durante a puberdade e são vividas, com grande intensidade, pelos rapazes e pelas raparigas. É durante este período do desenvolvimento que decorre todo um processo de construção de uma imagem sexual diferenciada, período em que se fazem escolhas que se prendem com o que o adolescente é, com o que quer vir a ser, mas também com o que deverá ou não ser (Laufer, 1964/1980). Este período do desenvolvimento, que tem início com as transformações corporais e que são vividas com grande intensidade, é considerado como um momento de construção de um corpo que se vai tornando, progressivamente, identificável sexualmente, o que Marques (1999) designou por “... *duplo processo de identificação e de projecção, o que implica... «ser eu sendo outro, ser outro não sendo eu»*” (op. cit., pp. 269). A adolescência é, assim, o momento em que o sujeito pode expressar uma representação de si diferenciada, o que vai conduzir à passagem da bissexualidade para uma escolha sexual, que passa por uma integração do corpo sexuado, masculino ou feminino.

Laufer (1984), ao destacar a importância do corpo nas relações de objecto e na transferência dos adolescentes, refere a importância da integração das mudanças físicas, que decorrem durante a puberdade, e que, mais tarde, se reflectem no corpo do adolescente. Estas modificações corporais, presentes durante a puberdade, são vividas como uma perda, dizendo respeito à perda do corpo sexualmente indiferenciado de criança. Deste modo, o adolescente procura encontrar novas formas de viver com o seu corpo, como objecto de gratificação e de amor, aprovado na realidade ou no fantasma, a fim de evitar a angústia que ameaça invadi-lo. Esta angústia é acentuada pelo sentimento de não poder exercer o controlo sobre as componentes activas/agressivas das tensões libidinais.

A maturação que tem lugar durante a adolescência, assim como a passagem da pulsão auto-erótica para uma função de reprodução, possibilitam ao adolescente a sua organização sexual definitiva, com a escolha do masculino ou do feminino, podendo realizar a escolha de um objecto heterossexual. Esta maturação, para Marques (1999) impõe mudanças corporais, que por sua vez suscitam alterações que decorrem na relação do sujeito consigo Próprio e nas relações deste com o(s) Outro(s). Aqui destacam-se as relações com as figuras parentais, que vão reactivar a problemática edipiana e a importância do exterior e do grupo dos pares.

Anna Freud (1958) preconiza a importância da permanência do objecto durante a adolescência. Com a entrada na puberdade, a emergência pulsional conduz a novas relações entre o Ego e o Id, ocorrendo uma reorganização, para dar lugar às novas aquisições que agora têm lugar. Para o adolescente, a libido, que se libertou do investimento anteriormente feito nas figuras parentais, sofre agora um processo de luto inevitável, que vai conduzir à procura de novos objectos de investimento. A libido, que agora fica disponível, pode, ou não, alterar a sua forma e ser transferida para os substitutos parentais, que são figuras que surgem como opostas a vários níveis, podendo esta ligação ser realizada através dos líderes ou dos grupos.

Braunschweig & Fain (1971) dão-nos conta da função do grupo através das relações entre Eros e Anteros, sendo Anteros o princípio de prazer do grupo, sob a égide da lei paterna, que estabelece e impõe as limitações à sexualidade. Nos momentos que antecedem a puberdade, encontramos presente uma indiferenciação, na medida em que a identidade sexual se encontra estabilizada, o que leva ao aparecimento de uma indiferenciação na escolha do objecto, emergindo, assim, uma bissexualidade que suscita a tendência para a criação de grupos.

O corpo do adolescente encontra-se em transformação, é um corpo em identificação e em sexuação. O movimento decorre entre o corpo de criança, que é conhecido, e o corpo desconhecido, misterioso, que, face às transformações durante a puberdade, emerge agora dotado de uma sexualidade. As modificações presentes ao nível do corpo não são só externas: estão também presentes ao nível do mundo interno, no que são as suas representações, os seus afectos e as suas emoções (Birraux, 1990).

A adolescência, em algumas concepções, é por vezes assimilada com a depressão e com a psicose, pelo que procuramos compreender quais os contributos que estas concepções avançam para o processo adolescente.

Para Dias (1988), a dificuldade discriminativa da adolescência e da psicose advém do facto de, em ambos, encontrarmos no núcleo do processo uma regressão tópica, um trabalho que é considerado específico da psicose, uma vez que, na neurose, a regressão é essencialmente libidinal. No entanto, na adolescência, a parte do Eu que faz a ponte com a realidade, permanece quase sempre intacta, exercendo, por isso, uma função auto-observadora. Durante o processo adolescente, o que é gerador de uma grande confusão pode levar à assimilação deste processo à psicose, o que é potenciado pela rápida transformação do corpo, aquando da entrada na adolescência. Com a entrada na pré-adolescência, o ritmo da transformação acelera-se, de tal forma que é necessário que o pré-adolescente faça uma actualização de uma nova imagem, que passa por um tempo em que a indiferenciação e a confusão dos espaços, internos e externos, induzem todo um conjunto de manifestações próximas daquelas que são descritas nos estados psicóticos.

Laufer & Laufer (1984) preocupam-se com os critérios que permitem a realização de um diagnóstico diferencial na adolescência. Neste sentido, na sua obra conferem um destaque particular aos processos patológicos presentes no desenvolvimento adolescente, destacando, em particular, o risco de inscrição na psicose. A noção de *breakdown* (uma ruptura ou um impasse) no desenvolvimento adolescente, caracteriza-se por ser a rejeição inconsciente do corpo sexuado, acompanhado de um medo de ser passivo, face às exigências do próprio corpo, que são ignoradas ou sentidas como estranhas. Trata-se de uma ruptura no processo de integração da imagem do corpo sexualmente maturo e da sua representação, ou seja, existe um ataque, uma destruição do corpo sexuado e da imagem do próprio, enquanto homem ou mulher. É neste sentido que este conceito pode inscrever-se na patologia.

Ao considerarmos a relação do processo adolescente com a patologia, devemos ter presentes os critérios que permitem realizar um diagnóstico diferencial, sendo de destacar as defesas e a natureza das relações de objecto. Deste modo, tornam-se particularmente relevantes os novos investimentos das representações integradas no corpo sexuado e a importância do fantasma masturbatório, uma vez que, durante a adolescência, este surge como o principal organizador da imagem de si e das relações objectais.

A masturbação durante a adolescência, surge como um fenómeno de regressão, na medida em que está ligada à actividade auto-erótica e ao perigo de os fantasmas

que perturbam o Ego se tornarem conscientes. Porém, também apresenta uma componente progressiva, na medida em que os fantasmas que a acompanham podem ser vistos como uma preparação do Ego para assumir o papel sexual, face a uma situação da realidade, pelo que o Ideal do Eu, na adolescência, pode estar directamente ligado ao conflito provocado pela masturbação (Laufer, 1964/1980).

A fantasia da masturbação apresenta um significado especial na compreensão normal e psicopatológica do desenvolvimento durante a adolescência e na forma como esta fantasia pode intervir durante o desenvolvimento deste período, podendo também ser encontrado, mais tarde, durante a vida do adulto. Trata-se de um fenómeno universal, que em nada se relaciona com a patologia durante a infância e a latência; mantém-se inconsciente, manifestando-se sob a forma de sonhos ou fantasias que acompanham a masturbação (Laufer & Laufer, 1984).

Quando o desenvolvimento adolescente decorre de uma forma considerada normal, os fantasmas masturbatórios são acompanhados por uma procura activa do objecto de amor sexual, o que é fundamental para o adolescente sentir que domina e que controla, podendo escolher entre um papel activo ou passivo. Assim, o fantasma masturbatório durante a adolescência, surge como um organizador central da imagem de si e das relações objectais.

A assimilação do processo adolescente a um período de depressão é consensual para alguns autores, pelo que destacamos alguns deles, no sentido de podermos compreender quais são as mais-valias que estas teorias apresentam para pensarmos a adolescência.

Laufer (1968) refere que a depressão na adolescência surge como consequência de uma situação transitória, durante a qual o adolescente sente que realizou um afastamento emocional dos pais. Também Matos (1984) considera o luto como um estado transitório, que permite a readaptação e possibilita o reinvestimento libidinal em novos objectos.

Dias e Vicente (1984) referem que a depressão é um processo que caracteriza a adolescência, que faz parte do seu desenvolvimento normal, e descrevem cinco lutos obrigatórios, que ocorrem como consequência do abandonar do passado. São eles: o luto pela fonte de segurança; pelo objecto edipiano; pelo ideal do Eu; pela bissexualidade; e pelo grupo. Estes lutos conduzem o sujeito à vivência de sentimentos de perda, suscitando a vivência de afectos depressivos.

Na adolescência encontramos presente toda uma maturação, física e psíquica, que conduz a alterações, com um carácter definitivo, no decorrer do desenvolvimento. Deste modo, destacam-se as alterações estruturais, resultantes da emergência do surto pulsional, característico deste período, assim com o progressivo empobrecimento do Ego, dado o desinvestimentos dos objectos antigos, que agora dão lugar a novos investimentos. É neste sentido que Blos (1967) descreve a capacidade do adolescente de oscilar entre movimentos regressivos e progressivos, sendo que a regressão decorre no sentido do desenvolvimento.

O que é esperado no decurso da adolescência é um abandono da dependência dos objectos primários, de modo a que possa ocorrer um luto autêntico, que possibilite ao adolescente integrar a imagem do seu corpo, psiquicamente madura, como parte da representação de si (Ladame, 1980).

Cahn (1980) destaca o impacto que as mudanças corporais apresentam para os adolescentes, que podem reenviar, por um lado, para um luto das relações de objecto anteriores, de uma certa imagem de si, dos outros e do mundo; e, por outro, à possibilidade de aceder, progressivamente, a uma identidade e a um modo de relação de objecto dito adulto.

Jeammet (1980) destaca a importância, durante a adolescência, da realização de escolhas que possibilitam a estruturação de uma nova identidade e de uma nova representação do próprio. Esta encontra-se particularmente sensível à sua imagem que é devolvida aos outros. Desta forma o adolescente utiliza o seu corpo como veículo de expressão e de comunicação com o Outro. O autor salienta ainda dois aspectos importantes a ter em consideração no processo adolescente: por um lado, uma excitação interna, cujas fontes e os significados são múltiplos, sendo evidente a passividade do Eu do adolescente como forma de submergir face às constantes modificações corporais e à modificação dos investimentos nas imagos internas, uma vez que ocorre um luto pelos objectos infantis; por outro, a adolescência caracteriza-se por uma solicitação do meio envolvente, em particular a família, que serve de suporte às projecções e constitui o espaço psíquico alargado do adolescente.

A noção de espaço psíquico alargado, desenvolvida por Jeammet, constitui um dos domínios do funcionamento mental do adolescente, e revela-se de diferentes formas, sendo uma das variantes do investimento narcísico, que por vezes é confundido, não sendo possível clarificar o que é do próprio e o que é do Outro. É ainda com base neste conceito que o autor explicita a importância do objecto externo

como organizador do mundo interno, sendo através do balanceamento entre os objectos do mundo interno e o seu investimento externo que o adolescente obtém uma securização narcísica. É neste sentido que os objectos da realidade externa deverão possibilitar a exteriorização da situação conflitual e caótica, uma vez que são aqueles que estão aptos a jogar o papel de investimento, de ligação pulsional, de paraexcitação e de diferenciador das imagos, sendo os pais os objectos de investimento privilegiados dessa realidade externa.

Dias e Vicente (1984) salientam a importância das novas identificações e das novas escolhas de objecto durante o processo adolescente. Num trabalho posterior sobre a adolescência, Dias (1988) volta a chamar a importância das alterações das relações entre os objectos internos e externos, que ocorrem no Eu. A regressão tópica que tem lugar durante a adolescência e que é similar à que ocorre na psicose, mas que aqui se encontra relacionada com as mudanças corporais e com a separação face às imagos parentais, é essa regressão que torna possível a descoberta de novas relações objectais, através de processos que vão da clivagem para a integração.

A adolescência é, então, definida pelo que Marques (1999) designou como *“um tempo de parir o «Eu-outro»”, é vivenciada com dor e desespero, nos limites da ruptura e desligação, ou, pelo menos, na difícil diferenciação, com o aumento de excitações, entre o dentro e o fora, o sujeito e o objecto*” (op. cit., pp. 274).

Para Fleming (1993/1997), a autonomia surge como uma tarefa central do período adolescente, sendo considerada, na relação adolescente, como um conceito relacional que envolve *“mudanças nas relações e nas representações de si próprio e do outro”* (op. cit., pp. 251). A autonomia é uma aquisição a conquistar, dizendo respeito à apropriação do corpo e à conquista de um espaço mental, para pensar e para se relacionar fora da família, passando o grupo de pares a desempenhar um papel extremamente importante, em contraponto ao grupo familiar.

Se por um lado o adolescente se afasta das imagos idealizadas da infância, dos pais reais, por outro lado, necessita de novas figuras com quem se possa identificar, pelo que surge o grupo, como um meio que possibilita a autonomia psíquica e a maturidade emocional, sendo este um local privilegiado para que o adolescente possa consolidar a sua identidade. Para Dias (1988), o adolescente deve ser capaz de funcionar em grupos heterogéneos, uma vez que esta diversidade facilita os processos de identificação. É através das relações com os iguais que o adolescente pode tornar-se mais igual a si mesmo. *“E se o primeiro luto – pelos selfs auxiliares,*

representados pelos pais – anuncia a autonomização da família e autoriza a fluidez necessária ao adulto prometido, pela e na vivência grupal, desta também é preciso partir para se recompor só, para saber estar só. É então – no fim da adolescência – que o luto pelo grupo anuncia a viabilidade do homem individual, apto a ligar-se a outros homens e a outras mulheres” (Dias, 1988; op. cit., pp. 209).

Na adolescência emerge uma nova realidade provocada pelo novo corpo, por uma nova imagem da representação de si sexualizada. Esta mudança suscita no adolescente a necessidade de se libertar da dependência narcísica das imagos que na infância foram idealizadas, para que agora o adolescente se possa identificar introjectivamente com as imagos parentais e integrar a bissexualidade psíquica. Para isso terá que realizar um desinvestimento libidinal das imagos parentais infantis, de modo a poder investir em novos objectos. Durante este período o grupo desempenha um papel importante, em especial na aquisição e na consolidação dos processos de identificação, permitindo ao adolescente experimentar novas relações e estabilizar a sua identidade sexual.

O adolescente debate-se com a questão de “ser ou não ser”, nas palavras de Shakespeare *“to be or not to be, that is the question”*, mas mais do que “ser ou não ser”, trata-se do momento de confrontação e de decisão de quem se quer ser. De acordo com Kestenberg (1980), o adolescente realiza uma procura de quem é, na realidade, sendo este o momento em que é confrontado com a realidade que se apresenta como diferente do seu imaginário.

Para Cahn (1980), a adolescência pode ser vista como um espaço de ilusão, que se encontra dependente do objecto interno e do objecto externo. O objecto interno, com as suas qualidades, boas ou más, e o objecto externo, inicialmente centrado na figura da mãe e que, com o decorrer do desenvolvimento, vai dando lugar a outras figuras com significado, num primeiro momento dentro da família, estendendo-se posteriormente à sociedade. Assim, o adolescente confronta-se com um problema fundamental, que se prende com o sentido a dar à vida.

Na adolescência, um dos aspectos que é fundamental realizar, prende-se com a aquisição da identidade sexual definitiva. Para Ladame (1983), o masculino e o feminino ocupam um lugar central no desenvolvimento do adolescente, determinando a escolha de uma identidade sexual, fixa e irreversível, à entrada para a idade adulta. O desenvolvimento psíquico assume a forma final da masculinidade ou da feminidade, só depois da aquisição da maturidade psíquica. É ao nível do Ideal do

Eu que se podem ver os maiores contrastes entre a identidade masculina e a feminina: “*O Ideal do Eu é, no homem, no fim da adolescência a instância mais “metafórica” e na mulher a mais “carnal”*” (op. cit., pp. 233). No masculino, deve proceder-se à liquidação dos dois pais, que devem morrer uma segunda vez; no feminino, deve ser percorrido um tempo de afastamento e de retorno aos pais, ou seja, não existe um aniquilamento dos pais edipianos, mas antes um afastamento da mãe, para que seja possível uma elaboração do pavor que é ser igual à mãe, o que, ao ser elaborado, vai possibilitar uma distância para poder ser como ela.

Para Gutton (1983), a adolescência, ao ser entendida dentro das concepções clássicas, pode ser abordada tendo por base duas teorias: a infantil, que nos reenvia para o desenvolvimento edipiano, e a pubertária, na qual está presente a complementaridade dos sexos. Trata-se de um tempo privilegiado para a realização de confrontações e de escolhas, e onde o desenvolvimento biológico torna possível a mudança.

Para Birraux (1988), o momento de diferenciação psicosexual ocorre quando se dá a separação do objecto primitivo e a nova constituição do objecto interno. Este movimento surge particularmente durante o período da adolescência, no qual existe uma reorganização da identidade do próprio, que só é possível na relação com o Outro. É neste período que se realizam novas identificações e que são escolhidas as figuras que apresentam significado para o sujeito e que lhe permitem realizar as suas identificações. Deste modo existe a capacidade de desinvestir os objectos infantis e voltar a investir em novos objectos, nomeadamente o corpo adolescente, que agora surge dotado de uma sexualidade. É o sexual materno que possibilita a diferenciação e a integração do corpo sexual do adolescente, permitindo-lhe a consolidação da pertença a um ou a outro sexo, o que possibilita a aceitação da complementaridade dos sexos.

A complementaridade dos sexos, para Birraux (1990), surge como uma alternativa ao luto pelos objectos edipianos, sendo o organizador psíquico para as mudanças que ocorrem durante este período do desenvolvimento, nomeadamente a imagem de si, a identidade de género, o narcisismo, os ideais que se vão traduzir em novas representações. A complementaridade dos sexos é a representação que, na adolescência, simboliza as novas funções do corpo, situando-se na percepção das diferenças dos sexos, não como uma prova da castração mas como uma alternativa a esta. Esta representação evidencia que o outro sexo é objecto complementar que

procura ser encontrado, sendo por outro lado uma representação simbólica da função sexual.

Para Bégoïn-Guignard (1988), a saída para o masculino ou para o feminino inscreve-se nas relações com os objectos primários e secundários. O acesso a uma verdadeira genitalidade implica a dupla renúncia ao objecto primário combinado e a dupla identificação introjectiva aos objectos edipianos totais. Este processo decorre com base nas noções de feminino primário e de materno primário, sendo o feminino primário “... o lugar do espaço psíquico interno, onde se vão organizar as primeiras identificações nas crianças de ambos os sexos” (op. cit., pp. 52); e o materno primário “... o espaço inter e intrapsíquico onde se organizam, imediatamente após o nascimento, as primeiras experiências emocionais através do «conflito estético» do bebé modulado pela «capacidade de rêverie» da mãe” (op. cit., pp. 54). É a partir da boa qualidade das identificações projectivas à mãe, bem como o bom equilíbrio entre as identificações projectivas e introjectivas, que se estrutura a masculinidade no homem adulto, ao longo da puberdade e da adolescência. No final da adolescência, para que decorra o estabelecimento de uma masculinidade genital no rapaz, terá de realizar-se um luto da mãe e das identificações com o materno e com o feminino. É necessário que o rapaz faça o luto do objecto materno e feminino, como primeiro objecto, e como sendo aquele que ele não tem.

Para Dias (1988), uma das defesas típicas do rapaz no processo de construção da identidade sexual, é a defesa maníaca e o triunfo sobre o outro sexo, ou seja, contra o corpo feminino. Já Blos (1988) considera o Édipo como o organizador na elaboração da masculinidade, destacando o papel do pai, que vai funcionar como objecto não simbiótico, face à angústia de castração que emerge na puberdade, provocada pela maturação sexual, sendo o seu papel o de facilitar a separação-individuação face à mãe. Assim, o conflito central na adolescência prende-se com o esforço que é feito pelo rapaz para permanecer num estado de não conflitualidade, por intermédio da resolução dos seus desejos infantis do objecto e da idealização que já foi feita. A identidade sexual atinge o seu apogeu no fim da adolescência, pelo que a identidade feminina ou masculina se fixam de uma forma permanente e integrada no funcionamento individual da personalidade. É neste momento que observamos uma descrença no culto dos heróis, tornando-se progressivamente numa capacidade de escolher uma ou outra característica, de uma forma idiossincrática.

É numa reflexão complementar ao pensamento de Blos, que Gutton (1988) explicita a construção do masculino nas relações com o paterno, em termos de relações de filiação. É a função paterna, que vai buscar às concepções de Lacan, que vai possibilitar a transmissão da lei cultural e da lei subjectiva. Através da lei do paterno estabelece-se o desejo de procriar. É o nome do pai, na teoria lacaniana, que constitui a génese para a função simbólica e a estruturação do sujeito para a questão da paternidade. Neste sentido, Birraux (1988) refere que *“a diferença dos sexos estrutura-se na relação com o outro, com o feminino com quem se complementa”* (op. cit., pp. 7). O masculino não se estrutura numa lógica de conquista e do ter, mas sim na recusa do não ter, ou seja, no reconhecimento da diferença entre os sexos. A adolescência constitui-se, ainda, como o momento em que é possível elaborar a bissexualidade psíquica, optando por uma orientação sexual definitiva. Ao poder integrar a sua bissexualidade, abre-se a possibilidade ao adolescente de constituir um objecto interno fiável, o que abre não só a possibilidade para a descoberta do desejo do Outro, mas também do seu próprio desejo, dada a relação que se estabelece com o Outro, de quem é complementar e com quem se complementa, decorrendo a relação num duplo movimento.

Durante o processo de desenvolvimento adolescente, um dos aspectos que surge como fundamental prende-se com a aquisição de uma identidade sexual definitiva, visto que surge agora a necessidade de realizar uma escolha de identidade definitiva, masculina ou feminina. Nas concepções clássicas, esta escolha é feita em função da identificação com as figuras parentais, mas nos modelos relacionais e do pensar, este processo decorre de uma aprendizagem que é realizada na relação precoce e que é introjectada pelo Próprio na relação com o Outro.

Face à adolescência dos filhos, os pais vão confrontar-se com a sua própria adolescência, podendo emergir uma problemática edipiana mal resolvida, pelo que os progenitores devem produzir um trabalho de luto, em torno de si e dos adolescentes, trabalho esse que decorre a vários níveis. Esse trabalho de luto reporta para a maturidade genital, em que os pais não têm o privilégio, e a imagem do corpo passa a ter uma maior importância. O luto recai também sobre os propósitos da identificação dos pais, ou seja, nas dificuldades que apresenta a entrada do filho adolescente na fase genital, na educação a dar e no facto de serem os confidentes dos filhos, não sendo este momento fácil para nenhuma das partes (Braconnier & Marcelli, 1989).

Outro aspecto importante que estes autores salientam, prende-se com o facto de não existir depressão sem regressão narcísica, estando esta relacionada com uma baixa de auto-estima que se verifica em alguns adolescentes. Assim, referem a existência de um afecto depressivo de base. O isolamento, o retraimento e a lentificação, associada a actividades reduzidas e a sentimentos de pessimismo, são frequentes durante a adolescência e correspondem aos modos de resposta do homem em perigo, em particular a um perigo de ruptura de ligações de *attachment*, evocadas pelo aspecto depressivo de base.

Com o desenvolvimento das correntes teóricas, assistimos a uma descentração da depressão, que inicialmente era vista como um processo que está presente no desenvolvimento, para uma concepção em que a depressão é entendida como transitória, não necessitando obrigatoriamente de estar presente. Deste modo, termos como luto e depressão, que apresentam uma forte conotação patológica, dão lugar ao aparecimento de outras palavras, como separações e perdas, que constituem uma nova tentativa para descrever o processo de desenvolvimento adolescente.

As separações e as perdas vividas pelo adolescente são resumidas, por Braconnier & Marcelli (1989), em quatro níveis: ao nível do corpo, em que as modificações corporais são por vezes difíceis de integrar; ao nível do Eu, ou seja, ao nível das formações psíquicas; ao nível das relações com as figuras parentais, uma vez que em primeiro lugar há um afastamento em relação à mãe, ocorrendo o luto do estado ideal de união maternal, seguindo-se o luto dos objectos edipianos, ou seja, da dependência das figuras parentais, o que apresenta consequências, quer internas, quer externas, ao nível da relação com os pais; e ao nível do grupo, uma vez que é durante a adolescência que se dá a passagem do grupo familiar para o grupo dos amigos, com ideias, aspirações sócio-culturais, níveis sócio-económicos, e modos de existência muito complexos.

As identificações apresentam um grande impacto, durante o período de desenvolvimento adolescente, uma vez que é durante este período que é assumida uma identificação sexual definitiva e é assegurada a autonomia face às figuras parentais. O pulsional que leva à procura de objectos próprios, com vista à satisfação do desejo pulsional, apetência que Jeammet (1991) qualifica de narcísica, uma vez que é susceptível de assegurar a completude do sujeito, reforçar a sua identidade e combater as suas falhas. O corpo é o lugar de expressão privilegiada do conflito de identificação, na medida em que sofre transformações, independentemente do Eu do

adolescente, do seu desejo e da sua vontade, fazendo-o viver um sentimento de passividade, o que favorece a clivagem entre o corpo e o psíquico. O corpo é sentido como estranho, face aos novos atributos da sexualidade, os quais representam as pulsões e também os objectos privilegiados, em particular os pais. O desejo de autonomia surge como consequência da maturação psíquica, o que pode conduzir a um rearranjo do espaço familiar. Descreve, ainda, o desejo do adolescente de se afirmar como autónomo e narcisicamente suficiente, que se traduz, durante a adolescência, nos frequentes comportamentos de oposição, que mais não são do que uma expressão de afirmação e de diferenciação.

À medida que vamos avançando nas concepções que possibilitam a compreensão do processo adolescente, encontramos estes modelos que nos dão conta das mudanças, das transformações e das integrações que estão presentes durante este período. O modelo do luto e a assimilação a um estado de psicose cedem, face às novas concepções que nos dão conta da adolescência como um período em que se impõe a realização de tarefas, a resolução de conflitos e a redescoberta de novos objectos, pelo que passamos a poder entender este período do desenvolvimento com o recurso ao **modelo das transformações**. O processo adolescente surge aqui como um momento de procura a vários níveis, internos e externos, e em vários tempos; trata-se de um momento em que não só se procura a resposta para o que se é no presente, mas também se procura compreender o que se foi no passado, e descobrir o que se quer vir a ser no futuro.

Erikson (1968/1972) descreve o período final de consolidação da adolescência como um período de “crise de identidade”. Por outro lado, Kestenberg (1980) considera a crise adolescente como sendo um organizador psíquico, considerando o processo adolescente como tendo início com as alterações corporais, que começam na puberdade, e como sendo um tempo de conflito que vai da decepção à idealização e à conquista.

Para Ladame (1983), a crise durante a adolescência corresponde ao balanceamento entre os movimentos progressivos e regressivos, que são inevitáveis, senão mesmo o preço do próprio desenvolvimento.

Para Braconnier (1985), a crise define-se a ela própria como uma mudança brusca e decisiva no decurso de um processo, dado que a adolescência surge como uma interrupção da tranquilidade encontrada durante a fase de latência. É durante este período que aquilo que se pensava estar organizado e que tinha sido integrado

pelo sujeito reaparece, mostrando-nos toda uma turbulência que caracteriza este período, face à qual o adolescente procura alguma ordem, recorrendo a diferentes estratégias para lidar com o que surge de novo no seu mundo interno e se traduz na relação com o(s) Outro(s), ou seja, na sua realidade externa.

A noção de ruptura é introduzida, uma vez que permite uma melhor compreensão das manifestações intra-psíquicas subjacentes e, sobretudo, da maneira como elas são veiculadas, elaboradas e utilizadas subjectivamente, exprimindo-se a ruptura por aqueles que são os estados de crise (Braconnier, 1985). A ruptura remete-nos para a passagem que ocorre da infância para a vida adulta, o que implica a passagem de um estado de dependência e de protecção, face ao qual o adolescente se revolta, no sentido de procurar a sua autonomia e independência, que é o esperável na idade adulta.

Na adolescência, a ruptura corresponde a uma passagem de um estado de crise, de uma fase instável e conflitual, para um estadio mais tranquilo, durante o qual são colocadas questões, tanto de ordem interna como externa. Os factores internos encontram-se relacionados com a integridade e a continuidade psíquica do sujeito, nelas são postos em causa os modos de organização e eficácia do seu mundo defensivo e imaginário. Os factores externos prendem-se com as questões relativas à natureza da qualidade e da fiabilidade das relações familiares e grupais.

Nos factores de ordem interna, Braconnier (1985) descreve ainda dois tipos de ruptura: da memória e da continuidade psíquica. A ruptura da memória encontra-se relacionada com a grande rapidez das substituições intra-psíquicas, que suscitam uma amnésia do estadio precedente, fazendo crer que o adolescente vive no presente, com dificuldades de se perspectivar no futuro. A ruptura da continuidade psíquica diz respeito às transformações corporais que obrigam o adolescente a tomar posse do seu corpo sexuado, masculino ou feminino, e que o levam a vivenciar a sensação de um desmoronamento psicológico, no qual se sente a submergir, ficando incapaz de funcionar, o que compromete a adaptação à realidade.

O conceito de ruptura evidencia a importância da noção de continuidade psíquica; no entanto, Braconnier (1985) considera os termos crise e ruptura como sendo ambíguos, e propõe a sua substituição para processos de transformação, na medida em que este é um conceito mais abstracto, que permite descrever o que está presente durante o processo de desenvolvimento adolescente, uma vez que, durante

este período, existem processos que se estão a desenvolver, existindo uma continuidade, uma ligação na passagem que decorre de uns para os outros.

A nova concepção de adolescência, proposta por Braconnier (1985), sofreu a inspiração de Widlöcher, e define-se como um processo de transformação habitado por sistemas de acção, em que uns se continuam a desenvolver e outros se estão a formar. Este processo pode ser definido pelas acções que se continuam a desenvolver, e em que decorrem movimentos que vão da desidialização à idealização e da clivagem à integração; as acções que se formam e que dizem respeito particularmente à genitalidade, implicam novos limites entre o masculino e o feminino, para a construção do ideal do Eu, e uma actualização das acções em desenvolvimento.

Nos modelos que explicitámos anteriormente, as referências feitas ao relacional são imprecisas, porque ainda que possam estar ligadas aos modelos de que são originários, ou seja, aos modelos relacionais, encontram-se mais centradas no conflito intrapsíquico, pelo que a questão relacional não é considerada. Na perspectiva do desenvolvimento são referidas as noções de desorganização e de transformação que têm lugar durante o processo adolescente, mas não há referência aos processos que conduzem à expansão e ao crescimento mental, que são, também, processos de transformação (Marques, 1999).

Ao partirmos do princípio de que a adolescência é um período do desenvolvimento, torna-se necessário considerar os processos inerentes à mudança, à transformação e ao crescimento. Estes modelos são os que derivam das teorias das relações de objecto. Nestes modelos são privilegiados os processos que conduzem à criação de novos objectos, à criação de novos significados e de novos sentidos, os quais levam à criação de novos símbolos através do pensamento.

Na adolescência, os momentos mais marcantes são a puberdade e a adolescência propriamente dita, mas também as expressões masculina e feminina. Para podermos caracterizar melhor as expressões mais marcantes destes momentos, tendo em conta estes modelos, necessitamos de reconfigurar de que forma é que decorrem estes processos. Neste sentido, seguimos a descrição feita por Marques (1999), sobre os processos que estão em jogo durante a adolescência e que *“são as dúvidas, as hesitações e a necessidade de conter, elaborar, integrar e unir as contradições, o que deve realizar-se e articular-se, viver-se e experienciar-se sempre na relação com o próprio e com os outros e sempre em relação íntima com o desejo de crescer, de*

conquistar e de conhecer” (op. cit., pp. 279). São estes processos que permitem ao adolescente crescer e estabilizar-se como adulto, através das relações e dos confrontos consigo Próprio e com o(s) Outro(s), que lhe permitem constituir o seu espaço psíquico, ao mesmo tempo único e singular, mas também suficientemente aberto e flexível. Estes processos têm por base uma relação de transformação, de modo a que a construção e a criação de novos objecto e objectivos tenha lugar, o que não é possível sem a existência de tensões, de conflitos, que geram sofrimento e dor mental.

Na base do conceito de transformação, encontramos os trabalhos de Winnicott sobre a relação mãe-bebé, nos quais ele descreve a importância da mãe para a constituição do sentimento de existência do bebé, e na prestação dos cuidados básicos, em que a mãe, na sua função de objecto transformacional, procura transformar o mundo do bebé, de modo a poder dar resposta aos seus desejos e às suas necessidades. À medida que o Eu do bebé vai ganhando capacidades, ele vai poder criar o seu objecto transformacional, passando o processo de transformação de externo a interno. Assim, a utilização de um objecto transformacional por um recém-nascido, aparece como o seu primeiro acto de criação (Bollas, 1989).

Na idade adulta, a experiência transformacional decorre numa relação contínua com um objecto que simbolize a experiência de transformação; assim, a procura do objecto transformacional corresponde a uma reminiscência de uma experiência objectal precoce, provocada por uma experiência afectiva intensa, que tenha ficado ligada a uma relação que identifica a acumulação de experiência transformacionais do *self*. Esta procura diz respeito à procura de um objecto que reactive uma recordação da ordem do Eu pré-verbal. A este encontro Bollas (1989) chamou estético, dizendo respeito ao momento em que se dá um encontro subjectivo profundo ligado a um objecto.

O conflito estético, descrito por Meltzer (1990), exprime-se pelo impacto estético do exterior da “bela” mãe que se oferece aos sentidos, e o enigmático interior que tem de ser construído com a imaginação criadora. Assim, a relação que se estabelece no conflito estético, decorre entre o belo exterior e o enigmático interior, ou seja, entre o externo conhecido e o interno desconhecido. Isso processa-se numa relação de ligação entre o interno e o externo, entre o conhecido e o desconhecido, que, ligados e (re)criados, permitem avançar no crescimento.

Os processos psíquicos que têm lugar durante o processo de desenvolvimento adolescente, devem ser elaborados, integrados, transformados, o que leva à criação de novos objectos, para que se produza um avanço no crescimento. Assim, a noção do “conflito estético” surge como fundamental, quando a pensamos em termos do conflito com o desenvolvimento, associado à noção de conflito e à de dor mental. Face às mudanças que têm lugar durante a adolescência, o mais importante a considerar não está na importância do objecto perdido, mas sim na importância do objecto enriquecido, o que só foi possível através dessa perda. Deste modo, nesta perspectiva, o que surge como mais fundamental, a ser considerado no processo de desenvolvimento adolescente, é a possibilidade de elaborar o conflito entre o interior e o exterior, entre o sujeito e o objecto (Marques, 1999).

Salgueiro (1990) utiliza a noção de objecto estético para descrever a primeira e a segunda travessias edípicas. A primeira construção edípica vem desembocar na “latência” normal, no momento em que a renúncia aos pais, enquanto objectos sexuais primários, se consolida através de deslocamentos para outras figuras de afeição, pelo aumento das pulsões epistemo-fílicas, e pelo predomínio dos processos psicológicos de internalização e de projecção. Nesta primeira construção, tem lugar a organização do objecto estético, no sentido em que é descrito por Meltzer. O segundo conflito edípico corresponde à adolescência, durante a qual se realiza um investimento amoroso e sexual das figuras exteriores, com maior ou menor carga de idealização erótica ou agressiva, de acordo com as possibilidades narcísicas constituídas ao longo da infância e da pré-adolescência. Neste momento tem lugar a organização do segundo conflito estético, no qual o conflito entre a beleza exterior e a bondade interior dá agora lugar a novas procuras; daí a importância da pele (e da 2.^a pele, o vestuário) e a importância da música como reveladora do mundo interno do adolescente. Na adolescência, o conflito estético implica, por um lado, uma relação com um Outro, que se aprecia como objecto estético, mas, por outro lado, o adolescente projecta/deseja ser o objecto estético do Outro.

Ao procurar descrever o processo adolescente, Salgueiro (1990) utilizou o conceito de Bion de “mudança catastrófica”, por considerar que este permite dar uma imagem mais correcta do tumulto existente na adolescência normal, numa perspectiva do desenvolvimento, em que aquilo que hoje é, amanhã já não é, em que o conhecido dá lugar ao desconhecido.

Para Marques (1999), a mudança deve ser considerada na oscilação dinâmica entre a descontinuidade e a continuidade, entre a dispersão, a clivagem e a integração, o que reenvia para a noção de “mudança catastrófica”, que, com tudo o que acarreta, vai permitir que estes processos do desenvolvimento levem ao estabelecimento de uma nova “barreira de contacto”, termo de Bion, que descreve o movimento dos objectos entre o inconsciente e o consciente.

A adolescência surge como um momento durante o desenvolvimento, no qual existe a necessidade do Próprio de realizar novas diferenciações, entre o Eu e o Outro, entre sujeito e objecto. Mas este processo leva a uma falta de segurança no Próprio e a uma confusão com o Outro, pelo que o adolescente mobiliza o que Dias (1988) designou por uma utilização da identificação projectiva, que na adolescência está em função do crescimento, pois o seu fim é elaborativo e de vinculação ao meio.

Para Meltzer (1973/1979), os processos que decorrem durante a adolescência e que dizem respeito à passagem de uma clivagem do Eu para uma integração dos objectos que vão constituir o mundo interno do sujeito. Estes processos suscitam no adolescente uma grande instabilidade emocional, que é uma das características mais marcantes da adolescência. Durante este período, o grupo desempenha um papel muito importante, no sentido em que sustenta os mecanismos de clivagem e alivia os sentimentos de confusão e de desorganização que têm lugar durante este processo. Parte dos sentimentos de confusão são originados pelas transformações corporais, pelo corpo que agora surge dotado das características sexuais femininas ou masculinas. Mas isso também pode ser devido ao reaparecimento do fantasma da masturbação, pode estar relacionado com a possível rejeição do corpo sexuado, realizada pelo adolescente.

Podemos, assim definir a adolescência, como sendo um período de mudança interna, provocada sobretudo por separações no mundo interno, que suscitam uma reorganização dos investimentos objectais, resultantes da clivagem entre o vínculo que permanece no objecto e o que se destina a efectuar novas ligações aos novos e velhos objectos. A adolescência, pode deste modo, ser entendida como um processo de transformação, de ligação e de (re)ligação, de articulação entre o antigo e o novo, o interno e o externo, o conhecido e o desconhecido, o Eu e o(s) Outro(s).

*“...Que o drama de hoje
sente, sente que cá fora não é nada
e que lá dentro é mais do que nós mesmos...”*

Sena, J. (op. cit., pp. 202) Vol I

3. Síntese

Ao longo deste capítulo temos vindo a explicitar o modo como os processos psicológicos que caracterizam a adolescência são diversificados, e como procuram dar conta da constituição de uma identidade pessoal e de uma alteridade bem definida e delimitada, ou seja, como se constitui a singularidade e a individualidade do adolescente. Em termos de concepções teóricas, começamos por aquelas que possibilitam uma descrição dos processos intra e interpsíquicos, para passarmos posteriormente para as concepções que estão mais centradas no desenvolvimento como um processo de transformação e de criação, pelo que se torna necessário fazer um ponto da situação, face ao objectivo deste estudo.

No decorrer do processo de desenvolvimento adolescente, um dos aspectos que merece a pena ser destacado e discutido, prende-se com a transformação de objectos e de objectivos que tem lugar neste período, no qual Marques (1999) sublinha a existência de duas transformações como fundamentais: a das relações com as figuras parentais e as corporais.

As transformações que ocorrem na relação com as figura parentais, são enunciadas pela necessidade de proceder ao desinvestimento das imagos parentais, enquanto primeiros objectos de amor e das identificações edípias, para que possa ocorrer o investimento em novos objectos. Este trabalho mental foi descrito pelas concepções mais clássicas, como sendo um processo de perda e de luto, mas os novos modelos do conhecimento permitem-nos pensar em termos de um processo de transformação. Salgueiro (1990) considera que as figuras, nas quais o adolescente se

apoiava durante a infância, nunca desaparecem, relativizam-se, “... *perdem importância pela entrada em cena de novos personagens, com novos valores identificatórios, (...) ajudando a remodelar os objectos internos primordiais, e preparando-os para serem o suporte firme para a etapa adulta.*” (op. cit., pp. 72). É através da união e da integração do antigo e do novo que surgem novas ligações e novas relações.

O processo de desenvolvimento adolescente decorre durante um tempo que é longo e durante o qual se processa toda esta mudança de objectos e de objectivos, o que suscita uma fragilização do Eu, na medida em que as diferenciações entre o interior e o exterior, entre o sujeito e o objecto, ainda não se encontram suficientemente estruturadas, levando por isso à reactivação de uma estrutura defensiva mais arcaica, em que predomina a clivagem e a identificação projectiva. Para Marques (1999), este movimento introduz o sentimento de perda de coerência de si e dá início a um sentimento de identidade movente, o que suscita um balanceamento entre os movimentos regressivos e progressivos. Face a este “conflito”, emerge a necessidade de investimento em novos objectos da realidade externa que possam ser constituídos como organizadores da realidade interna, a qual é vivida e sentida durante este período com um perigo constante de submersão. Mas é neste “conflito” que o desenvolvimento se inscreve, uma vez que é a partir daqui que há criação de novas realidades de sujeito e de objecto.

Neste movimento de procura de investimento em novos objectos na realidade externa, destaca-se o investimento que é feito no grupo dos pares. O grupo aparece como um local privilegiado para a realização de trocas, de partilha de vivências, de diferentes formas de sentir e de pensar.

A adolescência suscita todo um trabalho psíquico que se caracteriza por uma “mudança catastrófica”, sendo necessário encontrar novos estados de equilíbrio, novos objectos, internos e externos, para que possa decorrer uma reorganização da identidade, o que só é possível através da negociação entre o antigo e o novo. Assim, todo este processo de construção decorre através de movimentos de alternância, de comunicação, de ligação e de transformação entre os objectos do mundo interno e os do mundo externo, e entre os movimentos regressivos e progressivos, tornando possível o crescimento.

A outra transformação que enunciamos, como sendo fundamental durante o processo de desenvolvimento adolescente, prende-se com as transformações

corporais que têm início com a entrada na puberdade. O corpo surge como um organizador fundamental, na medida em que é o corpo do púbere em transformação e o corpo do adolescente em identificação. É ainda um corpo como uma realidade interna, ou seja, com a representação de corpo. Este corpo, que para Birraux (1990) se apresenta em transformação e em sexuação, é vivido como desconhecido, o que, por um lado, causa fascínio, mas, por outro, dificulta a sua representação e integração.

Na adolescência é este novo corpo que é o causador de uma maior turbulência, porque reflecte toda uma vivência interna, reveladora de uma relação bastante instável do sujeito consigo Próprio e com o(s) Outro(s), em que as antigas representações e relações já não asseguram a sua integridade. A necessidade de estabelecer de uma outra forma uma identidade e as relações consigo Próprio e com o(s) Outro(s), suscitam fragilidades que agora são reequacionadas de uma forma diferente, no que diz respeito à diferenciação entre o sujeito e o objecto, o que posteriormente obriga a repensar a forma como o Próprio se coloca face ao Outro, feminino e/ou masculino. Por um lado, as questões ligadas à identidade, que possibilitam a ligação e a comunicação entre sujeito-objecto, entre dentro-fora e, por outro lado, as questões relacionadas com a emergência do Próprio e do Outro sexuado, levam a uma mobilização do mais infantil, com o objectivo de se reelaborarem novas imposições nas suas respectivas características.

A adolescência apresenta duas expressões diferentes: trata-se de dois momentos centrais que apresentam durações variáveis; são eles a puberdade e a adolescência propriamente dita.

A puberdade é assinalada no tempo pelas modificações corporais que dão acesso à genitalidade plena, nas quais os problemas centrais se colocam à volta do corpo e em que se colocam as questões ligadas à identidade subjectiva, à delimitação, à separação e à diferenciação. Estas modificações corporais que dão início à puberdade, suscitam uma fragilização no Eu, obrigando a mobilizar um conjunto de estratégias psicológicas, marcadas pela necessidade de reelaborar as representações e os investimentos antigos, de modo a poder fazer face aos novos desafios trazidos pela maturação. Na adolescência propriamente dita, que apresenta uma duração variável em função das características do sujeito e do meio em que este se insere, os problemas essenciais colocam-se ao nível do Outro, ao nível da possibilidade de perceber e representar o sexo oposto, numa lógica de complementaridade dos

sexos, sendo possível aceder e integrar a bissexualidade, o homossexual e o heterossexual, o que só é possível na medida em que se realiza uma escolha sexual definitiva, masculina ou feminina (Marques, 1999).

É durante a adolescência que o novo corpo do adolescente se torna mais familiar, mais conhecido para o Próprio, o que suscita o desejo de o experimentar. É neste sentido que o Outro, do mesmo sexo ou do sexo oposto, é considerado como um objecto a investir. Durante o processo de desenvolvimento adolescente, a questão coloca-se na procura do Outro, que, podendo ainda não ser bem representado, já é investido na condição de igual e de diferente em simultâneo.

Na adolescência reorganizam-se as questões das identificações, primárias e secundárias, sendo esperado que o sujeito (re)elabore o que é da ordem da representação de si, quer ao nível da identidade, quer ao nível da identificação. De acordo com Marques (1999), é *“o balancimento entre o que é da ordem do externo que contém a ideia do Outro. O outro constitui-se como objecto a investir, mas também como objecto que investe o sujeito, num jogo de espelhos e de reflexos recíprocos, que é o único que permite a construção e a criação da identificação e permite estabilizar o sentimento de integridade”* (op. cit., pp. 286).

O processo de transformação adolescente suscita uma reorganização do passado, impõe a transformação das antigas ligações, o que confere a este período um carácter de descontinuidade e de mudança catastrófica. O trabalho a realizar passa por integrar e reelaborar as experiências antigas, para poder dotar este novo corpo de um sentido e para se poder manter uma representação íntegra do corpo. A esta representação íntegra liga-se todo um trabalho de estabelecimento de uma identidade sexual coerente, que reactiva as identificações primárias e a relação ao objecto primário materno. É neste momento que as expressões femininas e masculinas na adolescência se podem conceber, mas com este movimento surge, de novo, a necessidade de elaborar e de integrar, de novo, os objectos secundários, materno-paterno e feminino-masculino.

A adolescência decorre então num espaço e num tempo, que sendo externo é também interno, e que exige todo um trabalho de construção e de consolidação de novas estruturas, de novos objectos e objectivos; eles deverão ser fundados sobre os antigos, ou seja, as relações de objecto, anteriores, devem ser incorporadas para poderem, durante este período do desenvolvimento, ser recriadas. Trata-se de um processo de transformação, de uma experiência que é vivida como dolorosa, na

medida em que introduz uma descontinuidade entre o interno e o externo. As incertezas e as dúvidas são uma característica dominante na adolescência e são largamente referidas, quer na literatura psicológica, quer na expressão literária, nomeadamente na poesia de Jorge de Sena que foi escolhida para ilustrar este trabalho.

Durante este período existe a necessidade de consolidar a identidade subjectiva, que é posta em causa pelas transformações corporais e pela maturação do corpo, terminando aquando da conclusão dos processos identificatórios. Mas todo este movimento é pontuado pela oscilação entre o desejo de ser alguém e a vivência dolorosa que é ser alguém em transformação e em crescimento. Este movimento contrasta com uma oscilação entre a posição activa da afirmação do Próprio e a posição passiva, marcada pelo retraimento, pela regressão, definindo o que Marques (1999) designa por um espaço de difícil negociação e de relativa confusão entre o Eu/Outro, ao qual estão inerentes os riscos de perda de coesão interna e de dificuldade de ligação entre o interno e o externo.

Durante este período do desenvolvimento decorre uma procura do Ser, daquilo que constitui a autenticidade do Próprio; mas esta procura só é possível na relação com o(s) Outro(s), na medida em que ela decorre num espaço e num tempo que se caracterizam por ligações e desligações; existe um reajustamento do que deve, ou não, permanecer ligado, ocorrendo desligamentos que surgem como inevitáveis, para que novas ligações tenham lugar. Para Marques (1999), a adolescência surge como um tempo de parir o «*Eu-Outro*», o que é vivido com dor e desespero, no limite da ruptura, existindo um aumento da excitação entre o dentro e o fora, e uma dificuldade na diferenciação entre o sujeito e o objecto.

O processo adolescente emerge dotado de uma componente relacional, que se apresenta em constante alteração e que implica uma série de transformações nas relações do sujeito consigo mesmo e com o(s) Outro(s). Trata-se de um período de mudança e de transformação, mas também de integração, de construção e crescimento, inerentes a uma relação entre objectos internos e externos, entre o que é do Próprio e o que é do(s) Outro(s).

A adolescência é um período de crescimento; mas crescer implica pensar e simbolizar, e pensar implica (re)simbolizar num trabalho a dois. O adolescente pensa, numa relação interna com os seus objectos internos, entre si e o Outro, que pode ser interno ou externo. É na medida em que o adolescente vai sendo capaz de

deslocar as suas primeiras relações significativas, que vai poder estabelecer novas relações, agora dotadas de novos sentidos e significados, o que possibilita a emergência de um novo sujeito, dotado de novas qualidades e de novas relações.

As transformações que decorrem durante o processo adolescente, obrigam à elaboração de ligações antigas, pelo que emerge, agora, a necessidade de reorganizar o passado; isso é vivido pelo adolescente de uma forma sobressaltada e descontínua, o que nos conduz à assimilação deste período do desenvolvimento a uma mudança catastrófica, na medida em que decorre um trabalho de (re)elaboração e de integração das experiências passadas, de modo a poderem adquirir novos sentidos no presente.

No fim da adolescência, é esperado que o adolescente esteja capaz de lidar com as novas situações com que se depara; e, face a uma nova situação, possa mobilizar os seus recursos internos, possa utilizar novas formas de relação consigo Próprio e com o(s) Outro(s), em que o desconhecido dá lugar ao conhecido, agora (re)ligado e (re)criado. Deste modo, torna-se possível uma transformação, uma vez que, face a cada nova situação, são mobilizados novos recursos, o que permite ao sujeito realizar novas aquisições, intelectuais e emocionais, possibilitando-lhe aprender com a sua própria experiência, descobrindo a sua realidade, numa ligação entre o Eu e o(s) Outro(s).

Neste estudo, procuramos constituir o Outro como um organizador do processo de desenvolvimento adolescente; assim, surge como imperativo dotar as noções de Eu e de Outro de um corpo teórico, de modo a poderem ser dotados de um sentido e de um significado dentro das concepções que privilegiamos neste estudo, para, posteriormente, podermos pensar como é que na adolescência se organiza a relação entre o Eu e o(s) Outro(s).

II. O EU-OUTRO

*“ ...Tanta dúvida, tanto sentimento,
tanta percepção difusa, embrião de pensamento,
Não vem só duma alma com certeza ... ”*

Sena, J. (op. cit., pp. 98) Vol I

1. Introdução

Ao compreendermos a adolescência como um processo de transformação das relações que o sujeito estabelece consigo mesmo e com o(s) Outro(s), torna-se importante conceptualizar o Eu-Outro, dando-lhe um estatuto que permita compreender que tipo de relação é que se estabelece, e como é que ela decorre durante o processo de desenvolvimento adolescente. Para podermos compreender melhor a relação que decorre entre o Eu e o Outro, existe a necessidade de circunscrever Um e Outro, ou seja, de poder delimitar o sujeito e o objecto em termos teóricos.

Neste sentido, recorreremos à Psicanálise, onde procuramos, nos diferentes modelos, quais os diferentes significados e sentidos que podem ser atribuídos ao Eu, na condição de sujeito, e ao Outro, enquanto objecto, mas também ao Eu como objecto. Procurámos uma inscrição nas lógicas que são mais habituais, na escola freudiana; na escola kleiniana, dentro das teorias das relações de objecto de Fairbairn e de Winnicott, e dentro das teorias com inscrição nos modelos do pensamento, com destaque para os trabalhos de Bion.

Mas o domínio do saber sobre o sujeito e o objecto não pertence apenas à Psicanálise; ele reporta-nos para saberes outros, nomeadamente para o campo da Filosofia. Não nos alargamos muito nestes domínios, mas sublinhamos como Descartes (1637/1991), inscrito no racionalismo, defende que é possível ao Homem o conhecimento das coisas nos seus aspectos quantitativos e qualitativos, ou seja, não existem apenas os objectos para conhecer, existe também o sujeito que os procura

conhecer. Com o “idealismo transcendental” de Kant (1781/1976), a questão central passa a ser a do conhecimento, uma vez que não conhecemos o objecto “em si mesmo” mas sim as “representações mentais”. Este avanço é notório ao nível das concepções de ciência, uma vez que o sujeito que procura conhecer, é, por sua vez, o objecto de conhecimento. Passamos de Descartes a Kant, do sujeito da razão para o domínio da intersubjectividade, como forma de acesso ao conhecimento.

Na Psicanálise, na escola clássica, a teoria freudiana desempenha um papel fundamental na forma de designar o sujeito psicológico. Nesta teoria, destacam-se dois grandes pilares: a teoria da sexualidade infantil e a noção de inconsciente. A teoria da sexualidade possibilita-nos uma melhor compreensão do Eu, do sujeito, enquanto que a teoria do inconsciente é aquela que reconhece o inconsciente como o objecto metapsicológico, conferindo-lhe o estatuto de objecto e constitutivo do sujeito.

A teoria das relações de objecto vem permitir realizar uma compreensão das relações internas que se estabelecem com o objecto; este é simultaneamente externo e interno, e com ele se estabelece uma relação interna que tem por base a natureza da relação com o objecto original, mas que não apresenta uma correspondência directa com este, e que pode ser modificada pela experiência (Ogden, 1992). Assim, o sujeito passa a poder ser entendido em termos de construção de uma relação com os objectos internos e externos, em que é possível a ligação e a comunicação entre o sujeito e os objectos, e entre os objectos e o sujeito; ou seja, entre o Eu e o(s) Outro(s), numa procura crescente de novos sentidos e de novos significados.

Com os modelos do pensamento, passa a existir a possibilidade de compreender a relação entre o sujeito e o objecto, com recurso a uma oscilação dinâmica, na qual existem trocas entre o Eu e o(s) Outro(s). Este tipo de relação pode ser compreendida pelo modelo continente-conteúdo, desenvolvido por Bion (1961), através do qual é possível compreender o crescimento, numa relação circular de transformação que possibilita a aquisição de novos sentidos e de novos significados.

Na relação que se estabelece entre o Eu e o Outro, está presente uma circularidade, na medida em que o Eu se constrói pela acção do Outro; mas este movimento só é possível na medida em que o Outro também se constrói pela acção do Eu, que mais não é do que um Outro. Nesta perspectiva, o Outro é transformado, mas também é transformador, numa relação que possibilita o crescimento e o enriquecimento mútuos.

Na adolescência, o Outro surge, por um lado, como um objecto a investir, e por outro, como um objecto que investe o sujeito, o que permite a construção e a criação da identificação, e permite estabilizar o sentimento de integridade (Marques, 1999). É, tendo por base esta concepção, que procuramos, num primeiro momento, definir o conceito de objecto interno/externo, passando posteriormente para uma abordagem do Outro, enquanto objecto de identificação. Posteriormente procuramos realizar uma abordagem centrada na alteridade e na complementaridade existente na relação entre o Eu e o Outro.

*“...O exterior
e o interior
confundem-se cá dentro
– dentro ou fora, não sei bem.
Não tenho órgãos definidos
dos sentidos;
não sei onde começa
e acaba a realidade.”*

Sena, J. (op. cit., pp. 98) Vol I

2. O Eu – A construção do Objecto Interno

O Eu constrói-se através de uma relação de ligação entre o mundo interno e o mundo externo, numa perspectiva circular em que existe um movimento de troca, de partilha, de comunicação. No entanto, o objecto interno não foi sempre compreendido desta forma. Neste sentido, procuramos explicitar teoricamente a noção do objecto; procuramos dotá-lo de um estatuto teórico, tendo em conta as diferentes correntes teóricas que lhe conferiram um sentido e um significado, e que consideramos importantes para alcançar os objectivos deste estudo.

Em primeiro lugar, vamos procurar delimitar o conceito de objecto, na medida em que ele está inevitavelmente ligado à noção de sujeito; esta procura conceptual reveste-se de uma elevada importância, dadas as diferentes correntes que procuram compreender o Eu e o Outro. No caminho que aqui seguimos, partimos das concepções mais clássicas que se inscrevem nos modelos pulsionais, para posteriormente procedermos ao seu enriquecimento, com o recurso aos modelos do relacional e do pensar, para podermos compreender melhor a relação Eu–Outro, numa perspectiva de ligação e de (re)construção.

No modelo pulsional de Freud, ao reportarmo-nos à noção de objecto, temos inevitavelmente que referir o conceito de libido, uma vez que esta corresponde à energia psíquica que se encontra disponível para se ligar aos objectos. Inicialmente, Freud (1905/1989) descreve a libido como *“uma força qualitativamente variável que podia servir como medida dos processos e transformações que ocorrem no campo da*

excitação sexual. Devido à sua origem especial, distinguimos esta libido da energia que temos de supor estar subjacente aos processos psíquicos em geral, e atribuímos-lhe também um carácter qualitativo” (op. cit., pp. 93/94). Ao distinguir a energia libidinal de outras formas de energia psíquica, existe o pressuposto de que os processos sexuais, que ocorrem no organismo, se distinguem dos processos fisiológicos.

De acordo com Freud (1905/1989), podemos distinguir dois tipos de libido: a libido do ego e a libido objectal. A libido do ego só se encontra acessível ao estudo analítico a partir do momento em que é usada para investir nos objectos sexuais, ou seja, quando se torna libido objectal. Apercebemo-nos da libido objectal, na medida em que ela se concentra nos objectos, fixando-se neles ou abandonando-os, mudando de um objecto para outro. À libido que permanece no ego dá-se o nome de libido narcísica. Esta parece ser o grande reservatório, a partir do qual são enviados os investimentos objectais e para onde retornam, ou seja, o investimento libidinal narcísico do ego é o estado de coisas original, que se realiza nos primórdios da infância, e que é encoberto pelos deslocamentos posteriores da libido, embora no seu essencial permaneça por trás deles. Dada a definição, encontramos-nos perante uma representação mental do objecto e do não objecto do mundo real.

É na medida em que existe uma passagem da libido narcísica para a libido objectal, que existe a possibilidade de ligação ao objecto. Este passa a poder ser entendido como uma representação mental, sendo possível ao sujeito estabelecer relações, na medida em que existe uma energia livre que se pode ligar ao objecto, ocorrendo, deste modo, um investimento. O objecto, neste modelo, é o objecto libidinal; trata-se de um termo escolhido para designar o alvo, ou seja, a satisfação que não pode ser alcançada senão pela supressão do estado de excitação na fonte pulsional.

O conceito de pulsão é descrito por Freud (1915/1989), como um *“conceito na fronteira entre o mental e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que tem a sua origem dentro do organismo e que alcançam a mente, como a medida da exigência de trabalho feita à mente em consequência da sua conexão com o corpo”* (op. cit., pp. 210). Assim, a origem da pulsão é vista como um processo somático, sendo a pulsão descrita com base no que é a sua pressão, o seu alvo, o seu objecto e a sua fonte.

O objecto de uma pulsão é a forma através da qual esta alcança o seu alvo. É o que surge como mais variável na pulsão, uma vez que originalmente não está ligada a ela, sendo-lhe atribuído, para tornar possível a satisfação. “*O objecto não é necessariamente algo de exterior; pode igualmente ser uma parte do corpo do próprio sujeito*” (Freud, 1915/1989; op. cit., pp. 211). A pressão de uma pulsão prende-se com a quantidade de força que ela representa; enquanto que a fonte da pulsão diz respeito ao processo somático que ocorre num órgão ou numa parte do corpo, cujo estímulo é representado na vida mental por uma pulsão.

Na obra “*As pulsões e as suas vicissitudes*” Freud (1915/1989) distingue dois grupos de pulsões primordiais: as pulsões do ego ou de autoconservação, e as pulsões sexuais. As pulsões de autoconservação correspondem às necessidades vitais necessárias para a conservação do indivíduo. E as pulsões sexuais que, quando aparecem pela primeira vez, surgem ligadas às pulsões de autoconservação, das quais vão se separando gradualmente, seguindo, na escolha do objecto, as vias que lhe são indicadas pelas pulsões do ego.

Nesta teoria, o caso do amor e do ódio adquire um especial interesse, uma vez que não podem ser integrados na teoria das pulsões. Pelo que Freud (1915/1989) preferiu considerar “*o amor como a expressão de toda a corrente sexual de sentimento*” (op. cit., pp. 220). Assim, amar comporta três opostos: amar-odiar; amar-ser amado, que corresponde à transformação da actividade em passividade; esta situação é a de amar-se a si próprio, que é uma das principais características do narcisismo; e amar e odiar, que considerados em conjunto, são o oposto da condição de desinteresse ou indiferença.

Os vários opostos de amar podem ser melhor compreendidos, se considerarmos as três polaridades que regem a nossa vida mental, ou seja, as antíteses: sujeito (ego)—objecto (mundo externo), prazer—desprazer e activo—passivo. Estas três polaridades encontram-se ligadas entre si, de várias formas significativas. No início da vida mental, o ego está pulsionalmente investido e é, em certa medida, capaz de satisfazer as pulsões por si só, o que Freud (1915/1989) denominou narcisismo, e a este modo de obter satisfação deu o nome de auto-erótico. Nesta fase, o mundo externo não é investido com interesse e é indiferente para fins de satisfação. Portanto, durante este período, o sujeito do ego coincide com aquilo que é agradável e o mundo externo com aquilo que é indiferente ou desagradável, na medida em que é uma fonte de estímulos. Deste modo, definimos o amor como a relação entre o ego e

as suas fontes de prazer; a situação em que o ego se ama apenas a si próprio e é indiferente ao mundo externo, ilustra a polaridade sujeito—objecto.

O ego, ao ser auto-erótico, não tem a necessidade do mundo externo, mas, em consequência das experiências vividas pelas pulsões de autoconservação, adquire objectos desse mundo e, apesar de tudo, não consegue deixar de sentir estímulos pulsionais internos com desprazer. Sob o domínio do princípio do prazer, dá-se agora no ego um novo desenvolvimento, uma vez que, os objectos que lhe são apresentados como fontes de prazer, ele toma-os para si; e, por outro lado, expelle tudo quanto dentro de si se torne causa de desprazer (Freud, 1915/1989).

Assim, o “ego-de-realidade” original que distinguia o interno e o externo, transforma-se num “ego-de-prazer” purificado, que coloca a característica do prazer acima de tudo. Para o ego-de-prazer, o mundo externo está dividido numa parte que é agradável, que incorporou em si próprio, e noutra que lhe é estranha e da qual se separou, projectando-a no mundo externo, porque a considera hostil. Desta forma, o sujeito do ego coincide com o prazer e o mundo externo com o desprazer.

A fase narcísica vai, por sua vez, dar lugar à fase objectal, na qual encontramos presentes relações entre o ego e o objecto. *“Se o ego se torna uma fonte de sentimentos de prazer, surge um impulso motor que procura aproximar o objecto do ego e incorporá-lo no ego. (...) dizemos que «amamos» esse objecto. Pelo contrário, se o objecto é fonte de sentimentos de desprazer, há um impulso que luta para aumentar a distância entre o objecto e o ego, e para repetir em relação ao objecto a tentativa original de fuga do mundo externo com a sua emissão de estímulos. Sentimos a «repulsão» do objecto e odiamo-lo.”* (Freud, 1915/1989; op. cit., pp. 223). Poderíamos dizer que uma pulsão “ama” os objectos pelos quais luta para obter satisfação, mas seria estranho dizer que uma pulsão “odeia” um objecto; pelo que se dá conta que as atitudes de amor e de ódio não podem ser usadas para as relações entre as pulsões e os seus objectos, mas estão reservadas para as relações entre o ego total e os objectos. A palavra “amar” está mais relacionada com a relação de prazer entre o ego e o objecto, fixando-se nos objectos sexuais e nos objectos que satisfazem as necessidades das pulsões sexuais sublimadas.

Nestes termos, as noções de amor e de ódio surgem como dois conceitos fundamentais na relação que se estabelece com os objectos. O amor deriva da capacidade do ego para satisfazer auto eroticamente algumas das suas moções pulsionais, pela obtenção de prazer do órgão; originalmente é narcísico, passando

depois para objectos que foram incorporados no ego. O ódio deriva do repúdio primordial do ego narcísico para com o mundo externo, com a sua efusão de estímulos, surgindo como expressão da reacção de desprazer evocada pelos objectos, permanecendo numa relação íntima com as pulsões de autoconservação, de modo que as pulsões sexuais e as do ego podem facilmente desenvolver uma antítese que repete a do amor e do ódio (Freud, 1915/1989).

Enquanto que a primeira teoria das pulsões opunha as pulsões sexuais às pulsões de autoconservação, a partir de 1920, com a obra *“Além do Princípio do Prazer”*, Freud enuncia a segunda teoria das pulsões, em que a oposição é feita entre as pulsões de vida e as pulsões de morte. As pulsões do ego exercem uma pressão no sentido da morte, e as pulsões sexuais, pelo contrário, visam um prolongamento da vida. Freud descreve, ainda, a existência de dois tipos de instintos: os instintos do ego, que exercem pressão no sentido da morte, e os instintos sexuais, que possuem um carácter conservador e que procuram uma renovação da vida.

Assistimos a uma alteração daquela que é a noção de objecto para Freud; inicialmente o objecto visava a procura de uma satisfação das necessidades; mais tarde, passava a poder ser investido de amor e/ou de ódio, ou seja, passa a ser um agente de Eros, o instinto sexual, o conservador de todas as coisas. Dá-se uma aquisição proveniente do mundo externo, ou seja, é dada uma maior relevância às qualidades externas do objecto, as quais passam a ser parte integrante do sujeito.

De acordo com Green (1997/2000), Freud, ao introduzir Eros, pulsão de amor, desloca as suas concepções sobre a psicosexualidade, da libido vs. agressividade, para uma teoria da ligação, da coesão, da unificação e da conservação. É aqui que ele introduz o Outro, o objecto que se traduz nas suas diferentes dimensões. Eros surge, assim, como um princípio que permite a união e a integração. Eros é o que mantém unido tudo o que existe no mundo. Deixamos um registo em que encontramos as pulsões de vida vs. as pulsões de morte, para passarmos para um registo de ligação, no qual se torna possível pensar a relação face ao Outro. Ao substituir a sexualidade por Eros, Freud realizava uma revolução no seu pensamento, uma vez que Eros significa pulsão de amor sem objecto, ainda que o objecto fosse ele próprio. Isso coloca Freud como sendo o precursor da teoria das relações de objecto, com a ressalva de que Eros implica que se mantenha uma libido em busca de prazer. Se esta procura um objecto, é porque a função deste será a de assegurar a junção entre o prazer e o amor.

Mais tarde, em *“Psicologia de Grupo e Análise do Ego”*, Freud (1921/1996) refere que a libido é o nome dado à energia, considerada como uma magnitude qualitativa dos instintos que têm a ver com tudo o que pode ser abrangido sob a palavra amor, que consiste no amor sexual e em que a união sexual surge como objectivo. Mas não é só a este amor que nos referimos; existe, por outro lado, o amor próprio, ou seja, o amor por nós próprios, e, ainda, o amor pelos outros, ou seja, o amor pelos filhos e pelos pais, a amizade e o amor pela humanidade em geral, bem como a devoção a objectos concretos e a ideias abstractas.

No decurso do desenvolvimento da libido do indivíduo, esta procura inicialmente satisfazer as necessidades que são vitais e escolhe, para primeiros objectos, as pessoas que têm uma parte nesse processo. O amor a si mesmo, do narcisismo, procura preservar o indivíduo, e comporta-se como se a ocorrência de suas próprias linhas específicas de desenvolvimento envolvesse uma crítica delas e uma exigência na sua alteração. O narcisismo só pode ser delimitado na medida em que é produzido um laço libidinal para com outras pessoas; *“o amor por si mesmo só conhece uma barreira: o amor pelos outros, o amor por objectos”* (Freud, 1921/1996; op. cit., pp. 113).

A criança descobre o seu primeiro objecto de amor numa das figuras parentais, e todos os seus instintos sexuais, com sua exigência de satisfação, unificam-se nesse objecto; ou seja, *“... com o nascimento, damos o primeiro passo de um narcisismo absolutamente auto-suficiente para a percepção de um mundo externo cambiante e para os primórdios da descoberta dos objectos”* (Freud, 1921/1996; op. cit., pp. 140). Com a entrada na puberdade, estabelecem-se impulsos novos e muito fortes, dirigidos a objectivos directamente sexuais. Porém, o adolescente consegue efectuar um certo grau de síntese entre o amor não sexual e celeste e o amor sexual e terreno, e a sua relação com o seu objecto sexual caracteriza-se pela interacção de instintos desinibidos e instintos inibidos no seu objectivo.

Freud (1921/1996) levanta a hipótese de que no ego se desenvolve uma instância capaz de isolar-se do resto do ego e entrar em conflito com ele; a essa instância chamou de *“ideal do ego”*, que surge como herdeiro do narcisismo original, no qual o ego infantil desfrutava de auto-suficiência; gradualmente reúne, das influências do meio ambiente, as exigências que este impõe ao ego, das quais este não pode sempre estar à altura. Deste modo, quando o sujeito não pode estar satisfeito com o seu próprio ego, tem, no entanto, possibilidade de encontrar satisfação no ideal do ego

que se diferenciou do ego. Esta concepção permite-nos compreender a representação do objecto que é investido libidinalmente, ou seja, deixamos de ter o objecto externo, para passarmos a ter um objecto que foi interiorizado, um objecto ao qual a libido se ligou estabelecendo uma relação. Assistimos, assim, à passagem de uma concepção de sujeito–objecto, em que o objecto visa a satisfação das pulsões, ou seja, o objecto é o que permite definir o alvo da pulsão, para uma concepção na qual o objecto, o Outro, passa a ser compreendido na relação com o sujeito, com o Eu, na medida em que decorreu uma introjecção do objecto no ego.

A criança realiza uma série de experiências satisfatórias e frustrantes sendo em particular através das experiências satisfatórias que esta vai formar uma imagem do que é a satisfação. É a ligação entre esta satisfação e as condições sob as quais é experimentada, que conduz à formação do objecto. Inicialmente, trata-se de um objecto parcial, constituído por pulsões parciais, passando o objecto a ser total, o que depende da integração dos impulsos sexuais infantis numa corrente de sexualidade genital que, pela sua natureza, pode investir num objecto total. Para Freud, o objecto tem de satisfazer o impulso; para os teóricos do modelo relacional, o impulso é uma forma de relacionamento com o objecto.

Na teoria Freudiana, encontramos presente uma centração no “porquê”, sendo descrita toda a estrutura psíquica do sujeito procurando dar uma explicação; por outro lado, o modelo das relações de objecto procura descrever e compreender “como” é que se estrutura a psique dos indivíduos.

Melanie Klein como fundadora da teoria das relações de objecto, realizou a transição entre o modelo da estrutura/pulsão e o modelo relacional/estrutura; os seus contributos foram fundamentais e centraram-se em reformulações, por vezes subtis, no que diz respeito à natureza das próprias pulsões e à natureza e origem dos objectos.

Enquanto que na teoria freudiana, o objecto surge temporariamente como secundário e sempre subordinado ao nível funcional, aos alvos da gratificação pulsional, para Klein (1930/1996), o objecto é mais essencial e as pulsões são inerentes e encontram-se dirigidas para os objectos, estando por isso mais ligadas aos objectos. Klein defende que a libido narcísica a que Freud se refere, reflecte não um investimento do próprio Ego mas de objectos internos, pelo que propõe a substituição da designação inicial de libido narcísica e libido de objecto, pela distinção entre relações com objectos internos e com objectos externos.

O objecto passa a ser compreendido como um objecto interno, dando a autora uma particular importância às relações de objecto que existem desde do início da vida, e que têm, como pré-condição para o desenvolvimento normal, a introjecção do seio da mãe como bom objecto. Desde do início que as relações de objecto são modeladas por uma interacção entre a introjecção e a projecção e entre objectos e situações internas e externas. A projecção de sentimentos bons e de partes boas do self para dentro da mãe é essencial para habilitar o bebé a desenvolver boas relações de objecto e para integrar o seu ego. A criança, ao relacionar-se com o seio enquanto objecto, divide-o em seio bom, que gratifica e seio mau, que frustra. Esta cisão resulta numa separação entre o amor e o ódio. Avançamos, assim, para uma concepção diferente da que Freud havia proposto; o objecto que anteriormente era o objecto de um alvo pulsional, passa agora a poder ser entendido numa relação de objecto que envolve emoções, fantasias, ansiedades e defesas.

No seu trabalho sobre *“A importância da formação de símbolos no desenvolvimento do ego”*, Klein (1930/1996) defende que a percepção de outros reais é apenas o suporte para as projecções das imagens de objecto, inatas na criança. De acordo com Greenberg & Mitchell (1983/2003), a pretensão de Klein, de que o conteúdo dos objectos é inerente ao organismo e que é criado independentemente do mundo exterior, encontra-se em três formulações diferentes: os objectos são inerentes ao desejo, sob a forma de imagens e conhecimento universal; os objectos são criados imediatamente para deflectir a pulsão de morte da autodestruição; e, os objectos são evocados para explicar a fenomenologia das primeiras sensações da criança.

As primeiras relações de objecto que a criança tem são relações com imagens de partes do corpo que, segundo Klein (1932/1969), operam como mecanismos universais, sem que a criança tenha tido que experimentar, na realidade, os verdadeiros órgãos. Mais tarde, as imagens que a criança tem dos objectos, assumem o aspecto dos objectos reais do mundo exterior que representam. É para estas imagens que são dirigidas as pulsões da criança pequena, quer as de amor, quer as de ódio, servindo de suporte até que as experiências posteriores se desenrolem.

A segunda explicação aponta para as primeiras noções do instinto de morte, o qual, Klein defende que tem necessariamente de ocorrer para que a criança possa sobreviver. Klein, na continuação do pensamento de Freud, considerou que o bebé é ameaçado de destruição a partir de dentro, logo após o nascimento. Enquanto Freud tinha sugerido que Eros, a pulsão de vida, intervém e redirecciona a pulsão de morte;

para Klein, existe uma parte adicional da pulsão de morte que é deflectida ou projectada sobre o mundo externo. Assim, Eros cria uma imagem de um objecto externo, projecta partes do instinto de morte nele, deixando uma parte fora dele.

Numa terceira explicação, introduzida em *“Notas sobre alguns mecanismos esquizóides”*, Klein (1946/1991) sugere que a primeira experiência dos objectos, internos e externos, desenvolve-se com base numa má interpretação perceptiva. Propõe que a vivência do funcionamento interno da pulsão de morte da criança é percebida como um ataque, por algo estranho separado de qualquer mecanismo específico de projecção *per si* ou de qualquer conhecimento ou imagem específica dos objectos temidos. *“A ansiedade surge da pulsão de morte dentro do organismo, é sentida como medo de aniquilamento (morte) e toma a forma de medo de perseguição. O medo do impulso destrutivo parece ligar-se imediatamente a um objecto, ou melhor, é vivenciado como medo de um incontrolável objecto dominador.”* (op. cit., pp. 24).

Um outro aspecto, diferenciador da obra de Freud e de Klein, diz respeito às pulsões. Para Freud as pulsões têm origem em forças físicas, ou seja, no corpo, embora tenham manifestações e consequências psicológicas. Para Klein, as pulsões são forças psicológicas que utilizam o corpo como veículo de expressão, ou seja, o corpo não é a fonte das pulsões, mas o meio através do qual elas se manifestam.

No modelo estrutural de Freud, o Ego é neutro, relativamente às pulsões, procurando negociar um equilíbrio entre o Id, o Superego e o mundo exterior. Para Klein (1958/1991), é através de um conflito entre as pulsões, que decorre no ego, que se dá a cisão do ego, através da qual se forma o superego. O ego, sustentado pelo bom objecto internalizado e fortificado pela identificação com ele, projecta uma parte da pulsão de morte dentro de uma parte de si mesmo, que havia excindido, parte essa que, desta forma, passa a estar em oposição à parte restante do ego, formando a base do superego. Juntamente com esta deflexão de uma parte da pulsão de morte, há uma deflexão de uma parte da pulsão de vida, que está fundida com ela; do mesmo modo, partes dos objectos, bom e mau, são excindidas do ego para dentro do superego. Assim, o superego adquire qualidades tanto protectoras quanto ameaçadoras e, ao estar vinculado ao objecto bom, aproxima-se da mãe boa real, que alimenta a criança e cuida dela; mas como também está sob a influência da pulsão de morte, torna-se parcialmente o representante da mãe que frustra a criança.

Na compreensão que Klein faz do desenvolvimento, encontramos explícita a sua modificação na compreensão das pulsões. Para Freud, as componentes das pulsões manifestam-se numa sequência de alvos assentes nas tensões das zonas corporais. Os estádios psicosexuais reflectem uma sequência de amadurecimento, na qual diferentes porções da libido, cada uma com a sua fonte corporal específica, emergem e estabelecem uma dominância temporária e que conduzem à fase genital. Klein descreve duas posições: a posição paranóide, mais tarde designada esquizoparanóide, e a posição depressiva. O termo posição foi escolhido pela autora, porque, embora estes estados ocorram muito cedo no desenvolvimento, não ficam confinados a esse momento do desenvolvimento, uma vez que representam agrupamentos específicos de angústias e defesas que surgem durante os primeiros anos da infância.

A posição paranóide é o estadio em que predominam os impulsos destrutivos e as angústias persecutórias. Têm início aquando do nascimento e estende-se até aos três a quatro meses de idade (Klein, 1932/1969). Em *“Notas sobre alguns mecanismos esquizóides”*, Klein (1946/1991) altera a designação de posição paranóide, para a de posição esquizoparanóide. Nesta posição, a criança procura afastar o perigo dos maus objectos, quer internos, quer externos, o que faz, mantendo separadas e isoladas as imagens do Eu e dos bons objectos, ou seja, existe uma separação entre os bons objectos e os bons sentimentos, dos maus objectos e dos maus sentimentos; esta separação dos sentimentos que lhe são intoleráveis, é feita, para o exterior, através do mecanismo de projecção do interior. Quando o bebé tem o seio, ele sente-se gratificado; pelo contrário, se não há seio, ele sente-se frustrado. É através da frustração que o bebé cria a fantasia de um mau seio, que mais não é do que o resultado da sua projecção no seio, que passa a ser visto não só como mau, mas também como persecutório, uma vez que nele foram projectados os sentimentos de ódio.

A posição depressiva segue-se à posição esquizoparanóide, e a aproximação dos objectos ideal e perseguidor dá origem a um superego muito mais integrado. Aqui, a angústia persecutória diminui, e a criança introjecta o objecto como total, tornando-se capaz de sintetizar os vários aspectos do objecto e as suas emoções em relação ao mesmo. O amor e o ódio unem-se na sua mente, o que produz angústia, por medo que o objecto, tanto interno quanto externo, seja danificado ou destruído (Klein, 1932/1969).

É na passagem da posição esquizoparanóide para a posição depressiva, que ocorre um movimento importante no que diz respeito à constituição do objecto interno, ou seja, existe a passagem de uma relação de objecto parcial para uma relação com um objecto total; a mãe passa a ser compreendida como um todo que possui características boas e más.

Para que decorra a passagem do objecto parcial, o seio, para o objecto total, a mãe, o bebé recorre a mecanismos de projecção e de introjecção. De acordo com Klein (1932/1969), estes mecanismos influenciam profundamente o desenvolvimento da criança. Nos primeiros estádios, a projecção das imagos terríficas no mundo exterior, convertem esse mundo num lugar perigoso, onde são colocados os objectos inimigos; por seu turno, a introjecção simultânea de objectos reais, que são sentidos como bons para a criança, povoam o seu mundo interno, atenuando o medo proveniente das imagos terríficas. Deste modo, a formação do superego, as relações objectais e a adaptação à realidade, são o resultado de uma interacção entre a projecção de impulsos sádicos do indivíduo e a introjecção dos “bons” objectos reais que permitem um alívio para a angústia da criança.

Os processos de introjecção e de projecção levam, desde o início da vida, ao estabelecimento de objectos amados e objectos odiados, dentro do próprio. Estes objectos são considerados “bons” e “maus”, e estão interligados uns com os outros e com o *self*, ou seja, são eles que formam um mundo interior do sujeito. Este conjunto de objectos internalizados organiza-se, acompanhando a organização do ego, podendo ser percebido nos estratos superiores da mente como o superego. O mundo interior é constituído por inúmeros objectos, absorvidos pelo ego, que correspondem, em parte, à profusão de aspectos variáveis, bons e maus, das figuras que surgem como significativas para a criança, no decorrer do seu desenvolvimento. Cada etapa do crescimento emocional, intelectual e físico, é empregue pelo ego como um meio de superar a posição depressiva. O ego, ao estar fortalecido, pode avançar mais em direcção à unificação das suas imagos – externas, internas, amadas e odiadas – e de uma maior mitigação do ódio, através do amor, atingindo, assim, um processo geral de integração (Klein, 1940/1996).

Mais tarde, as entidades que eram percebidas como separadas, ou seja, os objectos parciais, começam a juntar-se passando a formar um todo unificado, o que nos revela a passagem para a posição depressiva, que se encontra associada à introjecção do objecto. Para Klein (1946/1991), *“a introjecção do objecto bom, em*

primeiro lugar o seio da mãe, é uma condição para o desenvolvimento normal. (...) e contribui para a coesão do ego” (op. cit., pp. 28). É com a introjecção do objecto total que ocorrem mudanças importantes na relação com os outros objectos; os aspectos amados e odiados da mãe deixam de ser sentidos como separados, do que resulta uma intensificação do medo da perda e um forte sentimento de culpa, porque os impulsos agressivos são sentidos como dirigidos contra o objecto amado. A projecção de sentimentos bons e de partes boas do *self* para dentro da mãe, é essencial para habilitar o bebé a desenvolver boas relações de objecto e para integrar o seu ego.

A depressão é o afecto que resulta da culpa de se ter estragado o objecto de amor primário. Não existe uma culpa consciente, quando o ódio e o amor estão dissociados um do outro e são projectados no exterior, em objectos parciais que não estão vistos como estando relacionados; a culpa emerge quando o sujeito dá conta de que o ódio é projectado na mesma pessoa que é amada. Assim, a culpa é o afecto que acompanha a projecção da parte rejeitada no objecto. Na posição esquizoparanóide, a culpa é inconsciente, mas na posição depressiva, ela começa a tornar-se consciente.

Quando a posição depressiva é alcançada, a principal característica da relação de objecto é a de que o objecto passa a ser sentido como inteiro, o que possibilita um maior grau de percepção da diferenciação e separação entre o ego e o objecto. É na medida em que o objecto é reconhecido como um todo, que a ambivalência pode ser experimentada. É neste momento que o ego luta com a sua ambivalência; a sua relação com o objecto caracteriza-se pela culpa, pelo medo da perda ou por uma experiência real de perda e de luto, bem como por um esforço por recriar o objecto. Ao mesmo tempo, os processos de introjecção tornam-se mais pronunciados do que os de projecção, de acordo com o esforço de reter o objecto dentro de si, assim como de reparar, restaurar e recriar o mesmo (Segal, 1955).

No início do período de latência, quando o desenvolvimento da libido e a formação do superego já se completaram, o ego é mais forte e pode fazer face à tarefa de efectuar um acordo entre os factores em causa. O ego fortalecido une-se ao superego para estabelecer um objectivo comum, que implica, essencialmente, uma sujeição do id e uma adaptação às exigências dos objectos reais e do mundo exterior. Este equilíbrio é perturbado nos momentos que antecedem a puberdade, e mais particularmente durante esta. O ressurgimento da libido, que se verifica neste momento, reforça as exigências do id, e a pressão do superego é concomitantemente

incrementada. O ego torna a ser duramente pressionado e é obrigado a chegar a um duro compromisso, uma vez que o antigo revelou-se ineficaz, e os impulsos instintivos não podem mais ser contidos e restringidos como no período da latência. A angústia da criança aumenta, pelo facto de os seus instintos poderem agora irromper mais facilmente a realidade, o que apresenta consequências mais sérias do que na primeira infância. O ego, ao estar em concordância com o superego, permite ao sujeito libertar-se dos seus primeiros objectos de amor. Este movimento é particularmente notório durante a adolescência, período durante o qual o adolescente procura novos objectos, o que leva a um desprendimento das pessoas e a uma procura de substituição, por outros objectos, menos pessoais e mais abstractos, como são os princípios e os ideais (Klein, 1932/1969).

Greenberg & Mitchell (1993/2003) distinguem duas preocupações na teoria kleiniana: por um lado, fornecer descrições poderosas e incisivas da organização fundamental das relações de objecto e da vida emocional; por outro lado, preservar a noção de que todos os constituintes relevantes da vida mental são produzidos internamente. Para Greenberg & Mitchell, esta dupla focalização torna necessária a existência de constelações relacionais complexas, em fases desenvolvimentais muito precoces, destacando-se três áreas, fortemente contestadas, e que são: a adesão ao conceito da pulsão de morte, a sua pressuposição de conhecimento e imaginação constitucional universal e a sua atribuição ao bebé, no momento, ou imediatamente antes do nascimento, de capacidades cognitivas elaboradas. Estes três princípios combinam-se para servir o duplo objectivo de Klein. *“Recursos cognitivos precoces e conhecimento a priori são empregues pelo Ego para afastar a ameaça à sobrevivência colocada pela pulsão de morte e geram boas e más imagens de objectos e organizações defensivas precoces. O mundo das relações de objecto é, assim, criado sob a ameaça de pressões internas”* (op. cit., pp. 183). Os autores acrescentam, ainda, que a descrição das relações de objecto precoces, fornece ferramentas poderosas para compreender as psicodinâmicas das crianças mais velhas e dos adultos.

A teoria desenvolvida por Klein apresentou sempre uma grande ligação ao modelo da estrutura/pulsão, apesar dos avanços conseguidos em alguns pontos; a mudança na postura, em relação a esta concepção inicial, altera-se com os seguidores do pensamento de Klein, mas também com Fairbairn, que considera que as relações de objecto derivam da experiência da criança com os pais reais. É com os trabalhos

de Fairbairn que encontramos uma mudança mais marcante da passagem do modelo da estrutura/pulsão para o modelo relacional/estrutura.

A principal reformulação que Fairbairn faz é à teoria da pulsão, centra-se em dois princípios: a libido não é procura de prazer mas procura de objecto; e o impulso é inseparável da estrutura.

Centremo-nos um pouco mais no primeiro princípio, segundo o qual, libido não é procura de prazer mas procura de objecto. Para Greenberg & Mitchell (1993/2003), este princípio pode ser entendido como uma extensão dos aperfeiçoamentos de Klein em relação à teoria da pulsão, nos quais os objectos são formados nos impulsos desde do início, mantendo-se o alvo do impulso como a obtenção de prazer, sendo o objecto apenas um meio para atingir um fim. Fairbairn inverte esta relação, defendendo que não só o objecto é formado desde do início, no impulso, como constitui um meio para alcançar o seu verdadeiro fim, ou seja, as relações com os outros. No modelo clássico da pulsão/estrutura, o bebé nasce sem relação com os outros e procura reduzir a tensão, e só secundariamente é que se relaciona com os outros, devido à função que os outros têm na redução das suas tensões e no prazer. Fairbairn sugere que o bebé está, desde do início, orientado para os outros, e que essa procura de relação tem raízes adaptativas na sobrevivência biológica.

É este princípio que encontramos presente quando Fairbairn (1941/2000) defende que a relação de objecto é um processo, através do qual a dependência infantil do objecto, baseada numa identificação primária, ou seja, no investimento de um objecto que ainda não foi diferenciado do sujeito que investe, dá gradualmente lugar à dependência madura em relação ao objecto, na qual já existe uma diferenciação do objecto. A mudança gradual, que ocorre na natureza da relação de objecto, é acompanhada por uma mudança, também gradual, no objectivo libidinal.

Para Fairbairn, o desenvolvimento emocional passa por vários estádios; não são os estádios psicosssexuais da teoria clássica, mas, antes, uma maturação de diferentes modos de relação com os outros; ou seja, o que muda é a qualidade e a complexidade do relacionamento com os outros. Na sua teoria define essencialmente 3 estádios: um período inicial de dependência infantil, uma fase de transição e um estado de maturidade, que designa por “dependência madura”. No desenvolvimento normal, o que decorre é um processo gradual, através do qual, o modo de relação com os outros, que inicialmente é de dependência infantil do objecto, dá gradualmente lugar à dependência madura em relação ao objecto. Este processo de desenvolvimento

caracteriza-se, por um lado, pelo abandono gradual de uma relação de objecto original, baseada numa identificação primária e, por outro lado, pela adopção gradual de uma relação de objecto, baseada na diferenciação do objecto (Fairbairn, 1941/2000).

O estágio de dependência infantil, descrito por Fairbairn, em que a criança vive um momento de fusão com a mãe, é, até certo ponto, uma aproximação do que alguns anos mais tarde será descrito por Mahler (1975/1993), como sendo o desenvolvimento infantil normal, no qual inicialmente existe uma fase simbiótica normal, na qual não existe ainda uma diferenciação entre o interior e o exterior, ou seja, entre o Eu e o Outro.

O segundo princípio da reformulação que Fairbairn faz à teoria da pulsão, coloca o impulso como inseparável da estrutura, o que está relacionado com a revisão da teoria da libido. Fairbairn (1946/2000) defende que “ *a libido é fundamentalmente procura de objecto, e que a tensão que exige libertação é a tensão das tendências da procura de objecto* ” (op. cit., pp. 192). Deste modo, postula que a libido tem uma direcção. O objecto não está embutido no impulso desde o início, sendo a característica principal da energia libidinal a sua capacidade de procura do objecto. Assim, o prazer não é o objectivo final do impulso, mas é um meio para o seu fim real, ou seja, é o meio através do qual se constroem as relações com o Outro.

Na teoria freudiana, a procura de prazer corresponde à libertação da tensão libidinal, mas o que o autor vem afirmar é que essa tensão é inerente à tensão das necessidades da procura de objecto. Mais tarde, chama a atenção para o facto de que a concepção do Eu fora desenvolvido sem qualquer modificação significativa da psicologia do impulso, chamando a atenção para as limitações práticas desta teoria. Salienta, ainda, que a eliminação dos impulsos é essencialmente um problema de relações de objecto e, também, um problema de personalidade, os quais estão, por sua vez, ligados às relações das estruturas do eu com os objectos interiorizados. Enquanto os impulsos implicarem relações de objecto, não podem ser considerados à parte das estruturas do eu, dado que só as estruturas do eu podem procurar relações com os objectos. Deste modo, considera que os impulsos devem ser considerados como representando simplesmente o aspecto dinâmico das estruturas do Eu, pelo que surge a necessidade de substituir a antiga psicologia do impulso por uma psicologia da estrutura dinâmica (Fairbairn, 1951/2000).

De acordo com Ogden (1992), Fairbairn repôs a dicotomia freudiana de Ego e Id, estrutura e energia, com a sua concepção de “estruturas dinâmicas”, as quais eram concebidas como aspectos da mente capazes de actuar, de forma independente, com os seus próprios sistemas de motivação. O conceito do Id como reservatório de energia, é substituído por uma parte inconsciente do ego e do objecto, sendo cada um capaz de desempenhar uma actividade psicológica a vários níveis. Para Ogden, fica por clarificar, na teoria de Fairbairn, qual a relação que o conceito do ego apresenta com o conceito de objecto interno dinâmico. Deste modo, propõe a compreensão do conceito de objecto interno, como uma organização dinâmica que envolve uma interacção entre duas subdivisões da personalidade, cada uma das quais capaz de ser activa psicologicamente; ou seja, a teoria deve possibilitar uma relação directa entre níveis não equivalentes de abstracção. O ego (a estrutura), em relação com a representação de um objecto (um pensamento), ou a relação entre dois pensamentos, irá dar aos pensamentos o poder para pensar. Neste sentido, sugere que a internalização de uma relação com o objecto seja pensada, como envolvendo necessariamente uma subdivisão dual do ego, da qual resulta a formação de duas suborganizações do ego; uma, identificada com o *self*, na relação externa com o objecto, e a outra, identificada com o objecto. Esta formulação apela para a natureza dinâmica do objecto interno e define a relação entre o conceito de ego e o conceito de objecto interno. Assim, a experiência de qualidade da identificação é aquela de “tornar-se objecto”, em oposição à de “sentir-se como” o objecto. De acordo com esta concepção, os objectos internos são subdivisões do ego, que são identificadas com as representações do objecto, enquanto mantêm as capacidades do ego completo para o pensamento.

Com os trabalhos de Fairbairn, encontramos uma mudança significativa no que diz respeito à natureza e à origem dos objectos internos. Para Klein, os objectos internos estabelecem-se no início da vida psicológica, tornam-se os principais conteúdos do mundo interno, e são constituídos através das imagos que são parte das pulsões. Para Fairbairn, os objectos internos são substitutos compensatórios para as relações insatisfatórias com os objectos externos, reais e primários da libido, ou seja, os objectos internos derivam das experiências da criança com os seus pais reais.

Klein e Fairbairn construíram perspectivas novas, enquanto Klein desenvolveu e redefiniu a teoria freudiana, Fairbairn refutou-a em determinados pontos, e será com Winnicott que aparece a preocupação com questões específicas relacionadas com a

emergência do Eu, para a qual apresenta desenvolvimentos diferentes dos propostos no modelo freudiano, kleiniano e fairbairniano.

Para Winnicott, o Eu desenvolve-se a partir de uma matriz relacional que é complexa, mas ao mesmo tempo subtil e simples. Os processos que levam ao desenvolvimento ou à inibição do Eu, só podem ser descritos e compreendidos no contexto da interacção entre a criança e o que o meio lhe proporciona através dos outros significativos. É neste sentido que Greenberg e Mitchell (1983/2003) defendem que a abordagem de Winnicott é uma abordagem à experiência humana a qual assenta no modelo relacional/estrutura, através da qual se dirige para as diferentes formas de relação entre o Eu e os Outros. Os seus principais contributos dizem respeito às condições que viabilizam a consciência da criança, em relação a si mesma como separado dos outros.

Winnicott (1971/1975) descreve a mãe suficientemente boa, como sendo aquela que começa com uma adaptação quase completa às necessidades do seu bebé e que, à medida que o tempo passa, se adapta cada vez menos, o que vai ao encontro da crescente capacidade do bebé para lidar com a sua não resposta. É na relação que o bebé vai estabelecendo com a mãe, que se torna possível a sua existência, e é neste sentido que se torna pessoa, ou seja, que tem acesso ao seu Eu.

Os objectos transicionais, também designados objectos transitivos, ajudam o bebé a negociar a mudança gradual da experiência de si mesmo, como centro de um mundo totalmente subjectivo para o sentido de si mesmo como uma pessoa entre outras pessoas. Winnicott (1971/1975), ao comparar o conceito de objecto transicional com o conceito de objecto interno de Klein, refere que: “*O objecto transicional não é um objecto interno (que é um conceito mental) – é uma possessão. Tampouco é (para o bebé) um objecto externo*” (op. cit., pp. 24). O bebé pode usar o objecto transicional, quando o objecto está vivo e é real e suficientemente bom, ou seja, não se apresenta como muito persecutório. Mas esse objecto interno depende, na sua existência, nas suas qualidades, na sua vitalidade e no seu comportamento, do objecto externo. Quando o objecto externo se apresenta como inadequado, o objecto interno deixa de fazer sentido, o que leva a que o objecto transicional fique também sem sentido. Deste modo, o objecto transicional pode ser o representante do seio externo, mas, indirectamente, pode ser o representante de um seio interno. Assim sendo, não fica sob um controle mágico, como o objecto interno, mas também não fica fora de controle, como acontece à mãe real. O conceito de objecto transicional

abre caminho ao domínio da representação, na medida em que o objecto não é, na sua verdadeira acepção, transicional, uma vez que o que ele representa é a transição do bebé de um estado em que se encontra fundido com a mãe, para um estado em que está em relação com ela, com o objecto externo e separado. Assim, o conceito de objecto interno é concebido como sendo uma representação mental.

Winnicott (1971/1975) faz ainda uma distinção entre a relação de objecto e o uso do objecto. Na relação de objecto, o sujeito permite que se realizem certas alterações no seu Eu, tornando-se o objecto significativo. Decorrem mecanismos de projecção, encontrando-se o Outro sob o controlo ilusório do bebé. Quando refere o uso de um objecto, tem em conta a relação de objecto e acrescenta novas características ao objecto, as quais dizem respeito à sua natureza e ao seu comportamento. Aqui existe a percepção e a interacção com o Outro, enquanto independente e real, fora do controlo onipotente do bebé. Entre o relacionamento e o uso, o sujeito coloca o objecto fora da sua área de controlo onipotente, o que permite perceber o objecto como externo e não de uma forma projectiva. Mas esta passagem do relacionamento para o uso do objecto, significa a utilização e a destruição do objecto, porque este se tornou real, e o objecto torna-se real porque foi destruído. Mas a sobrevivência do objecto é fundamental.

As contribuições de Winnicott para o modelo psicanalítico, assentam numa unidade mãe-bebé, na qual os processos não ocorrem apenas dentro da criança, mas num campo relacional entre a criança e os que lhe prestam cuidados. Deste modo realça a natureza emocional, assim como a interacção entre a mãe e a criança, dando prioridade aos processos relacionais na emergência do Eu. Na sua teoria, as relações de objecto mais primitivas consistem nas interacções entre as necessidades desenvolvimentais da criança e os cuidados maternos oferecidos pela mãe, o que é completamente diferente da gratificação pulsional. Ainda que não conteste directamente o conceito de pulsão, atribui-lhe um estatuto secundário.

Perto da escola kleiniana está Bion, cujos conceitos chave foram directamente assimilados de Klein, como é o caso da identificação projectiva, da posição esquizoparanóide e da posição depressiva, mas que ele utilizou ao serviço de uma nova metapsicologia. Tal como a escola Kleiniana, Bion está preocupado com a realidade psíquica, com os objectos internos, com a mudança psíquica. No entanto, as mudanças que apresenta no seu trabalho são notórias, na medida em que está mais centrado no processo de desenvolvimento mental.

A teoria do pensamento, descrita por Bion (1961), propõe por um lado o desenvolvimento dos pensamentos e, por outro, o desenvolvimento de um aparelho que os possa pensar. Os pensamentos podem ser classificados como pré-concepções, concepções ou conceitos; a pré-concepção é descrita como sendo análoga ao conceito de “pensamentos vazios” de Kant, ou seja, o bebé tem uma disposição inata, que corresponde a uma expectativa de um seio que pode ser utilizado como modelo. Quando o bebé é posto em contacto com o próprio seio, existe uma associação entre a pré-concepção e a realização, possibilitando, deste modo, o desenvolvimento de uma concepção. As concepções encontram um denominador comum nos conceitos, podendo estes adquirir uma dimensão de generalização e de abstracção, propiciando a formação de um vocabulário e de uma linguagem verbal.

O desenvolvimento de um aparelho para pensar os pensamentos, está dependente da capacidade do bebé para tolerar ou não a frustração. Quando o bebé apresenta a capacidade para tolerar a frustração, ou seja, o seio ausente, desenvolve-se um pensamento. Contrariamente, se existe uma incapacidade para lidar com a frustração, estamos perante um mau objecto resultante da junção de uma pré-concepção com uma realização negativa; face a este mau objecto, o aparelho para pensar, fica perturbado, ocorrendo um desenvolvimento hipertrofiado do aparelho de identificação projectiva.

Quando se estabelece uma boa relação entre a mãe e o bebé, de modo que seja possível a instalação de uma identificação projectiva normal, é possível a instalação da função alfa, ou seja, instala-se na mãe a capacidade de transformar os elementos dos quais o bebé deseja livrar-se em elementos que possam ser tolerados pela sua psique. Uma mãe equilibrada pode aceitar os temores do seu bebé, respondendo-lhe de uma forma adequada, o que permite ao bebé comportar-se como se sentisse que formou um objecto interno (Bion, 1961).

O modelo continente-conteúdo estaria inicialmente subjacente ao modelo gerador de concepções, assim como o crescimento emocional, imanente primeiro na díade e depois no interior do sujeito. Como o desenvolvimento, continente e conteúdo, vai fornecer a base de um aparelho de aprendizagem pela experiência, a expansão de continente e de conteúdo para o infinito (n), vai permitir que se realizem aprendizagens cada vez mais complexas, mantendo sempre as qualidades básicas.

O modelo continente-conteúdo foi desenvolvido por Bion (1962/1991), com base no uso de identificações projectivas, descritas por Klein, cujo objectivo era o de

caracterizar as identificações projectivas que decorrem entre as necessidades e ansiedades do bebé, e que são projectadas na mãe, e a capacidade desta em poder transformá-las e devolvê-las, de uma forma adequada, ao seu bebé, utilizando a sua função alfa. Neste sentido, descreve a ideia de um continente, que se constitui como o lugar onde o objecto é projectado, sendo o conteúdo, o objecto que pode ser projectado no interior do continente. A natureza pouco satisfatória de ambos os termos, leva à sua necessidade de abstracção. É na medida em que continente e conteúdo se podem unir através das emoções, que se torna possível o crescimento. Quando continente e conteúdo estão separados ou sem ligação emocional, aproximam-se de objectos inanimados. A relação continente-conteúdo encontra-se presente na relação precoce mãe-bebé. Primeiro, a relação boca-seio é uma relação continente-conteúdo, para alargar o âmbito do objecto parcial a uma experiência emocional, amplamente satisfatória, a qual, depois de introjectada, vai fazer parte da função alfa.

A teoria de Bion chama-nos a atenção para a necessidade de pensar sobre o Eu e sobre os processos do pensamento. A sua concepção mostra-nos que inicialmente o pensamento é utilizado para que se realizem as satisfações das necessidades básicas, mas, depois de estas estarem satisfeitas, o pensamento dirige-se para a experiência emocional interior. Quando o sujeito apresenta a capacidade para produzir os seus próprios pensamentos, cria-se a possibilidade para se estabelecer uma relação com o(s) Outro(s); assim, surge uma relação do tipo continente-conteúdo, na qual está presente uma transformação do mundo interno e do externo, do Eu e do Outro, numa oscilação entre os movimentos de dispersão e os de integração. Neste sentido, torna-se importante podermos compreender como se conceptualiza o Outro.

“...Mas faz com que o ser,
 esse outro,
 que, dentro de mim
 diminui a minha alegria
 e transforma a minha dor
 ou a dor que ele gera
 no que eu julgo ser poesia...”

Sena, J. (op. cit., pp. 293) Vol I

3. O Outro – O Objecto de Identificação

O Eu constrói-se na relação com o Outro, pelo que consideramos pertinente delimitar este conceito teórico, tendo em conta a sua importância para a constituição do sujeito. Assim, a primeira questão que aparece como fundamental é a do Outro como objecto de identificação.

O termo objecto é utilizado para descrever o Outro como um sujeito separado do Próprio, e que pode ser amado ou odiado; trata-se de uma representação psíquica do Outro para o Próprio Eu. Assim, o Outro está inevitavelmente relacionado com a questão da identificação, o que torna inevitável uma relação entre o Eu e o Outro.

No texto “*Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*”, Freud (1905/1989) escreveu, inicialmente, que “*encontrar um objecto é, na realidade, reencontrá-lo*” (op. cit., pp. 99). Mais tarde, em 1915/1989, quando escreve o texto sobre “*As pulsões e as suas vicissitudes*”, coloca a questão de que o Ego incorpora os objectos oferecidos, uma vez que estes constituem fontes de prazer e, por outro lado, rejeita aquilo que dentro de si se torna causa de desprazer. É nesta data que acrescenta uma nota de rodapé ao texto “*Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*”, a propósito do que anteriormente havia escrito sobre o objecto. Nesta nota, explicita que existem dois métodos para encontrar um objecto: o primeiro é o método anaclítico ou de ligação, baseado na ligação com o protótipo da primeira infância; o segundo é o método narcísico, que procura o ego do próprio sujeito e o vai encontrar noutras pessoas.

Na melancolia, tal como no luto, Freud (1917/1969) descreve a identificação com o objecto abandonado; trata-se de uma perda de natureza mais ideal, em que o objecto pode não ter morrido, mas pode ter sido perdido enquanto objecto de amor. Deste modo, na melancolia encontramos um trabalho interno semelhante ao trabalho de luto. No melancólico, uma parte do ego coloca-se contra a outra, tomando-a como seu objecto. A libido livre não foi deslocada para outro objecto, foi retirada para o ego, onde serviu para estabelecer uma identificação do ego com o objecto abandonado. Deste modo, a sombra do objecto abate-se sobre o ego, e este último poderia, a partir daí, ser julgado por uma instância especial, como se fosse um objecto, o objecto a que se renunciou. Através deste processo, a perda de um objecto foi transformada numa perda do ego, e o conflito entre o ego e a pessoa amada transformado numa divisão entre a actividade crítica do ego e o ego, tal como foi alterado pela identificação. Neste tipo de identificação, inicialmente designada por melancólica, encontramos pela primeira vez, a capacidade do objecto para influenciar a natureza psíquica. Mais tarde este tipo de identificação passa a designar-se por narcísica, uma vez que, “... a sombra do objecto caiu sobre o ego...” (op. cit., pp. 281).

É em “*Psicologia de Grupo e a Análise do Ego*” que Freud (1921/1996) se dedica à questão da identificação como um mecanismo normal, descrevendo três tipos de identificações: “*primeiro a identificação constitui a forma original de laço emocional com um objecto; segundo, de maneira regressiva, ela se torna sucedâneo para uma vinculação de objecto libidinal, por assim dizer, por meio de introjecção do objecto no ego; e, terceiro, pode surgir com qualquer nova percepção de uma qualidade comum compartilhada com qualquer outra pessoa que não é objecto de instinto sexual.*” (op. cit., pp. 117).

No primeiro tipo de identificação, que consiste na forma mais original do laço afectivo a um objecto, ou seja, a outra pessoa, este tipo de identificação desempenha um papel na pré-história do Complexo de Édipo. O menino gostaria de ser como o seu pai, ou seja, ele toma o pai como ideal, comportamento este diferente da posição feminina em relação ao pai. Porém, esta identificação apresenta-se como ambivalente desde do início, podendo ser tanto a expressão de um desejo de ternura, como de afastamento em relação a alguém; “*comporta-se como um derivado da primeira fase de organização da libido, da fase oral, em que o objecto que prezamos e pelo qual*

ansiamos é assimilado pela ingestão, sendo dessa maneira aniquilado como tal” (op. cit., pp. 115).

Quando a identificação é feita com as figuras parentais, os pais são o que gostaríamos de ser, sendo este tipo de laços possível, antes que qualquer escolha sexual de objecto tenha sido feita. A escolha dos pais como objectos, é porque eles são o que se gostaria de ter. Esta distinção, entre o que gostaríamos de ser e o que gostaríamos de ter, depende se a ligação é feita ao sujeito ou ao objecto do ego.

No segundo tipo de identificação, ela torna-se sucedânea de uma vinculação ao objecto libidinal, o que ocorre através da introjecção do objecto no ego; ou seja, o ego assume as características do objecto. É de notar que, nestas identificações, o ego às vezes copia a pessoa que não é amada e, outras, a que é.

O último tipo de identificação deixa completamente fora de consideração qualquer relação de objecto com a pessoa que está a ser cópia; ou seja, para que ocorra uma identificação, já não é necessário ter uma relação objectal pessoal e sexualizada com a pessoa copiada. Esta identificação encontra-se na origem do sentimento social: inicialmente apresenta-se como hostil em relação a qualquer estranho, vindo posteriormente a inverter-se, ou seja, a tornar-se um laço de carácter positivo. Para que este processo tenha lugar, é necessário que exista um laço positivo que una o grupo social, ou seja, que muitos iguais, que podem identificar-se uns com os outros, o consigam fazer através de uma pessoa isolada, superior a todos eles, o líder. A selecção do líder encontra-se facilitada, quando não ocorre uma separação entre o ego e o ideal do ego. O líder deverá possuir as qualidades típicas dos indivíduos interessados, sob uma forma pura, necessitando apenas de transmitir uma impressão de maior força e de mais liberdade da libido, o que levará a que os outros membros do grupo sejam arrastados por identificação.

A questão da identificação, na teoria freudiana, passa a ocupar um lugar de extrema importância, uma vez que passa a ser utilizada para melhor descrever a noção de sexualidade. O rapaz desenvolve, desde do início, um investimento de objecto em relação à mãe, identificando-se com o pai; estas duas relações decorrem em paralelo, até ao momento em que se reforçam os desejos sexuais em relação à mãe, passando o pai a ser percebido como um obstáculo à realização dos seus desejos, emergindo o Complexo de Édipo. A identificação com o pai assume um colorido hostil, e transforma-se num desejo de eliminar o pai e de o substituir junto da mãe. No fim da adolescência, o rapaz tem de poder renunciar à mãe, dirigindo a

sua energia para um novo objecto, uma vez que os investimentos libidinais são abandonados e os seus objectos são incorporados no ego, onde vão formar o núcleo do super-ego, e dar a essa nova estrutura as suas qualidades e características; ou seja, o super-ego torna-se o herdeiro do Complexo de Édipo. Nas raparigas a identificação à mãe decorre em dois momentos distintos: numa fase pré-edipiana, em que se dá uma ligação à mãe, que vai servir como modelo; e, mais tarde, numa fase edipiana propriamente dita, em que existe o desejo de eliminá-la e substituí-la junto do pai.

No contexto da identificação, o objecto apresenta-se com um sentido muito preciso, uma vez que objecto não designa a pessoa exterior do Outro ou o que lhe é dado a perceber conscientemente, mas a representação psíquica inconsciente desse Outro. Neste sentido, o Outro passa a ser dotado de um carácter representativo, ou seja, o Outro, o objecto, passa a ser compreendido como uma representação inconsciente, como uma instância psíquica inconsciente.

Para Kernberg (1979/2001), a identificação é um processo altamente complexo, no qual as introjecções podem ser vistas como formas primitivas ou imaturas de identificação, sendo a identidade a forma de integração mais organizada das identificações numa estrutura dinâmica unificada. Em primeiro lugar, a identificação pressupõe uma relação objectal real, na qual o sujeito se vê como sujeito da interacção com outra pessoa; esta relação pode ser percebida de uma forma mais ou menos distorcida ou fantasiada e ser submetida aos afectos que ligam o sujeito ao objecto. Em segundo lugar, a internalização da relação interpessoal vivida reforça a constituição de uma representação do si mesmo e uma representação objectal ligada por uma disposição afectiva dentro do Ego e, por vezes, dentro do superego. Em terceiro lugar, identificação inclui ainda uma modificação da representação do si-mesmo sob a influência da representação objectal. Por fim, a identificação traz consigo a modificação das funções e das estruturas egóicas, em particular dos padrões que constituem os aspectos do si-mesmo, ligados a um comportamento e submetidos à influência de uma relação objectal internalizada. A identificação diz respeito a uma modificação parcial do conceito total do si-mesmo, sob a influência de uma nova representação; a um certo grau de integração quer do si-mesmo, quer das relações objectais num funcionamento egóico autónomo; e um certo grau de reorganização dos padrões de comportamento do indivíduo, de acordo com os modelos de identificação recém adquiridos.

Ao termos em conta a teoria das pulsões, somos obrigados a considerar o objecto como parcial da pulsão, sendo aqui que se organiza, para Green (1993), o objecto como Outro e não apenas como o fundador do desenvolvimento maturativo da vida pulsional. A existência separada do objecto surge aquando do nascimento do par Eu—objecto e vai repetir-se entre o objecto e o Outro que, não sendo o Eu, obriga a ter em conta mais de um objecto, no mínimo dois. É com a inauguração da série do Outro—Objecto, que se abrem as perspectivas para a introdução de um terceiro. Deste modo, o aparecimento do Outro dá-se no momento em que nasce a consciência de si, que vai transformar o Outro, uma vez que o identifica com um mundo, com outro Eu, com o Outro que se apresenta com o seu Eu. A descoberta do objecto mais não é do que a descoberta do Outro.

Para Green (1993), a situação descrita em *“Psicologia de Grupo e a Análise do Ego”* mostra que Freud não pode articular dois tipos de investimentos, sendo nesse sentido que esta obra representa um progresso sobre os *“Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”*, o que se revela como uma verdadeira mudança de paradigma. Para a identificação, Freud propõe a questão da estrutura psíquica, do ponto de vista do objecto e não do ponto de vista da gratificação pulsional, que, para a Psicanálise, representa a problemática clássica sujeito-objecto. Para Green, a identificação compreende-se como contraponto ao desejo, defendendo-a como modo complementar de investimento pulsional, que acaba por concluir o projecto de permanecer ligado ao objecto. No decorrer da evolução, o Édipo resolve-se por uma dupla identificação, que apresenta a dupla expressão, positiva e negativa, do desejo pelas imagos parentais; e é na relação entre estas duas fases do Édipo que encontramos o trabalho do negativo.

Para Green (1997/2000), *“o objecto é o que falta à pulsão para realizar o seu fim”* (op. cit., pp. 80), o que surge como uma mudança de rumo, na direcção do sentido da linguagem e do que é necessário para aceder à significação. Neste sentido, a sexualidade está sempre ligada a uma certa forma de alteridade, na medida em que implica a ideia de um objecto que falta ao corpo do sujeito. A pulsão está confinada apenas a representar a falta. O Outro só pode ser constituído, na medida em que anteriormente existe um Eu; ou seja, só pode existir uma relação com um objecto externo, se já existe um objecto interno. A construção do próprio toca forçosamente no Outro, uma vez que só o registo objectal é que permite uma delimitação do espaço Eu—Outro.

Para Dias (1999), quando Freud abandona as questões das pulsões de autoconservação e das pulsões sexuais, para colocar o problema na dualidade radical da vida e da morte, Eros e Thanatos, faz-nos cair não só na lógica do desamparo, como nos desampara em relação às questões do homem. Deste modo, quando se introduz a teoria do desamparo, o que emerge é o lugar do nada, lugar da pulsão de morte, onde se fundamenta radicalmente a constância originária. Assim, a questão coloca-se entre o Ser e o Não Ser, sendo que a espessura entre o Ser e o Não Ser é da mesma densidade que entre a coisa e a não-coisa. É na passagem da coisa à não-coisa que o sujeito não insiste, ou seja, a coisa não insiste para ser a não-coisa. A coisa não insiste para caminhar para o pensamento, apenas persiste enquanto tal. Se não insiste, persiste.

O pensamento, para Bion (1961), resulta da união de uma pré-concepção com uma frustração, pois *“se a frustração pode ser tolerada, a associação de concepções e realizações, sejam negativas ou positivas, dá início a procedimentos necessários para aprender com a experiência.”* (op. cit., pp. 188). Assim, no caso de existir uma capacidade para tolerar a frustração, existe a possibilidade de se desenvolverem pensamentos no interior do sujeito, pelo que surge a necessidade de construir um aparelho que possa pensá-los.

O conhecimento resulta de uma junção de concepções; deste modo, o conhecimento é o espaço onde o objecto encontrado cria a condição para o não-objecto, sobre a qual se fundam radicalmente conceitos e símbolos (Dias, 1999). Não se trata de uma relação com o objecto perdido, mas de uma dimensão radical de perda, isto é, de perda de realização positiva, que possibilita, na ausência, na não-presença, a significação.

É em relação à não-coisa, ao lugar deixado vazio pelo objecto, que se organizam o mundo dos pensamentos e o mundo dos conceitos. Para Bion (1965/1984), a coisa não existe apenas na mente; nem a coisa existe, excepto se há, ao mesmo tempo, a não-coisa equivalente. As regras que se aplicam à coisa, não se aplicam à não-coisa. Se existe a “não-coisa”, a “coisa” tem de existir. É a capacidade de tolerar a não-coisa que permite um acesso ao pensamento, pelo que encontramos uma relação entre a coisa/não-coisa e o modelo continente-conteúdo.

O modelo continente-conteúdo representa a transformação das impressões sensoriais em concepções; mas para que esta transformação se processe, é necessário que o bebé apresente uma pré-concepção inata do seio, que se encontra à espera de

uma realização, que pode ser positiva ou negativa. Quando uma pré-concepção encontra uma realização positiva, forma-se uma concepção com uma qualidade sensorio-perceptiva; se a pré-concepção sofre uma realização negativa, forma-se um pensamento, como uma solução do problema que se deseja resolver, sendo, deste modo, que emerge a noção da ausência do objecto (Bion, 1965/1984).

Mas voltando à teoria da dualidade pulsional, Eros e Thanatos permitem, para Dias (1999), a introdução de uma outra dimensão, *“a da relação radical com um objecto cuja percepção primária é da ordem do perigo, formulado pela óptica do desamparo”* (op. cit., pp. 20). Mas à frente acrescenta: *“O desamparo passa a ser condição. A condição da relação ao objecto é o lugar do Não objecto. (...). o lugar não é o lugar positivo do objecto, porque esse lugar positivo do objecto é da ordem do insuportável, porque o objecto não está presente.”* (op. cit., pp. 24). É na medida em que a condição do sujeito é o desamparo, que se estrutura a relação a Eros, para tornar suportável o insuportável. Quer a primeira como a segunda, são tópicos que caem na égide do negativo, uma vez que todas as coisas que constituem o sujeito, são vistas por Freud como lugares ilusórios onde tentamos criar uma ilusão, face ao insuportável.

É neste sentido que Dias (1999) defende que a Psicanálise passa a ser a ciência do negativo, a disciplina do insuportável, passa a ser o lugar onde disciplinamos a relação com o insuportável. A condição heideggeriana de que o homem é um ser para a morte, está no primeiro plano do discurso Freudiano, na medida em que a morte é que é transcendental e aquilo que resta ao sujeito é elaborá-la através da vida.

Na primeira tópica, Freud descreve o sintoma como sendo um derivado directo de recalçamento, de uma emoção sexual mal resolvida. Na segunda tópica, o problema não é o sintoma mas sim a angústia, visto que o sintoma surge num segundo tempo. No entanto, em ambos, está presente a aproximação ao problema da angústia, ficando claro que o consciente e o inconsciente se organizam como negativos. É esta concepção do negativo que vai funcionar como um organizador da realidade interna do sujeito, cujo centro da questão é a insatisfação, que mais não é do que o lugar do negativo do sujeito.

Melanie Klein faz desaparecer o problema da separação, ao afirmar que desde o princípio que temos relações de objecto na realidade e na fantasia; portanto, o lugar da separação é feito pelo lugar da não separação. A relação com o objecto é feita através da projecção e da introjecção (Dias, 1999). Em *“Notas sobre alguns*

mecanismos esquizóides”, Klein (1946/1991) propõe, pela primeira vez, o conceito de identificação projectiva que inicialmente se encontra ligado à fase esquizoparanóide, na qual nega a separação entre o sujeito e o objecto portador das suas partes clivadas, conservando deste modo a ilusão de as controlar. A criança, na sua fantasia inconsciente de onipotência, projecta fantasmaticamente as suas pulsões agressivas, ou seja, a parte destrutiva é clivada do seu Ego, para o interior do corpo da sua mãe, que se torna uma extensão de si próprio e, como tal, perseguidora. O conceito de identificação projectiva é inseparável de uma identificação introjectiva, ou seja, o sujeito absorve em si as partes clivadas, boas ou más, tal como as projecta no outro.

Bégoïn-Guignard (1989) defende a existência de um espaço do Édipo precoce como herdeiro da relação de objecto total estruturado pela posição depressiva, que é aquela que dá lugar às primeiras identificações aos objectos, as quais podem ser totais e sexuais. Estas identificações podem ser projectivas, quando veiculam a relação de objecto, ou introjectivas, quando constituem a base para a formação do carácter. Ao nível de um outro espaço, que a autora designa de Édipo “clássico”, as identificações introjectivas são aquelas que permitem uma estrutura edipiana, enquanto que as identificações projectivas estão relacionadas com as relações de objecto. Estes espaços psíquicos são descritos a partir da relação entre os mecanismos de projecção e os de introjecção, os quais existem desde o nascimento.

O desamparo é o que nos leva a ter consciência da dependência; somos seres dependentes, e é a dependência que nos põe à mercê do objecto. É o desamparo que nos faz ter consciência da necessidade do Outro, com quem nos relacionamos numa tentativa de resolução da nossa dependência, do nosso desamparo.

Para Dias (1999), existem dois conceitos que introduzem o negativo na obra de Freud: a estrutura da fala do sujeito como o negativo onde o inconsciente emerge, na primeira tópica; e o conceito de pulsão de morte, e o de desamparo (*Hilflosigkeit*), introduzidos na segunda tópica. Estes conceitos introduzem o negativo, como essencial para o sujeito humano, sendo que a sua falta é a sua condição de desamparo. A estruturação da relação do sujeito ao objecto opera-se num duplo registo: primeiro, a emergência simbólica só se torna possível na medida em que se mata a relação do objecto ao objecto; segundo, funda-se a liberdade do sujeito. Nas duas tópicas podemos dizer que o negativo emerge progressivamente, mas é Bion

que mais tarde vem a elucidar que o negativo tem uma correlação directa com a capacidade estruturante do sujeito.

Green (1997/2000) reconhece a sabedoria da solução pulsional de Freud, na qual as excitações somáticas solicitam uma elaboração, para incitar o psiquismo a encontrar uma resposta às suas exigências, o que equivaleria a regressar ao instinto. Desta forma, pressupõe um modo de organização diferente daquele que intervém nos problemas somáticos, dispondo de um sistema de chamada capaz de identificar algo mais do que o resultado da resposta adaptativa, estando por isso aberto a um imaginário fundamental. Assim, a situação inicial do lactente que espera a ajuda do objecto materno, é a de *Hilflosigkeit*, sendo que esta decorre antes de poder identificar-se a natureza do prazer, o seu agente causador e o seu eventual substituto. Na espera de ajuda do objecto materno, a força do desamparo traz respostas obrigatórias e deixa pouco espaço para deslocamentos simbolizantes. Deste modo, o modelo pulsional pode ser considerado uma representação teórica, ou seja, uma abstracção figurada.

Surge, assim, uma questão fundamental que Dias (2000) enuncia por: “*somos seres dependentes e esta dependência põe-nos à mercê do objecto*” (op. cit., pp. 269); ela esmaga-nos, liquida-nos, aniquila-nos; “*já não se trata apenas do objecto que castra, mas do objecto que pode destruir*” (op. cit., pp. 269). É neste sentido que cada um está obrigado, por sua própria conta e risco, a elaborar o drama da dependência e da perseguição gerada pela dependência. O amor, que antes estava em primeiro plano, passa agora para segundo plano, surgindo como resposta ao desamparo, ou seja, como resposta à perseguição que vem da separação. Para além da questão do desamparo, a ameaça persecutória passa a ser um problema central e o amor um problema secundário, face à questão essencial do sujeito poder ser destruído pelo outro.

Nas situações que podem ser vividas pelo sujeito como perigosas, surge a ansiedade como sinal de alerta. Para Freud (1926/1996), um estado de ansiedade surge, quando se reúnem as condições necessárias para que se produza um aumento de excitação e uma descarga específica. No homem, o nascimento proporciona uma experiência desse tipo, o que leva a considerar os estados de ansiedade como uma reprodução do trauma do nascimento. Mas esta questão é desde logo questionada pelo próprio Freud que, desde logo, levanta a hipótese de haver ansiedade sem o

protótipo de nascimento, uma vez que a ansiedade surge como uma reacção a um estado de perigo, e é reproduzida sempre que um estado semelhante se repete.

Na criança, “...a ansiedade é um produto do desamparo mental ... o qual é um *simile natural de seu desamparo biológico*” (Freud, 1926/1996; op. cit., pp. 137). Existe uma continuidade entre a vida intra-uterina e a primeira infância que, de acordo com o trauma do nascimento, descrito por Otto Rank, não seria possível. Assim, o que acontece é que a situação biológica da criança dá lugar a uma relação de objecto psíquica. É neste sentido que Dias (2000) descreve o aparecimento do objecto como uma resposta ao desamparo.” *Este desamparo liga-se ao investimento do corpo como um corpo desamparado, que, por sua vez, o objecto vai esconder, criando a ilusão de que esse desamparo não existe.*” (op. cit., pp. 284). Neste sentido, a mãe está presente apenas para a satisfação de uma necessidade, ou seja, para que não haja desamparo do sujeito, para que ele não fique exposto a situações de perigo. Assim, é a angústia que constitui o perigo, revelando-se como um sinal de desamparo psíquico.

O bebé humano, quando nasce, está ainda muito dependente dos adultos e assim permanece durante os primeiros anos de vida, até que as suas competências básicas se desenvolvam. Freud (1926/1996) descreve-nos diferentes tipos de perigos, de acordo com as diferentes etapas do desenvolvimento. Quando o ego ainda é muito imaturo, existe o perigo do desamparo psíquico; até à primeira infância, o perigo é da perda de objecto; o perigo da castração surge durante a fase fálica, e o medo do super ego até ao período da latência.

Se é verdade que durante os primeiros meses de vida as necessidades de satisfação do bebé se encontram muito dependentes do Outro, isto é tanto ou mais verdade nos adultos, já que somos, por excelência, seres relacionais, logo, dependemos do Outro. Todos nos relacionamos quer com objectos de desejo, quer com objectos de necessidade, sendo estes os reveladores, para o sujeito, do seu desamparo.

Para Dias (1999), o desamparo introduz o problema do nada, sendo esse nada o que separa o sujeito do outro; é aí que ele destaca a importância de Bion, ao colocar o ódio (H) e o amor (L) como a ordem que se instala em cima do nada. Assim, “o *vínculo é o lugar onde o insuportável se torna objecto.*” (op. cit., pp. 32).

Na teoria de Bion, vínculo descreve a experiência emocional entre duas pessoas ou entre duas partes da personalidade que estão relacionadas uma com a outra.

Assim, propõe três grandes grupos de emoções, como intrínsecas ao vínculo entre os objectos, e que são: o amor (L), o ódio (H) e o conhecimento (K). É justamente o vínculo do conhecimento (K) que é utilizado para descrever a relação entre um sujeito que procura conhecer um objecto e um objecto que procura ser conhecido; é por isso que representa o indivíduo que procura uma introspecção, que procura conhecer a verdade acerca de si próprio.

Bégoin-Guignard (1989) refere-se às pulsões descritas por Bion no seu negativo (- L), (-H) e (- K), considerando-as como zonas do espaço psíquico em que tem origem o pensamento simbólico, através da experiência emocional. Trata-se de zonas em que os pensamentos necessitam de um pensador, podendo ser dissonantes, por uma acção negativa comparável à que é descrita, na física astronómica, pelo termo entropia. Essa entropia torna-se um termo mais preciso para o que Freud designava por “instinto de morte”, e vai entrar na vida mental sob a forma de caos e não como um hipotético Nirvana causado pelas pulsões amor (L), ódio (H) e conhecimento (K) na vida psíquica.

Para Dias & Fleming (1998), o vínculo K (conhecimento) é aquele que existe entre o sujeito que procura o conhecimento sobre o ou de um objecto, dando-se o objecto a conhecer; trata-se de uma expectativa de querer saber acerca de algo. Mas, *“conhecer é também ser contido (♂) para ser conhecido, para reconhecer, e conter (♀), é também uma forma de se dar a conhecer pela natureza da contenção”* (op, cit., pp. 38).

Na relação que se estabelece entre continente e conteúdo, Bion (1970/1993) descreve três tipos de vínculos: comensal, simbiótico e parasitário. Por comensal, entende a relação entre dois objectos e um terceiro, com proveito para os três. Por simbiótico, entende uma relação em que um depende do outro, com proveito mútuo. E, por parasitário, surge a relação em que um depende do outro, para dar origem a um terceiro, destrutivo para ambos.

Ao colocarmos o conhecimento (K) como expectativa acerca de algo, de saber algo, ele é um vínculo de continente (♀) a conteúdo (♂). Deste modo, o modelo continente-conteúdo dá-nos conta de uma representação dinâmica, de um objecto que se projecta, um conteúdo (♂), e de um objecto que contém essa projecção, um continente (♀). Assim, pode ser colocado como crescimento – realização da expectativa, assumindo a notação + (♀ ♂); ou como decrescimento – intolerância à expectativa, assumindo a notação – (♀ ♂). Para Dias & Fleming (1998), a realização

da expectativa + (♀ ♂) potencia a relação simbiótica, ou seja, o crescimento mútuo de continente, de conteúdo e do conhecimento resultante, ou seja, surgem os dois unidos para formarem um terceiro, para benefício dos três.

O desejável é que o sujeito seja capaz de lidar com os seus próprios sentimentos de incompletude, de falta, operando-se uma transformação de vínculos amor (L) e ódio (H) em conhecimento (K); que são do Próprio, mas também daquele que é o desejo relativamente ao Outro, isto porque o ser humano funciona em relação, numa lógica de complementaridade, que Bion tão bem simbolizou por continente-conteúdo (♀ ♂). É o nosso desamparo que nos leva a criar o Outro, o diferente, como objecto de relação. É esperável que, na relação com o Outro, se possam estabelecer vínculos de desejo, nos quais se funda a relação, numa lógica de complementaridade, numa procura de colmatar o que falta ao próprio na relação como o Outro.

É a elaboração, ilusória, das nossas dependências, que permite a constituição do não objecto. No sentido de se poderem colmatar as faltas sentidas pelo próprio, é, na relação que se estabelece com o Outro, que o sujeito procura ligar-se, pelo que os vínculos de amor (L) e de ódio (H) surgem como pontes de ligação, que possibilitam a relação com o Outro. Dias (1999) defende que os vínculos (L, H e K) estão no negativo, sendo (+) a eterna capacidade do Homem de se interrogar, isto é, a expressão do crescimento da mente. É a partir do negativo que eu posso pensar a diferença, a diferença entre mim e o Outro; mas a diferença só é possível ser pensada a partir da separação. Assim, o Outro é aquele que podemos simbolizar; porém, se o simbolizamos, é porque procuramos representar algo que está ausente. Assim, o símbolo mais não é do que a relação com o ausente. A relação Eu-Outro pode ser representada em termos simbólicos.

A falta remete-nos para a possibilidade que temos de simbolizar, e o símbolo mais não é do que a relação com o ausente, que se formula pelo próprio, o que, parecendo uma formação substituta, não o é, uma vez que não substitui nada: apenas simboliza algo, e simboliza porque se dá a ausência. É na relação radical que se estabelece com o ausente que se opera toda a comunicação (Dias, 1999). Neste sentido, a relação Eu-Outro só tem lugar no simbólico. O Outro só existe no domínio da representação, na medida em que, no seu lugar, emerge uma representação.

O símbolo surge como uma forma de poder representar-se a perda, como a forma de poder superá-la. O processo de formação dos símbolos é um processo contínuo, de união e de integração, do interno e do externo, do sujeito e do objecto. O símbolo,

propriamente dito, disponível para sublimação e propiciador de desenvolvimento do ego, é sentido como representando o objecto. As suas características próprias são reconhecidas, respeitadas e utilizadas. Ele surge quando os sentimentos depressivos predominam sobre os esquizoparanoides, quando a separação do objecto, a ambivalência e a culpa podem ser vivenciadas e toleradas. Assim, o símbolo não é usado para negar a perda, mas antes para superá-la (Segal, 1955).

Freud descreve-nos uma situação tipicamente simbólica, através da brincadeira realizada pelo seu neto, *"fort-da"*, na qual existe uma percepção visual do objecto que vai e vem, a mãe, a partir do qual o sujeito se constitui, colocando o objecto a ir e a vir no lugar da mãe, passando, deste modo, a dominar o simbólico. Assim, o problema do desamparo fica resolvido. Antes estava desamparado, mas agora tem a bobine que representa a comunicação simbólica com o objecto, ou seja, no lugar do objecto passa a existir uma comunicação simbólica, a qual, passa a estar no lugar do objecto radicalmente perdido. A relação não é do lugar da presença do objecto, é o lugar da ausência do objecto.

Para Dias (2000), é a repetição que constitui o sujeito, *"porque, no momento que que o sujeito deixa de se preocupar com a presença e ausência da mãe, para começar a constituir-se, o objecto da pulsão de morte – como afirmação do nosso desamparo perante esse objecto que faz o que quer –, é substituído por um pensamento sobre o objecto."* (op. cit., pp. 230).

Na brincadeira da criança entre a presença e a ausência, a palavra já é a presença feita de ausência, sendo nestes jogos que, para Lacan (1966/1998), o desejo se humaniza e a criança nasce para a linguagem. Assim, o sujeito não domina apenas a sua privação, assume-a, uma vez que a sua acção destrói o objecto que faz aparecer e desaparecer, na provocação antecipatória da sua ausência e da sua presença. O símbolo que se manifesta inicialmente como a morte do objecto, constitui, no sujeito, a eternização do seu desejo.

Para Lacan, o jogo da bobine é o exemplo do princípio da simbolização originária, enquanto função metaforizante, ou seja, de substituição. A linguagem surge como a possibilidade que o bebé tem de introduzir um significante, num processo em que se opera a substituição: a ausência da mãe, inicialmente é substituída pela bobine, para depois vir a ser substituída por fonemas, que designam para o bebé a ausência, *Ford*, e em seguida a presença, *Da*. Deste modo, a vivência do bebé, de separação da mãe, antes vivida de uma forma passiva, passa a ser, pela

linguagem, vivida de uma forma activa. O que antes era vivido de uma forma passiva, imediata, passa a ser vivido activamente, com a mediação da linguagem, o que só é possível através do processo de simbolização (Jorge, 2000).

O Outro, para Lacan, é o lugar do significante, é o registo do simbólico, que é designado por Outro, uma vez que o campo dos significantes é faltoso, é incompleto, existindo sempre a possibilidade de introduzir, por meio de um acto criativo, um novo significante. O lugar do significante é nomeado de Outro, porque jamais é o mesmo; ele é sempre diverso de si mesmo, nunca apresenta uma identidade definitiva, ele é pura alteridade. Assim, atestar que “não há Outro do Outro”, ou seja, que não há metalinguagem, implica formular a radical incompletude do Outro, que não poderia assumir uma alteridade para além de sua própria; ele já é alteridade, ele já é Outro. O que verificamos é que jamais se sai do regime da linguagem, encontramos-nos sempre no campo da linguagem (Jorge, 2000).

Enquanto que para Bion o lugar da falta é o lugar na ausência, para Lacan a falta é um organizador, a partir do qual a ordem simbólica se desenvolve; desta forma, Lacan resolve o problema pela enunciação da ordem simbólica. Dias (1999) enuncia esta questão da seguinte forma: a falta, na ausência, relança a litigância dolorosa, que mais não é do que a incapacidade para pensar o objecto ausente.

O sujeito sobre o qual procuramos pensar é aquele que reúne, que liga e que transforma, ou seja, é aquele que caminha para ser “O”, que tende para um universo em expansão, tal como Bion o definiu; neste sentido, Dias (1999) defende que “*A psicanálise deixa de ser um problema de encontro, passa a ser um problema do caminho. Deixa de ser o problema do encontro do objecto, e sim o da estruturação do negativo*” (op. cit., pp. 35). A consequência no cogito é a seguinte: onde Descartes afirmava cogito, ergo sum, Dias afirma: cogito, ergo es, penso, logo existes. A constituição do sujeito é penosamente o lugar da consciência da separação do outro. Penso, logo existes. Pensar é esta relação com a existência do outro.

Este Outro que aqui procurámos compreender, prende-se em particular com o Outro, enquanto objecto de identificação; mas o Outro também pode ser dotado de novos sentidos e de novos significados, no sentido de ser o diferente do sujeito, donde, um Outro complementar.

*“...A minha poesia
é um fragmento em marcha estática
para o poente luminoso
à força de mistério
das coisas e não-coisas...”*

Sena, J. (op. cit., pp. 235) Vol I

4. O Eu-Outro: da Alteridade à Complementaridade

O Eu e o Outro são conceitos e concepções que têm sido objecto de estudo ao longo dos tempos, inscritos em diferentes modelos. Depois de termos constituído o Eu-Outro como objecto de estudo, deparamo-nos agora com a necessidade de lhe constituírmos um lugar no seio das concepções que aqui privilegiamos; mas antes de procurarmos o seu lugar na Psicanálise, procuramos uma inscrição no paradigma epistemológico, uma vez que este Outro, que aqui procuramos, é o Outro dotado de diferentes sentidos e significados.

O conceito do Eu e do Outro, ao poderem ser pensados de acordo com outros modelos e com outras concepções, que não a Psicanálise, permite-nos enriquecer a nossa concepção inicial. Dentro das correntes da Filosofia, deparamo-nos com a questão: qual o lugar destinado ao Outro, sendo que este é um Outro estranho, mas também um Outro do Eu, que constitui a própria subjectividade. É neste sentido que o seu estudo implica uma hermenêutica que admite uma consciência pré-reflexiva, que por sua vez se encontra relacionada com um projecto reflexivo do Si-mesmo como um Outro (Ricoeur, 1913/1990). A compreensão do Outro é feita por múltiplos desdobramentos, ou seja, ocorre uma compreensão do Outro que habita o Si-mesmo, no seu interior e no seu exterior.

A questão central que tem sido objecto de estudo, desde há alguns anos a esta parte, diz respeito à relação que o sujeito apresenta com o meio em que se encontra. O meio, na qualidade de mundo externo, surge como o Outro diferente do Si-mesmo. Este, ao ser considerado como Outro, tem inerente a questão da alteridade, que

apresenta um carácter polissémico, na medida em que implica que o Outro não se reduza à alteridade de um Outro. A alteridade do Outro encontra-se directamente relacionada com as modalidades de passividade da hermenêutica fenomenológica do Si; esta, por sua vez, suscita uma nova dialética do Mesmo e do Outro, na qual o Outro não é somente a contrapartida do Mesmo, mas pertence à constituição íntima do seu sentido.

Neste sentido, podemos dotar o Eu-Outro de múltiplas dimensões: o Outro que é o mesmo; o Eu que também representa o Outro; o Outro que também representa o Eu, e o Eu que é o mesmo, existindo uma relação de ligação e de reciprocidade entre o Eu e o Outro.

Tal como já foi referido anteriormente, para Ricoeur (1913/1990), a alteridade, em termos fenomenológicos, diz respeito à variedade das experiências de passividade, que se encontram relacionadas de diferentes formas com a acção humana. O termo “alteridade” fica então reservado ao discurso especulativo, enquanto a passividade se torna a própria atestação da alteridade. A alteridade é então definida pelo que Ricoeur designou por “tripé da passividade”, que seria constituído por três tipos de passividade: em primeiro lugar, uma passividade resumida na experiência do próprio corpo, como mediadora entre o si e o mundo; em seguida, a passividade implicada pela relação de si com o estranho, no sentido preciso do diverso de si, portanto, a alteridade inerente à relação de intersubjectividade; e, por fim, a passividade mais dissimulada, a da relação de si com o si-mesmo, que é a consciência, que surge assim como relação à alteridade do próprio corpo do Outro.

A alteridade entre o si e o diverso de si, o estranho, reporta-nos para a noção de um Outro externo ao sujeito, mas que pode provocar efeitos no próprio. Já a alteridade entre o si e o si-mesmo, permite a constituição separada do Eu e do Outro; assim, este Outro surge como um diferente que pode ser investido de qualidades, deixa de ser concreto para passar a ser um Outro, dotado de novos sentidos e significados. É nesta passagem que emerge o lugar do objecto, que se constitui como externo, para, posteriormente, poder ter uma existência interna.

Para Green (1993), a alteridade está presente aquando da organização do Eu, constituindo o reverso do psiquismo que é formado através da relação que tem lugar com o Outro, separado dele, constituindo-se com a mesma heterogeneidade constitutiva, sendo esse Outro colocado no lugar em que é suposto dar-se uma

resposta ao desejo, o que significa que é necessário aceder ao Eu interno, como contraponto ao não Eu.

A Psicanálise coloca em lugar central o inconsciente, que pode ser caracterizado como o conceito elementar da metapsicologia. Trata-se de um conceito para o qual tudo o resto remete, na medida em que, com a Psicanálise, o inconsciente deixa de ser um princípio para se tornar um sistema psíquico, que só pode ser definido depois de estabelecida a pulsão e os seus destinos, e constituído o aparelho psíquico.

O reconhecimento do inconsciente, como objecto metapsicológico, permite-nos considerar o sistema inconsciente como sendo dotado de características específicas. É o reconhecimento do inconsciente como sistema, com a notação “Inc”, que retira ao inconsciente o seu estatuto fenomenológico ou descritivo, para lhe conferir o estatuto de objecto para uma psicologia científica.

A metapsicologia procura explicar o desenrolar dos processos inconscientes, pelo que rompe com uma concepção apenas descritiva da existência de um inconsciente base, colocando em questão o facto de o inconsciente ser mais do que um conjunto de pensamentos latentes, que não estão presentes na consciência, ou seja, que não são manifestos.

A partir do momento em que o aparelho psíquico passa a estar descrito em termos de locais, surge a necessidade de descrever as energias e as forças que se encontram activas na estrutura do mesmo. Neste sentido, a pulsão é um elemento determinante, do ponto de vista metapsicológico, pela sua função e pelo seu conteúdo, constituindo o pilar central da metapsicologia.

Na teoria de Freud, desde cedo que o prazer foi definido em termos quantitativos, o que correspondia a uma diminuição, para o mínimo possível, da quantidade de estimulação que pressiona o aparelho psíquico. É na medida em que o homem é movido exclusivamente pelo prazer, que a direcção do seu comportamento será no sentido de poder descarregar qualquer aumento, de que se aperceba, da pressão interna. A questão da quantidade deu, posteriormente, lugar à da qualidade, sendo que, no novo modelo, não é o mesmo tipo de dado filogenético, como o era a quantidade no antigo modelo. Da primeira para a segunda tónica, assistimos a uma mudança da filogenia para a ontogenia. E, de acordo com Greenberg & Mitchell (1993/2003), a revisão do princípio do prazer atribui uma maior importância à forma como o prazer foi experienciado no decurso do desenvolvimento de cada indivíduo. O

contexto interpessoal ganha agora uma especificidade que anteriormente pertencia à pulsão.

É a necessidade de fundar a conflitualidade inconsciente que leva Freud a descrever a dualidade pulsional, dividindo as pulsões em dois tipos: sexuais, ou de autoconservação, designadas de Eros, e as de morte, designadas por Thanatos. Enquanto que Eros procura uma complexificação e uma preservação da vida, Thanatos tem por missão levar a vida orgânica de volta ao estado inanimado. Deste modo, ambas as pulsões podem ser consideradas conservadoras, na medida em que ambas procuram restabelecer um estado de coisas que fora perturbado com a emergência da vida. A vida pulsional é constituída por uma ligação entre as pulsões de vida e as pulsões de morte, pelo que Freud (1923/1989) descreve que a emergência da vida seria assim a causa da continuação da vida e também, ao mesmo tempo, a causa da luta pela morte; e a própria vida seria um conflito e uma solução de compromisso entre essas duas tendências.

Mais tarde, procura saber como é que as duas classes de pulsões estão ligadas entre si; e a perspectiva que avança, é a de que a energia deslocável, que se encontra disponível no Ego, é proveniente da reserva narcísica que mais não é do que Eros dessexualizado; essa libido deslocável é empregue ao serviço do princípio do prazer, para evitar bloqueios e descargas. Uma vez que esta energia deslocável é libido dessexualizada, pode também ser designada por energia sublimada, uma vez que continua a ter a função principal de Eros – a de unir e de ligar – na medida em que ajuda a estabelecer uma unidade, ou a tendência para a unidade que, por sua vez, é uma característica do Ego. Deste modo, assistimos a uma importante função do Ego, na sua relação com Eros. Ao apropriar-se da libido dos investimentos do objecto, estabelecendo-o como objecto único de amor e dessexualizado, ou sublimado à libido do Id, o Ego está a trabalhar em oposição aos propósitos de Eros e a colocar-se ao serviço das moções pulsionais opostas. Pelo que tem de se sujeitar a alguns dos outros investimentos objectais do Id.

Este movimento poderia implicar uma importante ampliação da teoria do narcisismo. No início, toda a energia estaria acumulada no Id, enquanto o Ego está em processo de formação ou ainda é fraco. O Id expelle parte dessa libido para investimentos objectais eróticos, e o Ego, agora já mais forte, tenta apoderar-se dessa libido objectal e impor-se ao Id como objecto de amor. O narcisismo do Ego é, pois, secundário, uma vez que foi retirado aos objectos. Ao procurar construir a trajectória

das pulsões, descobrimos que elas se revelam derivadas de Eros, o que leva Freud (1923/1989) a concluir que as pulsões de morte são, por natureza, silenciosas e que o clamor de vida procede, na sua maior parte, de Eros. É por intermédio da acção de Eros que as pulsões destrutivas, que estão orientadas para o mundo exterior, se separam do próprio sujeito.

Eros é a entidade teórica que engloba todas as pulsões anteriormente descritas, que não pertencem às pulsões de destruição, e que tem por objectivo a ligação, a unificação, a conservação. Mas Freud, no dizer de Green (1997/2000), acrescenta que a pulsão de vida é sinónima de pulsão de amor, o que significa que, no final do seu percurso, ao colocar o lugar do amor ao nível dos fundamentos do psiquismo, abre caminho a uma teoria da ligação. Neste sentido, defende que o objecto, na teoria moderna, surge desprovido do seu enraizamento pulsional, ou fazendo-o desempenhar o estranho papel de aparecer no lugar da pulsão, o que significa uma separação do sujeito do seu soma. Daqui resulta um conceito vago, privado de energia, um misto entre a subjectividade e a introjecção do seu objecto; isso implica que, nas teorizações do Eu, na relação de objecto ou nas que são construídas em torno do significante, se torna difícil distinguir o alvo que anima o desejo da ancoragem subjectiva deste, o que torna a sua relação com o prazer extremamente problemática.

Com estas concepções teóricas, a tendência que caracterizou a evolução do modelo estrutura/pulsão, desde os modelos iniciais de defesa e de desejo, ou seja, a tendência para aumentar a especificidade relativamente às fontes de energia que activam o aparelho psíquico, sofreu uma reversão. Onde antes tínhamos a libido, com a autoconservação num papel secundário, temos agora a libido, a agressividade, graus de fusão e de desfusão das duas, libido que é sublimada em vários graus, aspectos de autoconservação de ambas as pulsões e alvos impostos à libido pela capacidade do Ego para afectar a transformação da escolha do objecto para o narcisismo. É neste sentido que Greenberg & Mitchell (1993/2003) defendem que a atenção é dirigida, já não para a especificidade, mas para as relações iniciais, nas quais as múltiplas exigências da pulsão são organizadas e actualizadas.

O principal destino da pulsão é o recalçamento, através do qual se expressa, permitindo, por um lado, uma dinâmica inconsciente e, por outro lado, que se dinamize o sistema psíquico. O destino da pulsão é decidido pela barreira do incesto,

na qual o Complexo de Édipo surge como o eixo principal, uma vez que se organiza a partir do interdito à mãe, o que suscita a entrada no recalçamento.

Freud (1923/1989) chama a atenção para as identificações objectais do Ego, uma vez que os efeitos das primeiras identificações realizadas na primeira infância, serão sempre mais duradouros. Isto remete-nos para a origem do ideal do ego, porque por detrás dele está escondida a primeira e a mais importante identificação do indivíduo, a sua identificação com o pai, ou, melhor dizendo, com os pais, porque a criança, antes de ter chegado a um conhecimento definitivo da diferença entre os sexos, não faz a distinção entre o pai e a mãe. Posto isto, defende que esta identificação não é consequência de um investimento objectal, é uma identificação directa e imediata, e acontece antes de qualquer investimento objectal. Atribui à complexidade do problema dois factores: o carácter triangular da situação edipiana e a bissexualidade constitucional de cada indivíduo.

Uma das formas em que a bissexualidade psíquica intervém, é nas vicissitudes subsequentes ao complexo de Édipo, uma vez que, em ambos os sexos, a força relativa das pré-disposições sexuais, masculinas e femininas, é que determina se o resultado da situação edipiana será uma identificação com o pai ou com a mãe. A outra forma de bissexualidade é ainda mais importante, porque se fica com a impressão de que o Complexo de Édipo simples não é o mais comum, representando apenas uma simplificação em termos práticos. Freud (1923/1989) descreve a existência de um complexo de Édipo mais completo, duplo, positivo e negativo, que se deve à bissexualidade originalmente presente nas crianças. Assim, um menino não tem só uma ambivalência pelo pai e uma escolha afectuosa com a mãe, mas comporta-se também, ao mesmo tempo, como uma menina, apresentando uma atitude feminina e afectuosa para com o pai e o correspondente ciúme e hostilidade para com a mãe. Este é o factor de complicação introduzido pela bissexualidade, a qual dificulta a visão clara dos factos em jogo aquando das primeiras escolhas de objecto e identificações.

David (1971) defende que *“nós somos psiquicamente bissexuais por natureza, ambivalentes por destino e o princípio da nossa ambivalência confunde-se com o da nossa bissexualidade”* (op. cit., pp. 152). Sustenta a sua concepção na teoria de Freud, que desde muito cedo se convenceu da existência de uma bissexualidade humana e da sua importância psicológica, sustentando o seu carácter primitivo na escolha do objecto. Num trabalho de 1973, David defende que a bissexualidade

apresenta um conjunto de disposições psíquicas opostas, umas conscientes e outras inconscientes, sendo que, em cada sujeito, decorre uma procura, quer dos processos biológicos, quer dos psíquicos. É através da interiorização da polaridade activo-passivo e da introjecção progressiva da polaridade sexual que surge a bissexualidade. Para o autor, a associação íntima, no centro do desejo sexual, da positividade do desejo e da negatividade da inibição, representa a pré-figuração da bissexualidade e anuncia a diferença dos sexos; ou seja, a dualidade dinâmica contrastada aparece como um princípio comum, mas também é esse antagonismo que leva à instauração de uma polaridade psicosexual. A economia da sexualidade oscila numa relação entre a afirmação da bissexualidade e a afirmação da especificidade sexual; o que conta com a oscilação entre feminino e masculino.

Braunschweig & Fain (1971) evidenciam as qualidades do materno face ao paterno, salientando as diferenças notórias que existem entre os dois sexos. Nos rapazes encontramos presente uma valorização narcísica do pénis, que se encontra ligada ao prazer presente na organização genital, nomeadamente no princípio da realidade. Nas raparigas devemos ter em atenção o facto de ocorrer uma mudança de objecto, que vai permitir transformar a mãe em mulher, o que vai permitir desempenhar o papel feminino, pelo que, a sexualidade feminina é marcada por um investimento narcísico, mas que não apresenta a mesma qualidade do instinto maternal.

Durante muito tempo, a diferenciação sexual era representada sob o modo bissexual das identificações edipianas e dos fantasmas narcísicos, sendo que a interrupção do desejo e a presença do sentimento de incompletude não implusionam a procura do objecto complementar perdido. Assim, a alteridade, ou seja, a procura de um desejo outro, é objecto de um reconhecimento, de uma reminiscência, e oculta a presença interna e interiorizada do outro, tornando-o exteriorizado e, de certa forma, reprojectado. É neste sentido que, para David (1973), as fontes da bissexualidade psíquica concorrem para o acompanhamento do destino sexual, na medida em que a heterossexualidade genital ligada ao prazer, não se apresenta ligada durante muito tempo às aspirações e aos desejos que, por sua vez, estão ligados à bissexualidade. A economia da sexualidade de cada sujeito assenta numa relação instável entre a afirmação da bissexualidade e a afirmação da especificidade sexual, pelo que se deve ter em conta a oscilação entre o feminino e o masculino, que são uma constante na nossa vida psíquica, e o carácter elaborado da diferenciação sexual.

As noções do masculino e do feminino aparecem como realidades a construir a partir de um imaginário simbólico, que se encontra relacionado, não só com os grandes acontecimentos da vida sexual, mas também com a forma como eles tomaram o seu pleno sentido, sendo este apreendido mais intuitivamente do que nitidamente percebido ou claramente concebido. É reconhecida a sexualidade dos dois sexos, mas, para Green (1997/2000), ela deve ser interpretada segundo uma perspectiva, simultaneamente retrospectiva e prospectiva. Assim, *“a bissexualidade não poderia ser definida apenas pela referência, no seio de cada um dos sexos, ao sexo do outro que ele continuaria a conter e com o qual se estabeleceriam trocas.”* (op. cit., pp. 198). Neste sentido, defende que *“invocar o masculino e o feminino no homem e na mulher talvez mascare a dificuldade de conceber de que modo o feminino do homem e o masculino da mulher entram em ressonância. Nada de simples existe aqui e não é substituindo a diferença pela complementaridade que se poderá captar melhor a realidade psíquica, que antes parece obrigar-nos a pensar conjuntamente o funcionamento sinérgico e o funcionamento antagonista e a inversão aleatória de um no outro. (...) A maneira como vivo o desejo sexual depende daquilo que sinto, que apreendo do presente, evoco inconscientemente através da memória, do que imagino e, por fim, do que penso. O que torna a situação complicada é a necessidade de, ao mesmo tempo, interpretar o que se passa em mim, que deve ser articulado com o que ocorre e poderia ocorrer no outro, suscitando todo um jogo de projecções cruzadas que emanam das fontes combinadas da minha experiência e da que eu atribuo ao outro, a qual é tanto fonte de enriquecimento como possibilidade de extravio.”* (op. cit., pp. 198/199).

Para Birraux (1988), a diferença dos sexos estrutura-se na relação com o Outro, o masculino complementa-se com o feminino. Enquanto que o materno é o que abre caminho para o feminino, o paterno abre caminho para o masculino, em que domina o que é da ordem do social. É o reconhecimento da diferença entre os sexos, que funda a legitimidade da divisão das organizações psicosexuais, e estas não estão plenamente constituídas durante a infância. A diferença entre os sexos precede a fase em que se assiste a dicotomias do tipo: activo-passivo, fálico-castrado, que vão ser organizadores para a vida psíquica, estando o masculino e o feminino ligados à integração do corpo sexuado do adolescente. Deste modo, a diferenciação psico-sexual tem lugar quando ocorre a separação do objecto primitivo e se constitui o novo objecto interno, o que leva a colocar a hipótese de que a diferenciação se

formaliza na interactividade da relação com o objecto, sendo o materno sexual a referência para essa diferenciação. O materno sexual representa os investimentos realizados pela mãe no seu próprio sexo e no sexo oposto, através da evocação das imagens parentais bissexuais.

Apesar de toda a teorização psicanalítica existente no campo da sexualidade, esta surge ainda como uma questão em aberto para os psicanalistas. Para Green (1997/2000), durante muito tempo procurou-se localizar, prescrever, atribuir a um simples termo, da série dos que se podem deduzir da sexualidade, o valor de um centro conceptual único, a partir do qual se ordenariam os outros, o que nos levava a cair em controvérsias sobre a escolha de um parâmetro. No entanto, se considerarmos a sexualidade como um processo que parte do corpo para o objecto ou que é abalado pelo objecto até às profundezas do corpo, e ao termos em conta a movimentação que caracteriza o sexual, da excitação à satisfação, podemos concluir que a melhor forma de dar conta da sexualidade é falando numa cadeia erótica. Assim, propõe a designação de cadeias de Eros para descrever a multiplicidade de encadeamentos possíveis, abrindo-se múltiplas possibilidades de entrecruzamentos. Existe, então, encadeamento do corpo ao objecto e ao alvo perseguido pelo sexual. Em relação ao corpo, *“ele não é a soma dos biológicos”* (op. cit., pp. 206) mas, o que o distingue deste, é ser atravessado pelo significante; porque esta proposição coloca a questão complementar dos diferentes registos do sentido, da sua organização, do seu efeito em diversos níveis. Isso coloca-nos perante a propriedade fundamental do psiquismo, a sua heterogeneidade, que se constitui por materiais que pertencem a diversos sistemas de representações, tais como: representantes psíquicos das pulsões, afectos, representantes de coisa, representantes de palavra, representantes da realidade entre outros.

É na medida em que não existe nenhuma significação sexual que possa ser universal, que o sentido é sempre construído por organizações de significações. A Psicanálise, desde Freud que se inscreve neste caminho, entre o biológico e o psicológico, procurando compreender biologicamente, ao mesmo tempo que se manifesta por experiências corporais vividas num contexto de perturbação psicológica, sendo neste contexto que, para Green (1997/2000), a sexualidade está ligada a uma certa forma de alteridade, implicando, assim, a ideia de um objecto que falta ao corpo do sujeito. Deste modo, a alteridade é concebida de duas formas: *“a alteridade manifesta do parceiro, necessária à realização do desejo,*

simultaneamente outro e estranho, e alteridade interior ao sujeito” (op. cit., pp. 198). A excitação erótica desperta no sujeito aquilo que ele não suspeita ser e, no limite, revela-o a si mesmo como um ser estranho. Mais tarde, virá a interpor-se, entre o sujeito e o Outro, todo o campo do inconsciente, que não é apenas constituído por uma reserva de sentido, mas também por uma potencialidade de agir que pode ser activada a qualquer momento.

Na concepção freudiana, a castração aparece como sendo o principal organizador psíquico, estando presente uma forte relação entre a pulsão e o prazer. A questão prende-se com o ter ou não ter. De acordo com Marques (2003), o desconhecido e o não ter é o que é recalcado, sendo como que uma deficiência, o que mais tarde, em formulações posteriores, se vai constituir como o que promove o desenvolvimento, como sendo a base da criatividade. *“É sobre a falta e o que é recalcado que se funda e nasce a formação do símbolo.”* (op. cit., pp. 67). O complexo de Édipo aparece como separador e fundador da diferença de sexos e de gerações. *“É a partir da relação inaugural com o objecto primário que se impõe a interposição de um outro, com novas qualidades. Esse novo objecto vai abrir as vias ao reconhecimento de dois objectos totais e diferentes.”* (op. cit., pp. 68). Estas diferenciações são a base que possibilita o acesso à complementaridade, uma vez que é com o Édipo que se passa do reconhecimento do dual ao reconhecimento do terceiro, sendo esta passagem o que permite o reconhecimento do que se não tem e a necessidade de colmatar essa falta. Esta, por sua vez, conduz à necessidade de ter prazer com aquilo que o Outro tem e pode dar, o que decorre num movimento recíproco de troca entre Um e Outro; isso conduz-nos à nossa inevitável condição de estarmos sempre ligados ao Outro. É a partir da diferença, da bissexualidade, que se parte para uma lógica de complementaridade dos sexos, com mediação, trocas, união e criação.

Para Dias (2003), a teoria kleiniana depara-se com uma dificuldade epistemológica fundamental, que está ligada à ideia de haver um espaço psíquico originário que seja capaz de pensar. No modelo bioniano, aquilo que é originário é a incapacidade do bebé para pensar as suas experiências emocionais. Este modelo dá-nos conta da existência de proto-pensamentos, ou seja, de pensamentos muito primitivos, para os quais o bebé humano não dispõe de recursos para poder pensá-los, pelo que dispõe da sua mãe, como um continente, para os poder pensar. É através da identificação à função continente da mãe que o bebé começa progressivamente a criar o lugar onde o aparelho de pensar os pensamentos se começa a constituir. Com

o início da lalação, o bebé evidencia uma identificação rudimentar à função continente materna.

Este movimento é revelador das diferentes formas de pensar. A capacidade de pensar, adquirida pelo Próprio, permanece dentro do sujeito, mas também dentro do(s) Outro(s); é uma actividade permanente do nosso pensamento – *“pensamos dentro de nós na medida em que somos capazes de nos pensar a nós próprios, usando a nossa capacidade de pensar, o nosso aparelho de pensar o pensamento, a nossa função simbólica e a nossa capacidade de usar a linguagem ao nível dos códigos”* (Dias, 2003; op. cit., pp. 46). Mas esperamos que o Outro faça exactamente o mesmo, pelo que recorre ao modelo metafórico materno; assim, aquilo que não pode ser pensado sozinho, dentro do sujeito, é pensado por Outro, o que se repete ao longo da vida – *“por muito que tenhamos adquirido a nossa capacidade de pensar e de utilizar os nossos próprios pensamentos estamos permanentemente a pensar em dois níveis: dentro de nós com a nossa capacidade de pensar e fora de nós, onde pensamos as partes que não temos condições de pensar sozinhos. É a parte de nós que não tem condição de suportar o sofrimento emocional ligado à continuação do percurso de pensar, que se faz “pensar” dentro do outro.”* (op. cit., pp. 47).

Na relação que se estabelece entre o Próprio e o Outro, ou seja, entre o Eu e o Outro, está inerente o modelo de Bion (1962/1991), de continente-conteúdo, no qual se utilizam os símbolos sexuais para definir a relação que decorre entre continente (♀) e conteúdo (♂). Continente constitui-se como o lugar onde o objecto é projectado, enquanto que o conteúdo é o objecto ou as angústias que são projectadas no interior do continente; aí, quer o continente, quer o conteúdo, são modelos de representações abstractas, estabelecendo-se entre ambos uma relação de ligação através da qual ambos se alteram no sentido do crescimento; no entanto, quando estão separados ou vazios, aproximam-se de objectos inanimados.

O modelo continente-conteúdo encontra-se presente na união da pré-concepção à impressão sensorial, de modo a criar concepções; desta forma, participa indirectamente na formação do aparelho pré-conceptual e na passagem dos elementos beta a elementos alfa. A pré-concepção, em termos psicanalíticos, pode ser considerada como análoga ao conceito de “pensamento vazio” de Kant, que aqui se refere a um estado de pensamento equivalente ao de uma pré-concepção que ainda não foi preenchida por uma realização. A realização pode ser positiva, quando o objecto se torna real, ou negativa, quando o objecto está ausente e por isso terá de ser

introjectado como ausente. Quando uma pré-concepção se junta a uma realização positiva, produz-se uma concepção; mas quando se liga a uma realização negativa, produz-se um pensamento.

Podemos dizer que existe um continente à procura de um conteúdo, mas também pode haver uma realização conteúdo à procura de um continente, ou seja, pensamentos à procura de um pensador. O motor deste processo de um nível para outro, é o movimento de continente em busca de conteúdo, continente à procura de realização. O resultado entre a união de continente e de conteúdo, é uma concepção, que a cada nível se torna uma nova pré-concepção que procura uma nova realização. Assim, o crescimento ocorre através da união de continente e de conteúdo. Desta forma, continente ganha um significado e um sentido pela acção de um conteúdo, e este transforma-se na relação com o conteúdo.

A simbolização surge como a transformação das coisas em si, tal como eram descritas por Kant, transformação essa que produz uma experiência emocional, na qual se produzem elementos alfa, cada vez que se estabelece um lugar entre dois sujeitos ou duas partes do mesmo sujeito. Assim, o aparecimento da simbolização na experiência emocional, modifica ambos os protagonistas, ou seja, está em jogo não só o sujeito e o seu objecto externo, mas também, o Eu do sujeito e os seus objectos internos (Bégoïn-Guignard, 1989).

Meltzer (1988/1995) descreve-nos o objecto estético como aquele que está ligado ao belo e ao bom, e que é transmitido ao bebé pela mãe e pelo mundo exterior, e que é percebido pelo bebé através dos sentidos e que dá conta da emergência das organizações defensivas relativas à intolerância da presença do objecto, por oposição ao acesso mais tradicional, colocado essencialmente pela teoria kelineana, sobre a intolerância à ausência do objecto. Assim, o conflito estético surge como estruturador do funcionamento psíquico do recém-nascido, e está muito dependente da reciprocidade entre a mãe e o bebé, da apreciação estética de um e de outro.

Na introdução feita por Meltzer, o conflito estético encontra-se ligado à presença do objecto e à diferenciação deste do conceito de inveja que está ligado à ausência do objecto, o que leva Bégoïn-Guignard (1989) a fazer uma distinção entre o secreto e o privado. Enquanto que o secreto diz respeito aos ataques invejosos contra um objecto que fica aprisionado, o privado diz respeito às escolhas de ordem estética, que levam o seu tempo, e cujas partes não devem ser reveladas aos outros, não só para prevenir os seus ataques, mas para não os deprimir. Ainda ligado ao conflito estético e à

capacidade de *rêverie* da mãe, Bégoin-Guignard descreve o espaço do materno primário, como sendo um espaço onde ocorrem as identificações projectivas com o primeiro objecto parcial combinado (seio + mamilo). Mais tarde, coloca-se a questão do segundo objecto parcial combinado (pénis + testículos), que tem lugar no espaço do feminino primário, que é comum às crianças de ambos os sexos durante a posição depressiva, sendo neste espaço que têm lugar as primeiras simbolizações.

Partindo de uma analogia com o modelo continente-conteúdo, podemos pensar a relação Eu—Outro como uma relação entre um continente Eu e um conteúdo Outro, mas que, dada a reversibilidade que este modelo nos apresenta, o contrário também é possível, ou seja, o Outro pode ser continente e o Eu pode ser conteúdo. Assistimos a uma oscilação, a um movimento de ligação na passagem de Um para o Outro, que é, por si, transformadora e geradora de novos significados.

Encontramo-nos perante o domínio da incompletude, na qual apenas o que desejamos poderá colmatar a falta, o que nos confronta com o facto de cada ser necessitar sempre do Outro; ou seja, o Eu só existe na relação com o Outro, mas o Outro também só pode existir porque se relaciona com o Eu, o que significa que cada Um só existe na relação como o Outro. É através deste ciclo que há criação e (re)criação de Um e de Outro, numa lógica de ligação. Mas, para que isto seja possível, é necessário reconhecer a incompletude, para que se possa integrar a parte que falta, a parte complementar. Para Marques (2003), “*o complementar não seria, então, um apaziguamento, uma aliança, uma cedência, ou qualquer outra coisa de ordem similar, seria, isso sim, uma conciliação, uma união, um recolocar do lugar de Um e do Outro e de Um no / com Outro*” (op. cit., pp. 70).

Ao pensarmos na relação Eu—Outro numa perspectiva de cooperação, união e construção recíproca, somos levados a aceitar o princípio da incompletude de ambos, o que pode levar a procurar e a integrar a parte que falta, complementar. É na medida em que se impõe Um face ao Outro, num processo de complementarização de ambos, que se torna possível a emergência de um novo, que reúne e potencia, mas sem retirar as qualidades que são específicas a cada Um; ou seja, é a reconciliação, a ligação entre o que pode estar separado mas que também pode ser pensado junto, que potencia o crescimento.

Para que exista crescimento é necessário que se produzam pensamentos, o que só é possível na medida em que se liga um continente a um conteúdo. Isso significa que é necessário que exista sempre um ponto de partida, um Eu, a partir do qual se pode

pensar o Outro; mas o lugar onde decorre este pensamento, de Um e de Outro, trata-se de um lugar que não é do Eu nem é do Outro, é um lugar de expectativa, onde é possível a criação e a (re)criação, do Eu e do Outro, na intersubjectividade.

*“...a nossa organização
é feita de três níveis: ...
o exterior que se diz a toda a gente
e é a nossa vida de todos os dias
e não transporta poesias...
o interior primeiro que se diz só ao papel
ou à atmosfera se se está sozinho,
o interior segundo que se não diz
porque se não pode dizer,
porque não há palavras que o digam
mas só nervos que o sintam
ou julguem que o sentem.”*

Sena, J. (op. cit., pp. 236) Vol I

5. Síntese

A relação Eu—Outro encontra-se ligada, por um lado, à noção de sujeito e, por outro lado, à noção de objecto, o que, dentro do modelo psicanalítico, apresenta diferentes perspectivas. Para Green (1997/2000), o conceito de objecto surge com diferentes noções, que variam de autor para autor, sendo por isso escassas as possibilidades de se chegar a uma concepção unificadora do objecto; isso deve-se não só às teorizações que são múltiplas e divergentes, mas, também, porque há sempre mais do que um objecto. Apesar desta dificuldade, procuramos delimitar este conceito dentro de algumas das correntes que se inscrevem no modelo psicanalítico, de modo a podermos constituir o Outro como um objecto, com características próprias e que nos permite aceder ao objectivo do nosso estudo, ou seja, perceber de que modo é que decorre a relação entre o Eu e o Outro, no processo de desenvolvimento adolescente.

Quando nos referimos à noção de objecto, surge a noção de sujeito, como oposta, que se apresenta no exterior como um ser pensante e desejante. O sujeito é, por sua vez, objecto de uma subordinação, o que permite afirmar que o sujeito não pode ser considerado independentemente do objecto. Assim, o sujeito e o objecto são indissociáveis, estando o objecto ligado ao sujeito, desde a sua origem.

Na obra de Freud, encontramos diferentes formas de abordar a noção de objecto. Inicialmente, os seus trabalhos acentuam as qualidades externas do objecto, uma vez

que se encontra ao serviço das pulsões de auto conservação e do desenvolvimento sexual; posteriormente, coloca uma tónica nas qualidades internas do objecto.

Em *“As pulsões e as suas vicissitudes”*, Freud (1915/1989) explicita a noção de objecto, como podendo ser apenas interno, na medida em que o objecto de uma pulsão é a forma, através da qual esta alcança o seu alvo. É o elemento mais variável na pulsão, uma vez que originalmente não está ligada a ela, de forma a tornar possível a satisfação. O objecto surge, assim, não só como externo, como também a poder ser uma parte do corpo do próprio sujeito. As pulsões passam a desempenhar um papel importante, porque é a sua deslocação que possibilita a escolha do objecto. O objecto passa a ser definido, por um lado, através do alvo da pulsão e, por outro, passa a estar ligado à satisfação das necessidades.

Na teoria das relações de objecto, a ideia central passa a ser a de que o indivíduo estabelece relação com os objectos. Esta teoria opõe-se à teoria dos instintos, uma vez que aqui, o ponto central consistia na necessidade que o sujeito possui de reduzir os instintos.

O objecto passou a ser dotado de uma consistência, através da concepção pulsional do aparelho psíquico. A relação de objecto não atribui um estatuto unívoco ao objecto, levando antes para uma figura externa a este. No modelo freudiano, assistimos a um esboço do que viria a ser mais tarde a relação de objecto, quando Freud descreve toda a actividade de transformação e de metabolização das representações no aparelho psíquico, as quais no fim vão permitir o acesso à subjectivação. Nesta linha, a teoria das relações de objecto surge como um instrumento que nos permite apreender de que modo é que ocorre a ligação do sujeito com os seus objectos, na sua qualidade e na sua dinâmica.

Klein é considerada a fundadora da teoria da relação de objecto. Ela atribui muita importância às relações de objecto precoces, quer os objectos sejam internos ou externos; centrando toda a sua teoria, não sobre a materialidade do objecto, não sobre o objecto real, mas antes sobre uma realidade psíquica da representação, que não se afasta da pulsão. Já para Fairbairn, a relação de objecto interno não se constitui a partir dos objectos reais, mas numa interacção complexa com as fantasias que implicam a existência de objectos fundadores, ou seja, que implicam a existência de objectos internos desde o nascimento.

Encontramos, assim, duas grandes dimensões do Outro, ou seja, do objecto que pode ser interno e externo ao sujeito. É na medida em que estes dois grandes eixos se

constituem, que se torna possível pensar de que forma é que o Eu se constrói na relação com o Outro, tornando-se importante compreender a forma como decorre a constituição do sujeito. Assim, surge a necessidade de constituir o Outro como objecto de identificação, uma vez que é com base nesta dimensão que nos é possível pensar o Outro na condição de igual e na condição de diferente.

Dentro da concepção freudiana, o complexo de Édipo apresenta um lugar central, dando uma ênfase especial, por um lado, à evolução libidinal e, por outro, às identificações que servem para salientar melhor a noção de sexualidade. Freud (1921/1996) descreve três tipos de identificações: a primeira diz respeito à forma mais original de ligação afectiva a um objecto e desempenha um papel na pré-história do complexo de Édipo; a segunda ocorre quando se dá a introjecção do objecto no Ego, assumindo o Ego as características do objecto; a terceira retira a necessidade de qualquer relação de objecto, estando por isso na origem do sentimento social.

No modelo freudiano, o objecto, no seu estatuto, quer de necessidade, quer de desejo, existe no sentido de poder compensar a falta, o desamparo, que é descrito como a condição fundadora do sujeito. Para Dias (1999), o desamparo passa a ser o lugar do não objecto. É através do desamparo que temos consciência da necessidade do Outro, que surge para se poder lidar com a falta.

O Outro abre as perspectivas para a introdução de um terceiro, sendo o aparecimento do Outro equivalente à descoberta do objecto, ou seja, o Outro só pode existir a partir do momento em que existe um Eu. A identificação pode então ser compreendida como contraponto do desejo, complementar do desejo pulsional que permite uma ligação ao objecto (Green, 1993).

A concepção kleiniana coloca a tónica na interacção entre o sujeito e o objecto, tornando-se importante, não só a forma como o sujeito se constrói na relação com os seus objectos, mas também a forma como estes têm influência nessa construção. Aqui, o objecto passa a constituir-se como objecto interno, na medida em que existe uma integração da sua permanência, o que só é possível através de uma relação entre mecanismos de introjecção e de projecção. Para Klein (1932/1969), a introjecção do bom objecto tornou-se constitutivo do que designou por “objecto interno”. O bebé, com as suas fantasias inconscientes de onipotência, projecta fantasmaticamente as suas pulsões agressivas, ou seja, a parte destrutiva que está clivada do seu Ego, para o interior do corpo da mãe, que se torna uma extensão do seu próprio corpo, mas

também perseguidora, uma vez que uma parte do seu ódio é dirigido contra a mãe. Esta é uma forma particular de identificação, que constitui a base da relação de objecto e que se designa por identificação projectiva; esta, inicialmente está ligada à fase esquizoparanóide, na qual existe uma negação da separação entre o sujeito e o objecto, que possui as suas partes clivadas, mantendo, assim, a ilusão de que o controla. A identificação projectiva encontra-se sempre ligada à identificação introjectiva, ou seja, introjectamos as partes clivadas, boas ou más, do objecto, tal como as projectamos no outro.

Partindo de algumas das concepções mais importantes de Freud sobre o funcionamento do psiquismo, Bion (1961) elabora uma teoria do pensamento, que tem como ponto de partida a frustração das necessidades básicas do recém-nascido. Este possui uma capacidade inata para tolerar as frustrações e, se a sua capacidade para tolerar a experiência do “não-seio” for suficiente, este passa a ser um elemento do pensamento, ou seja, um protopensamento e, assim, desenvolve-se um aparelho psíquico para pensar os pensamentos. Mas se, pelo contrário, existir uma capacidade insuficiente para tolerar a frustração, o “não-seio” deve ser expulso, o que é feito através do uso do aparelho de identificações projectivas.

O modelo continente-conteúdo baseia-se no uso de identificações projectivas, no qual o continente se constitui como o lugar onde o objecto é projectado, enquanto o conteúdo é o objecto que é projectado no interior do continente. Para que se produzam pensamentos, são necessárias as interacções dinâmicas, que se estabelecem entre continente e conteúdo, mas também entre a posição esquizoparanóide e a posição depressiva ($Ps \leftrightarrow D$). Encontramo-nos perante uma relação em que existe uma oscilação permanente, sendo através dela que é possível o crescimento. Este só é possível pela relação que ocorre entre o mundo interno e o mundo externo do sujeito, ou seja, existe uma transformação dos objectos dentro do sujeito, mas também entre os objectos e os sujeitos, e entre os sujeitos, numa relação de ligação e de transformação de Un(s) e de Outro(s), e de Un(s) nos/em Outro(s). O Outro, que agora pode ser compreendido numa relação de ligação e de transformação com o Eu, surgindo mais uma das suas dimensões, a complementaridade.

Neste capítulo procuramos delimitar o conceito do Eu e do Outro, que são pilares organizadores do desenvolvimento do sujeito; procuramos pensar as ligações que se podem estabelecer entre o Eu e o Outro, numa procura da relação, da comunicação,

do movimento, ora contínuo, ora descontínuo, que suscita transformação e mudança. A adolescência é um período do desenvolvimento, durante o qual ocorrem mudanças e transformações a vários níveis, sendo o objectivo deste estudo procurar compreender como é que decorre a relação entre o Eu e o Outro, quais os movimentos que se operam e quais as transformações que suscitam durante este período, no qual, o Outro pode ser pensado através das dimensões de Igual, de Diferente e de Complementar, tendo em conta os diferentes movimentos presentes na relação entre o sujeito e o objecto. É nesse sentido que se inscreve o capítulo seguinte, no qual procuramos as ligações entre o processo de desenvolvimento adolescente e o Outro, nas suas diferentes dimensões.

III. O EU-OUTRO NA ADOLESCÊNCIA

“...Tudo está em mim à espera que tu fales...”

Sena, J. (op. cit., pp. 226) Vol I

1. Introdução

Inicialmente, destacámos as principais correntes que descrevem o processo de desenvolvimento adolescente e demos conta das poucas referências que existem, relativas à dimensão do Outro, durante este período do desenvolvimento. Tal fez-nos surgir a necessidade de pensar na importância que esta dimensão apresenta, durante esse período do desenvolvimento. Neste sentido, procedemos a uma explicitação teórica, em que procuramos dar conta das diferentes dimensões que o conceito do Outro apresenta dentro dos domínios da Psicanálise, recorrendo para tal às diferentes correntes e concepções, que aqui se inscrevem e que permitem aceder, de diferentes formas, ao nosso objecto de estudo. Agora, surge o momento de integrar estas diferentes concepções tendo em vista o nosso objectivo.

A adolescência tem vindo, desde há muito, a ser abordada por diferentes correntes dentro da Psicologia. No entanto, ainda existem questões que permanecem desconhecidas; daí a necessidade de procurar compreender a adolescência, com recurso a novas teorias que a enriqueçam e alarguem.

Dentro das concepções clássicas, a adolescência tem vindo a ser pensada segundo os referenciais que se encontram próximos da psicopatologia, pelo que é muitas vezes considerada como um período em que decorrem sucessivas crises e lutos. É a necessidade de podermos pensar na adolescência, como um período do desenvolvimento, no qual estão presentes processos que se prendem com a mudança e com a transformação que levam ao crescimento, que nos leva a procurar modelos que nos permitam dar conta destes processos. Estes são os que derivam das teorias

das relações de objecto e que se inscrevem em particular nas concepções bionianas, que nos dão conta da possibilidade de criar novos significados, novos símbolos, através da actividade de pensar. Trata-se de um processo dinâmico, em que encontramos uma permanente oscilação entre o mundo interno e o mundo externo, entre o que é conhecido e o que é desconhecido.

Existe um movimento de relação entre o Próprio e os Outros, numa procura de Un(s) e de Outro(s), num espaço de transformação e de criação que permite o crescimento de Um e do Outro, e de Um com o Outro. Este crescimento só é possível, na medida em que existe desejo, curiosidade, do que não se tem mas que se deseja poder vir a ter, e que se procura conquistar e conhecer.

*“E esses eus, que ficaram lá para trás,
não são toda a tristeza que me dá...
mas podem ser sinal de eu partir...”*

Sena, J. (op. cit., pp. 251) Vol I

2. O Eu–Outro na Adolescência

A adolescência, pelo que já foi descrito anteriormente, é um período mais ou menos longo, que se reveste de todo um colorido dinâmico, pelo que procuramos caracterizar os processos da adolescência, tendo em conta este movimento, o que, nas palavras de Marques (1999), é descrito pelas: *“...dúvidas, as hesitações e a necessidade de conter, elaborar, integrar e unir as contradições, o que deve realizar-se e actualizar-se, viver-se e experimentar-se sempre na relação com o próprio e com os outros e sempre em relação íntima com o desejo de crescer, de conquistar e de conhecer”* (op. cit., pp.278). Deste modo, torna-se possível, ao adolescente, construir-se, tendo em vista o adulto que um dia virá a ser. Essa construção vai realizar-se e estabilizar-se, através das relações e dos confrontos com o Próprio e com o(s) Outro(s).

É na medida em que o adolescente vivencia e vai integrando estes momentos, que se torna possível a criação de um espaço psíquico, interno e relacional, delimitado, mas, ao mesmo tempo, suficientemente flexível e aberto, na medida em que, sendo do Próprio, ele é, ao mesmo tempo, construído na relação com o(s) Outro(s). Esta construção, inerente ao processo de transformação, traz consigo momentos de sofrimento e de dor, sem os quais o desenvolvimento não pode ter lugar, mas também de descoberta, de prazer e de experiência.

No processo de desenvolvimento adolescente, o Outro pode surgir dotado de diferentes dimensões; daí a necessidade de destacarmos algumas das que vamos procurar aprofundar neste estudo:

– O **Outro**, na condição de **Igual**, remete-nos para a necessidade da manutenção de um equilíbrio entre o mundo interno e o mundo externo, entre o Eu e o Outro, na procura de uma constância e de uma continuidade entre o que é do Próprio e o que é do(s) Outro(s). Na adolescência, esta procura está particularmente ligada ao grupo dos pares, que é eleito como o lugar privilegiado para a realização de trocas, que, sendo externas, são também internas, na medida em que possibilitam a construção do Eu adolescente, o que só é possível na e pela relação com o(s) Outro(s) adolescente(s) na condição de pares, donde, iguais. É com os iguais, mas com toda a sua diferença que, os adolescentes podem agora experimentar os processos de identificação, podendo aceder ao masculino ou ao feminino.

– O **Outro**, como **Diferente**, reenvia-nos para a questão da alteridade que, antes de ser externa, é também interna, na medida em que permite a constituição da diferença entre o sujeito e o objecto, ou seja, entre o Eu e o Outro. Na adolescência, a diferença de sexos e de gerações assume uma particular importância. Por um lado, existe o confronto com uma geração mais velha, com os pais, que possibilita a estruturação do eixo de identificação, de modo a que o adolescente constitua o seu Próprio Eu. Por outro lado, decorre uma maturação do corpo, que possibilita a vivência de uma sexualidade adulta, a qual leva à descoberta do Outro diferente, ou seja, do outro sexo, masculino ou feminino, com quem se passam a realizar trocas, numa relação de descoberta mútua, de partilha, em que surge a possibilidade de criação e de (re)criação de Um e de Outro, e de Um no e com o Outro.

– O **Outro**, numa dimensão **Complementar**, encontra-se relacionado com a questão da falta, perante a qual emerge a necessidade de a colmatar, numa relação de procura entre o Eu e o Outro, numa ligação em que decorre todo um movimento de transformação do mundo interno no e com o mundo externo, e na qual estão presentes movimentos de união e de integração, do antigo e do novo agora (re)criado e (re)simbolizado. Durante o processo de desenvolvimento adolescente perante a falta, desenham-se novos ciclos, novos movimentos de procura, numa relação de (re)união entre o Eu e o(s) Outro(s), numa procura complementar de Uns no e com o(s) Outro(s).

De seguida, procuramos explicitar cada uma destas dimensões que o Outro pode apresentar, tendo por base o processo de desenvolvimento adolescente, durante o qual ocorre uma transformação do adolescente na relação com o(s) Outro(s), mas também dentro de si Próprio, a qual lhe vai permitir criar um novo espaço psíquico interno para poder pensar e significar as mudanças que agora têm lugar. Assim, a construção do adolescente é sempre feita na relação com o(s) Outro(s), mas também com ele Próprio, no sentido em que as dimensões do Outro estão em permanente relação com o Próprio.

2.1. O Outro Igual

A adolescência é um período do desenvolvimento que se situa a meio caminho entre o deixar de ser criança e o vir a ser adulto, donde, um “igual” entre adultos. Este período do desenvolvimento decorre num tempo, durante o qual se realiza uma procura; esta apresenta objectivos diferentes para o adolescente e para o adulto, pelo que gera também sentimentos diferentes, opostos, por vezes até contraditórios. Na relação que se estabelece entre os adolescentes e os adultos, existe o desejo de aproximação, para um melhor conhecimento de Un(s) e de Outro(s), para que decorram os processos de identificação inerentes ao crescimento. Mas existe também o movimento contrário, gerador de um afastamento; surgem os conflitos, assim como as dificuldades na sua resolução. Trata-se de um momento pontuado por uma grande ambivalência, em que o desejo de Ser e o medo de não Ser, como que se anulam, no caminho que o adolescente tem de precorrer até vir a Ser adulto.

Na adolescência, a relação com o mundo do adultos impõe o que Marques (1999) designou por “ *a passagem da atracção do espelho de Narciso, o que deslumbra e cativa no duplo sentido de seduzir e dominar, à atracção do espelho de Dionísio, o que dispersa, descentra, pulveriza e dissolve, para no final reunir. Só no final deste processo, haverá a reunião e conciliação de uns e outros*” (op. cit., pp. 253). Neste confronto entre Uns e Outros, entre adolescentes e adultos, existe um confronto que tem subjacente o desejo da aquisição da autonomia. De um lado, a protecção e a compreensão; do outro lado, a oposição e a confrontação, necessárias, para vir a dar lugar à aceitação e à integração, para poderem vir a ser pares, ou seja, iguais.

Mas o confronto decorre também dentro do Próprio, na medida em que o Eu externo é também um Eu interno, ou seja, o objecto externo partilha características do interno, pelo que existe um reforço do Eu interno, a partir do Eu externo, numa relação de ligação entre Um e o Outro.

No processo de desenvolvimento adolescente, os grupos são espaços importantes, na medida em que funcionam como facilitadores dos processos que se encontram em transformação; este é um espaço privilegiado para se experimentarem as várias aquisições que agora têm lugar, nomeadamente as identificações. É através das relações com os seus pares, com aqueles que são iguais mas, também, sempre diferentes, que o adolescente se pode encontrar e reunir, descobrindo-se a si Próprio.

No início da adolescência ocorre uma separação dos objectos de amor primários, dos pais, que agora dão lugar à procura de objectos extrafamiliares, que passam pelo grupo dos pares, até se chegar, no fim da adolescência, ao estabelecimento de relações objectais maduras. É na procura de novos objectos que o adolescente recorre aos amigos, os quais passam a desempenhar um papel muito importante, adquirindo uma importância como até aqui não haviam apresentado.

Em termos do funcionamento psíquico, a retirada de energia pulsional leva a um aumento da distância entre o ego e o superego; daí resulta um empobrecimento do ego, o que leva o adolescente a experienciar um sentimento de vazio, surgindo a necessidade de o aliviar. Daí resulta uma diminuição das funções do superego, o que possibilita ao ego não estar tão dependente da autoridade exercida pelo superego; assim, os valores e as leis morais, que surgem como importantes no início da adolescência, adquirem uma independência considerável em relação à autoridade dos pais, uma vez que operam em parte dentro do ego, o que significa que existe um desvio da libido objectal para o Eu, ou seja, um deslocamento com o recurso ao narcisismo.

Na procura que o adolescente realiza de novos objectos, surge o amigo dotado de uma grande importância em qualquer um dos sexos. Para Blos (1962/1998), no início da adolescência, a escolha objectal segue o modelo narcisista. Para os rapazes, o amigo deixa de ser o companheiro das aventuras e, para as raparigas, a amiga deixa de ser a confidente dos segredos. Neste período do desenvolvimento, passa a existir uma idealização do amigo; este possui características que são admiradas e que o Próprio deseja ter, o que passa a ser possível, através da relação de amizade.

No modelo freudiano, a noção de narcisismo originário corresponde às primeiras fases de vida, pelo que é anterior ao ego. Aqui, o princípio é o de um apoio pulsional, no sentido em que a libido se vai ligar a um lugar específico, ou seja, a um lugar do corpo onde se manifesta a pulsão, a zona erógena. A noção de apoio é inicialmente descrita na primeira teoria das pulsões, em que Freud opõe as pulsões sexuais às de autoconservação. Esta noção encontra-se ligada à noção de pulsão parcial, uma vez que, durante o período pré-edipiano, as diferentes componentes da pulsão sexual podem funcionar de maneira independente, estando o prazer ligado a um órgão específico.

É a introdução da noção de narcisismo que vai abalar esta teorização inicial, passando a descrever um equilíbrio entre a libido de objecto e a libido narcísica. Neste sentido, a polaridade sujeito-objecto é uma das que rege a nossa vida mental, estando presente uma correspondência entre o sujeito do ego, que coincide com o que é agradável, e o mundo externo com o que é desagradável. Trata-se de um período durante o qual o ego se ama apenas a si próprio, o que, por sua vez, corresponde ao narcisismo auto-erótico, descrito por Freud (1915/1989), em que o ego é investido pulsionalmente e é capaz de satisfazer as pulsões só por si. A fase narcísica vai dar lugar a uma fase objectal em que podemos encontrar relações entre o ego e o objecto.

Os objectos que são fontes de prazer são incorporados no ego, o que leva o sujeito a dizer que ama esse objecto; se, pelo contrário, o objecto é fonte de desprazer, este é colocado no mundo externo. Assim, amor e ódio são conceitos importantes, quando pensamos na relação que se estabelece com os objectos, sendo o amor originalmente narcísico, uma vez que deriva da capacidade do ego para satisfazer autoeroticamente algumas das suas moções pulsionais, passando depois para os objectos que foram incorporados no ego. O objecto passa a poder ser investido de amor e de ódio, passa a ser considerado um agente de Eros.

O princípio de união e de integração, Eros, é aquele que permite a passagem para o registo da ligação, na qual a relação com o Outro decorre numa procura do objecto, mas também na ligação entre o prazer e o amor. Assim, o Outro, na condição de Igual, é aquele que permite unir e integrar.

Na adolescência propriamente dita, dá-se o encontro com o objecto heterossexual, o que possibilita o abandono das posições narcísica e bissexual. É chegado o momento para a vivência do amor heterossexual, mas esta chegada é

acompanhada de todo um conjunto de mudanças internas. Encontramos presente, em ambos os sexos, um aumento do narcisismo, que por sua vez antecede a consolidação do amor heterossexual e que representa, para Blos (1962/1998), uma fase positiva no processo de renúncia definitiva aos primeiros objectos de amor. O adolescente caracteriza-se muitas vezes pela sua arrogância, pela sua rebeldia e pelo constante desafio às regras e à autoridade exercida pelos pais. Quando a gratificação narcísica, proveniente do amor paterno, deixa de estar presente, o ego passa a ser investido por uma libido narcísica que é retirada dos pais internalizados.

Neste sentido, o narcisismo encontra-se ao serviço do desenvolvimento progressivo, estando lado a lado com o encontro gradual com o objecto heterossexual. Na adolescência têm lugar as paixões e os amores imaginários, ou seja, o amor sem objecto, que, para David (1971), está presente durante este período e que é revelador de uma indeterminação libidinal.

Na adolescência, a libido que se libertou do investimento das figuras parentais, leva o adolescente, no entender de Anna Freud (1958), a passar por um período de luto, que surge como inevitável e que leva à procura de novos investimentos. Assim, a libido fica disponível, podendo ser transferida para os substitutos parentais, que são figuras que se apresentam como opostas a vários níveis, e dentre as quais se destacam os líderes dos grupos, uma vez que assumem um papel importante durante este período do desenvolvimento.

A propósito dos lutos que decorrem durante a adolescência, Dias e Vicente (1984) referem como último luto, o do grupo, defendendo que o adolescente deverá ser capaz de funcionar em grupos heterogéneos, na medida em que a diversidade facilita os processos de identificação. É através das relações com os iguais que o adolescente pode tornar-se mais igual e si mesmo, podendo, no entanto, relacionar-se com o(s) Outro(s) na condição de diferentes de si.

Ao longo do processo de desenvolvimento adolescente, assistimos a uma passagem do grupo familiar para o grupo dos amigos; nesta passagem o adolescente depara-se com igualdades, mas também, com diferenças, presentes ao nível das ideias, dos ideais, das aspirações, das formas de estar e de ser, que são, só por si, complexas.

O grupo, durante a adolescência, surge como um meio que possibilita a autonomia psíquica e a maturidade emocional, sendo o espaço privilegiado para que o adolescente possa consolidar a sua identidade. Por mais anti-social, ou até mesmo

delinquente, que um grupo de adolescentes possa parecer aos olhos de um adulto, ele apresenta, para Meltzer (1973/1979), um papel de sustentação dos mecanismos de clivagem, uma vez que é no grupo que decorre a disseminação de partes do Eu, o que alivia a confusão, a onipotência e a ansiedade persecutória.

A autonomia, desejada pelo Próprio, suscita uma mudança nas relações e nas representações, quer do Próprio, quer do Outro. O grupo dos pares desempenha um papel extremamente importante na aquisição da autonomia, no sentido em que surge como um espaço alternativo ao grupo familiar, no qual o adolescente se pode pensar e se pode relacionar fora da família.

Este movimento que decorre entre o que é da ordem do mundo interno e o que é do mundo externo, entre o que se passa no interior do adolescente, mas também no seu exterior, nomeadamente nas relações que estabelece com os seus pares, com os seus iguais, na sua diferença, pode ser pensado e compreendido à luz das teorias da relação de objecto, nas quais encontramos uma oscilação entre o interno e o externo, entre o dentro e o fora, numa lógica de ligação entre Um e Outro.

Enquanto que o modelo freudiano incidia no pulsional, o modelo kleiniano coloca a questão em torno do objecto, uma vez que Klein propõe a substituição da designação inicial da libido narcísica e da libido de objecto, pela designação de relação com objectos internos e externos. Inicialmente o objecto é percebido na sua condição parcelar, ou seja, as primeiras relações de objecto são relações com partes do corpo, ocorrendo depois uma introjecção do objecto total. Pela acção dos movimentos de introjecção e de projecção, o mundo interno do sujeito passa a ser constituído por objectos que são considerados bons e maus, e que são amados e odiados.

O modelo freudiano, relativo ao narcisismo, apresenta-se como um obstáculo às teorias da relação de objecto, uma vez que pressupõe que o bebé, no início da vida, não está orientado para os outros, o que torna as relações de objecto secundárias. Klein modifica o conceito de narcisismo primário, ao estabelecer a existência de relações de objecto internas, inerentes ao narcisismo. Já Fairbairn argumenta que a libido, desde do início, se dirige para a realidade e para os outros. Winnicott, no entanto, continua a utilizar o conceito de narcisismo primário, como sendo equivalente à perspectiva de dependência primitiva do bebé em relação à mãe.

Na relação que se estabelece entre a mãe e o bebé, Winnicott (1971/1975) descreveu o conceito de *handling*, que está ligado ao contacto corporal com a mãe, o

qual levou a criança a perceber a sua pele como uma membrana delimitadora entre si e o mundo externo. O *handling*, por parte da mãe, pode ser pensado em similitude com a função continente que, tal como foi descrita por Bion (1962/1991), serve de base às acções psíquicas que são suscitadas pelas acções da mãe, ou seja, o continente constitui-se como o lugar onde o objecto pode existir.

Os trabalhos de Winnicott chamam-nos a atenção para a importância da relação entre a mãe e o bebé. No seio desta relação dinâmica, descreve-nos o sentimento da continuidade de existir, que remete, por um lado, para a questão das identificações primárias e, por outro lado, para o eixo narcísico do desenvolvimento da personalidade. O sentimento da continuidade de existir está relacionado com a tomada de consciência, do bebé, da sua existência enquanto pessoa, ou seja, enquanto ser separado. Por sua vez, a relação com o narcisismo está relacionada com uma certa estabilidade que se encontra ligada às funções do materno; a função de *holding*, de *handling* e de *object-presenting*.

A função de *holding* é aquela que assegura a estabilidade dos processos de continência. Esta inicialmente é assegurada pela mãe, dada a imaturidade do bebé humano, para posteriormente passar a ser assumido pela própria criança. Assistimos a uma passagem progressiva de um estado de dependência absoluta para um estado de dependência relativa, o que possibilita a instalação do sentimento da continuidade de existir.

Dentro do modelo relacional e do pensar, destaca-se a teoria do pensamento elaborada por Bion (1961), que tem subjacente o desenvolvimento de um aparelho para pensar os pensamentos. O pensamento é uma função da personalidade, que tem a sua origem na interacção entre os factores externos e os internos, estando por sua vez dependente de outras funções, em particular da função alfa. Deste modo, o pensamento, ou melhor, a capacidade que o sujeito apresenta para formar pensamentos, vai depender, em grande parte, da capacidade inata que possui para tolerar a frustração.

O modelo continente-conteúdo surge como um modelo que permite pensar os pensamentos. Aqui encontramos uma relação dinâmica entre uma parte que é projectada, um conteúdo, e uma outra parte que a recebe, o continente, em que estão presentes movimentos de integração e de desintegração, de oscilação entre a posição esquizoparanóide (Ps) e a posição depressiva (D).

No início, o bebé possui emoções que não consegue transformar; neste sentido, a mãe surge como o elemento desintoxicador e transformador desses elementos, que não podem ser pensados e que agora são devolvidos ao bebé, sob a forma de elementos alfa, e que foram transformados através da função alfa da mãe, que é essencialmente uma função de ligação, na medida em que a mãe recebe as emoções do bebé e liga-as a representações. Esta relação entre o bebé e a mãe dá-nos conta da existência de uma identificação projectiva normal, que Bion considera como uma forma precoce da actividade do pensamento. É através da identificação projectiva que se torna possível atribuir um sentido e um significado ao que é experimentado pelo Outro, mas permitindo a este viver essa experiência, agora dotada de um significado que pode ser pensado.

O aparelho psíquico surge, assim, dotado de uma função que permite transformar as impressões dos sentidos e as vivências emocionais, ou seja, os elementos beta, em elementos que podem ser utilizados pelo aparelho psíquico, os elementos alfa. Enquanto os elementos beta são vividos como “coisas em si” e não podem estabelecer ligações entre si, os elementos alfa podem ser utilizados em novos processos de ligação e de transformação, dando origem a novos pensamentos. O processo de pensamento, propriamente dito, é aquele que diz respeito à possibilidade de se ligarem pensamentos entre si, sendo necessária uma passagem do que é da ordem do mundo interno para o mundo externo, para que se possa realizar uma comunicação do Próprio ao Outro.

Para que um pensamento se possa desenvolver, é necessário existir um continente, no qual está presente uma função alfa, para poder dar sentido e significado aos conteúdos que ali são projectados. Na adolescência, decorre todo um processo de transformação, quer ao nível interno, quer ao nível externo, o que coloca o adolescente perante a necessidade de (re)pensar todas as mudanças que agora têm lugar. Neste sentido, surge a necessidade de se constituir um continente em que os conteúdos possam ser dotados de diferentes sentidos e significados. Assim, o Eu do Próprio pode ser pensado como um continente no qual se constituiu uma função alfa, geradora de significados para os conteúdos que aí são projectados. Mas o Outro é também um continente transformador para o Eu, numa relação de ligação e de transformação que possibilita o acesso a novas significações.

O Próprio funciona como um continente, mas também como um conteúdo, numa relação com o Outro, que por sua vez é também continente e conteúdo, numa relação

de ligação e de transformação de Un(s) e de Outro(s) e de Un(s) com o(s) Outro(s), relação em que existem trocas e uma reversibilidade entre o Eu e o Outro. Podemos pensar no Outro, como continente dos conteúdos do Outro, mas também no Outro, como continente dos conteúdos do Eu.

Nas relações que se estabelecem entre os iguais, durante o processo de desenvolvimento adolescente, o Outro, na condição de Igual, é aquele que permite (re)significar aquilo que o Eu não consegue pensar, ou seja, dotar de um sentido e de um significado o que antes não podia ser pensado, transformar os elementos beta em elementos alfa. O grupo dos pares surge como um espaço importante e privilegiado, no qual decorrem estes movimentos de ligação e de transformação entre o Eu e o Outro, numa relação em que a capacidade apreendida com o Outro externo, decorre também ao nível interno, na medida em que todo o processo decorre numa ligação constante entre o mundo externo e o mundo interno, entre o fora e o dentro, e o dentro e o fora.

Durante o processo de desenvolvimento adolescente, o Outro, na condição de Igual é aquele que se apresenta ao mesmo nível; é Igual na sua condição geracional, o que torna possível a experiência relacional, na qual é um continente dos conteúdos do Eu, mas onde ambos, Eu e Outro, procuram novos significados e significações que os enriqueçam, numa relação de ligação e de transformação do que possuem de Igual, mas também do que possuem de Diferente e que procuram conhecer, numa lógica de relação e de transformação de Um e de Outro e de Un(s) com o(s) Outro(s).

2.2. O Outro Diferente

Na adolescência, a diferença de sexos surge como inevitável, quer ao nível físico, quer ao nível do funcionamento psíquico. Ao pensarmos o Outro na condição de Diferente, seguimos uma lógica de união e de construção recíproca, o que só é possível na medida em que se aceita o princípio da incompletude, de Um e de Outro, para que deste modo se possa procurar integrar a parte em falta, donde, complementar.

O que se deseja ter não se pode ter, e o que se tem está sempre sob o domínio da incompletude, pelo que só o desejo, o que se deseja, é que pode colmatar as faltas. Assim, cada sexo necessita sempre do Outro, de um Outro Diferente, pelo que só

pode existir na relação de Um com o Outro, para que possa existir criação e (re)criação de Um e de Outro, com Um e com o Outro.

Quando pensamos o Outro como Diferente, no período de desenvolvimento adolescente, a diferença de sexos surge como uma dimensão que é importante ser pensada. É com a entrada na adolescência, mais precisamente, com a eclosão pubertária, que as diferenças sexuais ao nível do corpo são mais evidentes. Mas, esta é apenas uma parte da questão, uma vez que decorrem maturações importantes em termos do desenvolvimento psíquico, que são aquelas que aqui procuramos explicitar, para podermos compreender a importância da dimensão do Outro neste campo.

No modelo pulsional freudiano, as transformações da puberdade e a descoberta do objecto dão lugar ao aparecimento de uma sexualidade genital, na qual existe uma finalidade sexual, em que as pulsões parciais se subordinam ao primado da zona genital. Neste momento, assistimos a uma complementaridade das zonas erógenas genitais, masculinas e femininas.

Para Freud (1905/1989), a chegada da puberdade permite que se estabeleça uma organização sexual definitiva, uma vez que a pulsão anteriormente era auto-erótica, e agora encontrou um novo alvo sexual, ou seja, um objecto sexual, uma vez que antes, o que existe é uma bissexualidade psíquica que se altera com a entrada na adolescência. É a organização sexual definitiva que vai permitir ao adolescente a escolha do masculino ou do feminino. Ao introduzir Eros, pulsão de amor, aquele que liga e une, opera uma passagem da libido vs. agressividade, para uma teoria da ligação, da coesão e da unificação. Deste modo e de acordo com Green (1997/2000), introduz o Outro na condição de objecto.

A diferença dos sexos é inevitável; apresenta uma evidência biológica, principalmente com a eclosão pubertária, presente no início da adolescência. Esta diferença, do ponto de vista psicológico, tem sido alvo de diferentes abordagens. Nos modelos clássicos, a ordem dominante era a questão de ter ou a de não ter; mas também pode ser encarada numa lógica de ligação, de união e de integração, o que só pode ser feito a partir do momento em que se aceita o princípio da incompletude de Um e do Outro, para se poder procurar, reconhecer e integrar a parte que falta, donde, complementar.

Gutton (1991), ao descrever a complementaridade dos sexos presente na adolescência, defende que é o objecto narcísico que permitirá operar uma passagem

do objecto sexual, psiquicamente presente, para o Outro de um outro sexo, através da falta; assim, o objecto narcísico permitirá reconhecer a complementaridade absoluta, possibilitando a identificação, mas com a função específica de manter a separação.

Na adolescência realizam-se as primeiras escolhas de objectos, femininos ou masculinos, que possibilitam a realização das identificações, o que só é possível através do abandono da posição narcísica e bissexual que vai possibilitar o encontro do objecto heterossexual, como forma de constituição da identidade genital adulta, agora ligada a uma escolha, do masculino ou do feminino.

Para Blos (1962/1998), na adolescência propriamente dita, dá-se o encontro com o objecto heterossexual, existindo dois temas dominantes: o renascimento do complexo de Édipo e o desinvestimento dos objectos de amor iniciais. Este processo tem subjacente o abandono do objecto e a procura de um novo objecto, o que promove a organização da pulsão adulta. Este movimento expressa-se na adolescência, por dois estados afectivos: o “luto” e o “estar apaixonado”. O “luto” encontra-se relacionado com a renúncia dos pais edípicos, devendo ser encarado não como um processo patológico, mas como um processo de transição que irá dar lugar a novas escolhas. O “estar apaixonado” reenvia-nos para as paixões adolescentes, que são a expressão de um amor objectal heterossexual.

O Outro, na condição de Diferente, remete-nos para a questão da alteridade, em que não existe apenas o Eu e o Outro, mas existe o Eu e o Outro que é o mesmo, que passa a poder ser investido numa relação de ligação e de transformação do Eu e do Outro; ou seja, o Eu transforma o Outro mas cada um também se transforma.

Durante o processo de desenvolvimento adolescente, são notórias as modificações corporais que vão permitir a construção de uma imagem sexual diferenciada do Próprio na relação com o Outro, o que passa por uma integração do corpo sexuado masculino ou feminino, através de uma escolha sexual. Deste modo, dá-se a aquisição de uma identidade sexual definitiva, feminina ou masculina, que se deve apresentar estável no final da adolescência, de modo a permitir uma diferenciação e uma complementaridade entre si, de modo a que o feminino se complete no e com o masculino e vice-versa.

No fim da adolescência é esperada a aquisição de uma identidade sexual definitiva, através da escolha definitiva do masculino ou do feminino. Bégoïn-Guignard (1988) defende a noção do feminino primário como o lugar psíquico interno onde se organizam as primeiras identificações.

Quando nos inscrevemos no modelo relacional, o jogo de identificações decorre entre a introjecção e a projecção, na medida em que o sujeito introjecta as partes boas e más do objecto, tal como as projecta no Outro.

À noção de diferente está sempre inerente a relação com o Outro. Ao longo dos tempos tem existido sempre a necessidade de realizar uma comparação entre Um e o Outro, numa procura do que um não tem e que o Outro pode oferecer. A constatação da existência dos dois sexos tem levado a que o feminino seja apresentado na relação com o masculino, na qual surge desqualificado, no sentido em que é dado um maior poder ao masculino.

Na teoria do pensamento, o Outro, na condição de Diferente pode ser pensado com recurso ao modelo continente-conteúdo, no qual Um se impõe perante o Outro, feminino-masculino, Eu—Outro, numa relação complementar entre os dois, mas cujo resultado é a construção de um novo Eu e de um novo Outro, em que existe a reunião e a potencialização das capacidades e das qualidades de cada um em benefício mútuo, num encontro pontuado por novas criações e comunicações.

Na relação que se estabelece entre continente e conteúdo, também está presente uma relação entre a coisa e a não-coisa; nela, é a capacidade de tolerar a não-coisa que permite o acesso ao pensamento que surge como uma solução para o problema que se deseja resolver, o que leva ao aparecimento da noção de ausência do objecto. É neste sentido que emergem os opostos, pois é perante a falta que surge a representação. Assim, falar em presente implica falar no ausente, falar em proximidade implica falar em distante, o conhecido implica o desconhecido, tal como falar no feminino implica falar no masculino. Neste sentido, Marques (2003) descreve a possibilidade de se falar em ciclos renovados de vida e de morte, dado que, em cada novo começo há a integração do antigo transformado.

No processo de desenvolvimento adolescente, podemos pensar nas diversas transformações que ocorrem ao nível do corpo, ao nível das identificações e na procura do Outro, como ciclos, com um princípio e um fim, nos quais o antigo dá lugar ao novo, existindo uma transformação que dá lugar à integração e ao crescimento.

Na adolescência decorre a procura do Outro que, ao ser Diferente do Próprio, pode ser objecto de procura e de desejo, mas que também pode ser temido e receado. Assim, surgem algumas noções que se prendem com os opostos de presença/ausência, proximidade/distância, conhecido/desconhecido, pelo que surge a

necessidade da constituição do objecto, assim como da sua representação simbólica. O Outro surge como um objecto que vai dar resposta ao desamparo, criando a ilusão de que esse desamparo não existe, dado que este é da ordem do insuportável para o sujeito. Para que o sujeito possa lidar com o que lhe é insuportável, com o desamparo, estabelece relações com o(s) Outro(s), na sua condição de diferente, uma vez que este surge como um objecto de relação, numa lógica de complementaridade em que existe o desejo de integrar a parte em falta.

Na relação entre o Eu e o Outro, é esperado que se estabeleçam vínculos de desejo, numa lógica de complementaridade, em que se procura colmatar a falta do Próprio na relação com o Outro. É o desamparo do Próprio que leva à procura do Outro, na condição de diferente, enquanto objecto de relação e de desejo.

O feminino tem sido pensado, ao longo dos anos, como a parte que falta ao masculino, tal como o masculino surge como a parte que falta ao feminino. Mas, quando pensamos numa lógica de ligação, de (re)união e de conciliação de Um e de Outro, o feminino surge, tal como Marques (2003) o descreve, como sendo um ponto inicial, a partir do qual se podem sempre gerar novas chegadas, numa relação de Um a/com Um, num lugar outro, uma vez que o lugar do feminino ficará disponível para novas chegadas; entende-o como um *“lugar que não é público nem privado, nem de um nem de outro, é um lugar de expectativa, lugar de criação-recriação na/da intersubjectividade.”* (op. cit; pp. 72). A relação decorre na relação e pela relação, desenhando ciclos intermináveis, onde o princípio é sempre um fim, e o fim o começo de novos princípios.

A adolescência é por excelência um lugar de criação e de (re)criação, nela decorre todo um movimento de transformação do antigo em novos sentidos e significados, em que cada etapa dá lugar a uma nova etapa, e em que um novo início só é possível pela integração do antigo transformado e (re)significado. Na relação que se estabelece entre o Eu e o Outro, decorre uma procura daquilo que um tem e que o Outro deseja alcançar, pelo que se desenha um ciclo, cujo fim a alcançar dá lugar a um novo início, abrindo o caminho para novas procuras, para novos ciclos que possibilitam novas criações e (re)criações, dotadas de novos sentidos e de novos significados. O fim da adolescência é a idade adulta, um novo ciclo que se inicia, com novos caminhos para desvendar, numa procura de novos sentidos e de novos significados, do Eu com o Outro, mas também do Eu consigo Próprio.

2.3. O Outro Complementar

Ao procurarmos compreender o Outro numa relação de complementaridade, emerge a noção de ligação entre Um e o Outro, na qual existe a (re)união do que estando em falta no Eu leva à procura no Outro e, também, o que Um possui e que pode ser objecto de procura pelo Outro.

Para que o Eu possa procurar a sua parte em falta, donde, Complementar, é necessário que se constitua de uma forma íntegra e separada do Outro. Assim, sujeito e objecto apresentam-se com uma existência separada; mas é a necessidade de reunir o que um possui e o que falta ao Outro que os une numa relação Complementar de troca. Neste sentido, o objecto não designa o objecto exterior, mas antes a representação psíquica inconsciente do Outro, ou seja, o Outro só pode ser constituído na medida em que, anteriormente, existe um Eu, o que significa que só pode existir uma relação com um objecto externo quando já existe um objecto interno.

Na teoria freudiana, a identificação assume um lugar de destaque, porque permite descrever melhor a noção de sexualidade. O rapaz desenvolve um investimento de objecto, em relação à mãe, enquanto que, com o pai, apodera-se dele por identificação. As duas relações evoluem até que ocorre um reforço dos desejos sexuais relativamente à mãe, passando o pai a ser percebido como obstáculo aos seus desejos, o que leva ao aparecimento do Complexo de Édipo. Neste momento, a identificação com o pai assume um colorido hostil e transforma-se num desejo de eliminar o pai e de o substituir junto à mãe. Na rapariga, inicialmente, existe uma ligação à mãe, em que esta é considerada um modelo, para passar, na altura do Complexo de Édipo, a querer eliminar a mãe e substituí-la junto do pai. Nesta teoria, o Complexo de Édipo aparece como um separador que constitui a diferença de sexos e de gerações. Inicialmente, a relação ocorre com o objecto primário e é a partir do Complexo de Édipo que é feita a introdução de um Outro, dotado de novas qualidades, que vai permitir o reconhecimento dos dois como diferentes. Depois de se reconhecer a diferença é que é possível realizar uma procura complementar, uma vez que é o reconhecimento do que não se tem mas que se deseja ter que permite colmatar a falta.

Freud (1923/1989) defende que a identificação com o pai não é consequência de um investimento objectal, e que esta se deve ao carácter triangular da situação edipiana e da bissexualidade que apresenta um conjunto de disposições psíquicas opostas, umas conscientes e outras inconscientes.

A alteridade, ou seja, a procura de um desejo Outro, é um objecto de reconhecimento, ocultando a presença interna e interiorizada do Outro, tornando-o externo e de certa forma reprojectado. É neste sentido que, para David (1973), as fontes da bissexualidade psíquica concorrem para o acompanhamento do destino sexual, na medida em que a heterossexualidade genital, ligada ao prazer, não se apresenta ligada durante muito tempo às aspirações e aos desejos que, por sua vez, estão ligados à bissexualidade. A afirmação da bissexualidade constitui-se, assim, como a afirmação da especificidade sexual, pelo que se deve ter em conta a oscilação entre o masculino e o feminino.

Para Green (1997/2000), a bissexualidade não pode ser definida por referência a cada um dos sexos, mas ao sexo do Outro, que ele continuaria a conter e com o qual se estabelecem trocas, o que implica uma articulação entre o que se passa no Eu e no Outro. Neste sentido, defende que invocar o masculino e o feminino, no homem e na mulher, talvez mascare a dificuldade de conceber de que modo é que o feminino do homem e o masculino da mulher entram em relação. Assim, a sexualidade está ligada a uma certa forma de alteridade, uma vez que implica a ideia de um objecto que falta ao corpo do sujeito e, deste modo, a pulsão representa a falta. Neste sentido, a bissexualidade não pode ser definida apenas no que diz respeito a cada um dos sexos, mas na relação com o Outro sexo, no sentido em que cada um dos sexos possui algo que falta ao Outro, pelo que se estabelece uma troca Complementar entre o adolescente e o(s) Outros(s).

Este movimento de procura está muito ligado à sexualidade, a qual, na adolescência, está directamente relacionada com o corpo que se encontra em transformação. Mas, para além das alterações existentes em cada um, existe ainda a procura do parceiro, daquele que possibilitará a realização do desejo e que é simultaneamente um Outro estranho, mas também um Outro Complementar, no sentido de uma alteridade existente no interior do sujeito e que o ajudará no encontro consigo Próprio.

Para Birraux (1990), a complementaridade dos sexos surge como uma alternativa ao luto pelos objectos edipianos, funcionando como o organizador psíquico para as

mudanças que ocorrem durante este período do desenvolvimento, nomeadamente, a imagem de si, a identidade de género, o narcisismo e os ideais que se vão traduzir em novas representações. Trata-se de uma representação que evidencia que o Outro sexo é objecto complementar que procura ser encontrado, sendo, por outro lado, uma representação simbólica da função sexual.

Quando nos situamos nos modelos mais relacionais e do pensar, de entre os quais destacamos as concepções bionianas, existe um continente e um conteúdo que se unem para que seja possível o crescimento. No início, o bebé necessita da mãe com a sua função contidora e transformadora para, posteriormente, poder introjectar essa função. Assim, o continente ganha um significado e um sentido, pela acção de um conteúdo, mas também é essa acção que lhe permite a transformação inerente ao crescimento. O modelo continente-conteúdo implica a existência de um espaço psíquico continente/contidor dos elementos que nele foram projectados e que ali podem ser transformados, os conteúdos. De acordo com Dias & Fleming (1998), *“continente e conteúdo transformam-se. A função continente é transformadora de conteúdo, e conteúdo não é o mesmo depois da sua transformação; mas «o valor das palavras» não sustenta a «minha» actividade, a não ser quando não a estou exercendo, ou seja, quando a estou pensando”* (op. cit., pp. 61).

Ao pensarmos em continente, temos que pensar inevitavelmente em conteúdo, que remete para a noção de interior/dentro, que por sua vez surge em relação com os seus opostos exterior/fora, o que nos remete, inevitavelmente, para a relação entre presença/ausência. Esta relação apresenta uma oscilação dinâmica, na qual decorrem transformações: dentro do sujeito, nos objectos, mas também entre os objectos e os sujeitos, e os sujeitos e os sujeitos, ou seja, no sujeito consigo Próprio e nas relações que estabelece com o(s) Outro(s).

Durante o processo de desenvolvimento adolescente, decorrem mudanças e transformações que impõem novos objectos e objectivos, assim como novas relações do tipo continente-conteúdo, que são inerentes ao desenvolvimento, e que por sua vez implicam uma acção renovada e renovadora da “barreira de contacto”. Esta actua permitindo uma ligação entre o interno e o externo, entre o consciente e o inconsciente, entre o sujeito e o objecto, suscitando a criação de novos objectos e objectivos, possuidores de novas qualidades e de novos atributos, promotores de novas mudanças e transformações, criando-se novos sentidos e novos objectos na relação com o sujeito.

Ao pensarmos a relação que se estabelece entre o Eu e o Outro na adolescência, com recurso ao modelo continente-conteúdo, deparamo-nos com a necessidade que o adolescente apresenta de se relacionar com o(s) Outro(s) adolescente(s). Mas, neste período do desenvolvimento, o Outro pode surgir como elemento perturbador e destabilizador do Eu, como pode ser o lugar contendor e transformador dessa mesma inquietação. O Outro surge como objecto, como um continente para aquilo que o Eu—adolescente não consegue pensar e significar, e que necessita de ser transformado. Mas a transformação que acontece fora, também tem lugar dentro; na medida em que os conteúdos são devolvidos pelo Outro, só podem existir num continente do Próprio. Assim, quer o Eu, quer o Outro, funcionam como continentes e conteúdos, numa relação em que o continente ganha sentido e significação pela acção do conteúdo e este é transformado e resignificado pela acção do continente. O crescimento só é possível através da junção de um continente e de um conteúdo, ou seja, de um adolescente com Outro adolescente, e nessa junção estão presentes as várias dimensões que ele pode apresentar para o crescimento do Próprio.

Na adolescência decorre todo um conjunto de mudanças, quer internas, quer externas, que surgem como inevitáveis para o crescimento. Este surge como um momento pontuado por desequilíbrios, em que a cada novo avanço surgem novos desequilíbrios, quer no Próprio, quer nas relações que estabelece com o(s) Outro(s). Trata-se de um período de “mudança catastrófica”, no sentido em que o equilíbrio está constantemente a ser posto em causa pela maturação, decorrendo um movimento de desintegração e de integração do que, sendo do Outro também pode ser do Próprio, numa lógica de reunião, de conciliação de Um com o(s) Outro(s).

Salgueiro (1990) utilizou o conceito de Bion, de mudança catastrófica, para se referir à adolescência, uma vez que é aquele que melhor descreve o que se passa durante este período. Trata-se de um momento de turbulência, em que decorre um movimento entre o que é conhecido, que logo passa a desconhecido. Associada a esta mudança, presente na adolescência, está a dor mental, que é necessária para que se produza uma mudança, ou seja, uma transformação, a qual implica que se estabeleça uma relação, uma ligação e uma comunicação, necessária ao crescimento.

O Homem em geral e o adolescente em particular, uma vez que é sobre ele que nos debruçamos neste trabalho, apresentam uma pulsão inata para conhecer, a pulsão epistemofílica, que se traduz por uma curiosidade e um desejo em conhecer a realidade, quer externa, quer interna, o que envolve o adolescente numa procura

activa. Para poder entender como é que o sujeito se envolve numa procura activa, Bion (1965/1984) postula a existência de “O”, que pode ser qualquer coisa, sendo que essa coisa pode pertencer à realidade quer interna, quer externa do sujeito. Mas é na medida em que “O” pode ser transformado, que pode ser apreendido pelo próprio e pelo Outro.

O adolescente transforma-se, a partir da criança que já foi, com base num projecto do adulto que quer vir a ser; trata-se de uma transformação de “K” conhecimento, em “O” realidade última; esta transformação, $K \rightarrow O$, opera um movimento no sentido do conhecer para o Ser. É na medida em que se transforma, que também se pode conhecer; tem assim, acesso à sua realidade psíquica, às suas emoções básicas, como o amor e o ódio. É através do conhecimento que o adolescente procura entrar em contacto com a sua experiência emocional, procurando encontrar uma forma de representar a sua experiência, ou seja, uma forma de a poder simbolizar, para que assim possa conhecê-la, para aprender e crescer com ela, mas também para que a possa dar a conhecer, ocorrendo uma transformação na relação com o(s) Outro(s).

O modelo das transformações, tal como foi descrito por Bion (1965/1984), permite-nos explicitar como é que, através do encontro, da comunicação, da relação e da ligação entre o sujeito e o objecto, entre o objecto e o sujeito, e, também, do objecto interno e do objecto externo, e do encontro, da comunicação e da relação entre as experiências passadas e as presentes, se criam, recriando-se, novos objectos, ou seja, objectos que emergem, agora dotados de novas características e novas qualidades. Este trabalho de transformação só é possível, na medida em que existe um aparelho que permite pensar os pensamentos, no qual está presente toda uma actividade de relação, comunicação e ligação que, por sua vez, leva à criação de símbolos, ou seja, à criação de novos objectos.

Durante o processo de desenvolvimento adolescente decorre um trabalho de transformação, através de uma actividade de relação, de ligação e de comunicação, entre o Eu e o(s) Outro(s). Decorre um movimento de procura do(s) Outro(s), das suas diferentes dimensões, que aparecem como desconhecidas para o Próprio, mas que são alvo de curiosidade e de desejo. Assim, o Outro reveste-se de dois opostos: por um lado é sentido como perturbador, mas, por outro, lado suscita no adolescente a curiosidade para o conhecer, para o descobrir, o que só pode ser feito numa relação de Complementaridade. O processo de transformação tem subjacente a actividade de

pensar, actividade essa que conduz à formação dos símbolos e à criação de novos objectos. Este é o processo que permite a constituição e a construção de um novo sujeito, ou seja, de um novo adolescente, dotado de novas qualidades e capacidades, a caminho da vida adulta, com todas as interrogações e sobressaltos que advém da oscilação entre o que é conhecido e o que ainda não foi vivido e que, por isso, é desconhecido.

A relação entre o que é conhecido e o que ainda não o é, reporta-nos para o conceito de conflito estético descrito por Meltzer, que mais não é do que o conflito entre o exterior conhecido e o interior desconhecido do objecto. Trata-se de um conflito que se opera entre o interior, que é ambíguo e desconhecido, e o exterior, que se expressa pelo conhecido, mas que a cada momento deixa de o ser. No cerne do conflito estético, encontramos o não saber, o desconhecido. Na adolescência, também está presente todo um desconhecido; este traduz-se por incertezas de sentimento e emoções, que agora emergem e que se prendem, quer com o Próprio quer com o Outro. Todo este conflito implica uma relação com o Outro, que se aprecia como objecto estético, mas é também deste Outro que o adolescente quer, por sua vez, ser objecto estético. Trata-se de uma dupla relação, que se expressa através do conflito estético, que opera uma ligação entre aquilo que é desconhecido e se procura avidamente conhecer, e que, ao ser conhecido, se procura dar a conhecer, estando subjacente uma relação, do tipo continente-conteúdo, que possibilita a comunicação entre o Próprio e o(s) Outro(s).

Durante o processo de desenvolvimento adolescente, o corpo encontra-se em transformação; o corpo de criança, que é conhecido, transforma-se no corpo do adulto, agora dotado de uma sexualidade, donde, desconhecido (Birraux, 1990).

A adolescência decorre num tempo externo que também é interno, durante o qual existe a necessidade de o adolescente estruturar o seu Eu, o que só é possível na relação que vai estabelecendo com o(s) Outro(s), Iguais, Diferentes, mas também Complementares, numa procura que se reveste de diferentes sentidos e significados. Neste caminho percorrido pelo adolescente, no qual decorre a relação com o(s) Outro(s), existe a necessidade de (re)unir, de ligar, de transformar, para que seja possível crescer.

Quando pensamos na relação entre o Eu e o Outro numa lógica complementar, pensamos na possibilidade de encontro entre Um e Outro, numa relação em que se estabelecem trocas. Na adolescência, um dos encontros decorre entre o feminino e o

masculino, agora com a aquisição de um corpo sexuado, também ele em transformação. Durante este processo podemos pensar em ciclos, com um princípio e um fim, que se renovam de modo a que o antigo dê lugar ao novo, e em que a transformação dá lugar à integração e ao crescimento.

No Eu existe uma procura do Outro, nas suas várias acepções, na condição de Igual, de Diferente e de Complementar, num ciclo que se renova a cada procura, dando lugar à descoberta, à procura, mas também à integração e à possibilidade de comunicação do novo (re)significado.

IV. O OBJECTIVO DO ESTUDO

Este estudo tem por objectivo a compreensão da relação Eu–Outro durante o processo de desenvolvimento adolescente. Na revisão teórica realizada sobre a adolescência, as referências à dimensão do Outro são restritas; no entanto, dentro da Psicanálise este conceito é particularmente vasto e complexo. Deste modo, neste estudo procuramos pensar como é que o Eu adolescente se constitui na relação com o Outro, na condição de Igual, de Diferente e de Complementar. A relação que decorre entre o Eu e o Outro, ou seja, entre o sujeito e o objecto é aqui entendida como uma relação intersubjectiva, de comunicação, na qual está presente uma co-acção e um co-pensamento que, por sua vez, permite uma compreensão e uma cooperação entre sujeitos, numa articulação entre o dentro e o fora, entre o mundo interno e o mundo externo, numa relação entre o Igual, o Diferente, na qual é possível integrar a parte em falta, que pode e deve impor uma lógica de procura do Complementar.

Procurámos, assim, realizar um estudo conceptual, onde é possível chegar ao conhecimento recorrendo a modelos que condicionam e determinam a expressão do nosso objecto de estudo. Para acedermos ao objectivo do nosso estudo recorreremos ao Rorschach, já que dentro das metodologias projectivas tem sido o instrumento que, submetido e sustentado por concepções teóricas, permite conhecer com uma maior especificidade o processo de desenvolvimento adolescente. Neste sentido, recorreremos ao estudo de protocolo e de narrativa para podermos compreender de que forma é que decorre a relação entre o Eu adolescente e o(s) Outro(s).

Para aceder ao estudo da relação Eu–Outro durante o processo de desenvolvimento adolescente, torna-se necessária a inscrição num modelo que consagre a relação, a observação, a descrição e a significação, mas que possibilite,

também, o estabelecimento de ligações, numa relação de transformação possibilitadora de uma (re)construção de sentires e de sentidos, geradora de novos significados. É neste sentido que o modelo hermenêutico deve ser considerado, na medida em que estabelece que não são os fenómenos que interessam, mas a explicação que neles está oculta. Para Marques (1999), *“compreender não é repetir um evento, é gerar um novo acontecimento, desocultar o que está dissimulado. A hermenêutica funda assim o conhecer na interpretação e a interpretação pode acabar por ser um quase sem-fim.”* (op. cit., pp. 79). O Rorschach é por excelência um instrumento de interpretação, por um lado, das manchas que são suficientemente ambíguas e desprovidas de qualquer sentido e de qualquer significado e, por outro lado, das respostas dadas pelos adolescentes que, de acordo com parâmetros previamente estabelecidos, podem ser alvo de diferentes interpretações, permitindo-nos aceder ao que antes estava oculto.

A adolescência tem vindo, ao longo dos tempos, a ser abordada por diferentes correntes e concepções. Aqui procuramos pensar neste período do desenvolvimento, através das principais concepções da teoria psicanalítica, pelo que recorreremos aos modelos freudianos, mas também aos que se inscrevem nas teorias das relações de objecto, até chegarmos aos modelos que têm em conta o desenvolvimento e o crescimento mental, que são aqueles que derivam dos trabalhos de Bion, e que nos permitem compreender a adolescência como sendo um processo dinâmico, durante o qual existe a possibilidade de transformar e de ligar o que é da ordem do mundo interno e do mundo externo, o que é conhecido e o que é enigmático e desconhecido, submetido e inscrito numa lógica de curiosidade, de desejo e de sonho. Através destas concepções, podemos pensar a relação que se estabelece entre o Eu e o Outro, numa procura que sendo externa é também interna, numa relação intersubjectiva, na qual está presente uma comunicação entre Un(s) e Outro(s) possibilitando a emergência de novos sentidos e novos significados.

Ao compreendermos a adolescência como um processo de transformação, este período passa a ser compreendido num espaço-tempo, durante o qual se (re)criam novos objectos e objectivos, num trabalho de ligação, de comunicação, entre o mundo interno e o mundo externo, entre o Eu e o Outro, que possibilita o crescimento e a expansão mental de Um e/com o Outro.

A turbulência que tem lugar durante este período do desenvolvimento, e que é vivida quer ao nível externo, quer ao nível interno, suscita novas relações de (re)união e de (re)integração, de transformação e de simbolização, nos processos que têm lugar na relação entre o Eu e o Outro, onde este apresenta um papel fundamental na qualidade de continente e de conteúdo, podendo conter e significar aquilo que o Próprio ainda não consegue pensar. Assim, o Outro desempenha um papel importante na relação com o Eu, na medida em que é fonte de equilíbrio, mas também de desequilíbrio, desempenhando um papel importante na construção do adolescente, o que é descrito na literatura pelo “vir a ser”, pelo “tornar-se” adolescente a caminho de ser adulto.

Para Marques (2005), o processo de “tornar-se” leva ao estabelecimento de uma nova barreira de contacto entre os objectos, entre o dentro e o fora, entre o inconsciente e o consciente. É através dessa barreira de contacto em acção e em transformação, e da actividade de ligação e comunicação das realidades internas e externas, que se criam novas realidades, realidades estas que levam à realização de novas experiências, geradoras de novas relações continente-contéudo e de novas significações. É através da utilização desse limite que se pode constituir a função interna de conter e simbolizar, que permite a (re)construção de objectos no espaço interno e a criação de sentires e sentidos, de sujeito e de objecto renovados. A adolescência surge, assim, como o período do desenvolvimento durante o qual existe a necessidade de estabelecer novas ligações e comunicações entre o Eu e o Outro, entre o mundo interno e o mundo externo, entre o inconsciente e o consciente, pelo que é mobilizado o uso da clivagem e da identificação projectiva, que, por um lado, permite a separação e a distinção visando a construção e, por outro lado, a confusão, a indiferenciação, o esbatimento dos limites entre os objectos.

As transformações que decorrem durante a adolescência podem ser pensadas de acordo com a noção de “mudança catastrófica”, no sentido em que decorre um movimento de procura de um novo equilíbrio face ao que foi perdido, com a entrada em jogo de novos objectos e objectivos. O processo de construção que tem lugar durante este período do desenvolvimento, decorre através da alternância entre o mundo interno e o mundo externo, entre o dentro e o fora, num jogo de movimentos regressivos e progressivos que tornam possível o crescimento do Eu adolescente na relação com o(s) Outro(s), numa relação de (re)união entre Um e Outro, entre o que é

de Um e o que é do Outro, que surge agora ligado e (re)criado, como fonte de novos sentidos e de novos significados.

O processo de desenvolvimento adolescente pode ainda ser explicitado com recurso ao “conflito estético”, tal como foi descrito por Meltzer (1990), como o conflito que está presente no desenvolvimento e que tem, no seu cerne, a capacidade do sujeito de permanecer na incerteza. Trata-se do conflito entre o belo exterior e o enigmático interior que tem de ser construído com a imaginação criadora.

Na adolescência existe o desejo de explorar; há uma necessidade de conhecer e de se conhecer, pelo que surge a necessidade de se estabelecerem relações mais íntimas com o(s) Outro(s), as quais levam, por sua vez, à constituição de relações mais profundas para com o Próprio; nelas os objectos são (re)criados e (re)simbolizados, numa actividade de permanente ligação e articulação entre o que é da ordem do mundo interno e do mundo externo, do antigo e do novo, num processo onde o não vivido e o não experimentado tem agora lugar para ser vivido e experimentado, numa actividade de criação e de (re)recriação entre Un(s) e Outro(s), numa oscilação que é parte integrante do crescimento.

Neste estudo procuramos pensar a relação Eu–Outro na adolescência. Esta relação está ligada, por um lado, à noção de sujeito e, por outro lado, à noção de objecto que, no modelo psicanalítico, apresenta diferentes perspectivas, sendo por vezes difícil chegar a uma concepção unificadora, não só porque existem diferentes teorizações, mas também porque existe sempre mais do que um objecto. Apesar desta dificuldade, procuramos delimitar este conceito dentro de algumas correntes que se inscrevem no modelo psicanalítico, nomeadamente na escola freudiana; mas, dada a especificidade que esta apresenta, recorreremos também aos modelos que se inscrevem na teoria das relações de objecto e aos modelos do pensamento, nos quais é possível encontrar uma maior ligação entre o Eu e o Outro, numa relação de transformação de Um e de Outro e de Um com o Outro, que é inerente ao crescimento e à expansão mental.

As noções de sujeito e de objecto apresentam-se interligadas, tornando-se difícil falar de Um sem abordar o Outro. Nos primeiros trabalhos de Freud, aparecem acentuadas as qualidades externas do objecto; mais tarde, em *“As pulsões e as suas vicissitudes”*, de 1915 (1989), é colocado o objecto como podendo ser interno, na medida em que o objecto de uma pulsão é a forma através da qual alcança o seu alvo, passando, deste modo, a fazer parte do corpo do próprio sujeito.

O conceito de objecto interno ganha uma maior consistência com os trabalhos desenvolvidos pela teoria das relações de objecto, onde a questão central não incide sobre o objecto real, mas antes sobre uma realidade psíquica da representação realizada pelo sujeito. Inicialmente, durante a fase esquizoparanóide, a identificação projectiva permite negar a separação entre o sujeito e o objecto portador das suas partes clivadas, conservando, deste modo, a ilusão do controlar (Klein, 1946/1991). É através do jogo entre a identificação projectiva e a identificação introjectiva que o sujeito passa a poder reunir as suas partes clivadas, boas ou más, tal como as projecta no Outro.

A teoria do pensamento desenvolvida por Bion (1961), tem, como ponto de partida, a frustração das necessidades básicas do bebé, a partir da qual existe a possibilidade de se desenvolver um aparelho psíquico para pensar os pensamentos, o que só é possível através da utilização das identificações projectivas. Deste modo, elabora o modelo continente-conteúdo que se baseia no uso de identificações projectivas, no qual é necessário que se estabeleça uma interacção dinâmica entre continente e conteúdo, para que se produzam pensamentos. Assim, podemos pensar na relação Eu-Outro, com base numa perspectiva dinâmica, como uma relação continente-conteúdo, em que estão presentes movimentos de desintegração e de integração, na qual opera a função alfa, transformadora dos elementos sensoriais em elementos que podem ser pensados, e que passam a ser parte integrante no crescimento que tem lugar durante o período de desenvolvimento adolescente.

Neste estudo, procuramos conhecer três dimensões do Outro, enquanto conceito, que consideramos importantes no processo de desenvolvimento adolescente, a saber: o Outro na condição de Igual, de Diferente e de Complementar.

O **Outro**, na condição de **Igual**, está ligado à procura de continuidade entre o que é do Próprio e o que é do(s) Outro(s), suscitando a necessidade de (re)unir e de integrar as partes do Próprio, as quais se tornam conhecidas através da relação com o(s) Outro(s), numa relação de ligação e de transformação entre o que é da ordem do mundo interno e do mundo externo, que agora pode ser (re)organizado, (re)integrado, dotado de novos sentidos e de novos significados.

Durante a adolescência assistimos a uma passagem da atracção do espelho de Narciso, o que deslumbra e cativa, para a atracção do espelho de Dionísio, o que dispersa, descentra, para, no final, reunir. Só no final deste processo é que haverá

reunião e conciliação entre adolescentes e adultos (Marques, 1999). Neste confronto que tem lugar entre os adolescentes e os adultos, está subjacente o desejo da aquisição da autonomia. A ambivalência joga-se entre o desejo de protecção e o de compreensão, e o de oposição e de confrontação, necessária para vir a dar lugar à aceitação e à integração que surgem como fundamentais para o crescimento.

Durante o processo de desenvolvimento adolescente, o Igual é aquele que se apresenta ao mesmo nível, com quem se torna possível viver uma experiência relacional em que ambos se enriqueçam pela experiência de comunicação, mas também de transformação do que o Eu e o Outro possuem de Igual, e onde o Diferente desperta para o conhecimento de Um e de Outro e de Un(s) com o(s) Outro(s).

O **Outro**, na condição de **Diferente**, remete-nos para a constituição da diferença entre o sujeito e o objecto, ou seja, para a diferença entre o Eu e o Outro, em que a mais evidente é a do Outro dotado de outro sexo, masculino ou feminino, com o qual existe a possibilidade de se realizarem trocas de Um com o Outro.

Durante o processo de desenvolvimento adolescente, o conflito de gerações ganha uma nova dimensão com a necessidade de o adolescente realizar as suas identificações, o que torna necessário o abandono da posição narcísica e bissexual que vai permitir a constituição da identidade genital adulta pelo encontro com o objecto heterossexual, feminino ou masculino.

A relação com o Outro, ao ser pensada numa lógica de diferença, acentua a tensão e a conflitualidade entre o Eu e o Outro, entre o masculino e o feminino, no sentido em que a diferença alarga o campo de relação, mas também torna mais evidente o que Um tem e o que ao Outro falta.

A evidência da existência de dois sexos tem levado a que o feminino apareça por vezes desqualificado na relação com o masculino, no sentido em que é dado um maior poder ao masculino. Quando nos inscrevemos na teoria do pensamento, o diferente, ou seja, o Outro de outro sexo, passa a ser entendido numa lógica de relação, de (re)união do feminino e do masculino, passando a existir um aproveitamento das capacidades e das qualidades de cada um para o benefício dos dois, numa relação de (re)criação de novos sentidos e de novos significados.

A relação Eu-Outro, sujeito-objecto, feminino-masculino, pode ser pensada com recurso à relação continente-conteúdo, na qual Um se impõe perante o Outro, mas

em que Um e Outro se complementam, dando origem a um novo Eu e a um novo Outro, sendo que cada um (re)une e potencia as suas capacidades, dando origem a novas criações, a novos objectos e objectivos.

Neste sentido, a relação de ligação e de união entre o feminino e o masculino, pode ser entendida como um ponto de partida que, por sua vez, gera novos pontos de chegada, que podem ser também novos pontos para novas partidas; trata-se de um lugar que fica disponível, que é de expectativa, de criação e de (re)criação na intersubjectividade, que não é de Um, nem é de Outro, mas em que a relação decorre na e pela relação, desenhando novos ciclos intermináveis, nos quais o princípio é sempre um fim e o fim dá, por sua vez, origem a novos princípios (Marques, 2003). Assim, uma etapa dá lugar a outra, um ciclo dá origem a um novo ciclo, mas, para que um novo ciclo se inicie, é necessária a integração do antigo transformado e (re)significado. Os novos ciclos abrem o caminho a novas procuras, para novas criações que são possíveis pela articulação de Um e de Outro, numa relação complementar de procura do que Um tem e do que ao Outro falta, numa lógica de união e de (re)união de Um no/e com o Outro.

O **Outro**, como **Complementar**, reporta-nos para uma relação de ligação, na qual está presente um movimento de transformação do mundo interno no e com o mundo externo, em que existe uma ligação e uma integração do antigo e do novo, do conhecido e do desconhecido, agora (re)criado e (re)significado. A questão da complementaridade remete-nos para a falta, no sentido em que decorre um movimento de procura do que, estando em falta num leva à procura no Outro, mas também do que Um possui e que pode ser objecto de procura pelo Outro. Mas para que esta relação de ligação e de troca tenha lugar, é necessária a constituição íntegra e separada do Eu e do Outro, ou seja, do sujeito e do objecto.

Ao longo do processo de desenvolvimento adolescente o corpo adquire a sua dimensão sexual, passando as trocas a decorrer entre o Eu e o Outro de um outro sexo, que assume a dimensão de complementar, no sentido em que existe uma procura de integração do que Um não têm mas que o Outro pode complementar.

Na adolescência decorre um processo de transformação, durante o qual o adolescente lida com a falta; ele consiste num movimento de procura, de ligação, de articulação entre o que já é conhecido e o que ainda não foi experienciado e vivenciado, mas que suscita desejo e curiosidade, e que, por não se ter, se deseja vir a

ter. Durante este processo, o adolescente realiza um movimento de procura do Outro, mas que, mais do que ter a ver com o Outro, tem a ver com o Próprio, desenvolvendo-se uma relação de ligação entre o que é do Outro, mas que, por sua vez, faz parte do si-mesmo, ou seja, do Próprio. Deste modo, o crescimento só é possível pela reunião de ambos, numa lógica complementar de ligação entre o que é de Um e de Outro, mas agora (re)simbolizado, dotado de novos sentidos e de novos significados. Assim, descrevem-se ciclos de procura, de ligação, de criação, que a cada novo movimento de procura dão lugar a novas descobertas que, por sua vez, dão lugar a novos ciclos de procura, de ligação e de (re)criação, agora do novo e do antigo, juntos num lugar Outro, sempre pronto para novas partidas e para novas chegadas.

A relação Eu-Outro na adolescência, decorre num espaço e num tempo interno/externo, onde se realiza uma procura e se opera uma integração das várias dimensões do Igual, do Diferente e do Complementar, agora dotados de novos sentidos e de novos significados para o Próprio, mas que só são possíveis na relação de transformação e de (re)criação no/com o(s) Outro(s). Depois de termos explicitado as concepções e os conceitos da relação Eu-Outro, que tem lugar durante a adolescência, passamos agora para o instrumento – o Teste de Rorschach – que nos vai permitir aceder às diferentes dimensões que o Outro pode apresentar durante o processo de desenvolvimento adolescente.

O Rorschach é um instrumento privilegiado na avaliação psicológica, sendo particularmente utilizado na clínica, com características muito precisas no que se refere à possibilidade de aceder ao funcionamento psicológico do sujeito, nomeadamente na realização de um diagnóstico diferencial. No entanto, trata-se de um instrumento que também permite o conhecimento da natureza e do funcionamento do sujeito, na forma como ele se vive na relação consigo Próprio e com o(s) Outro(s). Neste sentido, procurámos novos modelos que possibilitem enriquecê-lo, dotá-lo de novas qualidades, inscrevendo-se, por um lado, nos referenciais que normalmente o sustentam, mas, por outro, alargando-o a novas concepções que permitem entender a actividade mental do sujeito interveniente no processo de resposta Rorschach, como uma actividade de ligação, que se revela entre o interno e o externo, entre o sujeito e o objecto, conduzindo à criação de um novo objecto.

Mais do que um instrumento de avaliação psicológica, o Rorschach, é um método que, ao ser dotado de um estatuto teórico bem definido e delimitado, permite-nos aceder ao objectivo deste estudo, ou seja, à relação Eu–Outro durante o processo de desenvolvimento adolescente. Isto só é possível, na medida em que nos permite aceder ao processo de construção de sentido(s), no qual opera a significação e a simbolização, inscritas numa relação do tipo continente-conteúdo, em que a simbolização, através da criação de novos objectos e de novas relações continente-conteúdo, revela ao Outro o pensamento do Próprio. Estes processos operam através do envolvimento e da comunicação entre percepções e representações, internas e externas, numa lógica de identidade, mas também de transformação recíproca das percepções e das representações (Marques, 2005). Deste modo, são as qualidades dos objectos externos que mobilizam e revelam a qualidade das ligações e das transformações dos objectos internos, numa relação recíproca, em que *“é possível e é fundamental apreciar-se como sujeito(s) e objecto(s) se ligam (e ligam), se transforma (e transformam) se envolvem e comunicam e (re)criam as realidades e os objectos, internos e externos”* (op. cit., pp. 25).

Para a realização deste estudo escolhemos protocolos de adolescentes com idades diferentes, por considerarmos que existem transformações a decorrer entre o início e o fim do processo de desenvolvimento adolescente. Vamos assim estudar 8 protocolos de Rorschach de adolescentes, 4 na fase da pré-adolescência (13 anos) e 4 na fase final da adolescência (17 anos), por considerarmos que a relação que se estabelece entre o Eu e o Outro adquire diferentes formas ao longo deste período. Procurámos então pensar este processo, numa fase inicial da adolescência e numa fase de maior estabilidade, por considerarmos que revelarão elementos diferenciadores.

Na adolescência, o Eu deve ser investido, reconhecido e explorado na relação com o(s) Outro(s), numa relação recíproca, em que ambos se enriquecem e se transformam, adquirindo novas qualidades e dimensões que se prendem com o Igual, com o Diferente e com o Complementar. É o movimento de transformação e de integração, mas também de expansão, de (re)significação, que permite avançar para novas integrações, possibilitando um avanço no crescimento. Para que a compreensão deste movimento seja possível, vamos de seguida descrever o método Rorschach, uma vez que é através dele que vamos poder aceder ao objectivo do nosso estudo.

V. O MÉTODO

Neste estudo cujo objectivo é o de compreender como é que decorre a relação Eu-Outro durante o processo de desenvolvimento adolescente, e qual a importância que as diferentes dimensões do Outro apresentam para a construção do Próprio, o Rorschach surge como o instrumento projectivo, que permite compreender e caracterizar o processo de desenvolvimento adolescente. É através da descrição do Processo de Resposta Rorschach que iremos aceder ao mundo interno do sujeito, através de procedimentos que usam uma dimensão assente na procura da relação, da ligação e da transformação entre o interno e o externo, aqui ligados e (re)criados.

Inicialmente inscrito numa lógica psicopatológica que permite aceder a um diagnóstico, baseava-se na relação entre a percepção, a personalidade normal e a patológica, e nele era dado um peso determinante aos factores intelectuais em comparação com os afectivos. Posteriormente, o Rorschach foi sendo enriquecido, por um lado, pelos trabalhos que derivam da sistematização e dos dados empiricistas e, por outro lado, pelos trabalhos que têm por base a teoria psicanalítica. Com base nestes trabalhos, inscritos na teoria psicanalítica, o Rorschach passa a ser dotado de novas possibilidades metodológicas, passando a poder integrar as concepções de posição e de processo do desenvolvimento. Deste modo, passa a poder ser entendido como um instrumento de observação, dotado de qualidades específicas, que permitem aceder a diversos movimentos mentais que operam no sujeito, tendo por base todo um referencial teórico já estabelecido.

Os trabalhos de investigação do Rorschach desenrolam-se em dois percursos distintos: por um lado, na relação com as lógicas e os racionais de teste e de medida e, por outro lado, numa procura de sustentação no modelo psicanalítico. Nos trabalhos que têm por base as lógicas e os racionais de teste, a preocupação é a de

estabelecer dados formais e quantitativos que permitam identificar e definir grupos psicopatológicos, com base na discriminação de sinais.

Para a realização desta avaliação quantitativa, é necessário um rigor muito grande na passagem da prova, bem como a utilização de critérios muito precisos na cotação. Os trabalhos que se baseiam no modelo psicanalítico, têm em conta uma outra concepção da psicopatologia, a que se inscreve nos modelos que a Psicanálise estabeleceu, em que têm lugar os mecanismos inconscientes e pré-conscientes nas respostas dadas pelo sujeito, e onde emergem, como fundamentais, as noções de conflito, de angústia, de mecanismo de defesa, as de representação de si ou do Eu, e a da representação das relações ou do objecto (Marques, 1999).

Assim, o Rorschach deverá ser sustentado, por um lado, pelos princípios que o fundamentam nos racionais de teste e de medida, na sua ligação directa com a realização de um diagnóstico, e, por outro lado, por uma inscrição nas teorias psicológicas, com referência ao quadro psicanalítico, que mantém a inscrição no racional de teste e possibilita a realização de um diagnóstico.

De acordo com Marques (1999), *“O Rorschach deverá sofrer uma modificação face às lógicas mais habituais. De meio usado para a categorização e explicação, ele passará, também, a considerar de uma forma mais explícita e coerente os modelos compreensivos, modelos estes que serão alargados pelas concepções assentes na relação, transformação, ligação e construção. De avaliador e classificador para o diagnóstico, ele passará a instrumento auxiliar que nos facilita aceder aos processos dinâmicos de funcionamento mental, concebidos a partir dos modelos de relação, de crescimento e pensamento, que se sustentam nas concepções de ligação e transformação”* (op. cit., pp. 154-155). O Rorschach passará a ser considerado, não como um instrumento de observação que tem uma acção sobre um sujeito, mas como um instrumento dotado de qualidades específicas, psíquicas, que suscitam no sujeito uma reacção que tem lugar num espaço-tempo situacional e relacional específico. O que decorre nesse espaço-tempo relacional e situacional, face ao teste de Rorschach, deverá ser pensado em função dos modelos teóricos e dos conceitos utilizados que deverão ser claramente formulados. Assim, o que permite considerar *“o Rorschach como um método e não um teste, encontram-se nas relações que foram estabelecidas e existem com a Psicanálise, que levam a que as preocupações dominantes vão para os modelos que possibilitem que os fenómenos*

possam ser interpretados – e não só assimilados, agrupados e explicados” (op. cit., pp. 183).

Antes de mais, torna-se importante conhecer como é que se constitui o Rorschach como instrumento utilizado na clínica, pelo que é necessário inscrevê-lo no contexto científico em que emergiu. O teste de Manchas de Rorschach foi criado em 1921, por Hermann Rorschach, surgindo num contexto em que dominava a Psiquiatria, já que o seu fundador decidiu estudar Medicina, especializando-se em 1910 em Psiquiatria, na Universidade de Zurique, dirigida por Bleuler, que havia estudado com Charcot, e onde também se encontrava Jung. Os trabalhos e os interesses de Hermann Rorschach dizem respeito à investigação científica para fins clínicos, inscrita nas concepções associacionistas, mas submetida ao impacto das novas concepções em psicologia e em psicopatologia, e com o peso da Psicanálise.

No contexto da Psicanálise, Freud tinha descrito a associação livre como a forma de aceder ao inconsciente, de conhecer o sujeito por inteiro, sendo o método de e para aceder ao conhecimento e ao diagnóstico das várias perturbações mentais. Estes são os fundamentos nos quais se inscreve o saber fazer da época em que H. Rorschach desenvolveu este teste com manchas de tinta.

Inicialmente, o Rorschach não apresentava uma teoria por base, mas tinha como função estabelecer um diagnóstico, procurando uma relação entre a percepção e a personalidade, normal ou patológica. Para H. Rorschach, a percepção encontrava-se intimamente ligada à noção de interpretação, a chamada apercepção, através da qual se poderá aceder à personalidade do sujeito. Isso significa que, na base do trabalho que o sujeito realiza, há uma percepção, mas o processo que conduz à emergência da resposta Rorschach, coloca em interacção outros mecanismos psicológicos, ou seja, a partir da associação, é a interpretação que se torna uma forma específica da percepção (Marques, 1999).

É com base na concepção da percepção como interpretação, que se desenvolvem os trabalhos que procuram dar conta deste movimento. Os que têm uma maior aceitação e que são mais divulgados e defendidos, são os que procuram conciliar a existência de elementos perceptivos e projectivos. Estes trabalhos têm vindo a ser realizados por um vasto grupo de autores, de entre os quais destacamos Schafer (1967/1986), que fala em *“continuum psíquico”*, Rausch de Trautenberg (1983a), que defende que o Rorschach deve ser considerado como um *“espaço de interacções entre a actividade perceptiva e a actividade fantasmática”*. Mas, nem todos os

trabalhos apontam neste sentido, existindo trabalhos que procuram definir a tarefa como não perceptiva, onde a importância é dada ao quantitativo, sendo o racional teste e o sujeito secundarizados. Aqui, para se poder fazer uma afirmação, é necessário, primeiro, realizar uma sustentação empírica, que terá de ser demonstrada, já que não é considerada válida, se for apenas sustentada por modelos teóricos.

Tendo em conta o facto de o Rorschach se ter vindo a desenvolver com base nos modelos teóricos que o sustentam, consideramos importante destacar alguns dos trabalhos que consideramos relevantes para a fundamentação metodológica do teste de Rorschach. Neste sentido, realizamos de seguida uma breve síntese dos trabalhos desenvolvidos nos Estados Unidos e em França, e que dão conta da inscrição do teste de Rorschach no modelo psicanalítico.

Nos Estados Unidos, foi com Rapaport que se começaram a realizar os trabalhos de uma forma mais extensa e sistematizada; os trabalhos iniciais começaram por retirar proposições de conceitos da Psicanálise, para serem vistos no Rorschach, passando este, assim, a ser considerado como um método para operacionalizar proposições e conceitos da Psicanálise (Marques, 1999).

Partindo de concepções anteriores, nomeadamente das de Rapaport, Schafer (1967/1986) foi quem melhor elaborou uma concepção da aplicação da linguagem metapsicológica ao Rorschach. Nos seus primeiros trabalhos, começou por apresentar uma formulação sobre os processos internos que levam à criação da resposta Rorschach, e procuram estruturar um modo de interpretação para os diversos factores envolvidos na situação Rorschach, tendo em conta a interacção entre as pulsões, as defesas e os esforços de adaptação. A análise do processo de resposta Rorschach era feita em dois momentos: num primeiro momento, eram analisadas as dinâmicas interpessoais que têm lugar na situação Rorschach, através da análise do conteúdo temático e dos critérios de adequação das interpretações; num segundo momento, é feita uma análise das defesas. Assim, destaca como importantes algumas proposições que derivam da teoria psicanalítica, e que podem ser aplicadas ao processo resposta Rorschach. Neste sentido, defende que cada sujeito possui uma capacidade imaginativa, proveniente das experiências corporais e da percepção do mundo real, a qual se pode apresentar através de formas muito primitivas ou de uma forma diferenciada e real. As imagens que são apresentadas revelam a maior ou a menor capacidade de o sujeito se adaptar à realidade, dando conta da sua patologia.

Para Shafer (1967/1986), uma resposta Rorschach deve ser considerada “*num continuum que vai da realidade orientada pela percepção, até a uma imagética autística semelhante aos nossos sonhos*” (op. cit., pp. 11). Este *continuum* é explicitado a partir das concepções de Kris sobre o pré-consciente e a criatividade, mais precisamente pelo que designou por “regressão temporária ao serviço do Ego”, que consiste numa relaxação parcial e temporária das funções e das orientações do Ego, para possibilitar que o material pré-consciente ou inconsciente tenha algum acesso ao inconsciente, no decorrer da realização de uma tarefa criativa. É a partir desta regressão que Shafer considera que o sujeito é capaz de sair da simples descrição da mancha de Rorschach.

Chama ainda a atenção para o impacte transferencial e contratransferencial no comportamento dos sujeitos e nas respostas dadas no Rorschach. No processo de resposta, é pedido ao sujeito que liberte a sua fantasia, para poder dar uma resposta. Este pedido vai, por sua vez, provocar uma regressão ao nível do seu funcionamento psíquico. Esta situação conduz ao medo da perda do objecto, conceito que refere ter sido utilizado a partir dos trabalhos de Baer.

Lerner (1991) baseia-se nas concepções de Rapaport que defendem uma ligação entre a teoria psicanalítica e a avaliação psicologia. Para este autor, a abordagem do Rorschach deve integrar a teoria do teste, a teoria da personalidade e as concepções da psicopatologia. Os seus estudos inscrevem-se na continuação dos trabalhos que acrescentam às concepções da teoria estrutural, fundada na Psicologia do Ego, as da teoria da relação de objecto.

Neste sentido, ao procurar conceptualizar a forma como o Rorschach nos permite aceder às representações do objecto, começa por referir os trabalhos desenvolvidos por Mayman, na Universidade de Michigan, já que estes apresentam uma grande importância para aceder às representações dos objectos, na investigação e na prática clínica. Descreve ainda os trabalhos de Urist, que desenvolveu um processo de avaliação sistemática das respostas Rorschach, as quais expressam uma interacção entre humanos, animais ou objectos, e uma escala de autonomia. Estes trabalhos apresentam uma grande importância para aceder às representações do objecto, quer na investigação clínica, quer na prática clínica. Foram estes trabalhos que permitiram desenvolver um modelo conceptual, com implicações no estudo de diferentes patologias e de abordagens terapêuticas (Lerner, 1991).

Lerner (1991) descreve ainda um estudo que realizou com Blatt, no qual aplicaram uma escala do conceito de objecto, que tinha sido desenvolvida anteriormente com diferentes tipos de patologias, e que foi por eles utilizada em protocolos de Rorschach, de sujeitos escolhidos de uma forma independente, por serem exemplo de um distúrbio clínico específico. Neste estudo, concluíram, através da análise dos casos tipo, que existem diferenças significativas na estrutura e na constituição da representação do objecto, em pacientes com diferentes tipos de patologias. O que permitiu chegar a esta conclusão foi a análise de uma forma sistemática das respostas humanas no Rorschach.

Na relação que se estabelece entre o examinador e o sujeito que é submetido à situação de teste, Lerner (1991) chama a atenção para os fenómenos de transferência e de contratransferência, baseando-se nas concepções de Ogden, para quem estes fenómenos podem ser vistos como uma externalização interpessoal da relação com o objecto interno. A transferência pode apresentar-se, por um lado, *“quando o papel assumido é o do objecto interno ... o paciente experiencia a outra pessoa tal como experienciou inconscientemente o objecto interno. Aqui, a contratransferência envolve o examinador inconscientemente, identificando qual a parte do paciente é identificada com o objecto interno”* (op. cit., pp. 63). Por outro lado, a transferência *“... envolve o paciente projectando componentes do Eu, da relação de objecto interno sobre o examinador e experienciando o examinador da mesma forma que o objecto interno experiencia o Eu. A contratransferência, neste caso, consiste na identificação do examinador com componentes do Eu das relações de objecto interno do paciente”* (op. cit., pp. 63-64).

Nos Estados Unidos existe ainda uma outra abordagem que tem vindo, ao longo dos anos, a ganhar importância, e que tem por base os trabalhos desenvolvidos por Exner, a qual tem por objectivo a constituição de tabelas normativas, que têm vindo, ao longo dos anos, a ganhar importância. Não vamos aprofundar mais estes trabalhos, uma vez que se inscrevem num quadro conceptual diferente daquele que privilegiamos para a realização deste estudo.

Nos trabalhos desenvolvidos na escola Francesa, Rausch de Traubenberg (1983a) formula a conceptualização do Rorschach, como: *“um espaço de interações entre a actividade perceptiva e a actividade fantasmática, entre a realidade externa do objecto conhecido e a realidade interna do objecto vivenciado: esta hipótese é*

correlativa daquela que diz que o Rorschach testa a presença da imagem do corpo integrado” (op. cit., pp. 17). Os elementos que permitem considerar o Rorschach como um verdadeiro espaço de interações, são: as características objectivas do estímulo estruturado mas ambíguo, construído mas não concluído, total mas alterado, cheio e vazio; a dimensão simbólica que se enraíza na articulação das suas características; a instrução dada que reenvia para o perceptivo e para o imaginário; os componentes das respostas e o processo de resposta que remodela uma realidade externa, em função das necessidades e das fantasias internas. Assim, “dar um sentido é lançar nos devaneios, as visões, os fantasmas, é também referenciar-se a uma realidade objectiva que faça-se o que se fizer, rapidamente é singularizada, quando não sempre subjectiva. Descodificar este sentido é encontrar a parte respeitante ao percebido e ao fantasmaticado, ao real e ao imaginário, nas múltiplas interações regidas pela necessidade de representação de si” (op. cit., pp. 20).

Ainda dentro desta linha, mas com uma maior peso da psicopatologia, encontramos os trabalhos de Chabert (1983/1998 e 1987/1998), que aprofundam os referenciais psicanalíticos do Rorschach, apresentando uma dupla orientação para analisar o conteúdo latente do material, a representação de si e a representação da relação, os quais nos dão conta da constituição da identidade e dos processos de identificação, mas também da dinâmica do desenvolvimento libidinal. É através destes elementos que podemos proceder à elaboração de um diagnóstico diferencial.

Nos trabalhos de Chabert (1983/1998), domina a relação entre o Rorschach e a Psicanálise, ou seja, o Rorschach é uma Psicanálise aplicada, na medida em que utiliza os conceitos desta, adaptando-os de modo a poderem ser utilizados no contexto da situação projectiva. Neste sentido, chama a atenção para a importância dos fenómenos transferenciais, da parte do sujeito, na situação projectiva, destacando uma direcção dupla: *“como mecanismo de deslocamento que permite a expressão de conteúdos inconscientes através da mediação do material fornecido; depois, na reactivação, durante a aplicação, de modalidades relacionais particulares, com referência latente à relação com as figuras parentais”* (op. cit., pp. 36). Da parte do clínico, chama a atenção para o que designa por posições contratransferenciais, onde salienta o facto de uma mesma instrução, que solicita a percepção e a projecção no conteúdo manifesto, poder ser entendida de diferentes formas pelo sujeito, mas também, de ser compreendida e sustentada por expectativas diferentes, definidas pelas representações que variam de um técnico para outro.

No prefácio da obra de Chabert (1983/1998), Anzieu define o Rorschach como sendo “... *precioso quanto à determinação das imagens do corpo, das fronteiras do Ego, dos envelopes psíquicos (...) o Rorschach não só apreende a delicadeza, a flexibilidade ou a rigidez da adaptação de uma pessoa, como põe à prova as suas capacidades criadoras que consistem em mobilizar regressivamente em si as fontes profundas capazes de inventar soluções novas, face a situações perigosamente problemáticas*” (op. cit., pp. XXI).

Todos estes trabalhos tornaram possível utilizar o Rorschach, fundamentando a sua metodologia nos conceitos da psicopatologia. No entanto, os modelos teóricos, nomeadamente o modelo psicanalítico, tem vindo a sofrer alterações, em particular pelos trabalhos das teorias do pensar, nas quais se destacam os trabalhos desenvolvidos por Bion, com a teoria do pensamento e o modelo das transformações. Em Portugal, M. Emília Marques desenvolveu todo um trabalho de constituição do Rorschach como um método de observação de pensar o sujeito, um método que nos permite aceder às transformações por ele realizadas e que são comunicadas ao Outro nas respostas Rorschach.

Para Marques (1999), nas concepções em que o Rorschach é inscrito, está contida a noção de que as interpretações que têm lugar no Rorschach, quer as do sujeito, quer aquelas que se fazem sobre as respostas do sujeito, inscrevem-se “*nas lógicas consagradas pela significação, em que são consideradas as relações entre a realidade e a fantasia, realidade e rêverie, entre percepção e participação subjectiva, fantasma e vivência, entre percepção e representação. São estas relações que levam a que o Rorschach possa ser considerado como mobilizador de representações e afectos, de movimentos não só conscientes como também pré-conscientes e inconscientes, como mobilizador de um trabalho criativo – para pôr ordem no «caos» e para servir imperativos adaptativos –, através do qual se acede à natureza do sujeito e das representações de si – organizadas pelas vivências corporais – ou do Eu e dos objectos, dominado nos factores de análise considerados os que dão conta do jogo entre pulsão-defesa-adaptação, os que dão conta do balanceamento entre processo primário e processo secundário*” (op. cit., pp. 188).

Neste sentido, torna-se importante estabelecer, para o Rorschach, parâmetros de análise que não se inscrevam nos níveis mais habituais, relacionados com critérios de diagnóstico diferencial, que se constituam através das vias mais clínicas ou psicométricas. Torna-se fundamental estabelecer eixos que dêem conta das

dimensões ligadas aos processos que ocorrem no sujeito e nas relações que ele estabelece com os objectos, para se poder apreciar, não só o nível ao qual ele acedeu, mas também a sua capacidade de criar, recriando novos objectos, o que envolve e impõe as concepções de mudança, progressão e desenvolvimento (Marques, 1999).

Para podermos aceder a estes processos, é necessário estabelecer um conjunto de procedimentos ordenados através de uma metodologia. Para Marques (1999), é a partir dos posicionamentos teóricos revisitados, ou seja, operacionalizados de modo a poderem ser utilizados num quadro diferente daquele donde são provenientes, que se podem estabelecer os parâmetros de análise que permitem aceder a novas interpretações, que por sua vez possibilitam a compreensão do objecto de estudo. No caso do Rorschach, como se trata de estabelecer parâmetros de análise para uma técnica específica, estes devem obedecer a procedimentos metodológicos claros, e não devem trair princípios de coerência e convergência entre a teoria e a metodologia. O Rorschach é um instrumento que procura aceder ao conhecimento de um ser, mas este acesso só é possível através de um posicionamento teórico, através de uma metodologia claramente formulada, na qual os instrumentos aparecem como as vias que facilitam o acesso à expressão, à procura de sentido.

O Rorschach tem vindo a ser inscrito e fundamentado nos modelos que se inscrevem na Psicanálise. Estes modelos têm vindo a ser alargados e renovados, tornando-se necessário fundamentar o Rorschach nestas novas concepções. Assim, aquilo que neste trabalho procuramos é, tal como descreve Marques (1999), dotar o Rorschach de um estatuto teórico e metodológico mais claro, estabilizado e coerente, dentro dos paradigmas consagrados pela significação, que entretanto se têm alargado e renovado. Há que enriquecê-lo com uma teoria mais ampla, que o torne mais sensível à interpretação e à procura de sentidos, bem como aos movimentos e aos processos mentais mais fundamentais, sobretudo os que dão conta do crescimento e da expansão mental, e que impõem uma actividade de ligação, de transformação e de (re)criação.

Partimos das concepções que a Psicanálise tem desenvolvido, sobretudo as que estabelecem a natureza das relações de objecto, através da ligação, da transformação e do crescimento, para podermos constituir o processo-resposta Rorschach, agora inscrito nestas concepções *“como um trabalho de ligação, transformação e criação entre o interno e o externo subordinado pela relação, a intersubjectividade”* (Marques, 1999; op. cit., pp. 191).

A resposta Rorschach surge, assim, como um “novo objecto” que resulta do encontro, mas também do confronto entre o sujeito e a mancha, entre o interno e o externo, e que impõe um trabalho de transformação, de construção e de comunicação de um sentido, que surge na relação onde as respostas são criadas e depois comunicadas. A situação projectiva é, assim, reveladora da natureza dos objectos internos mobilizados pelos processos externos, que são reveladores dos processos de união, de integração e de recriação da relação entre o Eu e o(s) Outro(s).

A situação Rorschach, tal com Marques (1999) a define, é uma situação onde decorrem múltiplos encontros: entre o sujeito e o sujeito, entre o sujeito e o objecto, e entre o objecto e o sujeito, mas o encontro entre Un(s) e Outro(s) tem lugar no Rorschach, que impõe uma interpretação. A resposta Rorschach surge destes vários encontros, uma imagem-conceito-símbolo, reveladora da relação de comunicação e de ligação entre os vários encontros. A interpretação da mancha Rorschach revela “*o contacto e o envolvimento, a proximidade e a distância entre Eu-Outro, interno-externo, sujeito-objecto (...) Poder assimilar e recriar o Outro – psicólogo e mancha na situação projectiva – exige um trabalho feito do estabelecimento de redes de relação que são a réplica renovada de outras relações já estabelecidas e indicadoras dos que se podem estabelecer: relações de sujeito a objecto, de sujeito com objecto, mas também relações de sujeito a sujeito, de sujeito com sujeito*” (op. cit., pp. 193). Nesta situação está presente a ligação e a transformação onde o universo é por excelência o da significação e o da simbolização, na qual os sujeitos e os objectos aparecem sempre ligados e separados, sendo através da transformação que eles são recriados e acrescentados de novas qualidades e atributos.

Na situação Rorschach, ocorre um encontro entre o sujeito e a mancha, o que o obriga a percepcioná-la de um modo simbólico, sendo a situação vivida pelo sujeito de uma forma catastrófica. Com o objectivo de restaurar o equilíbrio perdido, o sujeito dá início a um trabalho de ordenação da desordem interna, do caos que a situação provocou, o que o leva à criação de símbolos. Esta actividade simbólica tem por base o processo de ligação, de transformação e de comunicação entre o mundo interno e o externo, entre o sujeito e o objecto, num movimento contínuo de ligação, transformação, e comunicação, que permite a atribuição de um sentido à situação e a criação de um novo objecto interno, dotado de características internas significativas. Através da resposta dada pelo sujeito, podemos perceber se foi possível superar a

situação de caos psíquico interno, pela existência ou não de uma relação simbólica entre a mancha de Rorschach, o objecto percebido e a resposta Rorschach.

Dar uma resposta, mais não é do que realizar uma interpretação; no Rorschach, trata-se de criar uma imagem que coloca em acção mecanismos mentais que, na literatura Rorschach e na Psicanálise, têm sido descritos com o recurso à projecção, na qual está contido um sentido mais abrangente da aceção de identificação projectiva. É através da identificação projectiva que podemos compreender o processo de dar um sentido e um significado a uma mancha, a qual pressupõe uma comunicação entre o sujeito e o objecto.

É a simbolização que permite compreender os movimentos que operam nas diferentes partes do Eu, entre o mundo interno e o mundo externo, entre o sujeito e o objecto, para que se possa aceder a um “novo objecto”, a resposta que surge como o resultado deste processo, agora ligado, transformado e recriado. A noção de simbolização permite-nos compreender como é que o Rorschach, como situação interpessoal, intersubjectiva e disruptiva, impõe, por um lado, o recurso ao símbolo, e pode, por outro lado, ser considerado um símbolo em si (Marques, 1999).

Através das respostas Rorschach, podemos, tal como Marques (1999) descreve, *“ver o resultado de um processo, de um trabalho de ligação, transformação e criação entre o interno e o externo, entre a objectivação e a subjectivação, processo este que impõe e revela um nível de fusão diferenciação entre sujeito/objecto, entre interior/exterior, a partir do qual, através da transformação, emerge uma resposta que deve conter elementos da interno e do externo, mas ligados e recriados”* (op. cit., pp. 195). Assim, o processo resposta Rorschach dá-nos conta da forma como os objectos se assimilam e reúnem, para depois se poderem separar e recriar.

Marques (1999) inscreve o Rorschach nas vias da significação e da simbolização, de modo a que este possa adquirir novas características e novas potencialidades, pelo que propõe que o Rorschach possa ser compreendido como um espaço virtual, um espaço onde são possíveis realizações, um espaço que potencia novas comunicações, interpretações e simbolizações. Neste sentido, propõe duas alterações: que passemos da percepção–representação, para a significação e a simbolização; que se passe da representação da coisa e da representação da palavra, para a comunicação, ligação, transformação, pensamento e actividade simbólica. Em suma, *“passámos a considerar que o processo de resposta Rorschach não ocorre num «espaço neutro e pulsional» entre a fantasia e a realidade, mas sim num espaço activo e continente,*

onde é possível dar, renovar e criar sentido às coisas e aos objectos, estabelecer novos conteúdos, através do pensar e simbolizar, que se sustêm na identificação projectiva e na relação dinâmica e oscilação entre a dispersão e a integração” (op. cit., pp. 243).

Na situação de teste, o encontro entre o sujeito e o objecto, entre o Eu e o Outro, implica que o sujeito realize uma interpretação, e não apenas uma mera descrição. A mancha suscita no sujeito uma sensação de caos psíquico, que ele procura transformar, representando a situação destabilizadora através do pensamento, conduzindo à criação de novos símbolos das respostas Rorschach, que agora são comunicadas, sendo reveladoras da ligação entre o mundo interno e o externo, agora ligados e (re)criados.

O Rorschach, ao ser inscrito nos referenciais da Psicanálise, constitui-se como um método para pensar o sujeito na relação consigo Próprio e na relação com o(s) Outro(s). Mas antes de explicitarmos de que forma é que o Rorschach nos vai permitir aceder ao nosso objecto de estudo, vamos, no capítulo seguinte, dar conta de algumas considerações técnicas que consideramos relevantes, na sua qualidade de instrumento.

VI. O INSTRUMENTO

O Teste de manchas de Rorschach tem vindo, ao longo dos anos, a ser enriquecido, quer pelos trabalhos de sistematização que procuram um teste de medida, quer nos estudos que se inserem no modelo psicanalítico, uma vez que ambos procuram o seu estudo aprofundado, de modo a que a sua fiabilidade e validade sejam factos comprovados.

Ao inscrevermos o Rorschach no modelo psicanalítico, devemos estabelecer uma formulação do material que é proposto ao sujeito, e este deve ser considerado como um objecto, no sentido psicanalítico do termo, ou seja, é um objecto que deve ser investido, identificado e nomeado de Outro; de mancha ele passa a imagem, que, por sua vez, passa à palavra, ao conceito, ao símbolo. Para Marques (1999), “...as manchas, que não são identificadas enquanto tal, são designadas a partir das significações que delas emanam” (op. cit., pp. 203).

Em termos objectivos, o teste é constituído por 10 cartões, apresentando cada um uma mancha de tinta de cores, que podem ser: preto e branco; preto, branco e vermelho; ou pastel. A mancha é construída à volta de um eixo central, conferindo ao cartão um carácter simétrico que, por sua vez, pode ser unilateral ou bilateral.

Cada cartão pode apresentar um conteúdo manifesto, que é aquele que é directamente observável pela dimensão estrutural do próprio cartão, e um conteúdo latente, que é aquele que está implícito a cada um dos cartões e que é revelado pela sua dimensão simbólica.

No contexto da passagem da prova, os cartões são apresentados pela sua ordem e individualmente, sendo dada uma instrução que apele ao duplo convite projecção/percepção. Neste estudo seguimos a instrução descrita por Chabert (1983/1998): “vou mostrar-lhe dez cartões e vai dizer-me tudo aquilo que eles o

fazem pensar, o que pode imaginar a partir desses cartões” (op. cit., pp. 43). Esta instrução permite uma referência ao relacional que se estabelece através de três termos: o sujeito–teste–clínico, a solicitação perceptiva e projectiva, e a limitação da prova aos dez cartões que se contrapõe ao apelo de “dizer tudo”.

As manchas que apresentamos ao sujeito, constituem-se como uma impressão sensorial que deverá ser organizada com recurso à percepção que, no Rorschach, tem ao mesmo tempo elementos precisos da realidade externa, elementos que apresentam, por um lado, um carácter de estabilidade, pelas suas características estruturais e sensoriais, mas, por outro, apresentam um carácter inquietante e desestabilizador, pelo desconhecido do seu significado. Deste modo, a percepção, no Rorschach, nunca é um processo passivo, uma vez que impõe que se estabeleça uma relação entre o sujeito e o objecto (Marques, 1999).

Para Sandler (1976), a percepção pode proporcionar gratificação, o que pode ser feito, não só pelo desejo de representar a situação, mas fazendo-o de uma forma distinta. Enquanto a percepção pode provocar gratificação, apenas momentaneamente, no caso das necessidades biológicas, no caso das necessidades e dos desejos psicológicos, a gratificação directa ou indirecta, através da percepção, pode ser obtida através das representações simbólicas.

A percepção não é só reencontrar um objecto real que tem semelhanças com as representações internas ou com os objectos internos de que dispõe; a percepção deve ser encarada como um processo criativo, em que externo e interno, não só comunicam, mas essa comunicação faz com que não seja só o externo, encontrado no interno, e o interno, encontrado no externo, mas que seja o resultado transformado desse encontro, dessa comunicação. Assim, a percepção permite aceder a um novo objecto, através de um processo de criação. Esse novo objecto, que não é nem interno nem externo, é o resultado de um processo de união e de integração dos dois mundos assimilados e separados, em comunicação, à procura de novas significações que possam ser colocadas em novas relações continente-conteúdo, ou seja, os objectos podem ser contidos, transformados, criados e reunidos, para que se restaure o equilíbrio e se abram as vias da significação e do conhecimento (Marques, 1999).

É através das qualidades perceptivas da mancha, que podemos estabelecer as qualidades psíquicas que, por sua vez, podem ser alvo de uma análise. Uma das dimensões fundamentais do material Rorschach, é a simetria que tem sido estudada por Marques & Aleixo; outra dimensão do material é o seu valor simbólico, que tem

sido alvo de vários estudos, nomeadamente os realizados por Marques, onde considera as referências de desconhecido, destabilização e de conflito.

A simetria é uma característica perceptiva do material, presente em todas as manchas Rorschach, que lhes confere coesão e harmonia, embora seja uma harmonia inquietante, porque desconhecida. Na vida mental existe, por um lado, a coesão e a harmonia, a unificação e a integração e, por outro lado, o desconhecido e a dispersão, como elementos fundamentais presentes no crescimento e no desenvolvimento das relações (Marques, 1999).

Nos trabalhos que têm sido realizados sobre o Rorschach ao longo dos anos, existem alguns que são considerados fundamentais, quer em termos da descrição do material, quer no que é considerado mais normativo encontrar na adolescência. Neste sentido, no ponto seguinte fazemos referência ao agrupamento que é definido na literatura para os cartões Rorschach; de seguida fazemos uma revisão sobre a expressão, no Rorschach, do que é mais frequente na adolescência, nos rapazes e nas raparigas. E, por fim, explicitamos os valores interpretativos da cotação.

1. Agrupamento dos Cartões Rorschach

No Rorschach está presente toda uma solicitação simbólica que emerge a partir do encontro entre sujeito-material-clínico, estando esta particularmente ligada à simbologia do conteúdo latente dos cartões. Assim, a situação projectiva vai mais além da configuração preceptiva dos cartões.

O estudo da simbologia de cada um dos cartões, permite dotar o Rorschach de uma dimensão interna, em que podem estar presentes as fantasias e os afectos que são do domínio do inconsciente, permitindo-nos falar não só de um conteúdo manifesto, mas também de um conteúdo latente.

O valor simbólico dos dez cartões tem vindo a ser objecto de vários trabalhos, que aparecem reflectidos e integrados de uma forma bastante extensa em Rausch de Trautenberg (1970/1990), Rausch de Trautenberg & Boizou (1984/1999) e Chabert (1983/1998); neles encontramos estabelecidos os princípios fundamentais que caracterizam cada um dos cartões de Rorschach e que podemos agrupar em três dimensões: as características objectivas do material, a tonalidade emocional e a solicitação simbólica latente privilegiada.

Os dez cartões que constituem o Teste Rorschach, podem ser agrupados de acordo com as características perceptivas de cada cartão, que, por sua vez, apelam para um simbolismo preciso. Neste sentido, destacamos o agrupamento apresentado por Marques (1993), num trabalho realizado com pré-adolescentes e adolescentes, em que cada um dos cartões remete para problemáticas específicas.

Dentro dos cartões compactos (I, IV, V e VI), o cartão I e o V mobilizam directamente a expressão de um corpo que veicula a identidade, por excelência, e secundariamente, os cartões IV e VI, que reenviam para a projecção de um corpo nas suas valências de força, de virilidade e de actividade, valências fundamentais de expressão da integração do paterno e do masculino.

Os cartões de configuração bilateral (II, III e VII), são aqueles que mobilizam mais directamente o investimento na representação de si face ao Outro, que é visto na lógica da sexuação e da complementaridade. O cartão II, pela participação do vermelho, reactiva os afectos ditos brutos, a agressividade e a libido, que devem ser integrados numa dinâmica que revela a interiorização do "casal parental combinado",

no sentido de Klein. O cartão III solicita directamente a projecção de um corpo sexualmente identificado. Finalmente, o cartão VII mobiliza uma projecção directa de si, em conjunto com o materno e com o feminino.

Os cartões pastel (VIII, IX e X), pela introdução das cores, reenviam para a sensibilidade ao elemento sensorial externo. Esta sensibilidade pode expressar-se numa lógica de integração, que engloba a curiosidade e a exploração ou, pelo contrário, pode fazer emergir uma impressionabilidade que se inscreve numa lógica de contenção, revelando um movimento para o interior, isto é, para a sensibilidade narcísica.

A situação Rorschach leva o sujeito a operar um movimento de articulação entre o que é da ordem do seu mundo interno e o que é da ordem do seu mundo externo, no qual está presente a transformação e a ligação destes dois mundos que, ao serem (re)criados, são comunicados ao Outro sob a forma de uma resposta.

No Rorschach, os cartões possuem um conteúdo manifesto e um conteúdo latente e, apesar de serem os mesmos que são apresentados aos rapazes e às raparigas, o seu conteúdo latente solicita algumas diferenças nas respostas que são mais frequentes nos adolescentes. Neste sentido, e uma vez que existem diferenças, nas expressões dos adolescentes, de acordo com o seu sexo, e que estão descritas na literatura, vamos fazer referência às mais usuais, cartão a cartão, tendo em conta a expressão dos rapazes e das raparigas.

2. A Expressão, no Rorschach, do que é mais frequente na Adolescência

Este estudo incide sobre a adolescência, compreendida como um processo de desenvolvimento normativo, pelo que seguimos os trabalhos de Rausch de Traubenberg et. al. (1993), onde é feita uma descrição de cada um dos cartões, em termos da tonalidade emocional e da solicitação simbólica, sendo esta evocada em função do nível de funcionamento do sujeito, não apresentando, por isso, um valor de diagnóstico. Para além do valor simbólico de cada um dos cartões, realizamos uma síntese das expressões adolescentes mais significativas nos rapazes e nas raparigas, em que destacamos, para cada cartão, as diversas dimensões psicológicas, que são: a expressão pulsional, a agressividade, a imagem do corpo, a temática sexual, o narcisismo, a depressão, a angústia e os mecanismos de defesa.

No cartão I decorre o primeiro contacto com a situação desconhecida, o que pode suscitar um certo mau estar ao sujeito. Trata-se de pôr à prova as suas capacidades, quer numa conduta dependente e passiva, quer numa mobilização activa das suas forças defensivas. Num nível menos evoluído, o cartão reactiva a relação com a mãe pré-genital, nos seus aspectos positivos e/ou negativos, nas imagens de segurança ou de ameaça. As suas características formais podem reenviar à imagem do corpo, por um lado, e à representação da relação, por outro.

Raparigas e rapazes tratam este cartão de uma forma unitária, sendo a resposta global a dominante, excluindo a organização tripartida possível. Perante a primeira evidência perceptiva e a adaptação conformista, os adolescentes experimentam posições mais carregadas emocionalmente, o que surge como um complemento à sensibilidade e à vulnerabilidade da imagem corporal, que aparece como impotente ou mutilada.

Para fazer face a esta primeira situação de teste, há uma certa dicotomia entre a realidade perceptiva, que se quer adaptada e concreta, e uma vulnerabilidade corporal narcisista mais ou menos expressa.

As raparigas vivem as reacções disfóricas e transmitem-nas sob a forma de um sentimento emocional passivo, o qual é francamente mais depressivo em algumas. A expressão das pulsões agressivas é muito modulada, não ultrapassando o

"potencialmente" agressivo. A posição perante a representação de si, isto é, o lugar que assume face à realidade objectiva, encobre por vezes a proximidade de um universo persecutório, que se torna visível num segundo tempo, ou seja, numa resposta que é dada posteriormente, ou nas questões feitas no inquérito. Esse tema surge raramente, embora possa aparecer mais frequente nas raparigas mais novas; é o que é perceptível, por vezes, reenviando eventualmente a uma imagem materna arcaica.

Nos rapazes, a expressão da impotência e o atentado a uma imagem do corpo podem estar francamente ligados. Uma tonalidade fóbica, até mesmo persecutória, pode estar encoberta pela escolha de atributos agressivos. A sensibilidade à mutilação e ao atingido oscilam na projecção, através das imagens carregadas de temas de toda a potência ou de representações narcísicas sobrecarregadas negativamente ("um diabo morto"). Esta vulnerabilidade narcísica surge através do recurso a conteúdos como "máscara" ou "casca", o que pode traduzir o medo da revelação, tal como uma procura de protecção.

No cartão I é frequente uma reacção à cor negra, o que revela o impacto ansiogénico do cartão; mas revela também as falhas ao nível da integridade corporal, que deixa emergir a ferida. Isto torna-se ainda mais credível se lhe juntarmos uma outra característica: a participação do branco em muitas das respostas (Marques, 1993).

No cartão II, a solicitação simbólica depende da apreensão que é feita da mancha que é formada pelo conjunto do negro, do vermelho e do branco. O vermelho reflecte as diferentes pulsões agressivas: num nível mais evoluído, surge a luta e a competição e, num nível primário, a explosão ou a dispersão. A problemática da castração encontra-se frequentemente presente. Ao ser apreendida globalmente, a mancha pode suscitar a reactivação de fantasmas que reenviam uma problemática pré-genital de nascimento, de relações precoces com a mãe, simbióticas e/ou destrutivas.

A reacção dos adolescentes a este cartão é particularmente intensa, ocorrendo um considerável retraimento emocional. Existe uma grande utilização dos elementos sensoriais, em particular, do vermelho, que é muito interpretado, mais no contexto de uma mutilação, do que no sentido de um pulsão agressiva. O detalhe branco é muito mais investido como suporte da representação do total, do que como um espaço

vazio. Os conteúdos descritivos podem ser variados, mas encontram-se particularmente presentes nas raparigas mais novas, centradas sobre o interior do corpo, os detalhes anatómicos e o sangue.

Neste cartão, existe a confrontação com o interior do corpo e com a bissexualidade que constitui a temática essencial dada pelos adolescentes, tal como mantém as pulsões agressivas que nos surgem de uma forma mais evidente.

Nas raparigas, a presença de respostas anatómicas com valência sexual, confirma a importância dessa problemática em que o corpo é um objecto possível de ser atingido e agredido. A expressão extrema destas preocupações pode ser dada directamente de uma forma crua. Apesar de frequentes, as respostas "sangue" são dadas isoladamente, externamente à dimensão agressiva.

Num grande número de respostas de raparigas, o branco central é tratado como o lugar de representação simbólica da potência e com valor defensivo, ou é expresso pelo desaparecimento do interesse relativamente ao fálico. Entre a aceitação do feminino e a reivindicação fálica, forma-se, nas raparigas, um conflito fundamental. A confrontação com esse conflito suscita as defesas contrastadas, além da restrição-inibição, como as defesas mais lábeis, sendo a saída variável.

Nos rapazes, o cartão II provoca associações projectivas e movimentos defensivos mais variáveis e mais eficazes do que nas raparigas. No entanto, os rapazes também apresentam respostas fragmentadas, traduzindo a sensibilidade ao atentado à imagem do corpo (respostas "sangue"). Eles podem integrar essa dimensão, num cenário com colorido libidinal ou agressivo. A mudança ocorre nas respostas animais, que permitem exprimir fortemente a ambivalência pulsional. A dificuldade em manter a ambivalência, provoca movimentos identificatórios de tipo narcísico, as identificações aos papéis ou às funções e, por vezes à projecção do vínculo depressivo ou persecutório que, ao mínimo, pode ser arranjado pelas defesas maníacas.

Num registo pré-genital, aparece nos rapazes uma temática oral visando uma satisfação do desejo vital e uma procura de satisfação erótica, temática essa que se encontra ausente nas raparigas.

O recurso à banalidade predomina nas raparigas, comparativamente aos rapazes, o que pode revelar uma luta pela neutralização pulsional, que pode mesmo ser acompanhada pelo recurso ao isolamento (Marques, 1993).

Neste cartão, fortemente bissexual, tudo se passa como se os adolescentes fossem reenviados sobretudo à representação simbólica de um corpo maternal e/ou feminino. Porque se trata do corpo do outro, as respostas dos rapazes não são de todo desorganizadas, como o são as de algumas raparigas. Os rapazes podem regressar e renovar uma relação com o objecto materno pré-genital, com a qual as raparigas se tornam directamente confrontadas pela representação do seu corpo e do corpo da mãe (Rausch de Traubenberg et. al., 1993).

As imagens humanas (H) bastante presentes neste cartão, revelam as dificuldades, se não mesmo a impossibilidade de lidar com o pulsional, sendo dada uma interacção "quente" e, sobretudo, uma interacção onde é expressa a agressividade (Marques, 1993).

A solicitação simbólica dominante no cartão III, resulta da disposição espacial da mancha que se impõe sob a forma de silhuetas humanas. A necessidade de representação de si face ao outro, e o tipo de relação convergente ou divergente, podem também ser expressos, podendo estar presente a problemática da identificação. O cartão, ao ser colocado na posição inversa (V), reenvia, de imediato, para o irreal poderoso e ameaçador, podendo o vermelho mediano surgir como referência ao interior do corpo. O negro pode levar ao aparecimento dos conteúdos parciais, assim como a conotações angustiantes.

A representação humana apresenta um lugar de destaque, geralmente sob a forma de uma cinestesia, em postura, acção ou relação. A imagem humana inscreve-se em registos diferentes das representações parciais a outros inteiros, mas indeterminados quanto ao sexo e, finalmente, às imagens sexuais colocadas num dinamismo relacional.

Neste cartão, as referências identificatórias jogam-se de formas diferentes, de acordo com o sexo: os rapazes dão imagens femininas, insistindo nos atributos do feminino, enquanto as raparigas percebem essencialmente personagens indeterminadas, anónimas, não se prendendo em detalhes narcísicos ou sexuais. Mas é neste cartão que se concentra no máximo a expressão pulsional; enquanto que as relações nas raparigas são essencialmente neutras, procurando uma carga socializada, sem pulsões agressivas ou libidinais agressivas marcadas, os rapazes encontram-se em desvantagem na sua posição e dão imagens carregadas de angústia.

Neste cartão, a frequência de respostas de pequeno detalhe (D) mostra uma exploração intensa que traduz uma actividade de pensar e/ou a necessidade de poder. As localizações do vermelho atraem muito a atenção de todos os adolescentes. O vermelho central, tratado isoladamente, permite a integração da cor-forma, numa resposta satisfatória de carácter banal. Esse mesmo detalhe pode desencadear um processo desorganizador, uma vez que a cor pode, nas suas significações, levar à projecção de fragmentos corporais ou de representações mutiladas. O impacto do vermelho pode ser tratado com o recurso à intelectualização, dando à cor um valor simbólico, ao qual as raparigas são bastante sensíveis. Nos rapazes, o efeito de uma intelectualização pode esconder um pensamento devidamente confuso, em que os temas reenviam à perda de limites e à confusão dentro/fora.

O vermelho lateral coloca os rapazes em desvantagem em relação às raparigas, visto que as respostas deles são mais pessoais, mais variadas, mais projectivas, do que as delas, que revelam um modo mais objectivo, mais concreto. O negro central, pelo contrário, apresenta um maior impacto sobre as raparigas, que respondem com conteúdos variados, mais distantes do que as respostas dos rapazes, que são pouco numerosas e traduzem a angústia centrada na preocupação corporal.

Neste cartão existe uma maior solicitação cinestésica, em que a figura é reconhecida pelos seus grandes detalhes. Nos rapazes, regista-se uma hiper-mobilização que parece ser defensiva, embora seja pouco operacional, enquanto que nas raparigas se mantém um movimento de contenção. Os rapazes procuram pouco uma posição passiva, na medida em que eles evocam, na maior parte do tempo, a imagem feminina de duas mulheres nativas, objecto que, pelo que reenvia, pode suscitar uma inquietude identitária.

No estudo que realizaram Rausch de Traubenberg et. al. (1993) observaram que neste cartão há uma mobilização activa do pensamento, activo mas pouco operante. Encontraram também oscilações frequentes, entre diferentes registos de representação da imagem do corpo e das problemáticas relacionais. O impacto destabilizador dos cartões II e III torna-se inverso, de acordo com o sexo: as raparigas tornam-se frágeis, pela confrontação do II, e reorganizam-se de uma forma mais distante no III. Nos rapazes, é no cartão III que se reactivam, por vezes, as dificuldades de separação e de individuação, reenviando à perda dos limites, levando à destruturação da imagem do corpo. A autora coloca a hipótese, segundo a qual a

distribuição das cores num espaço significativo pode ser responsável pela desorganização dos processos de pensar.

No cartão IV, a solicitação simbólica advém do estímulo negro, grande, disperso, com a forma humana em filigrana. Pelas características que apresenta, sugere uma imagem de potência, de força, de dominação, até mesmo de autoridade, o que suscita a tomada de posição de dominação ou submissão, considerando-se que o papel superegoico pode muito bem ser o de uma imagem paterna, a não ser que apareça, no seio de uma importante relação a dois, uma imagem materna onipotente.

As imagens activas ou passivas dão-nos conta da afirmação, ou não, dos movimentos identificatórios. A percepção mais frequente da mancha é dada pela expressão de uma construção corporal humana, à qual estão associadas reacções de angústia, sensibilidade ansiosa e evidência depressiva.

A resposta global (G) é muito frequente neste cartão, assim como as associações formais são dominantes, sendo, no entanto, mais controladas. Mesmo se a abordagem é a dominante global e formal, as capacidades de expressão verbal e de elaboração são, em si, melhores do que nos cartões anteriores. O recurso ao formal e ao conhecido, é dotado de uma sensibilidade que é pouco depressiva, sendo que as reacções massivas são reparáveis, especialmente nas raparigas.

Os conteúdos distribuem-se de uma forma muito diferente: as raparigas centram-se nos personagens irrealis, nos conteúdos vegetais e nas imagens do corpo fragmentadas, enquanto os rapazes não mostram esta polarização. O conteúdo "pele de animal", que é dado como banal, está ausente nas raparigas e aparece pouco nos rapazes.

Existe uma diferença sensível entre os dois sexos, nas reacções face à solicitação simbólica do cartão. Os rapazes, mais implicados, reconhecem fortemente a especificidade deste cartão. Ele permite-lhes dar respostas elaboradas e construtivas, quando se concentram na representação humana, recorrendo a conteúdos diversificados. As respostas humanas e para-humanas determinam a importância do movimento identificatório que é suscitado. Com efeito, os rapazes são intensamente solicitados pelo fascínio do cartão, que os reenvia a uma representação de si que se estabelece pela potência fálica especialmente dotada de atributos perigosos e agressivos. A confrontação identificatória não ocorre sem conflitos nem angústia, verificando-se oscilações entre a idealização, a

desvalorização e a depressão narcísica. Esses movimentos são acompanhados, por vezes, de sentimentos homossexuais passivos e masoquistas.

O conflito de identificação, assim reactivado, tende a ser atenuado preferencialmente pelas defesas de tipo narcísico, como a idealização e o congelamento dos movimentos pulsionais, que são geralmente suficientemente eficazes para evitar que a angústia seja desestruturante. A abordagem unitária é mais difícil em alguns casos extremos, como quando há uma problemática de castração primária em primeiro plano.

As raparigas investem fortemente esta imagem, manifestando movimentos conflituais intensos, com uma forte carga de angústia, a qual parece estar directamente ligada à potência da imagem viril representada. No geral, as suas reacções são muito variadas. Algumas são particularmente sensíveis à desproporção da imagem do corpo e/ou à sua inadequação, à sua característica irreal. Também podem manifestar directamente reacções fóbicas de repulsa, como testemunha o grande número de respostas claro obscuro, com carácter disfórico (Clob), quatro vezes mais elevado do que nos rapazes.

Outras defendem-se contra o impacto do cartão, suprimindo, numa percepção vegetal, a representação humana, numa modalidade regressiva complexa, em que a representação ansiogénica da potência fálica quer ser transformada. Por vezes recorrem a uma imagem composta, na qual se mistura o humano e o vegetal, na mesma resposta; por exemplo, "uma árvore, um pinheiro que se transforma em humano". Esta percepção ansiogénica será reformulada num segundo tempo, sendo reduzida a uma imagem vegetal neutra: "árvores, raízes, folhas". A simbologia sexual é expressa de uma forma mais ou menos elaborada ou sublimada, através das referências a um imaginário infantil ou cultural menos perigoso.

A procura destas defesas guarda uma coloração ansiosa e depressiva. Nas raparigas, a expressão depressiva transforma-se numa expressão persecutória, nos casos extremos referentes à desvalorização.

Em alguns casos, de acordo com Rausch de Trautenberg et. al. (1993), as reacções perante este cartão são intensas mas extremamente opostas: ou possuem uma integração dinâmica e a potência fálica, nos rapazes, ou a dificuldade em aceitá-lo, como acontece nas raparigas. Elas sim, apesar do impacto visto como depressivo perante esta situação, são capazes de mobilizar estratégias defensivas variadas, para

além de se refugiarem na regressão, utilizando o imaginário como meio de se desembaraçarem.

De uma forma geral, nos rapazes e nas raparigas, as desorganizações são menos frequentes do que aquelas que se observam nos outros cartões, nomeadamente, no II e no III. A simbologia fálica deste cartão parece propor aos adolescentes um suporte estável, que possibilita a interpretação a um nível simbólico.

O cartão V situa-se no meio do teste; é o cartão mais unitário, pela forma e pela cor. Apela essencialmente à projecção da unidade, reenviando para o reconhecimento da unidade corporal e para um sentimento de integridade, psíquica e/ou somática, que pode ser valorizada narcisicamente ou posta em causa, nos casos de insuficiência mutilante ao nível fantasmático. As percepções globais que contém a realidade objectiva impõem-se, originando uma unidade que pode ser quebrada, no caso de existir conflitualidade.

A mancha é tratada, na sua totalidade, pela forma e cerca de 85% dos sujeitos propõem o conteúdo do animal alado, conteúdo dito banal. Aparentemente é o mundo da realidade externa que permite que tal aconteça. A personalização das reacções é possível; as imagens desviantes inconsistentes, apresentando uma sensibilidade depressiva são, no entanto, enquadráveis. De facto, todos os elementos estão presentes para afirmar que, neste cartão, existe um investimento narcísico da imagem de si.

Os adolescentes dão frequentemente a resposta banal, e valorizam-na narcisicamente de um modo superficial: "um dançarino, com um fato, que voa quando ele levanta os braços". Não existe outro conflito para além daquele que se inscreve numa dialéctica activo-passivo. Por vezes a banalidade dá lugar a outros conteúdos narcísicos. Em alguns casos extremos, a banalidade, percebida numa primeira aproximação, vai ser modificada, tendo por base a mutilação da imagem do corpo.

Os rapazes mostram-se mais produtivos, com escolhas de imagens mais variadas. Ou se agarram à resposta banal, ou transformam-na em personagens potentes, míticas, com atributos compostos ("Ícaro"). O envolvimento é muito activo da parte dos rapazes; eles referem-se voluntariamente, perante as representações concretas de força, num movimento de afirmação mobilizado pelo conhecimento narcísico deste cartão. Esses fundamentos sólidos que se sustentam num real securizante, podem

marcar, em alguns casos, as associações, revelando um sentimento de inconstância e de fragilidade dos limites ou da representação de si.

Em alguns, a redução em termos do número das associações é, sem sombra de dúvida, um carácter permanente na realidade, o que diminui o jogo do imaginário. Essa realidade é um constrangimento, para as raparigas, no prazer de uma restauração narcísica muito intensa, uma vez que sucede no decorrer do cartão IV; verifica-se o contrário para os rapazes, que respondem perante a afirmação de uma potência que pode levar à potência máxima, em que eles projectam a fragilidade.

O cartão VI encontra-se muito carregado de implicações sexuais. Apesar de ser bissexuado, é a dimensão fálica que surge mais frequentemente; a problemática da castração ou a oscilação entre os movimentos de actividade/passividade, podem surgir através das imagens de movimento (K) ou passivas (E), independentemente das representações sexuais, simbólicas ou não.

A abordagem perceptiva é diversa; o modo de apreensão global limita-se a 47%, sendo os pequenos detalhes mais elevados. A expressão formal é mais elevada, atingindo os 81% e 76%, e a sua qualidade é relativamente correcta. Não possui, tal como no cartão V, a coerência completa entre as componentes da resposta, pelo que as reacções são mais diversificadas. De um grupo a outro, os domínios formais são comparáveis, sendo os temáticos muito diferentes.

Nos rapazes, os conteúdos variam, testemunhando uma actividade de representação flexível e adaptada. O simbolismo sexual fálico do cartão é reconhecido e tratado com liberdade, sem que as respostas sexuais apareçam de maneira crua ou directa. Não encontramos muito referida a expressão da angústia de castração, uma vez que ela é evocada de uma forma muito reduzida pelo sujeito, sendo repetida numa representação narcísica valorativa. As respostas permitem a expressão de um dinamismo intelectual modulado, integrado a diferentes níveis de simbolização. Em alguns protocolos, Rausch de Trautenberg et. al. (1993) encontraram a presença de imagens humanas parciais, perfis de personagens especialmente míticas de valor narcísico ambíguo, como, por exemplo, "Cirano de Bergerac".

Nas raparigas, o eco emocional é bem mais evidente. A banalidade é percebida mas caracteriza-se por componentes de passividade. Como tal, pode aparecer associada uma conotação de morte, ou uma sensibilidade à agressividade, o que

manifesta um atentado doloroso à integridade do corpo. Essa agressão é dada de uma forma muito projectiva, por exemplo: "É uma pele de tigre, ao qual se retirou a vida". Os protocolos das raparigas são menos variados. Se numas encontramos a expressão fálica, noutras é o sentimento de ameaça que as faz recusar, colocando-se numa posição passiva ("paisagem").

O simbolismo fálico do cartão é tratado de forma particular. Uma dimensão fóbica é referida através de um bestiário perigoso (escorpiões, cabeças de serpente, cabeça de lobo) e na ausência das representações mais simbólicas ou narcísicas valorizantes, tal como podemos encontrar nos rapazes.

Em alguns, os estímulos não parecem ter, para os mais novos, um carácter desorganizador em particular. Os conteúdos mais suspeitos são os que derivam da inscrição numa passividade, na agressão que se eleva ao risco de morte.

O cartão VII apresenta, como principal característica, o seu carácter aberto sobre um fundo branco central, recortado, por figuras, em três partes construídas em "dégradés", de cinzento escuro e claro. Este cartão reenvia o sujeito à imagem feminina ou à imagem maternal, em função da relação primitiva com a mãe, reacção securizante ou de tipo abandonico. A reacção entre as figuras é colocada num registo de funcionamento evoluído, assim como o balanceamento entre figura/fundo, que é responsável pelas reacções de nível arcaico.

A aproximação perceptiva é também um pouco diversificada, tal como a referente ao cartão VI. A configuração da mancha favorece a abordagem em detalhes, sendo o modo global menos utilizado, em favor de uma atenção aos detalhes. Rapazes e raparigas recorrem essencialmente ao modo externo, ao reconhecimento através das respostas formais, mas exprimindo também posições imaginárias, pelos viés das respostas cinestésicas de diferentes níveis. Em alguns deles, é notável a presença de representações elementares evocando a simbólica materna, num registo mais primitivo. É desta forma que o conteúdo latente é tratado nas respostas que se referem à natureza (ilhas, grutas, baías), a partir do detalhe branco isolado ou combinado parcialmente com as figuras. As raparigas propõem diferentes continentes, mostrando uma sensibilidade à vida ou paisagem. Os rapazes apresentam imagens variadas de objectos que impliquem mesmo força ou potência.

Depois do cartão III, este é o cartão que mobiliza um maior número de cinestésias humanas, e que apresenta também mais desvantagem nos rapazes do que nas raparigas, uma vez que fazem uma associação aos conteúdos animais.

Nas raparigas, as representações humanas são indeterminadas na metade dos casos; é como se houvesse uma hesitação em atribuir espontaneamente um sexo e uma actividade dinâmica e relacional às personagens e, uma vez a relação evocada, ela é, na maior parte das vezes, de tipo especular. Existe, por parte das raparigas, uma dificuldade em utilizar o cartão VII como suporte identificatório, o que poderá estar relacionado com a reactivação de uma problemática de fusão, o que evidencia uma relação dual. Rausch de Traubenberg et. al. (1993), encontraram nos protocolos das raparigas, e não nos dos rapazes, respostas como "siameses". Essa relação dual é acompanhada de uma carga fantasmática massiva, pois estamos num contexto arcaico em que se inscrevem os fantasmas de relações simbióticas.

De acordo com o estudo de Marques (1993), para as raparigas, a representação directa de si é menos investida e, quando aparece, ela revela, na maior parte das vezes, confusão ao nível da feminilidade, assim como uma fragilidade ao nível da interacção.

Os rapazes captam facilmente as representações femininas, diversificam-nas e qualificam-nas. Interpretam o terceiro terço utilizando conteúdos variados e, por vezes, nitidamente sexuais ("sexo aberto"). A insistência no olhar está certamente relacionada com este tipo de preocupações, o que leva a pensar que os rapazes são em geral confrontados com uma problemática genital, salvo aqueles que realizam um movimento entre figura/fundo das imagens humanas deformadas ou destruídas, imagens que reenviam aos fantasmas do corpo feminino perigoso (Rausch de Traubenberg et. al., 1993).

O manejar da agressividade é particular, raramente é expressa nas representações globais, dado o facto de existir um simbolismo materno arcaico. É isolado no segundo terço, que é tratado isoladamente, sem que existam relações.

O cartão VIII introduz as cores pastel, que suscitam comunicação, troca, uma vez que este elemento sensorial faz parte do mundo exterior e da afectividade, pelo que, neste cartão, se colocam em relação as cores e as emoções. A forma como estão dispostos os espaços brancos, pode suscitar respostas de diferentes níveis, desde o primário, quase destrutivo e com uma vivência de destruição corporal, ao secundário

e intelectualizado, em que a valorização ou a falha narcísica são frequentemente evocadas.

As reacções em si são numerosas e flexíveis. A estimulação joga-se tanto ao nível da quantidade quanto ao nível da variedade das associações. A expressão perceptiva normaliza-se, a abordagem global/parcial (G/D) ocorre na proporção de 1 para 3, sendo a estrutura do estímulo a responsável. A forma está muito presente nas respostas, enquanto a objectividade é nitidamente insuficiente: cor e cinestésias animais animam o discurso. O animal, dito banal, é respondido em 80% dos casos mas é tratado de uma forma isolada e unilateral.

Na abordagem deste cartão, rapazes e raparigas expressam problemáticas bastante diferentes. Os rapazes mostram uma sensibilidade disfórica e dão imagens carregadas de angústia, com elementos projectivos e tendências interpretativas. Eles dão respostas globais e procuram integrar diferentes partes da mancha, dando construções formais inadequadas. Por vezes, eles são invadidos por imagens fóbicas, mas a maior parte das representações revelam a problemática dos limites do corpo. Há um esforço para se concentrarem na superfície corporal, como se estivessem a interrogar-se sobre a qualidade desse envelope unificador que comporta as linhas de censura e os pontos de ruptura, constituindo os lugares de passagem entre o interior e o exterior.

Este cartão, pelo jogo das figuras, pode suscitar imagens angustiantes, de atentado corporal num clima de angústia, sem que se produzam graves desorganizações. A centração na problemática dos limites parece inibir, em alguns adolescentes, as expressões pulsionais, nomeadamente as respostas relativas à rivalidade, à competição e à agressividade. As numerosas respostas sensoriais possuem, por si, um carácter narcísico.

As raparigas adolescentes inserem as imagens num simbolismo contentor, positivo e narcísico. A escolha activa dos detalhes isolados permite a expressão de uma receptividade passiva, mais ou menos regressiva, mas valorizada. O que se destaca é o grande número de respostas inadequadas, mal controladas, em que são tratadas imagens humanas parciais e conteúdos anatómicos. Essas imagens do corpo atingido, mesmo destruído e morto, dão por vezes lugar a racionalizações.

Em conclusão, o cartão VIII, à partida considerado com uma potencial abordagem em relação, não parece funcionar dessa forma, para os adolescentes. O convite à regressão é, sem dúvida, muito importante para ser suportado pelos

adolescentes, que lutam habitualmente contra a dependência e a regressão, o que pode explicar as reacções persecutórias de alguns.

O cartão IX é um cartão rico e cheio de significados possíveis, pela mistura de três cores e pela perspectiva de profundidade. A solicitação à regressão pode ser sentida, e reenviar mesmo a um simbolismo materno pré-genital, associado aos fantasmas da gravidez e do nascimento. Para alguns, o pólo pulsional é também solicitado pelo duplo movimento de vida e de destruição. O cartão deixa bastante margem às possibilidades de criação e de sublimação, já que, em outros aspectos, ele incide nas reacções interpretativas, vistas directamente como persecutórias. O narcisismo inscreve-se facilmente nas reacções perante este cartão.

A riqueza e a variedade das associações, as largas oscilações do nível das respostas, sublinham a intensidade da reacção fantasmática despertada por este cartão. As respostas dadas encontram-se carregadas de elementos projectivos, numa verbalização que confirma a invasão do mundo interno. O processo de pensar desorganiza-se facilmente, existindo uma maior centração da atenção activa ou arbitrária nos detalhes do interior isolados, e um mau julgamento. Os mecanismos de defesa encontram-se muitas vezes em excesso.

Tudo se passa como se os componentes deste cartão mobilizassem, nos adolescentes, movimentos psíquicos, por vezes, paradoxais, mas sempre intensos, expressando um abandono, deixando para segundo plano as posições mais adaptadas. Nestes efeitos perturbadores, este cartão é comparável ao cartão II, pelas razões mais próximas, tratadas de diferentes formas.

Por comparação com o cartão II, as raparigas têm menos dificuldade no cartão IX, não despoletando angústia corporal nem manifestando medo de ruptura. Elas adoptam, por exemplo, as posições regressivas de procura do corpo materno, sob uma forma simbólica de "bom continente", dando imagens, tais como vaso, recipiente, guitarra; também elegem conteúdos, como paisagens e fenómenos naturais. Neste mundo securizante, podem aparecer as pulsões vitais, de que são exemplos de respostas frases: "diria um violino; também podemos ver um vulcão em erupção".

Se os adolescentes utilizam a regressão, eles não mostram nada capaz de identificar as imagens identificatórias, e as representações humanas estão muito próximas dos fantasmas de destruição corporal. As capacidades de simbolização

realizam-se através de um meio intra-uterino destruidor, ou pela diferença entre realidade interna e realidade externa.

Os rapazes dão frequentemente representações humanas, mas aquelas que se inscrevem no imaginário infantil, em respostas, tais como "Tintim", eles manifestam um certo interesse pelas representações femininas, valorizadas numa dupla valência de apropriação fálica, de curiosidade e de interesse sexual. As imagens do feminino e do masculino sucedem-se, por vezes, como "uma cabeça que se abre", "um carro de desporto". Algumas respostas expressam uma dupla posição face ao universo feminino, em que temos uma solicitação mais arcaica, com movimentos de projecção face a um universo perigoso e discretamente perseguidor ("pântano"), e outra mais evoluída, mais activa na procura da matriz dessa perigosidade, ou, antes, a expressão da curiosidade sexual face ao corpo feminino. Essa curiosidade é acompanhada por movimentos fóbicos de atracção ou de repulsão, com mais ou menos ansiedade ("um vaso", "uma vagina", "um universo biológico que nós vamos explorar").

Segundo Rausch de Trautenberg et. al. (1993), nos rapazes, os conteúdos com uma simbologia materna, não lhes despertam, em nenhum momento, os temas de destrutividade interna dada pelas raparigas. Mas eles fazem aparecer nesse cartão algumas emergências interpretativas discretas, de carácter persecutório.

Em resumo, podemos dizer que os temas fundamentais são o nascimento, a gestação, o mundo materno, securizante ou destruidor, as pulsões vitais, as posições fundamentais, as formas de estar no mundo, polarizadas de uma forma diferente por rapazes e por raparigas. Parece existir qualquer coisa de autêntico, que se expressa e que aqui tem tendência, tal como o relacional, para ser tratado em segundo plano. Os adolescentes parecem próximos das crianças, que mostram uma vibração estonteante perante estes estímulos e vão directas à solicitação mais arcaica. As capacidades de simbolização dos adolescentes mudam, tendo eles que realizar um jogo, sem perder o contacto com o mundo externo.

O cartão X é o último cartão, pelo que desempenha um papel importante ao nível da transferência. A solicitação simbólica é diferente, consoante a centração é feita nas cores, na dispersão ou na importância dada ao espaço branco. Para Rausch de Trautenberg & Boizou (1984/1999), a fragmentação e a dispersão, que podem surgir como securizantes para alguns sujeitos, constituem uma limitação para outros, que são directamente reenviados para a sua angústia de fragmentação, o que advém da

falha maciça dos mecanismos de defesa sob a forma de percepções aberrantes, ou da projecção directa da ameaça de aniquilamento.

É o ultimo cartão, mas também o mais solto e o mais colorido. Estas características interligam-se para provocar reacções ou de libertação, ou de prazer, ou ainda de criação, ou ansiedade, perante a disposição perceptiva percebida como uma acção do corpo e de si. A arrumação final de numerosos temas surge aqui, situando o sujeito sobre o eixo de separação e individuação (Rausch de Traubenberg et. al., 1993).

Neste cartão, as respostas aumentam significativamente, especialmente as respostas de grande detalhe (D), como a configuração espacial do cartão o incita. As normas formais são, no geral, respeitadas, contra o carácter difuso e funcionante das associações. A produção balança num vasto campo temático e o discurso é pontuado por características subjectivas. Com efeito, as respostas revelam temas que aparecem no universo infantil, em que existem abstracções ou conteúdos ansiogénicos ligados aos medos de desorganização ou às reacções interpretativas. Mais nas raparigas do que nos rapazes, a participação é fácil, com uma mobilidade na passagem de um elemento a outro, num jogo entre a realidade objectiva e as evocações fantasmáticas situadas num modo cinestésico e de cores.

Nas raparigas, existe uma grande variedade de conteúdos e de determinantes, o que marca a intensidade da ressonância emocional. O cartão suscita frequentemente a expressão de prazer/desprazer, num movimento por vezes ambivalente. A situação é mantida com bem estar, pelas raparigas, que parecem jogar em desvantagem com os rapazes, e que dão os conteúdos ditos banais e um grande número de respostas em cenas animais. Os movimentos regressivos impõem-se com recurso às fabulações sobre um mundo lúdico infantil. Ao abrir esta regressão, os adolescentes podem exprimir um dinamismo pulsional, que é bastante evidente pelos verbos de acção, procurando abordar a representação de conflitos. A evocação de atributos femininos com valor narcísico ("flor") junta-se, uma vez que não há expressão de representações femininas sexuais. As personagens masculinas, possuidoras de atributos fálicos, podem ser muito valorizadas pelo humor: "um bom homem dos tempos de Luís XIV, com bigodes, as plumas e as ideias luminosas".

O interesse aqui manifestado pelos atributos narcísicos ou fálicos, é acompanhado por movimentos contrastados, valorizados/desvalorizados. Esses movimentos podem ser interpretados como temas de indecisão, existente nos

adolescentes, quanto ao valor dos seus atributos fálicos e à sua capacidade de se apropriarem de uma realização narcísica.

Nos rapazes, os conteúdos mais pessoais e determinantes variam consoante uma certa instabilidade nos temas de alternância dos registos activo/passivo, ou uma insistência sobre o objecto de potência fálica. As cenas são frequentemente construídas a partir do detalhe cinzento superior, colocando em jogo tanto a competição e a rivalidade, como o desafiar: "uma espécie de haste sacra, um totem, todos se dirigem para esse emblema, eles têm todos um olhar por cima". A evocação dessas cenas é, ao mesmo tempo, um movimento de afastamento narcísico: "duas personagens que se desafiam pelo olhar, ou um personagem que se olha ao espelho".

O pólo pulsional agressivo, mais revelado nos rapazes do que nas raparigas, ocorre nas respostas isoladas, alternando com um pólo regressivo passivo, como por exemplo: "a torre Eiffel, um par de pinças, um fogo de artifício, um ramo de flores".

Este cartão permite aos rapazes afirmarem, num registo de prazer, o seu desejo de potência fálica, mais do que as raparigas que, face a esse mesmo desejo, são mais ambivalentes, sendo o seu carácter agressivo mais marcado.

Se existe nos rapazes uma referência directa ao conflito interno, os mais encontrados são os conflitos interpessoais, com uma expressão, por vezes fóbica, da angústia de agressão. A expressão desta angústia é atenuada pelas defesas narcísicas ou maníacas.

As respostas parecem marginais, próximas da acerbação do conflito interno, que é acompanhado pela projecção de sentimentos de perseguição. Em alguns adolescentes existe o despertar de tendências interpretativas e uma sensibilidade em vários pedaços, aparecendo imagens anatómicas inadequadas, fragmentadas ou a rebentar. A referência ao eixo central é uma tentativa de ensaio contra a luta com os sentimentos de desintegração do corpo, mas permanecendo a confusão entre dentro/fora, pensamento/corpo. A ambivalência, a coexistência da expressão de prazer ou de desprazer, dá lugar à denegação, à clivagem ou à discórdia.

Em resumo, este cartão solicita numerosas projecções, originais e carregadas de significado. O facto de se tratar do último cartão pode favorecer o aparecimento de preocupações adolescentes intensas, tal como a alegria, o acreditar na perseguição, a inquietação por reenviar a um mundo interno denso e contraditório. O impacto do estímulo parece mais intenso nos mais jovens, como se eles abrissem um espaço de integração, mesmo do funcionamento psíquico. Mas a reactividade é marcada por

meios mais evoluídos, que tornam as respostas dotadas de "abstracção", ao pensar o afecto, a intelectualização e a emoção, abrindo o caminho de acesso à sublimação (Rausch de Traubenberg et. al., 1993).

3. Valores interpretativos da cotação

Perante cada um dos cartões Rorschach, o adolescente vai organizar-se de modo a poder dar uma ou mais respostas. Estas vão ser analisadas segundo o método Rorschach, no qual se destacam diversos parâmetros, de entre os quais não podemos ignorar os critérios de cotação.

A cotação das respostas, tal como Chabert (1983/1998) a explicita, não tem a ver com uma cotação sistemática, mas deve antes apoiar-se numa escuta atenta das respostas, tendo em conta o seu processo. Neste sentido, vamos procurar descrever, de uma forma resumida, mas objectiva e pertinente, os três grupos que constituem a cotação dos protocolos de Rorschach, e que são: os modos de apreensão, os determinantes e os conteúdos. Os modos de apreensão permitem-nos compreender de que forma é que o sujeito capta a imagem; os determinantes permitem-nos elucidar o modo como o sujeito entendeu a mesma; e os conteúdos correspondem aos elementos descritivos da resposta, explicitando o acesso do sujeito ao simbólico.

3.1. Modos de Apreensão

O modo de apreensão refere-se à localização na mancha, que pode ser feita de uma forma mais geral, ou mais detalhada, ou seja, diz respeito ao quadro perceptivo no qual se molda o conteúdo da resposta.

Nos modos de apreensão podemos distinguir: as respostas globais (G), que se referem ao conjunto do cartão; as respostas de grande detalhe (D), que dizem respeito a partes facilmente isoláveis do conjunto e que são dadas com frequência; as respostas localizadas nos espaços brancos internos ou externos da mancha (DbI); as respostas referentes a recortes mais raros, por serem mais pequenos ou por serem mais estranhos na sua delimitação (Dd); e, por fim, os detalhes “oligafrénicos” (Do), que designam os elementos tratados isoladamente, quando normalmente eles fazem parte de um todo.

A análise dos modos de apreensão deve ser feita em dois momentos: em primeiro lugar, determina-se a qualidade específica de cada modo, pelo estudo sistemático das

respostas de cada categoria; em segundo lugar, procura-se evidenciar a interacção dos diferentes modos de apreensão, para procurar compreender o seu significado.

As respostas globais (G) dizem respeito à capacidade do sujeito de apreender a mancha na sua totalidade. Este tipo de respostas, quando aparecem em primeiro lugar, podem ser indicadores de uma defesa contra a ansiedade provocada pela situação de teste, o que pode levar o sujeito a procurar ter um maior controle sobre a realidade.

Dentro destas respostas podemos encontrar diferentes tipos de construção, de acordo com o tipo de elementos que o sujeito utiliza, e tendo em conta a forma como os liga para dar uma imagem global.

Os G primitivos englobam os G simples, os barrados e os sincréticos.

Os G simples abordam a mancha através de uma leitura superficial, e surgem nos cartões onde é propícia a abordagem banal, visto que possuem uma boa qualidade formal e são mais frequentes nos cartões compactos.

Para Chabert (1983/1998), a presença ou a ausência dos G simples dá-nos conta da existência, ou não, de uma inserção numa realidade objectal claramente definida e diferenciada. O aparecimento destas respostas é suportado pela referência a um objecto total e a uma apreensão do próprio enquanto sujeito, enquanto ser íntegro em relação ao objecto. Deste modo, os G simples podem ser considerados como fundamentais para o reconhecimento de uma identidade estável.

O G barrado ocorre quando a resposta corresponde à mancha toda, menos uma parte, isto é, o sujeito retira uma parte ao todo, procurando uma adequação formal, enquanto que aquilo que é retirado pelo sujeito pode ter uma conotação agressiva ou sexual, o que provoca um incómodo no sujeito.

Os G sincréticos estão associados a percepções massivas, compactas, que testemunham frequentemente uma ausência de discriminação entre o interno e o externo. Dentro dos G sincréticos, podemos distinguir três tipos: os confabulados, os contaminados e os informulados. Os confabulados (DG) resultam de uma generalização abusiva, a partir de uma parte da mancha. Os contaminados (D/G) resultam da combinação ou sobreposição de duas imagens ou associações distintas, numa combinação absurda, em que é possível encontrar o elemento original. Os informulados (D(G)) decorrem de uma referência aos vários elementos que

constituem o todo, não chegando a dar o todo (Rausch de Traubenberg & Boizou, 1999).

Os G vagos e os impressionistas não dependem de um esforço de elaboração, mas remetem antes para o impacto do estímulo (objecto) no sujeito. Este manifesta uma passividade bastante importante numa espécie de submissão ao material, que pode tomar, no entanto, formas bem diferentes, segundo o contexto (Chabert, 1983/1998).

A distinção destes dois tipos de G é feita de acordo com os determinantes que lhe estão associados. Aos G vagos associam-se determinantes formais pouco precisos ($F\pm$), e são frequentemente utilizados enquanto mecanismos de defesa contra uma implicação, um empenho sentido como inquietante, ou até mesmo perigoso, uma vez que o sujeito se concentra em dar respostas pouco precisas e indeterminadas, que o protegem contra representações mais claras ou significativas que ele tenta, assim, evitar ou esconder (Chabert, 1983/1998).

Nos G impressionistas, os elementos sensoriais são dominantes na determinação da resposta. O que os caracteriza, em primeiro lugar, é o facto de o engrama ser perceptivelmente impreciso, assim como o ser acompanhado por manifestações sensíveis, muitas vezes intensas, que mostram a sugestibilidade do sujeito, a sua permeabilidade às qualidades do material, às quais reage fortemente, ao submeter-se ao seu impacto, chegando ao ponto de descurar o quadro perceptivo que serve de molde às suas respostas (Chabert, 1983/1998).

Segundo Chabert (1983/1998), estes dois tipos de G podem reenviar para um movimento defensivo, que consiste em impedir a emergência de representações incómodas ou inquietantes, uma vez que elas confrontam o sujeito com conflitos difíceis de abordar. Assim, cada um deste tipo de G inscreve-se num contexto defensivo diferente; no caso dos G vagos, a formalização e a ausência de utilização ou de integração dos elementos sensoriais relacionados com os afectos evocam um funcionamento do tipo rígido, em que a dúvida e o isolamento sustêm a abordagem global. No caso dos G impressionistas, a defesa é contra o emergir das representações; no entanto, os elementos sensoriais dominam na expressão dos afectos, com uma tonalidade essencialmente lábil.

Os G elaborados, combinados ou secundários, dão-nos conta de uma organização estruturante do engrama, através da combinação das diferentes partes da mancha, remetendo esta para o sujeito. Os G combinados revelam a existência de uma

operação mental dinâmica, na medida em que o sujeito não se prende apenas aos dados do estímulo, mas contribui, com uma elaboração pessoal, na sua percepção do cartão.

As respostas de grande detalhe (D) são aquelas que se referem a uma localização parcial do cartão, nos seus recortes mais frequentemente utilizados, pelo que, os mais referenciados são os recortes perceptivamente mais evidentes e que são frequentemente os maiores. Neste sentido, existem alguns cartões que favorecem mais o aparecimento deste tipo de respostas.

As respostas D, tal como os outros modos de apreensão, são difíceis de separar dos determinantes que lhes estão associados. Mas, enquanto que as respostas G podem apresentar desenvolvimentos ricos e relativamente autónomos, a análise dos D apresenta-se mais dependente dos determinantes que as acompanham, pelo que o seu estudo só faz sentido na relação com eles (Chabert, 1983/1998).

As respostas de pequeno detalhe (Dd) dizem respeito à utilização de partes da mancha raramente isoladas. Os “pequenos” Dd, que se referem a pequenas partes do cartão, estão associadas a um determinante de boa qualidade perceptiva, podem dar conta de uma actividade intelectual ou cognitiva, meticulosa e minuciosa, o que reflecte a necessidade de ordem e de controle por parte do sujeito, inscrevendo-o num registo defensivo de estilo rígido.

As respostas de detalhe branco (Db1) são as respostas referentes às lacunas intramaculares ou extramaculares, em que o sujeito opera uma inversão figura/fundo. Neste tipo de respostas, é importante ter em conta o cartão em que surge, já que apresenta um significado diferente, de acordo com o conteúdo latente de cada cartão.

As respostas de detalhe oligofrénico (Do) caracterizam-se pela existência de uma dupla restrição: restrição do campo perceptivo, em que normalmente é interpretada apenas uma parte do todo pelo sujeito, e uma restrição do conteúdo, ou seja, no caso em que é dado habitualmente um conteúdo humano ou animal inteiro, o sujeito restringe a resposta, dando apenas uma parte do todo.

3.2. Determinantes

Os determinantes dizem respeito às características do estímulo que determinam a imagem que é dada na resposta. Através do seu estudo, podemos observar quais foram os mecanismos que deram lugar à criação e construção da resposta, assim como os processos mentais que lhe estão associados. Os determinantes podem ser de três tipos: os determinantes formais, os determinantes cinestésicos e os determinantes sensoriais. Superficialmente podemos estabelecer algumas correspondências entre os diferentes tipos de determinantes e algumas operações psíquicas; assim, a forma remete para a percepção, a cinestesia para a projecção e a cor para a vivência.

Os determinantes formais (F) dizem respeito à identificação perceptiva de uma imagem, apenas pela configuração da mancha, sem que seja feita referência à cor ou ao movimento.

Estas respostas testemunham a utilização, por parte do sujeito, de um modo de funcionamento corrente, normal e necessário, que consiste em apreender a realidade o mais próximo possível do seu contorno formal, num movimento de adaptação realista e operante, na medida do possível. Estas respostas permitem, ainda, a distinção entre o interior e o exterior, pois nelas a delimitação entre o dentro e o fora surge na capacidade de figurar um objecto num envelope perceptivo, que desempenha um papel de membrana ou de barreira que permite a distinção e a diferenciação entre o sujeito e o seu mundo envolvente (Chabert, 1983/1998)

Nas respostas F, torna-se importante analisar a qualidade formal que estas podem assumir; assim temos: respostas de boa qualidade formal (F+), respostas de má qualidade formal (F-) e respostas F±.

As respostas de boa qualidade formal (F+) correspondem a um duplo critério: por um lado, são respostas relativamente correntes, dadas por uma população de referência, pela evidência de um engrama e pela proximidade do conteúdo que ele induz em certas figuras; por outro lado, existe um critério estatístico, que confere a estas respostas um estatuto de factor de adaptação e de socialização.

As respostas F+ também podem corresponder a produções mais raras, dadas por um sujeito e reconhecidas como adequadas pelo clínico, o que leva a que a subjectividade deste tenha um papel importante na cotação do protocolo.

O aparecimento de respostas de má qualidade formal (F-), é necessário, na medida em que assinalam, de acordo com Chabert (1998), a capacidade de o sujeito se enganar, de falhar, de se perturbar e de diminuir o controlo. Desde que o seu número não seja demasiado elevado, as respostas de má qualidade são positivas, uma vez que revelam uma certa flexibilidade e uma certa permeabilidade no funcionamento mental do sujeito.

As respostas F± traduzem, por um lado, os engramas de conteúdos pouco definidos e, por outro lado, as oscilações e as hesitações do sujeito entre duas ou mais imagens. Estas respostas podem ainda dar conta de um pensamento vago que não encontra os seus limites, e que deixa a realidade exterior escapar a qualquer circunscrição objectiva.

Os determinantes cinestésicos caracterizam-se pelo movimento, pela animação, pela dinamização das imagens e engramas apresentados. Aqui podemos encontrar as cinestésias humanas que dizem respeito a imagens humanas inteiras (K) ou partes do corpo humano em movimento (kp), cinestésias animais (kan) e cinestésias de objectos (kob). A projecção de um movimento sobre uma configuração espacial é certamente uma criação limitada, mas, como qualquer criação, pressupõe o recurso ao imaginário, em que se infiltra necessariamente o inconsciente (Rausch de Trautenberg & Boizou, 1999).

As cinestésias humanas (K), para Chabert (1983/1998), são definidas por três critérios: pela forma, que caracteriza os limites do recorte perceptivo; pelo conteúdo, porque se trata de uma representação humana, sendo necessária a imagem do corpo humano inteiro para que esta cotação seja possível; e a projecção, uma vez que é necessária a atribuição de um movimento à imagem humana.

De acordo com Rausch de Trautenberg & Boizou (1999), a atribuição de uma acção ou de uma intenção ao engrama humano, foi interpretada, quer no sentido de uma capacidade de interiorização e de empatia, quer no de uma facilidade em utilizar a *rêverie* e o mundo inconsciente, quer ainda no de uma aptidão para pensar a experiência emocional.

As respostas K permitem-nos observar diferentes processos do funcionamento psíquico do sujeito, da representação de si e da representação da relação, na sua dupla vertente, identidade e identificação.

Neste sentido, as cinestésias humanas permitem aceder aos processos de identificação, aos processos de individuação e aos processos de identificação sexual.

As cinestésias mais correntes são dadas nos cartões com configuração bilateral, que marcam a orientação relacional e identificatória das representações humanas. Já as cinestésias que aparecem nos cartões compactos, são preferencialmente focadas na imagem de si, porque se trata de um recurso e, portanto, de uma relação com um modelo (Chabert, 1983/1998).

Algumas respostas cinestésicas podem colocar em evidência uma delimitação pouco clara entre o sujeito e o outro, o que se traduz por conteúdos ambíguos e por uma tendência para confundir os protagonistas, expressa, por vezes, através de uma relação simbiótica ou de duplo. Pelo contrário, a capacidade de atribuir ao percepto uma resposta humana sem ambiguidade, num reconhecimento claro entre o que pertence ao sujeito e ao objecto, dá conta do carácter operante dos processos de diferenciação e de individuação, ou seja, da separação sujeito/objecto, a qual permite a distinção entre o eu e o outro.

Quando a identidade do sujeito se encontra estabilizada surge a questão da identificação a um modelo sexuado; neste sentido, as respostas cinestésicas são reveladoras deste processo. Quando a identificação sexual é relativamente estável e harmoniosa, as representações humanas são qualificadas em termos masculinos e femininos. Já quando as identificações são conflituais, o confronto com as representações humanas encontra-se carregado de ansiedade, de hesitações e de evitamento, o que pode levar a que os personagens não sejam identificados sexualmente.

As cinestésias menores (k) podem ser respostas de animais (kan), de objectos (kob) ou de imagens humanas parcialmente apreendidas (kp), sendo que todas elas têm de se acompanhar de uma atribuição de movimento.

As cinestésias animais (kan) consistem na atribuição de movimento a um animal inteiro, que se encontra numa atitude ou numa relação de intenção humana, dando conta da identificação, da representação da relação. Para Chabert (1983/1998), as respostas kan, entendidas no sentido clássico, reenviam para o deslocamento dos movimentos pulsionais, sob a forma de imagens animais.

As cinestésias de objecto (kob) dizem respeito a um movimento forte, que é projectado num conteúdo objecto, desde que esse movimento seja forte e que emane do interior desse objecto. É esta referência a uma origem interna, que autoriza a correspondência entre estas respostas e as pulsões.

Nos conteúdos associados às cinestésias de objecto, encontramos o dualismo pulsões de vida/pulsões de morte, em que a dimensão agressiva/destrutiva é a mais explorada. Surgem, por vezes, pulsões parciais que reenviam para o investimento em zonas erógenas específicas. Na adolescência, podemos compreender o aumento deste tipo de produções, que diz respeito ao desequilíbrio pulsional induzido pelas modificações da puberdade, antes da organização genital (Chabert, 1983/1998).

As pequenas cinestésias (kp) dizem respeito a partes do corpo humano vistas em movimento, ou à projecção de movimentos mínimos sobre imagens humanas inteiras, mas implicadas apenas parcialmente nas acções projectadas como gestos, mímicas ou esboço de movimento. Encontram-se por vezes associadas a localizações raras, o que pode revelar tendências interpretativas.

Os determinantes sensoriais manifestam a receptividade do sujeito às características objectivas do material, às suas qualidades cromáticas. A incidência dos estímulos sensoriais na determinação da resposta, dá conta das características perceptivas do cartão, no que diz respeito à cor (C e C'), ao esbatimento (E) e às respostas claro obscuro (Clob).

As cores existem como uma realidade objectiva, nos cartões do teste de Rorschach. A intervenção da cor, na resposta dada pelo sujeito, revela a sensibilidade deste pelas características da realidade exterior. Esta realidade pode provocar no sujeito uma certa excitação, perceptivo-sensorial, num primeiro momento, o que pode variar de indivíduo para indivíduo (Chabert, 1983/1998).

De acordo com Chabert (1983/1998), as respostas cor podem exprimir o clima afectivo, no qual o sujeito se encontra quando confrontado com reactivações fantasmáticas e emocionais suscitadas pelos cartões, para além dos seus próprios sentimentos.

Na literatura, as respostas cor têm sido relacionadas com os movimentos pulsionais, mais fortes nos cartões II e III, pela presença do vermelho, e com o aparecimento de temas mais regressivos nos cartões pastel (VIII, IX e X). O vermelho e o pastel são designadas cores cromáticas (C); já o negro, o cinzento e o

branco, designam-se por cores acromáticas (C'); estas, por sua vez, encontram-se ligadas à sensibilidade depressiva e narcísica, podendo dar conta de um humor depressivo, de inquietude e de ansiedade difusa.

Na análise destas respostas, é importante ter em atenção os determinantes que lhes estão associados e que dão conta da sensibilidade do sujeito, quer ao mundo interno, quer ao mundo externo. Quando a cor é integrada na resposta, numa forma precisa temos as respostas FC ou FC'. Mas, se o impacto da cor predomina sobre a formalização, temos as respostas CF ou C'F.

As respostas esbatimento são determinadas pela sensibilidade aos tons esbatidos, às nuances da mancha. Estas respostas aparecem com mais frequência nos cartões escuros, embora também seja admitida a sua cotação nos cartões pastel.

Nestas respostas, o seu significado está dependente da qualidade do determinante que lhe está associado. Assim, se o esbatimento é integrado de uma forma precisa ou dominante temos as respostas FE. No caso de o esbatimento dominar sobre a forma, que geralmente é indeterminada, temos as respostas EF.

Podemos distinguir três categorias de esbatimento: os esbatimentos de textura, os esbatimentos de difusão e os esbatimentos de perspectiva. São os conteúdos que os acompanham que nos permitem inscrevê-los numa ou noutra categoria.

Os esbatimentos de textura caracterizam-se pela sensibilidade táctil, e esta diz respeito ao tocar. O exemplo típico é a resposta "pele de animal", com a condição de ser suportada pela atenção dada ao matiz da cor.

A interpretação clássica das respostas esbatimento de textura, confere-lhes um carácter regressivo, um vez que a reactivação de uma sensibilidade muito precoce, primária, como o tocar, o ser tocado, reenvia-nos para os cuidados da primeira infância, para as carícias maternas, para as manipulações do corpo do bebé.

Chabert (1983/1998), a respeito dos esbatimentos de textura, evoca os trabalhos de Didier Anzieu sobre o "eu pele", para relembrar a importância dos contactos sensoriais na constituição do envelope corporal e na constituição das relações objectais. Os esbatimentos de textura referem-se a uma procura de apoio, de um continente, de um envelope que procura sustentar os estímulos que são sentidos com uma maior intensidade.

Os esbatimentos são explorados com nuances mais suaves e doces, numa imagem de protecção contra entidades desagradáveis da realidade externa. A menos que

apareçam em contextos depressivos, dos quais condensam a expressão e a tentativa de arranjo (Chabert, 1983/1998).

Independentemente da expressão que tomam, os esbatimentos de textura estão relacionados com as necessidades fundamentais que evidenciam a existência nua, insatisfeita, carenciada, ou, pelo contrário, a valorização que permite a satisfação do desejo, o desaparecimento da inquietação, o apaziguamento da angústia.

Os esbatimentos de difusão são mais homogêneos que os anteriores, sendo necessário distinguir os seus significados defensivos, nas respostas flexíveis, que têm um papel écran relativamente às emergências fantasmáticas, participando em mecanismos de recalçamento das suas implicações projectivas, as quais revelam uma certa fragilidade da identidade, que se traduz por imagens vagas, evanescentes, instáveis, efémeras, acentuando a diluição, a deserção de referências estáveis, o aspecto desfiado do envelope.

Os esbatimentos de perspectiva são os mais raros e caracterizam-se por imagens de contornos indefinidos, ("nuvens"). A utilização tridimensional do esbatimento, para Chabert (1983/1998), ao mesmo tempo que assinala as insatisfações narcísicas do sujeito, sublinha o esforço para as remediar, através de uma conduta activa e de uma articulação perceptivo-sensorial, que condensa a expressão de falta e as tentativas para a compensar.

As respostas claro obscuro, com carácter disfórico (Clob), são determinadas pelo aspecto maciço do carácter uniformemente escuro da mancha, e da tonalidade nitidamente disfórica da resposta. Está presente uma tonalidade emocional disfórica, de mal-estar, sendo também possível a existência de sentimentos de perigo, de ameaça ou de destruição, o que revela uma grande angústia do sujeito.

Existe uma maior incidência deste tipo de respostas nos cartões IV e VI, dado o seu carácter compacto. Quando o elemento formal é dominante, temos as respostas FClob, em que a angústia que é evocada é controlada. Quando a angústia que é evocada não é circunscrita pelos mecanismos de defesa, temos as respostas ClobF, em que o elemento formal não é dominante.

3.3 Conteúdos

É a análise dos conteúdos, no Teste de Rorschach, que permite dar um sentido e realizar uma articulação com as outras dimensões da resposta, abrindo o caminho da compreensão, pela confrontação com a imagem que figura a representação. No entanto, pode parecer arbitrário decompor a resposta em diversos factores, para dar apenas importância ao conteúdo em si. Assim, tratar os conteúdos em termos gerais, ao seguir de perto a classificação que ordena a sua cotação, é redutora, excepto nas grandes categorias – conteúdos animais e humanos – em que as ilustrações são mais numerosas e permitem um estudo e um agrupamento, ao mesmo tempo flexível, modulado e válido, enquanto que, noutras categorias, a apreciação pode tornar-se arbitrária no caso de procurar realizar generalizações (Chabert, 1983/1998).

Os conteúdos são, em geral, agrupados em categorias, categorias essas que percorrem a gama muito vasta do real e do irreal, do colectivo e do individual. As categorias mais importantes, quer pela sua frequência, quer pelo seu significado, são as que dizem respeito ao mundo animal, ao reino vegetal, aos fenómenos naturais, à representação humana e para-humana, e ao mundo dos objectos fabricados, bem como às relações estabelecidas entre esses diferentes conteúdos (Rausch de Traubenberg & Boizou, 1999).

O aparecimento das respostas animais (A), no teste de Rorschach, constitui um factor de integração adaptativa e socializante. Muitas destas respostas surgem sob a forma de banalidades (nos cartões I, II, III, V, VI, VIII e X), do ponto de vista qualitativo; quando este tipo de respostas são numerosas, é preciso fazer uma análise mais fina, para julgar o carácter socializante, ou não, desses conteúdos.

O aparecimento das respostas humanas (H) dá conta da capacidade do indivíduo de se identificar com a imagem humana que fundamenta a sua identidade, numa primeira articulação diferenciadora.

Algumas das respostas que aparecem com frequência em determinadas localizações, levam-nos a pensar no seu valor simbólico. Dentro dos conteúdos simbólicos, destacam-se os conteúdos de valor sexual, os conteúdos de valência agressiva, os conteúdos de valência regressiva e as temáticas.

Os conteúdos de valor sexual surgem frequentemente associados aos cartões II, IV e VI, pelo reconhecimento do poder fálico traduzido pela produção de imagens simbólicas mais ou menos próximas da representação. As informações que nos fornecem são importantes, no que diz respeito ao reconhecimento da diferença de sexos, o que permite uma oscilação entre a posição activa e a passiva, a qual explica a flexibilidade dos processos de identificação sexual. Pelo contrário, uma polaridade excessiva numa ou noutra posição, o evitamento ou a indeterminação sexual, revelam a existência de dificuldades de diferenciação sexual.

Os conteúdos com valência agressiva podem, por vezes, ser percebidos claramente, transportando consigo a marca da agressividade, que se refere eventualmente a modalidades específicas de relação de objecto.

Os conteúdos com valência regressiva aparecem mais frequentemente nos cartões VII, VIII, IX e X, mas podem surgir noutros cartões, apresentando um significado defensivo, para evitar a abordagem de um conflito de ordem sexual ou agressivo. Os conteúdos regressivos reenviam habitualmente para as primeiras relações de objecto, aparecendo através de referência ao mundo marinho.

As temáticas dizem respeito a conjuntos organizados de temas conscientes ou inconscientes. O trabalho de pesquisa temática articula-se à volta da reconstrução de ligações entre os engramas sucessivos, que caracterizam uma sequência associativa no mesmo cartão.

Para Chabert (1983/1998), o interesse da análise sucessiva das respostas reside na descoberta de conteúdos, cujo valor simbólico é corroborado pelas encenações fantasmáticas subjacentes numa integração muito rica, que traduz uma cena mental, cujos conteúdos podem ser dramatizados.

VII. OS SUJEITOS

Para procedermos à ilustração prática dos conceitos teóricos que desenvolvemos anteriormente, utilizamos 8 protocolos de Rorschach, 4 de adolescentes de 13 anos de idade (dois rapazes e duas raparigas) e 4 de adolescentes de 17 anos de idade (dois rapazes e duas raparigas). Aos adolescentes que aceitaram participar no estudo, foi-lhes comunicado o objectivo do estudo.

Todos os participantes apresentam condições semelhantes, à partida, e podemos considerá-los como sujeitos normativos, homogeneizados ao nível da situação escolar; os mais novos frequentavam o 8.º ano e os mais velhos o 12.º ano, sem insucesso escolar até à data da recolha dos protocolos.

Do ponto de vista familiar, procurámos famílias aparentemente estáveis e com um estatuto sócio-económico médio. Não nos foi possível controlar o número de irmãos e a posição que os nossos participantes ocupam na fratria.

Procurámos assegurar-nos de que: nenhum deles tinha ido a consultas de Psicologia e/ou de Psiquiatria, para não haver, pelo menos à partida, nenhum tipo de familiaridade com a prova; não tinham realizado qualquer tipo de intervenção clínica; não tinham sido assinalados, na escola, com nenhuma dificuldade, nem relacional, nem escolar. Procurámos que fossem adolescentes “normativos”, no sentido de, pelo menos até ao presente, recorrerem apenas às suas próprias estratégias para fazerem face ao período que estavam a atravessar.

VIII. PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

1. Parâmetros a Analisar no Rorschach

Tal como explicitámos anteriormente, o Rorschach, ao ser adaptado aos modelos do pensamento, permite-nos realizar uma compreensão mais profunda e mais rica do processo de desenvolvimento adolescente, concebido numa relação de transformação e de comunicação entre o(s) sujeito(s) e o(s) objecto(s), e o(s) objecto(s) e o sujeito, numa articulação entre o dentro e o fora, e o fora e o dentro, geradoras de novos sentidos e de novos significados, revelados através do processo de resposta Rorschach.

Para Marques (1996), a resposta Rorschach surge como o resultado de um processo de ligação entre o interno e o externo, de ligação entre a objectivação e a subjectivação, trabalho esse que impõe e revela a diferenciação entre objecto/sujeito, interior/exterior, a partir da qual decorre um trabalho de transformação que permite à resposta conter elementos do sujeito e do objecto, do mundo interno e do mundo externo, mas ligados e (re)criados. Assim, *“o processo – resposta Rorschach revela e expressa a forma como os objectos se podem separar, reunir e assimilar, para depois de novo, se poderem separar e recriar”* (op. cit., pp. 40).

Neste estudo procuramos compreender a relação Eu–Outro, durante o processo de desenvolvimento adolescente, numa articulação que tem lugar entre o sujeito e o objecto, numa ligação entre o mundo interno e o mundo externo, em que estão em jogo as diferentes dimensões do Outro, nas condições de Igual, de Diferente e de Complementar.

Na revisão teórica que realizámos, demos conta da possibilidade de encontrarmos presentes estas dimensões, no decorrer do processo de desenvolvimento adolescente,

podendo apresentar diferentes expressões e intensidades, ao longo do mesmo. Assim, ao estudarmos dois grupos de adolescentes, 4 protocolos de adolescentes com 13 anos e 4 protocolos de adolescentes com 17 anos, procuramos estabelecer as especificidades de cada um destes grupos, o que se revela numa fase inicial da adolescência e o que se expressa numa fase posterior, que se considera ser de uma maior estabilidade.

Neste sentido, vamos proceder ao estudo dos protocolos de Rorschach dos adolescentes, tendo em conta os seguintes parâmetros de análise: representação de si e representação das relações, e os processos de transformação e de simbolização.

1.1. Representação de Si e Representação das Relações

Estes são dois organizadores já bem definidos na literatura Rorschach, pelo que vamos seguir os trabalhos de Rausch de Trautenberg (1983b) e de Chabert (1983/1998), fazendo desde já uma ressalva ao facto de estes organizadores serem habitualmente conotados e utilizados na realização do diagnóstico diferencial, pelo que procuramos afastar-nos, tanto quanto possível, destes referenciais, já que os modelos que utilizamos não se inscrevem nestas concepções.

Chabert (1983/1998) define a construção da imagem de si e a representação das relações como sendo dois princípios interpretativos, através dos quais é possível analisar o conteúdo latente do material. No que respeita à representação de si, existem cartões em que é solicitada a problemática da identidade, dando-nos conta da diferenciação entre o sujeito e o objecto, e cartões em que é solicitada a problemática da identificação, e nos quais os elementos estão relacionados com a diferenciação sexual. A representação das relações dá-nos conta do registo conflitual e dos níveis de desenvolvimento libidinal, de acordo com o apelo feito por cada um dos cartões.

Para Rausch de Trautenberg (1983b), o aspecto formal do Rorschach tem sido considerado como um meio privilegiado, para fornecer elementos sob a forma como o indivíduo vive e organiza o seu mundo objectal. Assim, o sujeito vai utilizar este espaço de uma forma particular, nas interacções que vai controlar ou sofrer, o que está estreitamente dependente do sentimento de identidade pessoal do indivíduo, da qualidade das suas representações de objecto, e das modalidades relacionais

estabelecidas entre os seus objectos e ele próprio, entre si e o outro, entre si e o mundo.

A análise formal dos dados do Rorschach permite explicitar o modo do funcionamento do Eu do sujeito, e a análise pluridimensional dos conteúdos deve, por seu lado, permitir esclarecer posições fundamentais do indivíduo, tal como ele se vivencia no seu corpo e no seu universo relacional. O sentimento de identidade pessoal assenta sobre uma vivência unitária, que é o ponto de partida de todos os processos de diferenciação, de individualização e de identificação do sujeito. Assim, a “representação de si”, noção inconsciente, para Rausch de Traubenberg (1983b) engloba a imagem do corpo e as relações que são suscitadas por essa mesma imagem, e que levam à sua estruturação. As respostas concentram em si, quer o investimento narcísico, quer o investimento do outro, e são disso reveladoras.

Neste estudo, ao procurarmos compreender a relação Eu-Outro no processo de desenvolvimento adolescente, tendo em conta as dimensões do Outro, de Igual, de Diferente e de Complementar, pelo que os organizadores, representação de si e representação das relações, surgem como fundamentais para a análise dos protocolos de Rorschach.

No organizador – a construção da imagem de si – a identidade e o investimento da imagem de si diz respeito à construção do esquema corporal, ao qual está subjacente o sentimento de identidade, que implica, por um lado, o reconhecimento da diferença entre o sujeito e o objecto e, por outro lado, o reconhecimento da pertença ao mundo humano, a par de uma clara discriminação dos vários reinos. Perceptivamente é a construção simétrica dos cartões em torno de um eixo médio que justifica o apelo ao corpo, tendo em conta a semelhança desta organização com o esquema do corpo humano ordenado simetricamente de um lado e de outro de um plano mediador. Assim, os cartões compactos são os que suscitam, em primeiro lugar, a projecção da imagem do corpo.

Os cartões bilaterais, pela sua estrutura em espelho, podem favorecer o aparecimento de uma problemática de ordem narcísica, que nem sempre põe em causa a fragilidade da identidade. Nestes cartões torna-se difícil diferenciar os mecanismos de identificação projectiva, em que a diferenciação entre si e o outro é fantasmaticamente abolida, e as modalidades de estabelecimento de relações narcísicas que supõem a continuidade e a distinção entre o sujeito e o objecto, as quais emanam de um investimento relacional particular.

Os cartões pastel, dada a intensa regressão que podem induzir, também solicitam intensamente o narcisismo dos sujeitos. Mas são as manifestações depressivas e as falhas narcísicas que se exprimem muitas vezes nas imagens, que mostram a insuficiência do suporte objectal que se liga à insuficiência do investimento de si e a uma vivência de insatisfação e de falta, na relação precoce com o meio.

A adolescência decorre num espaço-tempo, durante o qual o adolescente deixa de ser criança, para vir a ser adulto, ou seja, para poder vir a ser um “igual” entre adultos. Trata-se de um período em que está presente uma grande ambivalência, que se joga entre o desejo de ser e o medo de não ser, sentimentos que, como que se anulam, no caminho até ser adulto.

É durante este período do desenvolvimento, que se dá o encontro com o objecto heterossexual, o que possibilita o abandono das posições narcísica e bissexual. Agora é possível a vivência do amor heterossexual, o que leva, em ambos os sexos, a um aumento do narcisismo, antes da consolidação do amor heterossexual. Quando a gratificação narcísica, ligada ao amor paterno, deixa de estar presente, o ego passa a ser investido por uma libido narcísica, retirada dos pais internalizados, passando a estar disponível para se ligar a novos objectos, ou seja, ao objecto heterossexual.

Durante o processo de desenvolvimento adolescente, o Outro na condição de Igual, reporta-nos ainda para um cenário onde está presente, por um lado, o desejo de protecção e de compreensão em relação às figuras parentais, por outro lado, a oposição e a confrontação, fundamentais para dar lugar à aceitação e à integração necessárias ao crescimento. O grupo dos pares surge, durante este período, como o lugar privilegiado para a realização de trocas, num trabalho de ligação entre o mundo interno e o mundo externo, entre o sujeito e o objecto, entre os iguais, mas também com as figuras parentais, com quem surge a necessidade de confrontação e de oposição, de modo a que tenham lugar os novos processos de identificação.

No Rorschach, o Outro, na sua condição de Diferente, reenvia-nos para o reconhecimento da diferença dos sexos, que pressupõe a anterior aquisição da identidade, para que possam decorrer novos modelos de identificação. No teste, os cartões que apresentam uma simbologia sexual, são os que melhor nos dão conta deste processo, ao acentuarem a valência dominante masculina ou feminina, respeitando a noção fundamental de bissexualidade psíquica, sugerem frequentemente, referências ao outro sexo.

Este reconhecimento só é possível depois de o sujeito se reconhecer como possuidor de uma imagem íntegra do seu corpo. No Rorschach, é a construção perceptiva, tendo em conta a simetria dos cartões e o eixo médio, que justificam a sua indução, tendo em conta a semelhança desta organização com o esquema do corpo humano, ordenado simetricamente, de um lado e de outro do plano mediador.

Os cartões compactos são os que expressam mais claramente a representação que o sujeito tem do seu corpo, dada a natureza da sua própria configuração, uma vez que, perceptivamente, se trata da construção simétrica em torno de um eixo médio que justifica a sua indução, tendo em conta a semelhança desta organização com o esquema do corpo humano, ordenado simetricamente, de um lado e de outro de um plano mediador.

Nos cartões bilaterais, a representação do corpo pode ser fortemente posta à prova, já que as imagens do corpo não integrado aparecem nas tentativas de apreensão global, apesar de este ser acompanhado, na maioria das vezes, de um aspecto formal de má qualidade, sustentado por percepções arbitrárias, como se o esforço de globalização constituísse a procura desesperada de uma unidade face a um material sentido como disperso, espalhado ou fragmentado.

Os cartões pastel introduzem as cores suaves e reactivam a representação de uma imagem do corpo num meio envolvente regressivo, podendo suscitar preocupações hipocondríacas e/ou de angústia de fragmentação.

O Outro, na condição de Diferente remete-nos para a constituição da diferença entre o sujeito e o objecto, ou seja, para a diferença entre o Eu e o Outro, em que a diferença mais evidente é a do Outro dotado de outro sexo, masculino ou feminino. Para que o adolescente possa aceder a esta dimensão, torna-se necessário o abandono da posição narcísica e bissexual, que vai permitir a constituição da identidade genital adulta, através do encontro com o objecto heterossexual, possibilitando a escolha do masculino ou do feminino.

Na adolescência, são as modificações corporais que agora decorrem, que vão permitir a construção de uma imagem sexual diferenciada do Eu e do Outro, o que leva a que o adolescente realize uma integração do corpo sexuado, masculino ou feminino, através da realização de uma escolha sexual. Assim decorre a aquisição de uma identidade sexual definitiva, feminina ou masculina, que, no final da adolescência, deve apresentar-se estável, de modo a permitir uma diferenciação e

uma complementaridade entre o feminino e o masculino, e entre o masculino e o feminino.

Devemos destacar, ainda, que a diferença, presente na relação Eu–Outro, acentua a tensão e aumenta a possibilidade de conflito, no sentido em que a diferença aumenta o campo de relação, mas também evidencia mais o que é da ordem da falta. É neste sentido que, dentro dos modelos clássicos, o feminino aparece como o que falta ao masculino, falta essa que o Eu procura colmatar na relação com o Outro, numa lógica de integração, o que só pode acontecer a partir do momento em que se aceita o princípio da incompletude de um e de Outro, para se poder procurar, reconhecer e integrar a parte em falta, donde complementar.

No Rorschach, a representação das relações é reveladora, por um lado, da possibilidade de o sujeito representar uma imagem de si íntegra e, por outro lado, de a colocar em relação com o Outro. Assim, para que o sujeito seja capaz de investir nos objectos, internos e externos, é necessária a constituição de um espaço psíquico capaz de conter uma imagem inteira de si Próprio e em relação com o(s) Outro(s), em que o que está em falta em Um pode ser colmatado pelo(s) Outro(s), numa relação Complementar e de partilha entre Un(s) e Outro(s).

Os cartões que mais facilitam as associações relacionais, são os cartões de configuração bilateral, os vermelhos e os pastel, na medida em que solicitam a evocação de afectos, permitindo-nos compreender o tipo de relações que o sujeito estabelece consigo Próprio e com o(s) Outro(s).

Os cartões bilaterais, pela organização que apresentam em duplo, suscitam o aparecimento de imagens humanas ou animais, face-a-face, favorecendo a expressão de relações nas suas modalidades narcísicas ou objectais, agressivas e/ou libidinais.

Nos cartões pastel, a presença quase objectiva de solicitações emocionais, afectivas ou pulsionais, pode ser ligada a experiências de contacto com o mundo ambiente humano que rodeia o sujeito.

Durante o processo de desenvolvimento adolescente, quando pensamos na relação Eu–Outro como uma relação de complementaridade, surge a possibilidade de (re)união do que estando em falta no Eu leva à procura no Outro, mas também do que o Outro possui e que pode ser alvo de troca na relação com o Eu. Mas, para que o Eu–Outro possa procurar a sua parte em falta, complementar, é necessário que se possa constituir de uma forma íntegra e separada.

Na teoria freudiana, o Complexo de Édipo é o separador; é ele que possibilita o reconhecimento da diferença de sexos e de gerações. No início, a relação decorre com o objecto primário; mas, a partir do Complexo de Édipo, é feita a introdução do Outro, que vai possibilitar o reconhecimento da diferença, já que é pela aceitação do que não se tem que se pode realizar uma procura, que se pode desejar e sonhar, para colmatar a falta.

A alteridade surge, assim, para Green (1997/2000), ligada à sexualidade, no sentido em que remete para uma falta do sujeito. Assim, a bissexualidade psíquica não pode ser definida apenas no que diz respeito a cada um dos sexos, mas na relação com o Outro sexo, no sentido em que cada um dos sexos possui algo que o Outro não tem, que lhe falta, pelo que se torna necessária uma relação de complementaridade.

Na adolescência decorre uma procura do Outro, do que permite realizar o desejo, e que por isso se apresenta como Complementar ao Eu, já que no seu interior possibilitará um (re)encontro consigo Próprio.

1.2. Os processos de Transformação e de Simbolização no Rorschach

Neste organizador privilegiamos os trabalhos de Marques, através dos quais o Rorschach pode ser compreendido à luz dos modelos de relação, de crescimento e de pensamento, que se sustentam nas concepções de ligação e de transformação, e que permitem o acesso a novas criações, a novas significações e a novos símbolos.

O processo de resposta Rorschach surge como uma actividade de ligação, transformação e criação entre o interno e o externo, o sujeito e o objecto, subordinado pela relação, pela intersubjectividade. Através da actividade mental que está envolvida na situação Rorschach, revela-se a natureza e as características da constituição dos objectos internos mobilizados pelos objectos externos e pelos processos de união, integração e (re)criação de uns por outros, revelando-se a natureza do sujeito e das relações de/com os objectos (Marques, 1999).

A resposta Rorschach surge dotada de um duplo significado; por um lado, traduz a forma como os objectos externos mobilizam o sujeito para uma actividade mental de ligação, transformação e criação; por outro lado, é o resultado transformado do encontro e da comunicação entre o sujeito e o objecto. Assim, a resposta Rorschach surge como um novo símbolo, como um novo objecto, fruto do trabalho de

transformação, construção e comunicação entre o interior e o exterior, dotado de um novo sentido, submetido e tornado possível pelo contexto situacional e relacional em que foi solicitado, emergiu e foi criado pelo Eu, e depois comunicado ao Outro, sob a forma de uma resposta.

Procuramos agora reunir os elementos que no Rorschach nos possibilitam aceder à relação Eu-Outro nas suas várias dimensões de Igual, de Diferente e de Complementar. Neste sentido, consideramos fundamental determinar de que modo é que o sujeito realiza o movimento de ligação e de equilíbrio entre o mundo interno e o mundo externo, na procura de uma constância e de uma continuidade, mas também do que sonha e deseja, procurando colmatar a falta, numa relação de procura, de encontro, na qual o equilíbrio dá lugar ao desequilíbrio, sem o qual não é possível o crescimento.

O desenvolvimento implica que se façam, desfaçam e refaçam novas ligações e novas significações, num processo em que se ligam e (re)ligam, numa articulação permanente, os elementos estranhos e disruptivos, num processo de crescimento que conduz a novos encontros e novos (re)encontros do antigo agora transformado, (re)significado, tornado apto para o estabelecimento de novas relações continente-conteúdo.

O Rorschach é considerado por Marques (1999) como um objecto, como um elemento da realidade que apresenta características desconhecidas, indutoras de desequilíbrio, que podem ser vividas como situações de turbulência que irrompem na mente, e que são vividas como um ataque ao equilíbrio e à quietude, como um ataque às ligações e à significação.

Perante esta situação, o sujeito vê-se confrontado com a necessidade de realizar um trabalho psíquico que consiste em (re)encontrar o equilíbrio que foi perdido, operando uma passagem da desordem, do caos, para uma situação de uma maior organização, o que só é possível através da actividade de simbolização da situação e do objecto. Decorre, assim, um trabalho psíquico que opera uma acção de substituição, feita de comunicação, assimilação, ligação e separação entre o sujeito e o objecto.

A situação Rorschach decorre de uma situação interpessoal, em que a tarefa que é proposta ao sujeito é a de dar significado às manchas que apresentam um carácter ambíguo, sem um significado preciso, abrindo o campo de significados, o que pode ser pensado com recurso à noção de mudança catastrófica, porque tem lugar um

processo de ligação, transformação e criação que obriga à formação de símbolos, que só são possíveis através do pensamento e da linguagem, e que permitem a sua comunicação ao Outro.

Deste modo, a situação Rorschach passa a poder ser considerada como obrigando a identificar o objecto, a mancha Rorschach, de uma forma simbólica. Assim, de mancha, ela passa a ser designada por uma outra representação, através de uma imagem-conceito que é um símbolo. Para Marques (1999), *“esta actividade de nomeação e criação de uma imagem-conceito-símbolo, implica que se operem passagens, feitas de comunicação e de intimidade, entre o dentro e o fora, entre a dispersão e a integração e implica, depois, que se realize um trabalho de reunião, união e integração entre os diversos elementos internos e externos, que possibilita a criação de novas relações continente-conteúdo. Tal trabalho psíquico conduz a que o símbolo, que é um substituto condensado, não seja a cópia do objecto, mas a criação de algo novo ou de um «novo objecto»* (op. cit., pp. 234).

O processo de criação de símbolos tem por base uma actividade de ligação, comunicação e transformação, entre o mundo interno e o mundo externo, entre o sujeito e o objecto, num processo contínuo de ligação e de comunicação, mas também de (re)união, de (re)integração e de transformação entre os objectos e as significações que agora podem emergir nas respostas Rorschach.

Encontramos presente, no Rorschach, uma relação simbólica entre a imagem/mancha, desprovida de significado e que se pede ao sujeito para nomear, e a resposta Rorschach, ou seja, o símbolo que nomeia a mancha. Esta relação simbólica revela o sujeito, dando-nos conta do trabalho psíquico que este teve que realizar sobre o objecto, e que conduziu ao símbolo e à criação de um novo objecto (Marques, 1999).

O sujeito, perante a situação Rorschach, entrega-se a um trabalho psíquico que visa restaurar a completude, a coerência e a integridade do objecto, quer interno, quer externo. Esse trabalho é, por si só, revelador de um trabalho de busca, de transformação e criação de significações, de novos objectos. Ele é fruto de uma actividade feita de encontro, comunicação e intimidade entre o dentro e o fora, o passado e o presente, que permite revelar o nível de separação, mas também de ligação e de transformação entre o objecto interno e o objecto externo, separados e ligados pela barreira de contacto, noção próxima da de Bion, já que é a natureza da

barreira de contacto que determinará a transposição dos elementos do consciente para o inconsciente e do inconsciente para o consciente (Marques, 1999).

O processo de resposta Rorschach pode, assim, ser considerado como um processo de formação de símbolos, através dos quais o sujeito revela a sua actividade de pensar. Quando o sujeito consegue lidar com a situação Rorschach, situação que é vivida como uma situação catastrófica, e consegue sair dela, podemos, então, ter acesso ao seu pensamento, através da comunicação, ligação, transformação e simbolização, o que nos permite ter acesso à natureza do sujeito. O produto final, a resposta dada pelo sujeito, é a simbolização que nos permite aceder às diversas ligações e transformações que se realizam dentro e entre as várias partes do sujeito, entre o dentro e o fora, entre o sujeito e o objecto, e o objecto e o sujeito. A resposta Rorschach é, por si só, reveladora deste trabalho psíquico realizado pelo Eu, permitindo ao Outro aceder à constituição de um novo objecto, que é, por si só, revelador da ligação entre o mundo interno e o mundo externo, agora juntos mas (re)criados e (re)significados.

Quando pensamos na relação Eu–Outro presente no processo de desenvolvimento adolescente, com base nos modelos do pensar, o Outro, na condição de Igual, é aquele que contém e que, por isso, pode (re)significar o que o Eu não consegue pensar, dando-lhe um sentido e um significado.

Na adolescência, o grupo dos pares surge como o local privilegiado para a realização de trocas que, sendo externas, também são internas, e possibilitam a construção e a constituição do Eu adolescente na e com a relação com o(s) Outro(s) adolescente(s), numa relação que espelha fora, no mundo externo, o que está a ser vivido dentro, no mundo interno.

É a possibilidade de realizar uma actividade de ligação e de comunicação entre o mundo interno e o mundo externo, agora (re)ligados e (re)criados sob a forma de uma resposta, que possibilita o enriquecimento do mundo interno e do mundo externo, mas também do Eu e do Outro, levando à constituição de novos objectos que vão constituir o sujeito, o Eu na sua relação de igualdade com o Outro, mas com toda a sua diferença, constituindo-se, assim, como ser único e singular.

A partir do momento em que o sujeito se constitui de uma forma íntegra e separada do objecto, surge-nos a questão da alteridade, da diferença entre o Eu e o Outro. Na adolescência tem lugar a maturação do corpo, que permite a vivência de uma sexualidade adulta e leva à descoberta do Outro Diferente, ou seja, do Outro do

outro sexo, feminino ou masculino, com quem se podem realizar trocas, numa relação de partilha e de descoberta mútua, que suscita a possibilidade de novas criações.

No Rorschach, podemos definir a noção feminino–masculino como um organizador. Para Marques (1999), a noção feminino–masculino deve ser encarada como um elemento que funda e estrutura a identidade de cada sujeito. É a partir da constituição da capacidade de ser, de existir e de realizar, que é possível, depois, expressar a vivência de ser, de existir e de realizar sexuado, bissexuado, interactivo e intersubjectivo; esta vivência também se expressa na relação de objecto, com o Outro, também ele bissexuado, interactivo e intersubjectivo. A diferenciação entre sujeitos é feita pela identidade, que é composta pelo conjunto de características que determinam a sua unidade, na qual está contida a bissexualidade. Deste modo, no Rorschach, interpretar a mancha é proceder à separação figura/fundo, dentro/fora, sujeito/objecto. Na relação que o sujeito estabelece com o objecto, ou seja, com a mancha Rorschach, pressupõe-se a separação Eu/não Eu, que conduz, permite e revela a objectualização, isto é, a relação do sujeito com o mundo. *“Esta relação, fundada no sentimento de existir, leva à capacidade de criar, possível a partir da capacidade de preservar um interior, ser um continente, e depois, ao mesmo tempo, pela acção não só da identificação, da projecção e da introjecção, mas sobretudo da identificação projectiva, estabelecer conteúdos e uma relação e comunicação com o mundo.”* (op. cit., pp. 210).

O Outro Diferente põe em jogo a relação de sexuação entre o feminino e o masculino, numa actividade de ligação, na qual se procura o estabelecimento de vínculos, numa tentativa de colmatar a falta do Próprio na relação com o Outro, na condição de Diferente, mas enquanto objecto de relação e de desejo.

No Rorschach, todos os cartões apresentam uma integração dos dois sexos, das pulsões libidinais e agressivas, e dos vínculos amor, ódio e conhecimento. Em todos os cartões é esperada a resposta Rorschach, que nasce do encontro entre o nível do funcionamento do sujeito e o nível de solicitação da situação projectiva, ou seja, da mancha. É esperado que o sujeito expresse a natureza da relação consigo Próprio e com o mundo, com o seu desejo de conhecer e de crescer, o que se expressa através da sua capacidade de (re)criar objectos.

Tal como Marques (1999) enuncia: *“a matriz que funda a solicitação simbólica de cada cartão, revela o nível de interiorização e de integração das imagos*

parentais, que são masculinas e femininas. (...) em cada cartão Rorschach, (...) cada sujeito reage e expressa o nível de conflitualização, mas também o de integração e de construção face ao materno e ao paterno, face ao feminino e ao masculino, várias faces do mesmo Eu.” (op. cit., pp. 210). Depois da realização de um trabalho de simbolização, a resposta dada pelo sujeito deve conter *“a diferença de sexos e de gerações e a complementaridade”* (op. cit., pp. 211). Mas, cada cartão pode ainda revelar as relações com o masculino e com o feminino, o heterossexual, que não são mais do que as relações reconstruídas sobre o materno e o paterno, com a integração da bissexualidade. Assim, a interpretação das manchas de Rorschach deve ser compreendida como um trabalho activo e criativo, entre o sujeito e o objecto, numa relação de contenção recíproca, de continente-conteúdo, de transformação e de (re)significação.

Os vários elementos que estão em jogo na prova Rorschach e que têm a ver, quer com o material, quer com as respostas que são comunicadas sob a forma de símbolos, para Marques (1999), podem ser reunidas numa conceptualização. Neste sentido, define *“a actividade de pensar e a criação de símbolos na situação Rorschach, compreendidas e estabelecidas sobre o modelo da relação do sujeito com o objecto ordenada pela identificação projectiva, que permite o estabelecimento de novas relações continente-conteúdo, através de um trabalho de comunicação, de ligação e de transformação, do disruptivo ao pensável, podem ser compreendidas e explicitadas através do modelo de transformação, proposto por Bion”* (op. cit., pp. 237).

Bion (1965/1984) descreve o modelo das transformações a ser utilizado nas sessões de análise. Este modelo explica como o material verbal de uma sessão, surge como o resultado de uma transformação de pensamentos e emoções que se referem a factos passados e presentes, externos e internos ao sujeito. As interpretações que o analista faz desse material verbal, também são transformações do próprio pensamento do analista, que resultam de um processo de transformação de uma experiência emocional em contacto com o analisando.

Neste modelo, Bion (1965/1984) recorre a uma nomenclatura específica, a qual passamos a explicitar: um facto ou estado inicial (“O”), um processo de transformação (T), realizado sob certas condições (T alfa), e um produto final, que é o resultado desse processo (T beta). A transformação (T) diz respeito à operação total, que compreende o acto de transformação de um produto inicial que dá lugar a

um produto final. Associadas ao conceito de transformação estão a invariância que diz respeito aos aspectos inalterados da transformação, e a conjunção constante que diz respeito ao conjunto dos factos que estão presentes numa relação do tipo continente-conteúdo.

O Rorschach impõe a criação de respostas verbais, de símbolos, que são depois objecto de interpretação, pelo que, para Marques (1999), pode ser submetido ao modelo das transformações. Com base neste modelo, podemos considerar que as respostas Rorschach, representam sempre os factos que estão na sua origem – a situação Rorschach nas suas múltiplas expressões – e o trabalho que o sujeito faz para transformar esses factos originais.

As imagens dadas pelo sujeito, formuladas em palavras, símbolos, podem ser consideradas como o produto de transformação de pensamentos e emoções que se referem à situação Rorschach, como situação presente, mas também como situação passada, que por sua vez, se refere à situação externa, mas também à situação interna. A interpretação que procuramos realizar das respostas dadas pelos adolescentes, é, por si, uma transformação sobre o material, a partir do contacto com o(s) Outro(s), ou seja, com o teste e com o clínico/psicólogo.

De acordo com Marques (1999), interpretar as manchas Rorschach provoca no sujeito um sentimento de caos, com características de dispersão e de turbulência, as quais impõem uma mudança catastrófica que leva a uma transformação em símbolo, através do pensamento. As respostas Rorschach surgem, através da relação continente-conteúdo, da capacidade de *rêverie* e da função alfa, conceitos usados tal como aparecem em Bion.

Para Marques (1994b), *“o material que o sujeito nos fornece, as respostas Rorschach, representa os factos que estão na sua origem (“O”), a mancha e a interacção, a partir dos quais vamos descobrir a natureza da representação do sujeito. A partir da invariância do material que nos é fornecido, vamos saber qual é o original (“O”) e aquilo que o sujeito fez para transformar esse original (T α) e, também, compreender a natureza do sujeito”* (op. cit., pp. 437).

O trabalho de criação das respostas Rorschach, encontra-se submetido à relação que se estabelece entre o Psicólogo e o sujeito que está a ser examinado. Os dois encontram-se num determinado espaço-tempo, em que o que ocorre é que “O” psicólogo, submetido a T (psicólogo) alfa, dá lugar a T (psicólogo) beta, acontecendo o mesmo ao examinado, ou seja, “O” examinado, submetido a T (examinado) alfa, dá

lugar a T (examinado) beta. Assim estabelece-se um novo original (“O”) para cada um dos parceiros da interacção, bem como um original para a situação que surge do entrecruzamento dos “O” dos dois parceiros, ou seja, (“O”) contém elementos dos dois parceiros transformados (Marques, 1994b).

Este processo psíquico, de criação das respostas Rorschach, pressupõe que o sujeito proceda a um trabalho de reunião, união e integração, a um trabalho de comunicação, ligação e transformação, na relação com o objecto externo, que terá de reunir determinadas características, para poder suscitar a capacidade de pensar. *“O pensar, simbolizar e substituir o objecto, as manchas Rorschach, o criar uma significação na sua ausência, o restaurar a completude e o restabelecer de um novo equilíbrio, mostrar-nos-ão como é reconstituída a completude dos objectos interiorizados, e como ocorre o processo geral de integração e conhecimento, isto é, podemos ver qual a relação entre a resposta Rorschach e a verdade do sujeito.”* (Marques, 1999; op. cit., pp. 239).

A relação de ligação e de transformação que tem lugar entre o mundo interno e o externo, entre o sujeito e o objecto, entre a tarefa e o clínico/psicólogo, devem ser compreendidas numa relação continente-conteúdo, relação em que está presente o vínculo do conhecimento, tal como acontece na relação Eu-Outro, presente durante o processo de desenvolvimento adolescente, no qual está presente uma relação de transformação de Um e/com o(s) Outro(s).

A transformação que o sujeito opera, é uma transformação projectiva, na medida em que ocorre por projecção, clivagem e identificação projectiva. Contudo, o sujeito, ao formular a resposta, deverá revelar a transformação dos pensamentos em palavras – transformações de movimento rígido, no fim da qual nos é possível ver certas características e significados, ou seja, as invariâncias que são tomadas pelo psicólogo como o material a interpretar, o qual vai, por sua vez, ser alvo de uma transformação. Assim, as respostas do sujeito revelam-nos a forma como ele resolveu o problema que lhe foi colocado, que Marques (1994b) designa por realização ou pré-concepção. Deste modo, podemos ver o processo de transição entre ter conhecimento de “O” e tornar-se “O”. As transformações em “O”, na perspectiva de Bion, contém sempre um carácter disruptivo; a elas ele dá o nome de “mudança catastrófica”, que consiste numa configuração de factos – conjugação constante – caracterizados pela violência, subversão do sistema e invariância, que se revelam na relação continente-conteúdo. Deste modo assistimos à transição da pré-concepção (tarefa) à concepção (resposta).

Contudo, a mancha e a tarefa continuam disponíveis para novas imagens, para novas associações, ou seja, continuam disponíveis como pré-concepções que podem ser de novo usadas para novas concepções.

É o que falta ao Eu e que leva à procura do Outro, numa procura de colmatar o desejo e de alcançar o sonho. Assim se liga o masculino e o feminino, que podem ser pensados numa lógica de (re)união e de conciliação de Um e do Outro, em que Um é o ponto de partida, a partir do qual se podem sempre gerar novas chegadas, numa relação de Um a/com Um, num lugar Outro, lugar esse que não é de Um nem é do Outro, é um lugar de expectativa, de criação-criação na/da intersubjectividade. A relação decorre na e pela relação, desenhando ciclos sucessivos, onde o fim de um dá origem ao início de outro, dá lugar a novos princípios (Marques, 2003).

A adolescência é este lugar por excelência, lugar de transformação, de criação e de (re)criação, onde um novo início só é possível pela integração do antigo transformado e (re)significado. Novos ciclos têm lugar, possibilitando um alargamento do campo dos sentidos e dos significados, da relação do Eu consigo Próprio. Mas também das relações com o(s) Outro(s), numa procura Complementar de integração e de crescimento.

Para Marques (1999), o Rorschach deve ser encarado como *“um instrumento que expressa e revela, face a um ponto de tensão, o espaço da mediação, ligação, transformação e criação entre o que é interno e externo, entre o que é presente e passado, entre o que é presente e futuro”* (op. cit., pp. 243). Deste modo, o Rorschach deve ser compreendido como um instrumento facilitador de um processo, no qual está presente um movimento de ligação para poder ser criado um novo objecto, o qual deverá conciliar, reunindo, o mundo interno e o mundo externo, o presente e o passado, mas também o conhecido e o que ainda não possui uma significação.

No decorrer da situação de teste, tem lugar uma experiência de transformação interna, que se revela, ao Outro, no processo de resposta Rorschach. O espaço mental interno, capaz de conter, ligar, transformar, unir e integrar, é agora revelado ao Outro, através da comunicação do processo de resposta Rorschach, processo esse que implica a construção de imagens reveladoras de sentidos, e que opera uma articulação entre o espaço mental interno e o espaço mental externo, com o recurso da identificação projectiva.

Para Marques (1999), a análise das respostas dadas no Rorschach, implicam que se tenham em conta os processos que levam à sua constituição e criação. *“Esses processos contêm a marca de sucessivas passagens, oscilações, movimentos que vão, incessantemente, da desligação para a ligação, da dispersão para a integração, que dão lugar a novos processos de desligação e dispersão, que levam de novo à ligação e integração, até ao infinito. Daí nasce, por transformação, o novo, o que é sujeito e não o é, o que é objecto e não é, o que se inscreve de novo, no mundo interno do sujeito e na relação de objecto, em novas relações «continente-conteúdo» e em novas significações”* (op. cit., pp. 244). Assim, o discurso produzido no Rorschach, pode ser entendido como um processo que suscita no sujeito uma série de sentidos, mas também em quem o interpreta, no clínico/psicólogo. Já que o trabalho do sujeito é o de produzir significados, o trabalho do clínico/psicólogo passa por um processo de desconstrução desses mesmos significados, para uma posterior construção de novas significações.

No processo Rorschach, estão presentes uma relação e uma comunicação, que suscitam a criação de movimentos que vão do desequilíbrio para o equilíbrio, que por sua vez dá lugar a novos desequilíbrios, os quais terão, de novo, de procurar novos equilíbrios, numa relação de progressão até ao infinito. Para Marques (1999), estes movimentos só têm lugar numa lógica de confusão de assimilação, de clareza e separação, do que se encontra, comunica, e depois se separa. Neste sentido, necessitamos de um aparelho conceptual que nos permita pensar esta lógica, na qual estão presentes os opostos, noções como conter, separar, ordenar, noções que permitem perceber como é que é o encontro entre o conhecido e o desconhecido, o presente e o ausente. Ao clínico/psicólogo cabe a tarefa de interpretar as respostas, cabe a tarefa de reunir, num mesmo movimento de análise e interpretação, *“o espaço virtual e o espaço real, o espaço de expressão e o espaço de repressão, a ordenação e a separação, a transformação e a criação”* (op. cit., pp. 246).

No processo de desenvolvimento adolescente, o Outro, numa dimensão Complementar, está relacionado com a possibilidade de, na relação Eu-Outro, decorrerem movimentos de transformação do mundo interno no e com o mundo externo, onde têm lugar movimentos de união e de integração do antigo, vivido e experimentado, e do novo, ainda não vivido e experimentado.

Na adolescência, a articulação entre o que é conhecido e o que se deseja vir a conhecer, remete-nos para o conceito de “conflito estético”, tal como foi

desenvolvido por Meltzer, em que está presente um duplo movimento entre o que é desconhecido e se procura conhecer, mas que, ao ser conhecido, se procura dar a conhecer.

No Rorschach, as manchas possuem qualidades psíquicas: conhecido/desconhecido, harmonia/inquietude, novo/já experienciado. Estas mobilizam os objectos internos, num processo complexo, feito de movimentos identificatórios entre o sujeito e o objecto, mas também entre o objecto e o sujeito, movimentos feitos de fusão e de diferenciação, reveladores da ressonância e da comunicação entre o interior e o exterior. Neste sentido, Marques (1999) descreve a possibilidades de as manchas suscitarem um conflito entre o exterior manifesto e o interior ambíguo do objecto, que suscita a pulsão epistemofílica que leva à procura do conhecimento.

O processo de crescimento e de conhecimento durante a adolescência, decorre no Eu, mas na e com a relação que estabelece com o(s) Outro(s), Iguais, Diferentes, Complementares, do seu Próprio crescimento e conhecimento, mas também do crescimento e do conhecimento das diferentes dimensões que cada um do(s) Outro(s) adolescente(s) apresenta, numa relação em que está presente a transformação, a dispersão que dá lugar ao transformado, agora (re)unido e (re)significado no Eu e no(s) Outro(s), gerando novos significados, novos ciclos, em que decorrem novas transformações essenciais para o crescimento.

É através dos parâmetros que acabamos de definir – representação de si e das relações e processos de transformação e de simbolização no Rorschach, que vamos poder aceder e conhecer de que forma é que, durante o processo de desenvolvimento adolescente, decorre a relação Eu-Outro, pontuada por uma lógica de igualdade, de diferença, mas também de complementaridade. Neste sentido torna-se importante explicitar de que modo é que vamos proceder à análise dos protocolos de Rorschach, dos adolescentes que aceitaram participar neste estudo.

2. Elementos para a Análise dos Protocolos de Rorschach

Anteriormente definimos os parâmetros que consideramos importantes para analisar os protocolos de Rorschach, tendo em conta o objectivo deste estudo. Agora é chegado o momento de explicitar a forma como vamos realizar a análise dos protocolos, tornando-se necessária a construção de uma grelha de análise.

Para a elaboração desta grelha de análise, sobre a relação Eu–Outro no processo de desenvolvimento adolescente, nas diferentes dimensões do Outro, na condição de Igual, de Diferente e de Complementar, baseamo-nos nos trabalhos desenvolvidos por Rausch de Traubenberg, e de Marques, que já anteriormente realizaram trabalhos com construção de grelhas, para a análise de protocolos de adolescentes.

A grelha do nosso estudo é constituída na vertical, por colunas em que são colocados os cartões, já que estes apresentam uma referência directa às temáticas que estão em estudo, e na horizontal, por linhas onde são descritas as categorias de análise, de acordo com as dimensões do Outro, que estamos a estudar. Neste sentido, vamos partir da explicitação feita anteriormente, sobre os parâmetros a analisar no Rorschach, de modo a tornar claras quais as categorias que constituem a grelha de análise, tendo em conta o Outro, na condição de Igual, de Diferente e de Complementar.

A avaliação de cada uma destas dimensões do Outro, pode ainda ser pensada e analisada nos protocolos, através dos movimentos que decorrem no processo de resposta Rorschach. Aqui, vamos ter em conta, por um lado, a sequência das respostas que são dadas em cada um dos cartões e, por outro lado, a passagem que é feita de cartão para cartão, tendo em conta o seu simbolismo, mas também todo o processo que revela uma actividade de ligação e de articulação entre o mundo interno e o mundo externo, entre o sujeito e o objecto, entre o Eu e o(s) Outro(s), agora (re)ligados, dotados de novos sentidos e de novos significados.

2.1. O Outro Igual no Rorschach

Durante o processo de desenvolvimento adolescente, tal como referimos anteriormente, está presente uma ambivalência: por um lado está o desejo de protecção e de compreensão, por parte das figuras parentais; por outro lado, está a oposição e a confrontação, necessárias para o crescimento. Neste sentido, o Rorschach surge como um organizador ao nível da construção da imagem de si, em que a identidade e o investimento da imagem de si, surge como um dos organizadores para a análise da dimensão do Outro Igual, no Rorschach. O sentimento de identidade tem por base a construção do esquema corporal, que implica o reconhecimento da diferença entre o sujeito e o objecto. Esta distinção é feita nas diferentes respostas dadas pelo sujeito, ao longo dos diferentes cartões, nomeadamente pelas respostas com conteúdos humanos, tendo em conta a distinção de outros reinos.

Na adolescência decorre todo um conjunto de transformações e de mudanças, entre o Eu e o Outro, mas também entre o mundo interno e o mundo externo, que pode agora ser (re)criado, dotado de novos sentido e de novos significados que, sendo do Próprio, são o resultado da conciliação, da reunião, da relação com o(s) Outro(s).

No parâmetro da representação de si e da representação das relações, definimos a identidade e o investimento da imagem de si, como um dos organizadores da dimensão do Outro na condição de Igual, já que esta implica o reconhecimento da diferença entre o sujeito e o objecto, e que os processos de individuação e de diferenciação tenham decorrido, possibilitando a separação.

Nos cartões compactos, onde se esperaria a unidade, o que daria conta da realização do processo de individuação, isso nem sempre acontece, aparecendo respostas com a representação de duplos; por exemplo, no cartão I, duas personagens no grande detalhe do cartão, ou a evocação de gémeos, no cartão VI. Nestas respostas, a linha média do cartão não é vivida como eixo do corpo, sólido e securizante, mas como uma linha de separação entre duas entidades que são apenas a repetição do mesmo, como se a diferenciação entre si e o outro fosse apenas o sinal

de um corte interno entre duas partes não complementares, mas sim idênticas e estranhas (Chabert, 1983/1998).

No cartão V podemos encontrar uma grande sensibilidade ao investimento narcísico da imagem de si, tratando-se de um cartão privilegiado para as representações referentes à identidade e ao narcisismo. No entanto, quando problemática do sujeito não se encontra a esse nível, este cartão é tratado, geralmente, pelo recurso à banalidade. Mas, desde que haja falhas ligadas à fragilidade da representação de si, verifica-se a emergência de manifestações de ordem narcísica, que podem surgir, de um modo depressivo, pela afirmação megalómana da onipotência ou pela procura exibicionista do olhar do outro (Chabert, 1983/1998).

Os cartões com configuração bilateral, pelas suas características, favorecem o aparecimento de personagens que se apresentam em duplo, onde uma é a duplicação da outra, podendo aparecer a mistura entre o humano e o animal. A sua estrutura em espelho, também pode favorecer o aparecimento de uma problemática de ordem narcísica, que nem sempre põe em causa a fragilidade da identidade. Nestes cartões, por vezes, torna-se difícil diferenciar o Eu e o Outro; no entanto, o estabelecimento de relações narcísicas pressupõe a continuidade e a distinção entre o sujeito e o objecto.

Os cartões pastel, também solicitam intensamente o narcisismo dos sujeitos, o que se deve, em parte, à intensa regressão que podem induzir. Para Chabert (1983/1998), são as manifestações de sofrimento, as depressivas e as falhas narcísicas que se exprimem muitas vezes nas imagens, que mostram a insuficiência do suporte objectal, a qual arrasta a insuficiência do investimento de si, reveladora da vivência de insatisfação e de falta, na relação precoce com o meio.

Para além dos cartões, vamos ter em conta os vários factores de análise que permitem a cotação das respostas Rorschach; assim, temos os modos de apreensão, os determinantes e os conteúdos, que vão ter um papel importante na constituição de algumas categorias da nossa grelha de análise. Neste sentido, procuramos abordar os que consideramos importantes para a elaboração das categorias que vão permitir realizar a análise da dimensão do Outro, na condição de Igual, no processo de desenvolvimento adolescente.

O Outro, na condição de Igual suscita a necessidade da manutenção do equilíbrio entre o mundo interno e o mundo externo, na procura de uma constância, de uma

continuidade na relação com os pares, com os iguais, que levam à (re)criação de um novo igual, agora transformado e (re)significado pela acção do Outro, numa relação do tipo continente-conteúdo.

No Rorschach, as respostas que são dadas pelo sujeito, revelam todo um trabalho de transformação, de ligação e de criação do interno e do externo, do dentro e do fora, que agora emergem (re)simbolizados e são comunicados ao Outro, sob a forma de uma resposta. É através da leitura e da interpretação das respostas dadas pelos adolescentes nos cartões Rorschach, que podemos compreender, de uma forma mais clara, como é que decorre o processo de ligação, de reunião do interno/externo, sujeito/objecto.

Antes de existir uma relação com o Outro, é necessário que o sujeito se represente de uma forma íntegra, podendo dar conta de uma representação do objecto total, mas ao mesmo tempo separada, revelando a existência de um espaço psíquico íntegro e separado.

As respostas globais (G) servem de continente à projecção da imagem do corpo, podendo dar conta da imagem do corpo, relativamente estável e interiorizada. Deste modo, permitem o reconhecimento de um objecto total, no seio de uma relação com o mundo, utilizando as capacidades de diferenciação entre o sujeito e o objecto, entre o real e o imaginário. Assim, estas respostas podem, por um lado, ser reveladoras de uma procura activa da imagem de si, através de engramas elaborados, numa dinâmica relacional claramente estabelecida; e, por outro lado, testemunham a capacidade de interiorização e de mentalização, ou seja, a existência de um espaço psíquico (Chabert, 1983/1998).

Assim, surgem as primeiras categorias da nossa grelha de análise, que se baseiam no modelo da representação de si elaborado por Rausch de Trautenberg (1983b), e que dão conta, por um lado, de objectos inteiros (pontes, paredes, tapetes) e, por outro lado, de objectos fragmentados. Estas categorias apresentam uma ligação directa ao modo como a mancha é percebida, no seu todo ou parcialmente, e à qualidade do determinante que lhe é associado, de boa forma, de má forma ou de forma indeterminada.

A relação entre o sujeito e o objecto, remete-nos directamente para a relação entre o mundo interno e o mundo externo, entre o dentro e o fora, que, nas respostas Rorschach, aparecem ligados e (re)criados, sob a forma de uma resposta. A delimitação entre o dentro e o fora, aparece na capacidade de representar um objecto

num envelope perceptivo, que desempenha um papel de membrana, de barreira que possibilita a distinção entre o sujeito e o seu mundo envolvente.

Os determinantes formais (F) remetem-nos para a noção de Ego-realidade, e particularmente para o Ego-realidade definitivo, que corresponderia ao tempo durante o qual o sujeito procura encontrar, no exterior, um objecto real, correspondente à representação do objecto primitivamente satisfatório e perdido. Chabert (1983/1998) cita Laplanche e Pontalis (1976), para descrever que é aqui que intervém a prova da realidade, que permite distinguir os estímulos que vêm do mundo exterior, dos estímulos provenientes do mundo interior, possibilitando prevenir a confusão entre o que o sujeito percepção e o que são apenas as suas representações.

Deste modo, torna-se importante que a nossa grelha de análise dê conta do carácter interno/externo do objecto, na relação que estabelece com o sujeito. Assim, na categoria objectos internos, vamos considerar os conteúdos relativos ao interior/dentro do sujeito, e que podem ser traduzidos pelas respostas de anatomia e de sangue, mas também pelas de abstracção e pelas de simbolização. Na categoria dos objectos externos, vamos inscrever o objecto, tal qual ele aparece na realidade, para ser percebido; aqui utilizamos os conteúdos mais frequentes na cotação das respostas. Destacamos o conteúdo máscara, que aqui pode ser inserido, por se tratar de um objecto cuja função é a de proteger o sujeito, delimitando o seu rosto, escondendo mas revelando.

Ao longo do desenvolvimento, e durante a adolescência em particular, o crescimento impõe a constituição de novas relações e de novas significações, num encontro com o Igual, mas com um Igual agora modificado e transformado, e por isso gerador de novas relações e de novos significados. Aqui o narcisismo desempenha um papel fundamental, já que vai permitir ao sujeito constituir um sentimento de continuidade e de constância, a par com o sentimento de descontinuidade e de inquietação, numa relação de ligação que decorre entre o dentro e o fora, e o fora e o dentro.

Tendo em conta este movimento, presente durante o processo de desenvolvimento adolescente, em que o narcisismo desempenha um papel fundamental, surge a necessidade de criar uma categoria que dê conta dos objectos com valor narcísico. Esta categoria foi adaptada dos trabalhos desenvolvidos por Rausch de Trautenberg, mas vamos considerá-la como uma sub-categoria da que

definimos anteriormente, e que diz respeito aos objectos externos. Aqui podem inscrever-se os conteúdos ligados ao vestuário, mas também objectos, como coroas, que apresentam uma ligação directa à valorização narcísica.

Tal como já foi referido, no Rorschach, quer os cartões compactos, quer os cartões bilaterais, favorecem o aparecimento de imagens em duplo, dando conta de imagens que, podendo ser complementares, são ao mesmo tempo idênticas e estranhas. Na adolescência, a imagem em espelho/igual está ligada, por um lado, às questões do narcisismo e, por outro lado, está relacionada com o grupo dos amigos, muito presentes durante o processo de desenvolvimento adolescente. O grupo dos pares, dos iguais, desempenha um papel muito importante na aquisição da autonomia, na medida em que surge como um espaço alternativo ao grupo familiar, no qual o adolescente se pode pensar e relacionar fora da família, com os seus iguais na sua diferença.

Tendo em conta, por um lado, a disposição da mancha nos cartões e, por outro, os elementos de cotação das respostas, vamos constituir mais uma das categorias da nossa grelha de análise, onde inscrevemos as respostas relativas ao Igual, ao simétrico, ao espelho, quer elas sejam percebidas com figuras humanas, com animais ou com objectos.

A sensibilidade narcísica pode ainda ser traduzida pelas respostas que têm em conta o branco dos cartões, e que, em termos das respostas, aparece através da sensibilidade às lacunas intermaculares ou extramaculares (Dbl), ou através das respostas cor.

As respostas referentes às lacunas intermaculares ou extramaculares (Dbl), nas quais o sujeito realiza uma «inversão figura/fundo», inscrevem-se num contexto de falta, podendo esta inscrever-se em registos conflituais diferentes, e têm sempre presente a tónica da incompletude. No cartão I, a interpretação dos detalhes intermaculares pode pôr em causa a integridade corporal, quando eles são interpretados como buracos ou como falhas fundamentais, enquanto que, no cartão VII, podem surgir respostas como “entrada de gruta”, “porto” ou temas aquáticos, como também acontece no cartão IX, estando estas respostas ligadas às relações precoces com a imagem materna (Chabert, 1983/1998).

As respostas cor podem traduzir uma sensibilidade narcísica, quando se referem ao branco, podendo ou não ser acompanhadas de uma sensibilidade ao cinzento e ao preto. Estas respostas podem dar conta de um retraimento pulsional narcísico, que

tende a anular os movimentos objectais, neutralizando a excitação libidinal ou agressiva, através da associação ao neutro, ao vazio e ao imóvel.

Neste sentido, adoptamos uma categoria que foi definida por Rausch de Traubenberg (1983b), no modelo da grelha da representação de si, e que dá conta de respostas do tipo “buracos”, “buracões”. Vamos designar esta categoria por sensibilidade ao branco, inscrevendo aqui respostas que se centrem apenas no branco dos cartões.

Este tipo de respostas pode apresentar, por vezes, uma ligação a temáticas mais regressivas, que remetem para as primeiras relações de objecto e que se encontram ligadas ao que Rausch de Traubenberg (1983b), no modelo da grelha da representação de si, designou por elementos primitivos (terra, mar, gruta, vale, fundo submarino, céu). Consideramos que esta pode ser mais uma das categorias da nossa grelha de análise para a dimensão do Outro Igual.

As respostas de esbatimento, em particular os esbatimentos de difusão, que são aqueles que se apresentam de uma forma menos homogénea, possuem um valor defensivo em relação às emergências fantasmáticas, podendo participar em mecanismos de recalçamento. Para Chabert (1983/1998), a ausência de consistência que caracteriza estas associações, dá conta da existência de fragilidades ao nível do narcisismo e de uma fraqueza no Ego, revelando a incapacidade dos sujeitos de se constituírem em torno de um núcleo sólido. Os esbatimentos de perspectiva são mais raros, mas também estão relacionados com o narcisismo, no sentido em que, ao mesmo tempo que assinalam as insatisfações narcísicas do sujeito, sublinham o esforço para as remediar, através de uma conduta activa e de uma articulação perceptivo-sensorial que condensa a expressão de falta e as tentativas para a compensar.

Por um lado, esta condensação, que está presente nos esbatimentos, está relacionada, por um lado, com as primeiras experiências de *holding* e de *handling*, descritas por Winnicott, dado o investimento nas superfícies de contacto ou nas zonas erógenas. Mas, por outro lado, os esbatimentos constituem, por si só, uma tentativa para fazer face às insuficiências narcísicas ou objectais, que denunciam, pelo recurso a uma dinâmica regressiva que permitirá eventuais reajustes, ao voltarem a pontos de fixação mais viáveis. Assim, na nossa grelha de análise, surge a necessidade de termos em conta as respostas de esbatimento, pelo que constituímos uma categoria que dê conta do carácter difuso dos objectos.

Dentro das temáticas com características regressivas, também podemos encontrar respostas com conteúdos menos primitivos e que se encontram ligados às temáticas de natureza e de botânica. Para podermos conter este tipo de temáticas na nossa grelha de análise, baseámo-nos numa das categorias definidas por Rausch de Trautenberg (1983b) que é: árvore, planta, folha. Nesta categoria vamos inscrever conteúdos como árvores, plantas e folhas, mas vamos designá-la por botânica.

Vamos agora realizar uma síntese das diferentes categorias que constituem a grelha de análise para os protocolos de Rorschach, para a dimensão do Outro na condição de Igual, no processo de desenvolvimento adolescente:

- Objectos inteiros (pontes, paredes, tapetes ...);
- Objectos fragmentados;
- Objectos internos (anatomia, sangue, abstracção, símbolo);
- Objectos externos (máscara);
 - Objectos com valor narcísico (vestuário, coroas ...);
- Imagem em espelho (igual/simétrico);
 - Figuras humanas;
 - Animais;
 - Objectos;
- Sensibilidade ao branco;
- Elementos primitivos (terra, mar, gruta, vale, fundo submarino, céu ...);
- Objectos difusos;
- Botânica (árvores, plantas, folhas).

Agora que já definimos as categorias que consideramos pertinentes para a análise do Outro, na condição de Igual, nos protocolos do Rorschach, vamos procurar definir quais os movimentos de transformação que podem estar presentes nas respostas dadas pelos adolescentes.

O Rorschach, tal como referimos anteriormente, surge perante o sujeito como um objecto, como um elemento da realidade que apresenta características desconhecidas, indutoras de desequilíbrio, e que podem ser vividas como um ataque ao equilíbrio e às ligações existentes. O sujeito, colocado perante esta situação, vê-se confrontado em realizar um trabalho psíquico de (re)encontro do equilíbrio perdido, operando

uma passagem do caos para a organização, o que só é possível através da sua actividade de simbolização. Esta possibilita que se opere uma acção de substituição, que leva à comunicação ao Outro, sob a forma de uma resposta que é o resultado de um trabalho de ligação e de separação entre o sujeito e o objecto.

O trabalho de simbolização realizado pelo sujeito, tem por base a realização de uma actividade de ligação, comunicação e transformação, entre o mundo interno e o mundo externo, entre o sujeito e o objecto, que agora são (re)unidos e (re)ligados para dar lugar às respostas Rorschach. As que nos dão conta do Outro, na condição de Igual, durante o processo de desenvolvimento adolescente devem revelar a existência de um espaço psíquico íntegro e delimitado do Eu e do Outro. O sujeito, perante a situação Rorschach, ao ter de nomear a mancha, desprovida à partida de um significado, entrega-se a um trabalho psíquico que procura restaurar o equilíbrio anterior que foi perdido; este trabalho revela-nos a articulação entre o interno e o externo, agora transformados e (re)criados, comunicados sob a forma de novos objectos, através das respostas.

As respostas dadas pelo sujeito, são reveladoras de um trabalho psíquico realizado pelo Eu que é comunicado ao Outro. Mas, para que este processo tenha lugar, é necessário que, no interior do sujeito, exista um continente, capaz de conter e transformar o movimento de turbulência causado pelas manchas Rorschach, para lhe poder atribuir um significado, que depois é comunicado através das respostas. Assim, encontramos na situação Rorschach, tal como na relação Eu-Outro, a existência de uma relação do tipo continente-conteúdo, contentora, mas também transformadora, em que está presente uma actividade de encontro entre o dentro e o fora, entre o sujeito e o objecto, actividade essa que é reveladora da ligação entre o objecto externo e o objecto interno, agora delimitados pela barreira de contacto, um espaço semipermeável de passagem entre o consciente e o inconsciente, tal como Bion a descreveu.

Durante o processo de desenvolvimento adolescente, o Outro surge como um continente, contentor e transformador do que o Eu não consegue pensar, mas o movimento inverso também está presente; assim, o Eu é por sua vez continente, contentor e transformador do que o Outro não consegue pensar e significar. Encontramo-nos perante uma relação de ligação entre o Eu e o Outro, sem a qual não é possível o acesso a novos objectos, geradores de novos sentidos e de novos significados.

Nas respostas dadas no Rorschach, é esperada a comunicação da relação que decorre entre o Eu e o Outro, na condição de Igual, na qual o Eu é um continente para os conteúdos do Outro e vice-versa, mas em que ambos procuram novos significados e novas simbolizações. O movimento presente na sequência das respostas que consideramos, e que pode dar conta da dimensão do Outro como Igual, durante o processo de desenvolvimento adolescente, encontra-se ligado à possibilidade de o sujeito poder designar a situação desestabilizadora que lhe é apresentada, construindo uma resposta ou um conjunto de respostas reveladoras da capacidade de se perceber como íntegro e separado, possuindo um espaço definido e delimitador da sua realidade interna e externa, que emerge (re)ligada e (re)criada, sob a forma de uma resposta.

2.2. O Outro Diferente no Rorschach

Na adolescência têm lugar transformações, prendendo-se, algumas delas, com a maturação do corpo que agora permite uma nova vivência da sexualidade, através de um corpo que emerge dotado de características femininas ou masculinas. Estas tornam possível a realização das segundas identificações. No Rorschach, tal como definimos anteriormente, o Outro, na condição de Diferente, está ligado ao reconhecimento da diferença dos sexos e aos modelos de identificação. Os cartões que melhor revelam este processo, são os bilaterais, já que a sua solicitação simbólica impõe o Outro como autónomo e sexuado, activo-passivo e inter-activo.

O reconhecimento da diferença dos sexos pressupõe um reconhecimento anterior da imagem íntegra do seu corpo. Esta, no Rorschach, traduz-se pela construção perceptiva que tem em conta a simetria dos cartões e o eixo médio que justifica a sua indução, tendo em conta a semelhança desta organização com o esquema do corpo humano, ordenado simetricamente de um lado e de outro de um plano mediador. Os cartões compactos são os que mais apelam para a projecção do corpo; já os cartões bilaterais podem levar ao aparecimento de uma angústia de desintegração, na medida em que não oferecem referências estáveis, pelo que põem à prova as capacidades de unificação do sujeito (Chabert, 1983/1998).

O cartão I situa o sujeito face ao teste e face ao Outro, ao clínico, mas a sua referência ao corpo humano é confirmada pelas diversas características da mancha; o

seu aspecto fechado, o traçado claro do eixo, possibilita a construção de uma imagem de corpo construída em torno desse eixo. As respostas cotadas como banalidade, dão-nos conta da integração correcta da unidade corporal. A sensibilidade às lacunas intermaculares, ou aos contornos recortados da mancha, ou à abertura superior, podem ser indicadores de uma fragilidade da imagem do corpo do próprio. De um modo geral, são as respostas que se organizam em combinações tripartidas, que apresentam as representações mais elaboradas, uma vez que a capacidade de estabelecer relações ocorre sobre uma imagem de corpo relativamente sólida.

O cartão IV evoca sobretudo as imagens de potência, não acentuando de imediato a representação do corpo. As respostas que apresentam imagens de potência, serão melhor ou pior organizadas, consoante revelam, ou não, a integração de uma construção corporal delimitada e bem definida.

O cartão V é reconhecido como sendo o cartão da identidade e da representação de si, íntegra e bem definida, pelo que resiste fortemente aos ataques contra a integridade corporal. Para Chabert (1983/1988), este cartão refere-se mais a uma problemática de identidade, no sentido psíquico do termo, da noção de Self, do que a uma imagem do esquema corporal, o que explicaria a extrema sensibilidade deste cartão a tudo o que emana da fragilidade narcísica dos sujeitos.

O cartão VI, apesar do seu carácter compacto, não parece reenviar muito directamente para a imagem do corpo, o que pode ser devido à importância do simbolismo sexual que pode vir mascar esta solicitação, e que apenas se traduz pelo aparecimento do duplo, em alguns protocolos.

Nos cartões bilaterais, a representação do corpo pode ser fortemente posta à prova. O cartão II é apreendido como um todo disperso, em que a lacuna mediana é sentida como uma fenda interna, uma falha corporal fundamental: os pontos de junção presentes ao nível do conteúdo manifesto, não são utilizados para permitirem a unificação do continente ou do envelope e a delimitação dentro–fora. As manchas vermelhas reforçam a vivência destrutiva, por dano, no interior do corpo. O cartão III, embora não suscite imagens de explosão tão mórbidas como o cartão anterior, reenvia igualmente para uma referência do corpo inteiro, na medida em que o seu conteúdo manifesto é muito próximo da realidade de silhuetas humanas, que são consideradas uma resposta banal. No cartão VII, a sua estrutura é bilateral, mas caracteriza-se também por uma grande participação do branco associado ao vazio, à falta que, ao mesmo tempo, põe à prova os limites dentro–fora, que, no Rorschach,

são constituídos pela justaposição da mancha e do fundo branco (Chabert, 1983/1998).

Os cartões pastel introduzem as cores suaves e pálidas, reactivam a representação de uma imagem do corpo num meio envolvente regressivo. O cartão VIII suscita angústias referentes a um corpo vivido como inteiro ou fragmentado, em relação a um continente materno passivo e receptivo. O cartão IX suscita o aparecimento de interiores do corpo, provocando uma desordem dos limites dentro–fora, e a evocação de uma espécie de transparência do envelope que deixa a descoberto o interior do corpo. E o cartão X, pelas suas características dispersas, põe à prova as capacidades do sujeito de unificação corporal.

Tal como tínhamos referido anteriormente, os cartões bilaterais são os que melhor revelam o reconhecimento da diferença dos sexos e os modelos de identificação, pelo que passamos a referir os aspectos que consideramos mais relevantes para a análise dos protocolos.

O cartão II reenvia-nos para uma problemática da ordem da angústia de castração, ao nível do seu conteúdo latente preferencial. O branco central é apreendido como buraco, ferida, por vezes compensado pela valorização da ponta mediana, interpretada como símbolo peniano. Apesar do detalhe fálico do cartão, são frequentes as referências femininas situadas em diferentes fases do desenvolvimento psicosexual: oco materno, fantasmas do nascimento, evocação de regras, fantasmas de castração (Chabert, 1983/1998).

O cartão III possibilita a bipolaridade sexual, na representação de corpos humanos, susceptíveis de serem apreendidos como pertencendo um ao sexo feminino, e o outro ao sexo masculino. Deste modo, possibilita o aparecimento de identificações claras e sólidas, ou pode dar-nos conta de oscilações dolorosas, revelando uma problemática muitas vezes central.

O cartão IV, apesar de ser compacto, apresenta a possibilidade de associação, quer ao feminino, através do detalhe superior médio, quer ao masculino, pelo seu pormenor fálico no detalhe inferior. Apesar de se tratar de um cartão que, na maior parte das vezes, é sentido como fálico, suscita uma posição identificatória que se traduz numa imagem activa ou passiva. Tratando-se de um cartão com um simbolismo de potência fálica, não pressupõe uma referência masculina ou feminina. Quando a diferença de sexos está adquirida, o cartão IV é apreendido na sua dimensão dinâmica e fálica, através de representações masculinas de potência. A

posição passiva pode ser explorada e favorecida pelas tonalidades esbatidas da mancha.

Nos cartões VII e IX também existem detalhes que possibilitam a associação aos dois sexos, já que existem vários apêndices e um vazio intermacular. O cartão II e VI, e por vezes o IV e o IX, podem suscitar o aparecimento de imagens sexuais cruas. Os cartões III e VII mobilizam sobretudo mecanismos de identificação a modelos sexuais traduzidos por representações específicas, e por tomadas de posição activa e/ou passiva, que nos dão conta da escolha, mais ou menos assumida, dos papéis sexuais (Chabert, 1983/1998).

O cartão IX encontra-se muito saturado de um simbolismo materno-feminino, pelo que pode ser tratado da mesma forma que, por um lado, todos os outros que se referem ao modo de identificação, e, por outro lado, aos que se referem às imagens parentais. A construção da imagem de si encontra-se relacionada com o estabelecimento das relações de objecto.

O masculino e o feminino surgem assim como dois organizadores importantes, durante o processo de desenvolvimento adolescente. Cada um deles impõe a necessidade de o sujeito se constituir como ser íntegro e separado, para depois poder existir na relação interactiva e intersubjectiva com o Outro Diferente, também ele interactivo e intersubjectivo.

Os procedimentos permitem-nos realizar uma análise mais pormenorizada das respostas dadas pelos adolescentes aos protocolos de Rorschach. Neste sentido, vamos destacar alguns dos que consideramos fundamentais para a constituição das categorias da nossa grelha de análise, agora para a dimensão do Outro na condição de Diferente.

Para que o sujeito aceda ao Outro como Diferente, é necessária uma constituição íntegra e separada de si, em relação ao objecto. No Rorschach, encontramos presente a bipolaridade projecção-percepção, em que as respostas globais mostram simultaneamente uma utilização positiva da realidade externa, e a possibilidade de apreender essa realidade externa por uma reestruturação que se organiza através de uma imagem interna. Assim, dá-se o encontro entre mecanismos perceptivos e projectivos, entendendo por projectivo tudo o que vem do sujeito para remodelar o estímulo e lhe dar sentido. A maior parte das respostas globais elaboradas, aparecem ligadas a determinantes cinestésicos, que são por excelência portadores de projecção (Chabert, 1983/1998).

A organização sexual definitiva, tem lugar com a realização da identificação ao feminino ou ao masculino, dando-se o abandono da posição narcísica e bissexual, para se poder constituir a identidade adulta. O Outro de outro sexo, aumenta as possibilidades de relação, mas a diferença acentua a tensão e a conflitualidade na relação que se estabelece entre o Eu e o Outro, entre o masculino e o feminino, entre o que Um tem e o que ao Outro falta.

Quando a identidade do sujeito já se encontra estabilizada, surgem as representações humanas, claramente qualificadas em termos do masculino e do feminino. Para Chabert (1983/1998), a compreensão dos processos de identificação através do Rorschach, só é possível pela referência à noção da bissexualidade psíquica, já que aparece claramente na capacidade do sujeito de dar representações humanas, masculinas e femininas, em que a polaridade dominante vai ao encontro da sua identidade sexual real. Deste modo encontramos as respostas cinestésicas ligadas à simbologia sexual dos cartões, mas também com abertura para outros conteúdos, para além dos humanos, cujo carácter revela uma dupla orientação masculino/feminino.

Quando as identificações sexuais ainda se encontrarem a decorrer, ou quando apresentam um carácter mais conflitual, as representações humanas suscitam uma maior ansiedade. Nestes casos, o sujeito pode não identificar as personagens sexualmente, evitando, assim, ter de tomar uma posição, ou seja, ter que realizar uma escolha pelo feminino ou pelo masculino.

As cinestésias animais, em termos clássicos, remetem para o deslocamento dos movimentos pulsionais para as imagens de animais. Para Chabert (1983/1998), este tipo de respostas traduzem o compromisso defensivo que deixa passar à mínima o retorno do recalcado. Assim, a representação humana conflitual, é afastada do pensamento e substituída por um conteúdo animal que serve de porta-voz às pressões fantasmáticas e pulsionais, incómodas para o sujeito.

Os conteúdos humanos são aqueles que revelam, por excelência, a capacidade do sujeito de se identificar com uma imagem humana, revelando a sua capacidade de se representar a si próprio, num sistema de relações que possibilita o reconhecimento do outro, nas suas semelhanças e nas suas diferenças. Existe ainda a possibilidade de surgirem representações de personagens míticas ou irreais, que podem ser reveladoras da existência de um imaginário rico. As respostas humanas podem ainda aparecer fragmentadas ou cortadas, dando conta de uma abordagem fóbica da

representação humana. Este tipo de respostas pode pertencer a um registo da angústia de castração, em que a fragmentação remete para a diferença e para a ausência, sem que seja posta em causa a integridade do sujeito. Mas, também pode dar conta de uma angústia de fragmentação, na qual as várias partes já não podem dar conta da constituição do todo (Chabert, 1983/1998).

Para a construção da nossa grelha de análise na dimensão do Outro como Diferente, o organizador feminino/masculino surge como fundamental. Rausch de Trautenberg (1983b), no modelo da grelha de representação de si, na terceira coluna definiu três categorias que consideramos importantes para analisarmos este organizador e que são: masculino, feminino e, em conjunto, um personagem masculino, um personagem feminino. Vamos adaptar estas categorias, nas quais vamos inserir as respostas que exprimem a identificação sexual das personagens, nas respostas dos protocolos dos adolescentes, tendo em conta a referência que é feita ao masculino ou ao feminino, ou a ambos simultaneamente.

Assim, as categorias masculinas e femininas aparecem como suficientemente abertas para toda e qualquer referência. No entanto, consideramos que, para a dimensão do Outro como Diferente, as representações humanas, masculinas e femininas, são aquelas que se apresentam com um maior relevo, já que vão ao encontro da estabilidade dos processos de identificação que estão em curso durante o processo de desenvolvimento adolescente.

Tendo em conta este aspecto, constituímos algumas subcategorias dentro das categorias atrás definidas. Estas procuram dar conta da capacidade do sujeito de se representar de uma forma íntegra – figura humana inteira. Tal como já referimos, por vezes o sujeito representa-se a si, realizando um deslocamento para animais ou para personagens míticas ou irreais. Neste sentido, abrimos também essa possibilidade na nossa grelha de análise. Nem sempre os conteúdos humanos surgem sob a forma de respostas inteiras; tal como já referimos, as respostas humanas podem aparecer fragmentadas sem que isso ponha em causa a integridade do sujeito. Assim sendo, surge a necessidade de se constituírem mais subcategorias, dentro das anteriores que dêem conta do carácter parcial da representação feita pelo sujeito, quer seja feita em relação a uma figura humana ou a um animal, podendo estes apresentar um carácter irreal.

No decorrer do processo de desenvolvimento adolescente, encontramos, por vezes respostas ambíguas em relação à definição sexual, ou mesmo respostas em que

é dada uma representação humana ou animal, mas onde não é feita uma referência sexual. Assim, consideramos importante constituir categorias que dêem conta desta dimensão, quer para referências a figuras humanas, quer para as referências a animais. Estas categorias podem ainda comportar referências a figuras humanas ou a animais irrealis, sobrenaturais ou de lenda, e ser apreendidas de forma inteira ou parcial.

As respostas dadas nos cartões Rorschach, são reveladoras das relações entre o masculino e o feminino, numa lógica de relação heterossexual; este tipo de relação provém das relações reconstruídas sobre o materno e o paterno, com a integração da bissexualidade, onde cada resposta revela um trabalho de transformação, activo e criativo, numa actividade de contenção entre o sujeito e o objecto, uma relação do tipo continente-conteúdo, em que tem lugar a (re)significação.

Existe ainda a possibilidade de o sujeito não realizar uma identificação masculina ou feminina; nesse sentido, constituímos uma categoria que dê conta da não referência sexual, para as figuras humanas e para os animais, podendo estas respostas ser percebidas integralmente ou parcialmente.

No Rorschach, existem cartões privilegiados em termos das solicitações fantasmáticas relativas às imagos parentais. A imago materna remete-nos para os cartões I, VII e IX, enquanto a paterna se torna mais evidente no cartão IV.

O cartão I, por ser o primeiro cartão, remete para a relação objectal primária, dada a sua abertura na parte superior e a configuração central serem sugestivas de um corpo feminino que, no aspecto envolvente e compacto da globalidade do cartão, pode ser vista de uma forma alada. As referências a uma imago materna pré-genital podem aparecer, quer na sua forma ameaçadora, inquietante, mesmo persecutória e destrutiva, quer ainda como forma de restauração narcísica materna e feminina. O cartão VII é considerado o cartão materno por excelência; apesar de não introduzir especificamente a reactivação de um tipo particular de relação com a imago materna, encontram-se nele todas as modalidades possíveis, das mais arcaicas às mais evoluídas, das mais cruas às mais elaboradas. Mas, independentemente da qualidade das respostas destas evocações, elas inscrevem-se sempre na dialéctica das relações com o primeiro objecto. No cartão IX, pela sua estrutura, a sua abertura e o seu vácuo, a interpenetração das cores e os limites pouco claros favorecem evocações, por vezes tão regressivas, que levaram à designação deste cartão como o cartão “uterino”, onde são frequentes os temas aquáticos (Chabert, 1983/1998).

As noções de materno e de paterno, ao estarem relacionadas com aquisição de uma identidade feminina ou masculina, apresentam uma grande importância na estruturação e na organização do Outro, na condição de Diferente, pelo que emergem, assim, mais duas categorias para a nossa grelha de análise, semelhantes às usadas por Rausch de Traubenberg (1983b), imago materna e imago paterna, em que vamos considerar, na imago materna, os objectos com conteúdo maternal (casa, vaso...) e, na imago paterna, a representação fálica e/ou pulsional (torre, vulcão, fogo, flecha, pinça ...).

O Outro, na condição de Diferente, remete-nos para a questão da diferença de sexos, que aumenta a tensão na relação, e que pode potenciar o aumento do conflito na relação Eu-Outro. No Rorschach, os cartões II e III são aqueles que apresentam uma forte solicitação pulsional, quer pela sua estrutura bilateral, quer pela introdução do vermelho, que está ligado aos impulsos com características mais libidinais e/ou agressivas.

Para Freud, a pulsão tem a sua fonte numa excitação corporal, o que provoca um estado de tensão; o seu objectivo é o de suprimir o estado de tensão que está presente na sua fonte pulsional. Desta forma, é no objecto que a pulsão pode atingir o seu alvo.

No Rorschach, as cinestésias de objecto (respostas kob) designam vulgarmente o que “vem de dentro”, ou seja, fazem referência a uma fonte interna, autorizando uma correspondência entre as respostas que dão conta de objectos em movimento e as pulsões. Os conteúdos que podem estar associados a este tipo de respostas, dão-nos conta do dualismo pulsional, das pulsões de vida vs. pulsões de morte, sendo mais explorada a dimensão agressiva/destrutiva. Para Chabert (1983/1998), a manifestação das pulsões parciais remetem para o investimento de zonas erógenas específicas, podendo dar conta de temáticas anais ou fálicas, através de imagens significativas. Na adolescência podemos encontrar um aumento de produções deste tipo, reveladoras do desequilíbrio pulsional introduzido pelos rearranjos pubertários, antes que tenha lugar a organização genital. Durante este período do desenvolvimento, na análise destas respostas, é importante estar atento, por um lado, ao seu carácter sexual, que se pode revelar através das imagens simbólicas e, por outro lado, à sua valência destrutiva, que pode pôr em causa a integridade psíquica ou corporal, e provoca uma degradação pouco reversível na qualidade das produções.

Os conteúdos que podemos encontrar dentro desta categoria que dá conta da representação fálica e/ou pulsional, são os que estão ligados a um bestiário que apresenta uma conotação mais perigosa, podendo aparecer referências a escorpiões, cabeças de serpente ou cabeças de lobo, entre outras.

É chegado o momento de fazer um resumo das diferentes categorias que constituem a grelha de análise dos protocolos de Rorschach, para a dimensão do Outro, na condição de Diferente, no processo de desenvolvimento adolescente:

- Masculino;
 - Figura humana, inteira ou parcial;
 - Figura humana irreal, sobrenatural ou de lenda, inteira ou parcial;
 - Animal, inteiro ou parcial;
 - Animal irreal, sobrenatural ou de lenda, inteiro ou parcial;
- Feminino;
 - Figura humana, inteira ou parcial;
 - Figura humana irreal, sobrenatural ou de lenda, inteira ou parcial;
 - Animal, inteiro ou parcial;
 - Animal irreal, sobrenatural ou de lenda, inteiro ou parcial;
- Feminino/Masculino;
 - Figura humana, sem referência sexual, inteira ou parcial;
 - Figura humana irreal, sobrenatural ou de lenda, sem referência sexual, inteira ou parcial;
 - Animal, sem referência sexual, inteiro ou parcial;
 - Animal irreal, sobrenatural ou de lenda, sem referência sexual, inteiro ou parcial;
- Imago materna;
 - Objectos com o valor de conteúdo maternal (casa, vaso, ...);
- Imago paterna;
 - Representação fálica e/ou pulsional (torre, vulcão, fogo, flecha, pinça).

Com estas categorias procuramos definir o Outro como Diferente, tendo essencialmente por base a questão da diferença dos sexos e a dimensão pulsional que tem lugar no adolescente em transformação e em sexuação. Quando procuramos

fazer uma análise das respostas em termos da sequência do processo de resposta, deparamo-nos com a necessidade de ter em atenção os movimentos de transformação que tem lugar entre o Eu e o Outro.

Durante a adolescência, o Outro, na condição de Diferente, encontra-se directamente ligado ao Outro do outro sexo, feminino ou masculino, com quem o Próprio estabelece trocas, numa relação de partilha e de descoberta mútua. Neste sentido, e tal como Marques (1999) definiu, a noção de feminino–masculino deve ser encarada como um elemento que funda e estrutura a identidade de cada sujeito, que por sua vez possibilita a diferenciação entre sujeitos.

No Rorschach, o sujeito, ao interpretar a mancha, deve proceder à separação dentro/fora, sujeito/objecto. É esperado que o sujeito realize uma separação Eu/não Eu, reveladora da sua relação com o mundo. Esta relação tem por base o sentimento de existir, o ser, suscitando no sujeito a capacidade de criar, possível a partir da capacidade de preservar um interior, ou seja, ser um continente, mas ao mesmo tempo, pela acção dos mecanismos de projecção, de introjecção e da identificação projectiva, poder estabelecer conteúdos, numa relação de comunicação com o mundo (Marques, 1999).

Na relação que se estabelece entre o Eu e o Outro, a diferença acentua a conflitualidade entre o masculino e o feminino, mas também aumenta as relações e as interacções que têm lugar entre Um e Outro, em que o que Um tem, pode ser alvo de desejo e de procura pelo Outro.

No Rorschach, todos os cartões apresentam uma combinação dos dois sexos, feminino e masculino, e aparecem reunidos na mesma mancha, assim como as pulsões libidinais e as agressivas. Face a esta solicitação presente nos cartões, é esperado que a resposta seja reveladora da natureza da relação do sujeito consigo Próprio e com o mundo. Para Marques (1999), em cada cartão o sujeito revela o nível de conflitualização, mas também o de integração e de construção face ao materno e ao paterno, face ao masculino e ao feminino que, ligados e recriados, são reveladores das diferentes partes do Eu. Mas cada cartão pode revelar ainda as relações com o masculino e com o feminino, com o homossexual, que mais não são do que as relações reconstruídas sobre o materno e o paterno.

Neste sentido, a interpretação das manchas Rorschach deve ser entendida como um trabalho activo e criativo, que tem lugar entre o sujeito e o objecto, numa relação

do tipo continente-conteúdo, em que está presente a transformação e a (re)significação.

Nas respostas Rorschach dadas pelo sujeito, procuramos aceder a este movimento de ligação e união entre o Eu e o Outro, entre o feminino e o masculino, num movimento de integração entre Um e o Outro, de acordo com as temáticas que se encontram latentes em cada um dos cartões. Cada resposta surge assim como um ponto de partida, que por sua vez pode gerar novos pontos de chegada, mas que podem também ser novos pontos para novas partidas. O espaço de resposta Rorschach, pode ser assim entendido como um lugar de expectativa, onde é possível a criação e a (re)criação na intersubjectividade, e em que cada resposta desenha um novo ciclo, onde o princípio é sempre um fim, e este dá, por sua vez, lugar a novos princípios.

2.3. O Outro Complementar no Rorschach

A relação de complementaridade entre o Eu e o Outro, no processo de desenvolvimento adolescente, remete-nos para a questão da falta do que Um tem e que o Outro deseja ter, numa relação de interacção recíproca, em que o que o Outro tem, também é alvo de procura, numa lógica de reunião de Un(s) e de Outro(s), para a produção de novos sentidos e de novos significados.

No Rorschach, a relação com o Outro, numa lógica de complementaridade, remete-nos para a relação/interacção Eu/Outro, o que pode ser compreendido através das respostas que evidenciam a interacção entre sujeitos, entre sujeitos e objectos, entre objectos e sujeitos, e entre objectos, numa multiplicação de interacções que suscitam a recriação de novos objectos e objectivos.

No Rorschach, as representações das relações, nomeadamente, das relações de objecto de amor e de ódio, são particularmente evidenciadas pelos cartões bilaterais e pelos pastel, já que solicitam a evocação dos afectos, permitindo-nos compreender o tipo de relações que o sujeito estabelece consigo Próprio e com o(s) Outro(s).

Para Chabert (1983/1998), a justificação para este tipo de solicitação, privilegiada em alguns cartões, diz respeito, nos cartões bilaterais, à possibilidade de a organização em duplo, a indução de imagens humanas ou animais face-a-face, favorecer a expressão de relações nas suas modalidades narcísicas ou objectais,

agressivas e/ou libidinais. Nos cartões pastel, a presença efectiva de solicitações emocionais, afectivas ou pulsionais, pode estar ligada a experiências de contacto com o mundo e com o ambiente humano que o rodeia.

O cartão II é o primeiro cartão bilateral com a cor vermelha, em que o racional é mobilizado face aos investimentos pulsionais, em especial na sua valência agressiva, apesar da erotização se poder manifestar, em particular, através do deslocamento.

O cartão III, apesar de revelar o mesmo tipo de respostas do cartão II, apresenta pequenas diferenças, na medida em que a percepção de personagens humanas é claramente sugerida, sendo mais difícil a expressão directa dos movimentos pulsionais, particularmente quando estes são mais intensos, uma vez que o deslocamento para os animais é mais difícil. O aspecto das personagens e a diminuição do impacto do vermelho, por ser mais facilmente circunscrito, permitem uma maior modulação das relações que são evocadas. Assim, aparecem temas de dança, cujo carácter erotizado pode reenviar para uma relação sexualizada, de registo edipiano, ou evocações centradas na competição, num contexto de rivalidade edipiana (Chabert, 1983/1998).

O cartão VII favorece as encenações relacionais, particularmente as femininas, o que constitui uma modalidade suplementar das relações com a imago materna.

Os cartões pastel são particularmente significativos; na medida em que suscitam a emergência de emoções e de afectos, permitem a apreensão do tipo de relação que o sujeito estabelece com o seu meio. Dada a dificuldade de destacar o apelo específico de cada cartão, na medida em que as reacções são muito variáveis, podemos destacar o que têm em comum, o facilitarem a regressão, talvez porque se situam no fim da aplicação, e as defesas do sujeito enfraquecerem, ou porque as configurações formais são fortemente atacadas pela presença das cores, enquanto elemento objectivo presente no material, despertando a sensibilidade para tudo o que tem relação com o real. Deste modo, são reactivadas as manifestações mais antigas, primitivas, de uma sensorialidade precoce, de uma vivência anterior à linguagem verbal que, no sujeito, se referem a experiências de prazer e de desprazer, relacionadas com os contactos iniciais que o abriram ao seu meio.

Para a constituição da nossa grelha de análise, para além dos cartões que melhor evidenciam a representação das relações, são fundamentais os procedimentos que permitem realizar uma cotação das respostas Rorschach, dando conta dos movimentos que nelas estão contidos.

As respostas que se referem a uma localização parcial do cartão, naqueles que são os seus recortes mais frequentemente utilizados pelos sujeitos (respostas D), de acordo com Chabert (1983/1998), aparecem no Rorschach, de uma forma mais predominante na altura do período da latência, dando conta da utilização de mecanismos que caracterizam um pensamento mais analítico, e portanto mais discriminante, em oposição ao sincretismo dos primeiros anos. Este tipo de respostas serve de suporte a todas as defesas que vão utilizar a realidade exterior, para fazer face às emoções e aos fantasmas do sujeito. Os mecanismos de deslocamento e de evitamento, vão traduzir-se por esta abordagem que privilegia um aspecto do cartão em detrimento de um outro. Da mesma forma, o isolamento perceptivo remete, por vezes, para mecanismos mais elaborados de isolamento entre as duas representações ou entre o afecto e a representação. Por exemplo, nos cartões II e III, este tipo de abordagem permite deixar de lado as manchas vermelhas e, portanto, evitar o confronto com os movimentos pulsionais que são reactivos e sentidos como perturbadores e perigosos. A centração nas partes vermelhas, evocando este tipo de resposta, vai no sentido do controlo, dando conta do desejo de domínio dessas emoções.

Em termos das respostas cinestésicas, torna-se importante destacar, por um lado, o facto de as interpretações poderem variar, de acordo com a projecção que é realizada, com a intensidade da carga pulsional e com as modalidades identificatórias atribuídas aos protagonistas. Por outro lado, são reveladoras da distinção entre o Eu e o Outro, na medida em que se apresentam como um dos factores mais significativos na abordagem da representação de si, na medida em que articulam a identificação do Próprio na relação com o Outro. Neste sentido, são reveladoras da identidade do sujeito, do seu ser pertencente ao mundo humano, com a capacidade de se identificar a outro humano, reconhecendo as suas semelhanças e as suas diferenças.

Sobre os conteúdos não existe muito mais a acrescentar ao que já foi referido sobre os conteúdos humanos e animais; há apenas a salientar o carácter mais evoluído dos mesmos, aparecendo temáticas adequadas e este momento do desenvolvimento.

O Outro, compreendido numa relação de complementaridade, remete-nos para a questão da procura, para uma relação de interacção entre o Eu e o(s) Outro(s), que pode ser representada, tendo por base as diferentes modalidades de relação, mais ou menos investidas, mais ou menos libidinais. Deste modo, a dimensão de

relação/interacção é uma das que nos vai servir de base para a constituição de categorias para a nossa grelha de análise, mas que tem por base algumas já definidas por Rausch de Traubenberg, no modelo da grelha da representação de si.

Assim, numa primeira categoria, vamos definir uma acção simples ou uma postura que tenha subjacente movimento, podendo ser de figuras humanas (K) ou de animais (kan), ou ainda, de figuras humanas ou de animais, irreais ou de lenda. Mas a relação de interacção pode não apresentar movimento; deste modo, uma outra categoria deve dar conta de actos simples ou posturas que não impliquem movimento, de figuras humanas ou de animais, irreais ou de lenda.

As relações/interacções que têm lugar na relação entre o Eu e o Outro, podem apresentar diferentes tipos de expressão e de interacção. Assim, surgem mais algumas categorias reveladoras do carácter da acção que é comunicada na resposta dada pelo sujeito. A acção pode decorrer de ambas as partes, ou seja, de modo bilateral, podendo a acção ser considerada neutra, entre figuras humanas («dois negros tocando tam-tam»), mas também entre animais, podendo, em ambos os casos, surgir referências a representações irreais, sobrenaturais ou de lenda.

Na relação que tem lugar entre o Eu e o Outro, têm lugar movimentos de interacção, reveladores de uma relação existente entre Um e Outro; neste sentido consideramos pertinente a categoria já descrita por Rausch de Traubenberg (1983b), que dá conta da existência de uma interacção recíproca positiva («fazem-se reverências», «dão-se a mão»), na qual existe uma simetria na relação, em que está presente uma lógica de ligação e de (re)união. Também aqui vamos contar com a possibilidade de serem feitas referências a figuras humanas ou a animais irreais, sobrenaturais ou de lenda.

Nas relações que têm lugar entre o sujeito e o objecto, ou seja, entre o Eu e o Outro, podemos encontrar um movimento de interacção de um para com o Outro, em que está presente um desequilíbrio; ou seja, estamos perante a relação de ligação activo/passivo, na qual está presente a acção de um sobre o Outro. Tendo em conta esta dimensão de activo/passivo, que pode estar presente numa relação de interacção e de complementaridade, adoptamos mais uma das categorias da grelha de análise definida por Rausch de Traubenberg (1983b) – uma interacção activa/passiva não agressiva (um dos personagens ou animais exerce uma acção não agressiva sobre o outro). Aqui vamos ter em conta, por um lado, as interacções entre figuras humanas

ou entre animais e, por outro lado, as interacções entre figuras humanas ou entre animais irreais, sobrenaturais ou de lenda.

Durante o processo de desenvolvimento adolescente, decorre uma articulação entre o que é conhecido e o que se deseja vir a conhecer, o que nos remete para o conceito de “conflito estético” desenvolvido por Meltzer, em que está presente um duplo movimento entre o que é desconhecido e se procura conhecer, mas que, por ser conhecido, se procura dar a conhecer. Este movimento também está presente na situação Rorschach, já que as manchas suscitam a necessidade de ligar o conhecido e o desconhecido, pelo que podemos definir mais uma categoria para a nossa grelha de análise, e que está relacionada com o desconhecido, com o que pode ser assustador para o sujeito, e que é comunicado através das respostas Clob, reveladoras de uma tonalidade emocional disfórica, de um mal estar, podendo estar presentes sentimentos de perigo, de ameaça ou de destruição, reveladores de uma grande angústia.

Tendo em conta o processo de desenvolvimento adolescente, vamos agora fazer um resumo das diferentes categorias que constituem a grelha de análise para a dimensão do Outro, na condição de Complementar:

- Acção simples ou postura que implique movimento;
 - Entre figuras humanas;
 - Entre figuras humanas irreais, sobrenaturais ou de lenda;
 - Entre animais;
 - Entre animais irreais, sobrenaturais ou de lenda;
- Actos simples ou posturas que não impliquem movimento;
 - Entre figuras humanas;
 - Entre figuras humanas irreais, sobrenaturais ou de lenda;
 - Entre animais;
 - Entre animais irreais, sobrenaturais ou de lenda;
- Acção bilateral de carácter neutro («dois negros tocando tam-tam»);
 - Entre figuras humanas;
 - Entre figuras humanas irreais, sobrenaturais ou de lenda;
 - Entre animais;
 - Entre animais irreais, sobrenaturais ou de lenda;

- Interacção recíproca positiva («fazem-se reverências», «dão-se a mão»);
 - Entre figuras humanas;
 - Entre figuras humanas irreais, sobrenaturais ou de lenda;
 - Entre animais;
 - Entre animais irreais, sobrenaturais ou de lenda;
- Interacção activa/passiva não agressiva (um dos personagens ou animais exerce uma acção não agressiva sobre o outro);
 - Entre figuras humanas;
 - Entre figuras humanas irreais, sobrenaturais ou de lenda;
 - Entre animais;
 - Entre animais irreais, sobrenaturais ou de lenda;
- Desconhecido, dado por respostas Clob.

Estas são as categorias que nos dão conta da dimensão de complementaridade presente na relação Eu–Outro, durante o processo de desenvolvimento adolescente. Agora vamos dar conta dos movimentos que podem estar presentes no processo de resposta Rorschach, e que podem ser reveladores da dimensão de complementaridade do Outro.

O Rorschach, ao ser compreendido, tal como Marques (1999) o define, como um espaço de mediação, ligação, transformação e criação, entre o interno e o externo, entre o presente e o passado, mas também entre o presente e o futuro, possibilita-nos o acesso a estes movimentos na relação que tem lugar entre o Eu e o Outro. Assim, o espaço interno do sujeito, capaz de conter, ligar e transformar, reunindo e (re)criando é agora revelado ao Outro através do processo de resposta Rorschach, processo que implica a construção de imagens, reveladoras de sentidos, que, através da utilização da identificação projectiva, passam do mundo interno para o mundo externo.

A adolescência, ao ser compreendida com recurso aos modelos do pensar, ou seja, através do modelo continente-conteúdo, onde existe um espaço psíquico interno continente/contentor, no qual são projectados os conteúdos, para poderem ser pensados, ou seja, transformados e (re)significados. Esta relação tem por base os opostos que se ligam, numa oscilação dinâmica, na qual estão presentes transformações dentro do sujeito, nos objectos, entre o sujeito e os objectos, entre os

sujeitos, ou seja, na relação entre o Eu e o(s) Outro(s) numa lógica de (re)união do que Um tem e do que ao Outro falta, ou seja, da complementaridade.

Na análise das respostas Rorschach, procuramos ter em conta os processos que levam à sua constituição e criação, já que são esses processos que contêm a marca das sucessivas passagens, dos sucessivos momentos de oscilação que têm lugar entre a dispersão e a integração, que por sua vez dá lugar a um novo movimento de dispersão, para que surja uma nova integração, num contínuo até ao infinito. Deste processo resulta o novo, o que é sujeito e não o é, o que é objecto e não o é, e que se inscreve no mundo interno do sujeito e em novas relações do tipo continente-conteúdo, possibilitando a emergência de novas significações. O trabalho do sujeito, no Rorschach, é o de criar uma série de sentidos e de significados, sendo o nosso de compreender essa procura, o que leva o sujeito a realizar essa construção, numa procura do complementar entre o seu mundo interno e o externo, mas também entre o Eu e o(s) Outro(s).

Na adolescência, o Eu e o Outro funcionam como continentes e como conteúdos, o continente ganha sentido e significação pela acção do conteúdo, e este é transformado e (re)significado pela acção do continente. É este tipo de relação que está inerente ao crescimento, ou seja, um adolescente cresce e constitui o seu Eu, na relação com Outro adolescente.

A adolescência é descrita com recurso ao conceito de “conflito estético”, descrito por Meltzer, por conter um duplo movimento de união e de integração, entre o que ainda é desconhecido e se procura conhecer, e que, ao ser conhecido, se procura dar a conhecer. No Rorschach, as manchas também são desconhecidas para o sujeito que tem de as nomear, de lhes atribuir um sentido e um significado, o que suscita um complexo movimento identificatório, no qual estão presentes movimentos de ligação e de desligação entre o interno e o externo, e em que as manchas podem suscitar no sujeito o que Marques (1999) designou por um conflito entre o exterior manifesto e o interior ambíguo do objecto, que suscita a pulsão epistemofílica e que leva à procura do conhecimento.

3. Síntese

Depois de termos explicitado quais os procedimentos que nos vão permitir realizar uma análise das diferentes dimensões do Outro, no decorrer do processo de desenvolvimento adolescente, através do Rorschach, podemos agora apresentá-los de uma forma sucinta. Neste sentido, construímos as seguintes tabelas onde apresentamos, por um lado, os diferentes parâmetros de análise e, por outro lado, os descrevemos de uma forma resumida.

DIMENSÃO DO OUTRO	PARÂMETROS DE ANÁLISE NO RORSCHACH	
	Representação de Si e Representação das Relações	Processos de Transformação e de Simbolização
Outro Igual	Construção da imagem de si: - Identidade; - Investimento da imagem de si; Categorias de análise: <u>Objectos inteiros</u>: objecto íntegro, apreensão global de boa qualidade formal; <u>Objectos fragmentados</u>: objecto parcial, apreensão parcial de má qualidade formal; <u>Objectos internos</u>: conteúdos de anatomia, de sangue, de abstracção e de simbolização; <u>Objectos externos</u>: descrição do objecto real, conteúdos mais frequentes; <u>Objectos com valor narcísico</u>: conteúdos de vestuário, objectos com valorização narcísica; <u>Imagem em espelho</u>: narcisismo; cartões bilaterais e compactos; figuras humanas, animais ou objectos; <u>Sensibilidade ao branco</u>: sensibilidade narcísica, respostas de detalhe branco; <u>Elementos primitivos</u>: temáticas regressivas, primeiras relações de objecto; <u>Objectos difusos</u>: experiências precoces, respostas de esbatimento; <u>Botânica</u>: conteúdos de árvores, de plantas e de folhas.	A resposta Rorschach dada pelo sujeito deverá revelar a existência de um espaço psíquico suficientemente íntegro e delimitado do Eu e do Outro, da sua realidade interna e externa, que aqui emerge (re)ligada e (re)criada, sob a forma de uma resposta.

DIMENSÃO DO OUTRO	PARÂMETROS DE ANÁLISE NO RORSCHACH	
	Representação de Si e Representação das Relações	Processos de Transformação e de Simbolização
Outro Diferente	Construção da imagem de si: - Reconhecimento da diferença dos sexos; - Modelos de identificação; Representação das relações: - Imago materna Categorias de análise: <u>Masculino</u>: referência ao masculino, figura humana ou animal, inteira ou parcial, podendo ser irreal; <u>Feminino</u>: referência ao feminino, figura humana ou animal, inteira ou parcial, podendo ser irreal; <u>Feminino/Masculino</u>: referência ao masculino e ao feminino simultaneamente, figura humana ou animal, inteira ou parcial, podendo ser irreal; <u>Figura humana, sem referência sexual, inteira ou parcial</u>: não é identificado o sexo da figura humana; <u>Figura humana irreal, sobrenatural ou de lenda, sem referência sexual, inteira ou parcial</u>: não é identificado o sexo da figura humana irreal; <u>Animal, sem referência sexual, inteiro ou parcial</u>: não realização de identificação através de respostas animais; <u>Animal irreal, sobrenatural ou de lenda, sem referência sexual, inteiro ou parcial</u>: não realização de uma identificação através de respostas animais; <u>Imago Materna</u>: objectos com o valor de conteúdo maternal; <u>Imago paterna</u>: representação fálica e/ou pulsional.	A interpretação da mancha Rorschach deve ser entendida como um trabalho activo e criativo, que decorre entre o sujeito e o objecto, numa relação, em que está presente a transformação e a (re)significação. Assim, procuramos aceder ao movimento de ligação e de união entre o Eu e o Outro, entre o feminino e o masculino, num movimento de integração entre Um e o Outro onde a resposta surge como um ponto de partida, que por sua vez pode gerar novos pontos de chegada, mas também, novos pontos para novas partidas, num lugar de expectativa, no qual é possível a criação e a (re)criação na intersubjectividade.

DIMENSÃO DO OUTRO	PARÂMETROS DE ANÁLISE NO RORSCHACH	
	Representação de Si e Representação das Relações	Processos de Transformação e de Simbolização
Outro Complementar	Representação das relações: - Relações de objecto de amor e de ódio; Categorias de análise: <u>Acção simples ou postura que implique movimento</u>: entre figuras humanas ou animais podendo surgir referências irreais; <u>Actos simples ou posturas que não impliquem movimento</u>: entre figuras humanas ou animais podendo surgir referências irreais; <u>Acção bilateral de carácter neutro</u>: acção que decorre de ambas as partes entre figuras humanas ou animais podendo surgir referências irreais; <u>Interação recíproca positiva</u>: movimento de interacção que revela a existência de uma relação simétrica, numa lógica de ligação e de (re)união entre figuras humanas ou animais podendo surgir referências irreais; <u>Interacção activa/passiva não agressiva</u>: relação onde está presente um desequilíbrio, acção de Um sobre o Outro; entre figuras humanas ou animais podendo surgir referências irreais; <u>Desconhecido, dado por respostas Clob</u>: tonalidade emocional disfórica, sentimentos de perigo reveladores de uma forte angústia.	No processo de resposta Rorschach o sujeito constrói uma imagem, reveladora do seu mundo interno, comunicada agora ao Outro no mundo externo, revelando o seu espaço interno, no qual é capaz de conter, ligar e transformar. Assim, a resposta apresenta todo um processo de construção e de criação, onde estão presentes os sucessivos movimentos de oscilação que tem lugar entre a dispersão e a integração, num contínuo até ao infinito, onde procuramos compreender como é que o sujeito procura o Complementar na relação entre o Eu e o(s) Outro(s).

IX. ANÁLISE DOS PROTOCOLOS DE RORSCHACH

Para uma melhor compreensão das concepções teóricas que temos vindo a elaborar ao longo deste trabalho, procuramos agora ilustrá-los de uma forma prática, através dos oito protocolos de Rorschach, de adolescentes que aceitaram participar no nosso estudo; quatro adolescentes no início da adolescência (13 anos) e quatro adolescentes no final da adolescência (17 anos).

Os protocolos foram recolhidos numa escola secundária, no decorrer de um ano lectivo. Os adolescentes que aceitaram participar no estudo foram dispensados da aula que estavam a ter. Apenas como curiosidade, é de referir uma maior resistência em aceitar participar, por parte dos rapazes, do que por parte das raparigas.

A realização do teste Rorschach decorreu numa pequena sala de aula, iluminada pela luz do dia, que se encontrava livre por ser uma sala de apoio a um laboratório. Nessa sala foram utilizadas uma mesa e duas cadeiras, colocadas numa posição de lateralidade de um face ao outro. Em cima da mesa encontravam-se os cartões Rorschach, um cronómetro e o material para se registarem as respostas.

No psicograma encontramos reunidos os movimentos a que o sujeito acedeu durante a passagem da prova, que foram transpostos para a cotação e que nos revelam as transformações realizadas pelos adolescentes. No volume dos anexos podemos encontrar os oito protocolos devidamente cotados e com os respectivos psicogramas. Antes de avançarmos para a análise das diferentes dimensões do Outro durante o processo de desenvolvimento adolescente, destacamos alguns dos dados obtidos nos psicogramas, que consideramos relevantes, tendo em conta os protocolos dos adolescentes mais novos e os dos mais velhos.

O modo de apreensão predominante, quer nos adolescentes mais novos, quer nos adolescentes mais velhos, é o global, sendo o G% elevado, comparativamente à

apreensão, em grande detalhe, já que o D% é mais baixo, o que revela, por parte dos adolescentes, uma capacidade de síntese e algum controlo das emoções. Para Chabert (1983/1998), as respostas globais colocam em evidência uma atitude defensiva, através da qual o sujeito procura não se envolver numa atitude mais pessoal e mais profunda, podendo sugerir uma falta de curiosidade pelo objecto externo, a mancha; isso pode estar relacionado com uma falta de curiosidade do sujeito, em relação ao seu mundo interno, ou com o não revelar ao outro o que de mais íntimo existe no seu mundo interno.

O F% dá-nos conta da adaptação do sujeito à realidade, ao mundo que o rodeia. Aqui encontramos valores elevados para os rapazes e valores baixos para as raparigas. Consideramos que estes resultados podem ser devidos ao facto de os rapazes serem mais tímidos e as raparigas mais emocionais.

O F+% indica-nos a qualidade do pensamento, assim como a capacidade de adaptação à realidade e a socialização do sujeito. Em alguns protocolos encontramos um valor de F+% abaixo da média, o que pode estar relacionado com a existência de uma ansiedade muito elevada e com a não existência de preocupações objectivas.

O Tipo de Ressonância Íntima (T.R.I.), para os adolescentes mais novos, é essencialmente introversivo, o que dá conta de um predomínio do lado imaginário, das ideias sobre o lado mais afectivo, que emerge mais ocasionalmente. Nos adolescentes mais velhos, ainda encontramos, em dois protocolos, a existência de um funcionamento de tipo introversivo; no entanto, já surge um protocolo de tipo coartado e outro de tipo extroversivo. Um Tipo de Ressonância Íntima coartado indica-nos uma limitação das tendências projectivas e emocionais, assim como uma grande uniformidade do tipo de determinantes que são utilizados pelo sujeito. Quando o Tipo de Ressonância Íntima é extroversivo, significa que existe uma vibração permanente com o mundo exterior, possuindo o sujeito uma maior capacidade para estabelecer relações sociais, ou seja, para expandir aquilo que em si existe de desconhecido no seu mundo interno.

O RC% é revelador da afectividade que o sujeito exprime em relação aos cartões pastel. Nos protocolos dos adolescentes mais novos, existem valores mais baixos, o que significa que o afecto é expresso com algum receio, o que suscita uma diminuição do número de respostas. Nos protocolos dos adolescentes mais velhos, os valores da percentagem de respostas cor encontra-se dentro da média, ou mesmo acima da média, o que indica uma maior capacidade em comunicar os afectos.

Destacamos ainda a existência de um índice de angústia, acima da média nos protocolos de alguns rapazes, encontrando-se este essencialmente ligado às transformações que têm lugar durante o processo de desenvolvimento adolescente.

Na prova das escolhas, é unânime, entre os adolescentes mais novos e os mais velhos, a escolha do cartão X como o cartão de que gostam mais; esta escolha pode estar relacionada com o facto de este cartão ser o último da sequência que é apresentada ao sujeito. O cartão IX também é eleito com uma menor incidência. A escolha do cartão de que gostam menos, também apresenta alguma uniformidade; trata-se do cartão IV, um cartão compacto, que apresenta uma forte conotação simbólica com a imagem paterna. O cartão II surge como o segundo mais escolhido negativamente, o que poderá estar relacionado com a sua solicitação simbólica bilateral, na qual está presente o relacional e o agressivo.

De seguida procedemos à análise dos protocolos, tendo em conta as três dimensões do Outro, que definimos anteriormente, ou seja, a condição de Igual, a condição de Diferente e a condição de Complementar. Dentro de cada uma destas dimensões, vamos ter em conta os parâmetros de análise que definimos: representação de si e representação das relações, e os processos de transformação e de simbolização no Rorschach.

1. Análise do Outro Igual nos Protocolos de Rorschach

Anteriormente definimos os procedimentos que nos permitem realizar a análise do Outro na condição de Igual, no Rorschach, a partir da qual definimos categorias para a análise das respostas dos protocolos dos adolescentes. Agora vamos proceder à sua análise, tendo em conta, por uma lado, as categorias estabelecidas e, por outro, os elementos que constituem as respostas que nelas se inscrevem.

Em termos genéricos, podemos dizer que as respostas que se inscrevem nas categorias que constituem a dimensão do Outro como Igual, apresentam uma maior inscrição nos cartões bilaterais, já que estes favorecem o aparecimento de respostas em espelho. Nos cartões pastel existe uma distribuição homogénea entre as respostas dos adolescentes mais novos e mais velhos. Nos cartões compactos existe uma maior abordagem, por parte dos mais novos, aos cartões I e IV, enquanto que o cartão V apresenta apenas uma resposta adicional, o que consideramos poder estar relacionado com o facto da temática deste cartão estar ligada ao investimento narcísico da imagem de si, sendo um cartão privilegiado para a representação ligada à identidade e ao narcisismo.

De seguida, vamos proceder a uma análise mais detalhada das respostas dadas pelos adolescentes, no Rorschach, que inscrevemos nas diferentes categorias definidas anteriormente, para a análise do Outro Igual, no Rorschach. Para que possa existir uma relação com o Outro, é necessário que o sujeito possa aceder a uma representação do objecto total, mas ao mesmo tempo separado, dando conta da existência de um espaço psíquico íntegro e separado. Neste sentido constituímos as categorias: objectos inteiros e objectos fragmentados. Na categoria objectos inteiros, encontramos, na maioria, respostas percebidas de uma forma global, associadas a determinantes de boa qualidade formal (F+). O maior número de respostas dado nesta categoria, encontra-se no cartão VI, que se apresenta muito carregado de simbolismo sexual, apesar de se tratar de um cartão bissexuado. Nas respostas dadas pelos rapazes, surgem objectos bem definidos, sendo a referência mais frequente a de “tapete”, e o animal associado aparece bem definido e dotado de características de força e de potência, por ex. “urso” e “tigre”. As respostas das raparigas inscrevem-se

no que é referido mais habitualmente na literatura Rorschach, e evocam a banalidade “... parece um tapete daqueles que têm as peles dos animais”.

Nesta categoria encontramos ainda duas respostas no cartão IV; uma das respostas é dada pelo Tiago (17 anos), “*Um carro de fórmula I*”, onde surge uma ligação a um movimento de ordem pulsional, de carácter fálico. A outra resposta foi dada adicionalmente pela Carla (13 anos): “*Pareceu-me aqui uma chaminé*”, que aponta, também, para um simbolismo fálico.

Dentro dos cartões pastel, é feita apenas uma referência a um objecto pelo Rui (13 anos), “*Um portão*”, como resposta ao cartão IX. Esta resposta difere um pouco das anteriores, na medida em que é construída através do detalhe branco (DbI) existente na mancha, e apresenta uma má qualidade formal (F-).

Como contraponto à referência de objectos inteiros, definimos a categoria objectos fragmentados, em que inscrevemos apenas uma resposta dada pelo Rui (13 anos) no cartão VI: “*V Uma explosão*”. Esta resposta é reveladora, por um lado, de um forte dinamismo pulsional e, por outro lado, de uma forte desorganização.

Ao termos em conta a relação que o sujeito estabelece entre o seu mundo interno e o mundo externo, entre o dentro e o fora, surgem as categorias que nos dão conta dos objectos internos e dos objectos externos, numa procura de delimitação entre as representações que provém do mundo interno e as que fazem parte da realidade externa. Na categoria objectos internos, inscrevemos os conteúdos relativos ao interior do sujeito. As respostas mais frequentes encontram-se relacionadas com o interior do corpo humano, ou seja, trata-se de respostas de anatomia, dadas nos cartões bilaterais II e III e no cartão X. Nos cartões bilaterais, a presença da cor vermelha favorece o aparecimento de respostas ligadas ao interior do corpo, por ex. “coração” e “pulmões”, em que aparece o determinante formal associado à cor vermelha. Destacamos o aparecimento de uma resposta com conteúdo abstracto, dada pela Joana (17 anos) ao cartão II: “*Talvez preto, morte. Não sei ... Morte e dor*”, que consideramos que pode estar relacionada com o acesso a uma representação simbólica do corpo materno e/ou feminino, o que levou Rausch de Trautenberg et. al. (1993) a falar na desorganização presente nas respostas de algumas raparigas, na medida em que são directamente confrontadas com o seu corpo e com o corpo da mãe.

Na categoria que dá conta dos objectos externos, inscrevemos os objectos provenientes do mundo real e constituímos uma sub-categoria em que inscrevemos

os objectos com valor narcísico. Em termos de objectos externos, chamamos a atenção para a segunda resposta dada pelo Rui (13 anos) ao cartão I: *“Uma máscara”*, um objecto cuja função é a de proteger o sujeito, escondendo o seu rosto, ao mesmo tempo que o revela ao Outro. Esta resposta é dada no cartão I, e nela tem lugar o primeiro encontro com a situação desconhecida, face à qual existe o desejo de se proteger, de si próprio e da/na relação com o Outro.

O objecto em si, máscara, poderá ter também uma conotação narcísica; no entanto, a resposta adicional dada pela Carla (13 anos) ao cartão III, *“Aqui tem um lacinho nas costas”*, e a dada pelo Rui (13 anos) ao cartão IV, *“Duas botas”*, fazem referência a objectos com características narcísicas. É de salientar que as respostas que encontramos nesta categoria são todas dadas pelos adolescentes mais novos.

No Rorschach existem cartões que, pela configuração da mancha, favorecem o aparecimento de imagens em duplo, o que acontece não só nos cartões bilaterais, mas também nos cartões compactos. Na adolescência, tal como vimos anteriormente, a imagem em espelho/igual encontra-se ligada, quer às questões do narcisismo, quer ao grupo dos pares que desempenha um papel extremamente importante durante o processo de desenvolvimento adolescente. Neste sentido, constituímos a categoria – imagem em espelho, para figuras humanas, animais ou objectos.

Na categoria imagem em espelho, de figuras humanas, encontramos um maior número de respostas nos cartões bilaterais III e VII. No cartão III predomina a banalidade, e nela as figuras humanas são percebidas em movimento, através da resposta de cinestesia humana (K), que nos dá conta da capacidade do sujeito de constituir uma imagem de si, íntegra, e de a representar na relação, neste caso, em espelho. No cartão VII, as respostas de figuras humanas inteiras são dadas pelas raparigas que apreendem a mancha na sua totalidade (G) e em movimento (K); citamos como ex. a resposta da Diana (17 anos): *“Isto parecem duas raparigas a olharem uma para a outra. No fundo estão caladas. Têm o cabelo em pé. Não sei se é uma em frente a um espelho, e depois, dá para ver a outra”*. Nesta resposta é visível o duplo movimento, a relação entre o Eu e o Outro; o Eu pode surgir como um desdobramento, como sendo uma imagem que se reflecte num espelho, como um Igual.

Por sua vez, os rapazes não dão respostas de figuras humanas inteiras no cartão VII, mas fazem referência a partes de figuras humanas; neste sentido, resolvemos introduzir uma subcategoria dentro da anterior, na qual podemos inscrever as

respostas de partes de figuras humanas. Estas respostas incidem particularmente na resposta “cara”, que é uma parte do corpo humano (Hd) com uma boa qualidade formal (F+).

Ainda dentro da categoria imagem em espelho, mas agora para respostas animais, o maior número de respostas surge nos cartões bilaterais e nos cartões pastel. Dentro dos cartões bilaterais, no cartão II são os mais velhos que o abordam, fazendo referência a “dois animais”. No cartão VII é dada apenas uma resposta, pelo Tiago (17 anos): *“Isto parecem dois coelhos”*. Estas respostas levam-nos a pensar numa deslocação para o mundo animal, mais infantil, das relações humanas. Dentro dos cartões pastel, as respostas surgem nos cartões VIII e X. No cartão VIII são os rapazes mais velhos que dão um maior número de respostas, tratando-se de respostas de grande detalhe (D), que dão conta da banalidade deste cartão. Nas raparigas mais novas, surge apenas uma resposta, que é dada pela Marta: *“V / > Isto assim parece um bicho a andar para terra e tem reflexos no mar”*, e nela encontramos uma resposta de cinestesia animal (kan), que, de acordo com Chabert (1983/1998), no sentido clássico, reenvia para o deslocamento dos movimentos pulsionais, sob a forma de imagens animais. No cartão X encontramos apenas respostas nos adolescentes mais velhos, tratando-se de apreensões de grande detalhe (D), quer de boa, quer de má qualidade formal (F+ e F-). Nos protocolos das raparigas, estas respostas são dadas adicionalmente, e os animais que aqui são referidos, inscrevem-se num universo mais regressivo, por ex. cavalos marinhos.

À semelhança do que aconteceu na categoria imagem em espelho de figuras humanas, em que tivemos a necessidade de constituir uma subcategoria para partes de figuras humanas, também na categoria imagem em espelho de animais, surgiu a necessidade de constituir uma subcategoria de partes de animais. A resposta que aqui se inscreve foi dada pelo Nuno (17 anos) e corresponde a uma resposta de grande detalhe (D), mas de má qualidade formal (F-): *“Cá em baixo vejo uma base; depois, nos picos da base, vejo duas caras de carneiro”*. Na categoria imagem em espelho de objectos não foram encontradas respostas.

A categoria que apresenta um maior número de respostas, na dimensão do Outro Igual, é a que nos dá conta da sensibilidade ao branco, respostas essas que podem traduzir uma sensibilidade narcísica. O maior número de respostas aparece nos cartões bilaterais e nos cartões pastel. Nos cartões compactos, só no cartão I é que são dadas respostas com inclusão do branco, pelos adolescentes mais novos, o que

parece estar relacionado com uma vulnerabilidade narcísica que leva à evocação de conteúdos como “máscara”, traduzindo, por um lado, o medo da revelação e, por outro, a procura de protecção.

Dentro dos cartões bilaterais, o maior número de respostas da categoria sensibilidade ao branco encontra-se no cartão II, o que parece estar relacionado com a existência do grande detalhe branco (Dbl) existente no centro do cartão. No cartão III, a sensibilidade ao branco encontra-se ligada a respostas de má qualidade formal (F-). Já no cartão VII existe apenas uma resposta dada pela Marta (13 anos): “V / Parece uma ilha, assim vista de cima, aqui com o mar”, em que está presente um esbatimento de perspectiva (E), e na qual os contornos são pouco definidos, o que dá conta de uma procura de reparação de uma possível falha narcísica.

Dentro dos cartões pastel, no cartão VIII encontramos duas respostas dadas pela Carla (13 anos), ambas com um tipo de apreensão global (G) e de má qualidade formal (F-). O maior número de respostas é dado pelos rapazes ao cartão IX, e nelas o modo de apreensão dominante continua a ser o global, e o determinante associado, de má qualidade formal; citamos, a título de ex., a resposta dada pelo Nuno (17 anos): “Basicamente, neste desenho, o que eu posso imaginar é uma face mutante. É só.”, onde parece existir um afastamento do conteúdo latente deste cartão para o universo infantil, para um mundo de personagens míticas e irreais.

Nesta categoria encontramos ainda respostas no cartão X, dadas pelos adolescentes mais novos, em especial pelas raparigas. Na sua maioria são respostas com uma apreensão de grande detalhe (D), associada a um determinante de boa qualidade formal (F+). “Parece uma cara”, é comum à resposta da Marta (13 anos) e à da Diana (17 anos), com a diferença da Marta a perceber com o cartão na posição invertida e a Diana com o cartão na posição normal. Este tipo de respostas, neste cartão, parece estar relacionado, por um lado, com a necessidade de ligar os diferentes elementos que constituem a mancha e, por outro lado, com um movimento de procura de identificação.

Na dimensão do Outro Igual, definimos a categoria elementos primitivos para podermos dar conta do aparecimento de temáticas mais regressivas, ligadas às primeiras relações de objecto. Este tipo de abordagem surgiu mais nos cartões pastel, e são os adolescentes mais velhos que apresentam mais respostas nesta categoria. As respostas do Nuno, “umas rochas” e “uma montanha”, no cartão VIII, dão-nos conta de uma necessidade de sustentação, de suporte face à emergência pulsional

suscitada pelos afectos. No cartão IX, a Joana dá-nos uma resposta que liga diferentes elementos: “*Não sei...figuras...mas parece-me uma associação com a natureza, fogo e mar*”; aqui encontramos, por um lado, um forte dinamismo pulsional e, por outro lado, a evocação do mar, como sendo um elemento mais regressivo, o que vai ao encontro do conteúdo latente deste cartão, que suscita a procura de um continente/contentor, para a regressão a um simbolismo materno pré-genital.

Na constituição da categoria objectos difusos tivemos em conta a existência de respostas de esbatimento; aqui inscrevemos apenas uma resposta dada pela Carla (13 anos) ao cartão IV: “*\\ Uma nuvem de fumo...*”, onde encontramos um esbatimento de perspectiva que, por um lado, dá conta de uma insatisfação narcísica e, por outro, dá conta do esforço para a remediar, numa procura activa de articulação perceptivo-sensorial. O facto de esta resposta ter surgido no cartão IV, parece estar ligado com o forte simbolismo de poder e de força presente neste cartão.

Na categoria botânica procurámos dar conta das temáticas com características regressivas, ligadas às temáticas de botânica, mas também a elementos relacionados com a natureza. Aqui encontramos respostas dadas pela Carla (13 anos) aos cartões pastel, em que é feita uma apreensão da mancha em termos globais (G), e onde a cor surge associada ao determinante formal. Na resposta dada no cartão IX, “*V Uma árvore*”, a cor encontra-se integrada numa forma precisa (FC); já na resposta dada ao cartão X, “*V Flores*” o impacto da cor predomina sobre a forma (CF).

Depois de termos realizado a análise das respostas que inscrevemos nas diferentes categorias para a dimensão do Outro Igual, é chegado o momento de analisarmos o outro parâmetro que definimos para a análise do Outro Igual, no Rorschach; foi o dos processos de transformação e de simbolização, já que é através deles que o sujeito opera uma passagem do desequilíbrio para um novo equilíbrio. Isso só é possível através da simbolização, na qual está presente uma acção de substituição, comunicada ao Outro pela resposta Rorschach, que mais não é do que um trabalho de ligação e de separação entre o sujeito e o objecto.

Nos protocolos de Rorschach dos adolescentes que aceitaram participar neste estudo, encontramos as respostas Rorschach como o resultado, transformado, do encontro e da comunicação entre o sujeito e o objecto. Estas surgem como um novo objecto, resultante da comunicação, mas também da transformação entre o interno e

o externo, entre o contexto situacional, ao qual o sujeito foi submetido, e o que emergiu, que foi, por sua vez, comunicado ao Outro, sob a forma de uma resposta.

Na actividade de resposta Rorschach, é pedido ao sujeito que opere uma passagem da desordem, do caos, para uma situação de maior organização, ou seja, que reencontre o equilíbrio perdido, o que só é possível através da actividade de simbolização. É através desta que decorre um trabalho de ligação e, ao mesmo tempo de separação entre o sujeito e o objecto.

O Outro Igual, tal como o definimos anteriormente, diz respeito à capacidade do sujeito de conter e de dar um sentido e um significado. No Rorschach, o ter de nomear a mancha, suscita um trabalho psíquico de ligação e de articulação entre o interno e o externo, agora transformados e comunicados sob a forma de novos objectos, ou seja, das respostas.

Nas respostas que foram dadas nos protocolos, encontrámos, por parte dos adolescentes, esta capacidade de nomeação do desconhecido, do que à partida se encontra desprovido de um sentido e de um significado. Surgiram apenas duas recusas, nos protocolos dos adolescentes mais velhos; uma feita pelo Nuno, no cartão IV, e outra feita pela Diana, no cartão IX. Apesar de terem sido feitas estas recusas, consideramos que esteve presente uma actividade de transformação e de simbolização, nas respostas dadas por estes adolescentes.

Nas várias respostas dadas pelos adolescentes aos cartões que compõem o teste de Rorschach, existe uma procura de dar um significado à mancha que lhes é apresentada, desprovida, à partida, de um sentido e de um significado. Em algumas das respostas que emergiram como forma de designar o caos suscitado, torna-se claro o processo de ligação e de separação entre o Eu e o Outro, ou seja, entre o sujeito e o objecto. Neste sentido, procuramos em seguida dar conta de algumas das respostas que podem ilustrar este processo de transformação e de simbolização, na actividade de resposta Rorschach para a dimensão do Outro Igual, no processo de desenvolvimento adolescente.

Começamos por ilustrar a dimensão do Outro Igual, com as respostas dadas pelo Rui (13 anos) ao cartão I: "*Parece uma cara*", é a primeira resposta dada no contacto com a situação desconhecida, a que se segue uma segunda resposta, "*uma máscara*". Num primeiro momento assistimos a uma projecção do próprio, ou seja, a ligação que decorre entre o mundo interno e o mundo externo, dá lugar ao aparecimento de uma resposta, em que o sujeito revela uma parte de si, a cara, mas

ao mesmo tempo que a revela, esconde-a atrás de uma máscara, numa procura de protecção face ao Outro, neste caso, face ao desconhecido suscitado pelo conteúdo latente do cartão e pela tarefa que lhe foi solicitada, geradora em si mesma de um desequilíbrio.

O cartão VIII é aquele que introduz as cores pastel, suscitando ao sujeito a dupla comunicação entre o sensorial externo e o emocional interno; a resposta surge como o resultado do trabalho de ligação e de articulação entre estes dois pólos. A este cartão a Marta (13 anos) dá a resposta: “*V / > Isto assim parece um bicho a andar para terra e tem reflexos no mar*”, dando conta de um simbolismo contendor de carácter narcísico. A organização da resposta é feita em torno do eixo central da mancha, a partir do qual é feito um desdobramento num Igual, num reflexo Outro, que mais não é do que a imagem do próprio.

A Carla (13 anos), no cartão IX em posição invertida, começa por dar a resposta: “*Uma árvore*”, uma evocação da natureza, num cartão que apresenta uma forte solicitação à regressão e que reenvia para um simbolismo materno pré-genital. Num movimento seguinte, ainda com o cartão em posição invertida, dá a resposta: “*Uma pessoa*”, que só ganha uma definição sexual no inquérito onde acrescenta “*parece uma mulher zangada, com os braços na cintura, a saia laranja ...*”. Inicialmente é convocado um continente; surge a primeira resposta, que dá conta de uma procura de sustentação para o que de destabilizador a mancha suscitou, surgindo em seguida um conteúdo, uma figura humana, à qual está associada uma emoção, a zanga, que necessita de ser contida, mas também transformada, pois só assim pode ser simbolizada.

Nos protocolos dos adolescentes mais velhos, torna-se mais difícil explicitar o movimento da resposta que nos dá conta do Outro, na condição de Igual, já que este está presente no processo de construção da resposta, mas ligado e integrado no Outro como Diferente, dando, em muitas respostas, lugar à procura do Outro como Complementar. No entanto, vamos ilustrar o Outro na condição de Igual, através de uma resposta dada pelo Nuno ao cartão VI, e da Diana ao cartão II.

A Diana (17 anos) começa por dar, como resposta ao cartão II: “*Ah! Já sei. São dois animais, assim com as mãos*”; mas é através do inquérito que conseguimos ter uma visão mais clara do movimento de ligação que teve lugar durante a constituição da resposta: “*pensava que eram dois homens, ao princípio, por causa das mãos, por estarem assim com as mãos de cada um; só que depois, olhando para esta parte*

(vermelho superior), *parece a cabeça de um pato; portanto, já não pode ser um homem, tem que ser um animal*". O apelo do cartão para o relacional, parece ter suscitado na Diana a evocação de duas figuras humanas, uma representação que não pode conter o pulsional agressivo, o que levou à realização de um afastamento para o mundo animal, onde este tipo de impulsos pode ter lugar.

No cartão VI, o Nuno (17 anos) dá a resposta: *"Aqui, parece ser um daqueles tapetes, uma pele de animal. Talvez um tigre"*. Este cartão encontra-se carregado de um forte simbolismo sexual; no entanto, as respostas apresentam um colorido, sem aparecerem expressões directas. Num primeiro movimento é evocado um objecto, um tapete, objecto este capaz de conter o movimento de turbulência suscitado pela mancha. Este objecto, na sua função de contentor, ganha uma delimitação, uma barreira de contacto que permite operar uma separação entre o dentro e o fora, uma pele de animal que permite delimitar o interior do exterior, o dentro do fora. É assim que ele ganha uma consistência, um corpo; passa a ser um tigre, um animal com corpo, um corpo dotado de uma sexualidade, em que o masculino se organiza de uma forma activa, por contraponto à pele de animal que se apresenta como sendo passiva, numa actividade de ligação e de comunicação entre o sujeito e o objecto.

2. Análise do Outro Diferente nos Protocolos de Rorschach

É chegado o momento de analisarmos o Outro Diferente, no Rorschach anteriormente definimos, como procedimentos, o reconhecimento da diferença dos sexos e os modelos de identificação dentro do organizador construção da imagem de si e a imago materna, dentro do organizador da representação das relações. Agora é chegado o momento de procedermos à avaliação das respostas que inscrevemos nas categorias que estabelecemos para esta dimensão do Outro, durante o processo de desenvolvimento adolescente.

Numa avaliação global, podemos dizer que existe uma distribuição muito equilibrada, pelos diferentes cartões, das respostas Rorschach que se encontram ligadas à dimensão do Outro Diferente, quer nos adolescentes mais novos, quer nos adolescentes mais velhos. No entanto, são os cartões compactos que apresentam um maior número de respostas, o que poderá estar relacionado com o apelo que fazem à projecção do corpo, agora em crescimento, em transformação, porque em sexualização.

De seguida vamos realizar uma leitura mais detalhada das diferentes categorias que definimos para o Outro Diferente no Rorschach. Aqui o organizador feminino/masculino surge como fundamental, na medida em que impõem ao sujeito a necessidade de se constituir como íntegro e separado, para depois poder existir, na relação interactiva e intersubjectiva, com o Outro Diferente, que se apresenta, também, interactivo e intersubjectivo. Partindo da grelha de representação de si, de Rausch de Trautenberg (1983b), constituímos três categorias: uma que dava conta do masculino, outra do feminino e uma terceira onde inscreveríamos as respostas que continham referências ao masculino e ao feminino em simultâneo.

Na categoria masculino, tal como na categoria feminino, definimos algumas subcategorias, no sentido de especificarmos se a referência é feita em relação a uma figura humana ou a um animal, considerando a hipótese de ser irreal, sobrenatural ou de lenda, e se é percebida por inteiro ou parcialmente.

As respostas que se inscrevem na categoria masculino, e que nos dão conta de figuras humanas inteiras, foram dadas pela Marta (13 anos), nos cartões II e III, dando-nos conta da possibilidade de reconhecer a diferença, ou seja, de reconhecer o Outro como Diferente. Foi dada apenas uma resposta de uma figura masculina

parcial, pelo Pedro (13 anos), no cartão X: *“Em cima do cabelo de um homem de bigode verde”*.

Na categoria masculino, o maior número de respostas é dado através da referência a animais, na sua maioria inteiros, o que parece estar ligado a um deslocamento para um universo mais infantil dos processos de identificação, que se encontram a decorrer durante este período do desenvolvimento. Nesta categoria, são também os cartões compactos, os que apresentam um maior número de respostas. No cartão I, a resposta mais frequente diz respeito à banalidade, *“um morcego”*; trata-se de uma resposta global (G), em que a mancha é percebida com uma boa qualidade formal (F+). Já no cartão IV, a resposta do Pedro (13 anos), *“Dois pinguins de costas um para o outro”*, é uma resposta que faz referência ao masculino, mas onde a mancha é percebida com integração do branco (Dbl) e apresenta uma má qualidade formal (F-).

No cartão V, predomina a resposta banal, *“um morcego”*, mais nos adolescentes mais novos, mas também nas raparigas mais velhas. Nestas respostas, a mancha é apreendida na sua totalidade (G) e o determinante é de boa qualidade formal (F+). Este tipo de resposta aponta no sentido de uma boa constituição dos processos de identidade e de identificação. O cartão VI é abordado, por parte dos rapazes, com referência a animais que evocam força e potência, *“urso”* e *“tigre”*, enquanto a Diana (17 anos) faz referência a um *“gato”*, um animal doméstico, mais dócil, mas que contém, em si mesmo, as duas polaridades do conteúdo simbólico deste cartão, o activo e o passivo, porque, tratando-se de um animal doméstico, não deixa de pertencer à família dos felinos.

Nos cartões bilaterais, no cartão II é dada apenas uma resposta adicional pela Joana (17 anos): *“Agora parece-me dois animais, dois ursinhos ou dois cães. Agora já me transmite mais calor, porque eu gosto dos animais...”*, uma resposta que apela a um universo infantil. No cartão III também só foi dada uma resposta, pela Carla (13 anos), com integração do branco (D bl) e com uma má qualidade formal (F-): *“V Um sapo...”*. Nos cartões II e III, as respostas foram dadas pelas raparigas; no cartão VII a resposta foi dada pelo Tiago (17 anos), *“Isto parecem dois coelhos”*, e nela encontramos uma cinestesia animal (kan), reveladora de um deslocamento de um movimento pulsional para os animais.

Dentro dos cartões pastel, o cartão VIII é abordado apenas pelos rapazes mais novos, em grande detalhe (D), ou seja, são destacados os detalhes laterais, que são

percebidos como boa forma (F+), por ex. “camaleão”, ou como má forma (F–), por ex. “hipopótamos”. O cartão X apresenta um elevado número de respostas adicionais, em que a mancha é apreendida em grande detalhe (D), e o determinante associado é predominantemente de boa qualidade formal (F+). Os animais que são referidos, reportam-nos para um universo marinho, o que é solicitado pelo conteúdo do cartão, já que apela a uma regressão, dada a dispersão da mancha. São de destacar duas das respostas dadas pela Joana (17 anos), adicionalmente neste cartão: “*Parece-me um leão*” e “*Um touro*”, que nos reportam para um universo mais terreno, de força e de poder.

Na categoria que nos dá conta do masculino, em animais que são percepcionados parcialmente, encontramos duas respostas: uma dada pelo Pedro (13 anos), ao cartão III, “*A cara de um sapo*” e, uma resposta dada pelo Nuno (17 anos), ao cartão VII, “*Cá em baixo vejo uma base; depois, nos picos da base, vejo duas caras de carneiro*”. As duas respostas são apreendidas de uma forma global (G) e apresentam uma má qualidade formal (F–).

Na categoria – masculino não encontramos respostas que digam respeito a figuras humanas ou a animais irrealis, sobrenaturais ou de lenda. Na categoria feminino, tal como aconteceu na categoria masculino, o maior número de respostas é dado com referência aos animais, com a diferença de estes serem percepcionados por inteiro.

Na categoria que nos dá conta das figuras humanas femininas, percepcionadas de uma forma inteira, encontramos três respostas dadas pelos adolescentes mais novos. É de salientar que a resposta dada pela Carla ao cartão IX, é inicialmente de uma figura humana sem referência sexual, mas que depois, através do inquérito, ganha a condição de “mulher zangada”, dando-nos conta de um movimento pulsional, onde está em jogo o processo de identificação e de diferenciação em relação ao Outro. No cartão III, o Rui diz: “*Parece uma senhora que se está a ver ao espelho*”, o que nos dá conta da capacidade de constituição do Eu, mas também da diferenciação em relação ao Outro. No mesmo sentido, encontramos a resposta dada pela Marta ao cartão VII: “*✓ Ao contrário, parecem duas raparigas, assim um bocadinho para o defeituosas*”, acrescentando no inquérito “as raparigas têm a cabeça junta”.

É feita apenas uma referência, no feminino, a uma figura humana, irreal, sobrenatural ou de lenda, na segunda resposta dada pela Marta (13 anos) ao cartão I: “*Parece uma senhora assim com umas asas*”. Esta resposta inscreve-se num nível mais evoluído, já que a mancha é percepcionada de uma forma tripartida.

Na categoria do feminino, os animais que são referidos apresentam ligação a diferentes temáticas, indo ao encontro das diferentes solicitações simbólicas, suscitadas pelos diferentes cartões. Assim, no cartão I, que dentro dos cartões compactos é o que apresenta um maior número de respostas, encontramos a resposta mais usual, “*uma borboleta*”, nos adolescentes mais velhos, o que poderá ser indicador do bom desenvolvimento do processo de identificação, já que as suas características podem reenviar, por um lado, para a imagem do corpo e, por outro lado, para a representação da relação. Nas adolescentes, ou seja, nas raparigas, encontramos ainda referência a um universo animal mais arcaico e pré-genital, através das referências: “*aranha*”, “*mosca*” e “*abelha*”. O cartão V é abordado em particular pelas raparigas mais novas, mas também pelos rapazes mais velhos, sendo unânime o animal eleito, “*uma borboleta*”, uma resposta banal.

Dentro dos cartões bilaterais, só inscrevemos nesta categoria uma resposta dada pelo Rui (13 anos) ao cartão II: “*Parece uma borboleta aqui em baixo. Mais nada*”. Nos outros cartões com carácter bilateral, não foram dadas respostas que se inscrevam nesta categoria.

Nos cartões pastel, mais precisamente no cartão VIII, encontramos uma resposta dada pelo Nuno (17 anos), “*Na parte central, parece-me ser uma borboleta aberta*”; esta resposta centra-se sobre a parte central da mancha (D) e apresenta uma boa qualidade formal (F+). No cartão IX, o Tiago (17 anos) responde: “*Parece-me uma vaquinha*”; uma resposta global, com integração do branco (Gbl), que apresenta uma má qualidade formal (F-) e em que encontramos, em termos do animal que é evocado, uma ligação com o simbolismo materno pré-genital, evocado pelo conteúdo latente do cartão. O cartão X é abordado apenas pelos adolescentes mais novos, que evocam como animal “*aranhas*”, fazendo referência aos grandes detalhes da mancha (D), percebido com uma boa qualidade formal (F+).

Nos procedimentos definimos uma categoria que dava conta da possibilidade de encontramos, na mesma resposta, referência ao feminino e ao masculino, quer se tratasse de figuras humanas, quer se tratasse de animais. Depois de termos realizado a análise das respostas dadas pelos adolescentes aos cartões Rorschach, verificamos que não foram dadas respostas que se possam inscrever nesta categoria. No entanto, chamamos a atenção para o facto de, no mesmo cartão, surgirem respostas que se inscrevem no masculino e respostas que se inscrevem no feminino, mas o movimento da passagem de uma para outra, vai ser tido em conta na análise dos processos de

transformação e de simbolização do Outro Diferente no Rorschach, que vamos realizar de seguida.

Continuando a análise das categorias que definimos para a dimensão do Outro Diferente no Rorschach, por contraponto ao masculino/feminino surgiu a necessidade de constituirmos categorias que dessem conta de figuras humanas e de animais, sem referência sexual, podendo ser irreais, sobrenaturais ou de lenda, e podendo ser percebidos inteiros ou parcialmente. Encontrámos uma grande referência a figuras humanas, sem referência sexual e, contrariamente ao que tinha acontecido nas categorias masculino e feminino, aqui encontrámos um maior número de respostas de figuras humanas irreais, sobrenaturais ou de lenda.

As respostas que se inscrevem na categoria – figuras humanas sem referência sexual e que são percebidas de uma forma inteira, surgem nos cartões bilaterais III e VII, apresentando como resposta “pessoas”, ou seja, uma designação vaga, pouco definida e pouco estruturada em termos da representação de si. No cartão III, as respostas são dos adolescentes mais velhos, e nelas rapazes e raparigas acedem a uma resposta banal em que duas pessoas são colocadas em interacção, com um acento posto no fazer. A resposta da Joana ao cartão III apresenta uma temática relacional amorosa, e salienta-se justamente por essa diferença: *“Duas pessoas, talvez paixão”*. No cartão VII só encontramos respostas dadas pelas raparigas, mais novas e mais velhas, existindo uma particularidade interessante: a insistência sobre o Igual, ou seja, existe um reconhecimento da diferença, do Outro, mas este é percebido como um igual, por ex. na resposta da Joana *“Duas pessoas iguais, idênticas, interligadas”*.

As respostas parciais que se inscrevem na categoria figura humana sem referência sexual apresentam uma maior incidência nos cartões bilaterais e nos cartões pastel. Nos cartões compactos surgem respostas pontuais, como a do Rui (13 anos) ao cartão I: *“Parece uma cara”*, ou a da Diana (17 anos) ao cartão IV: *“Parecem dois pés gigantes”*. Nestas respostas parece existir uma dificuldade em elaborar o carácter compacto apresentado pelo cartão e que remete o sujeito para a constituição de uma imagem integra de si, face ao que emerge uma resposta parcial, como que na procura de delimitar o impacto suscitado.

Nos cartões bilaterais existe uma maior abordagem por parte dos rapazes. No cartão II, os rapazes mais velhos dão como resposta, *“uma cara”*, sendo esta percebida com a integração do branco. Também no cartão VII, os rapazes dão

como resposta, “*duas caras*”, o que parece estar relacionado com o reconhecimento da diferença dos sexos, que ainda aparece de uma forma pouco definida, ou seja, são duas caras, mas que ainda não são percebidas como pertencentes ao sexo masculino ou ao sexo feminino.

Nos cartões pastel existe uma tendência para a resposta “*cara*”, o que se encontra ligado à procura de identidade do sujeito que reúne o material que se apresenta como disperso, procurando dar-lhe um sentido e um significado. No cartão X, as respostas dadas pelos adolescentes mais velhos apresentam uma particularidade, que consiste numa referência inicial sem uma referência sexual, mas que, na construção da resposta, ganha uma atribuição, neste caso, masculina. Citamos como exemplo a resposta dada pela Diana ao cartão X – “*Aqui parece uma cara com um bigode*” – na qual a cara que à partida não apresenta referência sexual, ganha essa dimensão, pela referência do bigode, um ícone, à partida, masculino.

Na categoria figuras humanas irreais, sobrenaturais ou de lenda sem referência sexual, percepcionadas por inteiro, encontramos um maior número de respostas dadas pelos adolescentes mais novos, e em especial pelas raparigas. O conteúdo destas respostas apresenta-se como sendo muito semelhante, existindo um predomínio de respostas “*um monstro*”, que são reveladoras do carácter ansiogénico suscitado pela mancha. Destacamos como diferentes as respostas dadas pelo Nuno (17 anos); no cartão I diz: “*Um anjo, porque não*” e, no cartão V, “*Aqui, talvez uma pessoa com umas antenas e umas asas largas. É só*”. Estas respostas são reveladoras do trabalho de transformação e de simbolização que tem lugar durante o processo de desenvolvimento adolescente, em que o impacto suscitado pelo cartão é elaborado e comunicado sob a forma de uma resposta que contém o masculino e o feminino, mas ligados e (re)criados.

Na categoria figura humana irreal, sobrenatural ou de lenda sem referência sexual, percepcionada parcialmente, inscrevemos apenas uma resposta dada pelo Nuno (17 anos) ao cartão IX: “*Basicamente, neste desenho, o que eu posso imaginar é uma face mutante*”, uma resposta que denota uma passagem, um estar a meio caminho entre as respostas mais frequentes nesta categoria, “*um monstro*”, e as respostas dadas pelo próprio Nuno aos cartões I e V, reveladoras da sua capacidade de identificação e de diferenciação em relação ao Outro, agora percepcionado como um Diferente.

Da mesma forma que as figuras humanas foram percebidas sem referência sexual, também alguns dos conteúdos animais foram descritos sem referência ao seu sexo. A grande maioria foi percebida de uma forma integral, tendo sido feitas referências parciais apenas pelas raparigas mais velhas, no cartão V, que se centram nos pequenos detalhes da mancha.

Dentro dos cartões bilaterais só encontramos respostas de animais, sem referência sexual, percebidos de forma inteira, no cartão II *“dois animais”*. Nos cartões compactos, são abordados os cartões IV e VI, pelas raparigas. O cartão IV suscita respostas do tipo *“animal”* que, ainda que apresentado um carácter pouco definido, possui uma boa qualidade formal (F+). No cartão VI, as respostas dadas pelas raparigas, mais novas e mais velhas, encontram-se particularmente ligadas à banalidade *“pele de animal”*.

Nos cartões pastel, destacamos o cartão VIII, com uma grande concentração de respostas por parte dos adolescentes mais velhos, que destacam o detalhe lateral da mancha e que dão a resposta banal *“dois animais”*. Nas respostas dadas pelas adolescentes mais novas, citamos, a título de ex., a resposta da Marta (13 anos) *“V/\> Isto assim parece um bicho a andar para terra e tem reflexos no mar”*, onde não só está presente a não diferenciação, mas também um movimento mais narcísico, com uma representação em espelho, o que já não acontece nas respostas dadas pelos adolescentes mais velhos.

Ainda dentro dos cartões pastel, no cartão X, as respostas dadas, que se inscrevem nesta categoria, fazem referência a *“bichos”*, o que, de certa forma, é uma expressão curiosa para dar conta da característica de dispersão do material, mas também da dificuldade em designar, de encontrar uma representação para o carácter ambíguo do material.

No decorrer do processo de desenvolvimento adolescente, a aquisição de uma identidade, feminina ou masculina, encontra-se directamente relacionada com as noções de materno e de paterno, estando estas, por sua vez, ligadas à organização do Outro na condição de Diferente. Foi neste sentido que, na nossa grelha, constituímos estas duas categorias, materno e paterno, tendo por base os trabalhos desenvolvidos por Rausch de Trautenberg (1983b), e nelas inscrevemos os conteúdos que pudessem fazer alusão ao feminino/materno e ao masculino/paterno, e que agora passamos a analisar.

Na categoria imago materna, ao contrário do que acontece na categoria imago paterna, encontramos um número de respostas muito reduzido. No cartão III, o Nuno (17 anos) diz: *“Em cima, a vermelho, parece-me um embrião”* e, no cartão X, a Joana (17 anos) dá a resposta: *“Cores, ligação. Mais nada ...vejo mas não consigo explicar o que eu sinto”*. Estas respostas fazem-nos pensar no desejo de separação e na constituição de uma identidade separada do Outro, mas, ao mesmo tempo, na dificuldade presente e inerente a esse processo. A resposta adicional do Pedro (13 anos) ao cartão V; *“...Crocodilos que estão mergulhados dentro de água”* dá conta de um carácter mais regressivo, de ligação à imago materna.

Ao constituirmos a categoria imago paterna, associamos-lhe os determinantes cinestésicos, mais precisamente as cinestésias de objecto (kob), já que são elas que permitem realizar uma correspondência entre o interior e o exterior, ou seja, entre as pulsões e os objectos vistos em movimento. Nesta categoria inscrevemos apenas uma resposta que não apresenta cinestesia de objecto; trata-se de uma resposta dada adicionalmente pela Carla (13 anos) ao cartão IV; *“Pareceu-me aqui uma chaminé”*, e que foi inscrita nesta categoria, pela associação directa que apresenta ao simbolismo fálico presente no grande detalhe do cartão interpretado nesta resposta.

Ainda em relação ao cartão IV, as raparigas mais novas fazem uma abordagem parcial da mancha, centrando-se no grande detalhe inferior central (D), enquanto os rapazes mais velhos fazem uma apreensão global (G) da mesma, como na resposta do Tiago (17 anos): *“Um carro de Fórmula 1”*. No cartão VI encontramos respostas dadas pelos mais novos e que nos dão conta do impacto provocado pelo cartão, enquanto que na resposta do Rui (13 anos), está presente um movimento mais destrutivo *“V Uma explosão”*; na resposta dada pela Carla (13 anos); *“V\ Um vulcão”* está presente um movimento de força, em que o pulsional é representado com grande intensidade.

Nos cartões bilaterais inscrevemos apenas uma resposta dada pela Marta (13 anos), ao cartão II, *“V\ Parece-me um lago, aqui, no meio”*, e na qual o relacional é atenuado e o pulsional suscitado é circunscrito, delimitado. Nos cartões pastel encontramos um predomínio de respostas dadas pelas raparigas, principalmente mais velhas, e nelas as temáticas predominantes estão ligadas à natureza.

Os processos de transformação e de simbolização, possibilitam-nos realizar uma análise do Outro Diferente no Rorschach, tendo em conta um movimento de

separação Eu/não Eu, revelador da relação que o sujeito estabelece com o mundo. O Outro, na condição de Diferente, remete-nos para o Outro de outro sexo, feminino ou masculino, com o qual é possível estabelecer uma relação de troca, de partilha, em que Um e Outro se podem descobrir e enriquecer mutuamente, no sentido em que o que Um tem, poder ser desejado e procurado pelo Outro.

No Rorschach, a solicitação simbólica de cada cartão possibilita a revelação da interiorização e da integração das imagos parentais, femininas e masculinas, pelo que as respostas dadas ao teste, contém em si mesmas a diferença dos sexos e das gerações. Assim sendo, o sujeito revela, em cada cartão, o nível de conflitualização, mas também o de integração e de construção face ao materno e ao paterno, ou seja, face ao feminino e ao masculino, agora ligados e recriados.

Em algumas das respostas dadas pelos adolescentes ao Rorschach, encontramos mais claramente este movimento de ligação, que nos dá conta do Outro como Diferente, durante o processo de desenvolvimento adolescente. Procuramos de seguida realizar uma explicitação deste movimento, recorrendo para isso a algumas respostas que consideramos serem elucidativas da constituição do espaço de resposta Rorschach, como sendo um lugar de expectativa onde é possível a criação e a (re)criação na intersubjectividade, e em que cada resposta é um fim, mas um fim que dá lugar a novos princípios, a novas descobertas, geradoras, por sua vez, de novos princípios.

Começamos com uma resposta dada pelo Pedro (13 anos) ao cartão VIII: "*Dois hipopótamos*", que são percepcionados com base no grande detalhe rosa inferior da mancha. Esta interpretação é construída a partir de uma parte da mancha que apresenta uma conotação particularmente feminina, sendo curioso o animal escolhido, um hipopótamo, um animal que pode ser masculino ou feminino, mas que apresenta uma grande ligação ao materno, por passar grande parte do seu tempo dentro de água. Na resposta seguinte diz: "*Com duas lagartixas em cima deles*", sendo esta resposta percepcionada nos grandes detalhes laterais da mancha, onde habitualmente são evocados animais com características mais masculinas, nomeadamente, de poder e de força. A lagartixa é um animal ainda mais regressivo do que o hipopótamo, que se aquece de fora para dentro, mas que traduz simbolicamente o que este cartão suscita no sujeito, uma entrada externa de algo, das diferentes tonalidades pastel que lhe são apresentadas fora, com este novo estímulo.

O cartão V é aquele que se situa a meio do teste e que, pelas suas características de unicidade, suscita no sujeito a projecção da unidade, reenviando-o para o reconhecimento da sua unidade corporal e para um sentimento de integridade, a que se junta uma integração da identidade psíquica, feminina ou masculina. A Carla (13 anos) dá duas respostas a este cartão, as quais na sua sequência, ilustram este movimento do Outro Diferente. Com o cartão na posição normal, começa por dar a resposta: “*Uma borboleta*”, ou seja, começa por se reconhecer íntegra e separada, dotada de um sexo feminino. De seguida inverte o cartão e dá a resposta “*V Um morcego. ^ Mais nada*”, um animal que à partida possui uma conotação mais masculina. Encontramos aqui a expressão da ligação entre Um e Outro, entre dois diferentes, Um feminino e Outro masculino, (re)unidos no mesmo cartão, ligados numa sequência de respostas.

O movimento que encontramos presente nestas duas respostas, revela-nos a reunião, a articulação entre Um e Outro, de diferentes formas. Na própria designação do que esteve na base da constituição da resposta para a borboleta, as antenas e as patas, e para o morcego, as asas, existe uma ligação entre o que Um tem e o que ao Outro falta. Esta integração está também presente num nível mais simbólico: as cores da borboleta por contraponto ao negro do morcego, a borboleta que voa durante o dia, vs. o morcego que vive durante a noite.

Dentro dos cartões bilaterais vamos referir dois exemplos: uma resposta dada pela Marta (13 anos) ao cartão II, e uma resposta dada pelo Nuno (17 anos) ao cartão VII.

O cartão II introduz o pulsional agressivo, através da cor vermelha, e apresenta uma forte solicitação bissexual, que pode suscitar nos adolescentes a reactivação de um corpo materno e/ou feminino. Numa primeira resposta, a Marta (13 anos) diz: “*V^ Parece-me um lago, aqui, assim no meio*”, uma resposta que tem uma inscrição no branco, na qual é anulado o relacional, por contraponto a uma emergência mais regressiva ligada ao materno. Mas é esta primeira resposta que vai ser o ponto de partida para uma outra, num lugar outro, já que vira o cartão ao contrário, para dar a segunda resposta, “*V assim, parece um homem um bocadinho esquisito*” que, tal como acrescenta, no inquérito “*tem as mãos abertas e tem umas mangas compridas*”. O feminino/materno, de mãos dadas com o masculino, numa representação em que surgem ligados e recriados e em que Um dá lugar ao Outro,

mas onde permanece um lugar, uma “mão aberta” à espera de novas descobertas, de novos sentidos e de novos significados.

O Nuno (17 anos) começa por dar como resposta ao cartão VII: “*Cá em baixo vejo uma base; depois, nos picos da base, vejo duas caras de carneiro*”. Primeiro uma sustentação, uma base no feminino, presente no terceiro terço da mancha, depois o masculino, as caras de carneiro. O movimento de articulação e de ligação continua com a resposta seguinte: “*e por cima das duas caras de carneiro, duas caras humanas*”, uma procura mais próxima do humano, num cartão que privilegia a expressão da relação com o feminino/materno.

A Joana (17 anos), na resposta que dá ao cartão IX; “*Não sei... mas parece-me uma associação com a natureza, fogo e mar*”, combina o masculino e o feminino de uma forma diferente daquela que é mais habitual durante o processo de desenvolvimento adolescente. Nesta resposta está presente uma ligação entre diferentes elementos: a natureza e o mar, numa ligação directa ao simbolismo materno pré-genital deste cartão, e o fogo, numa ligação ao pulsional masculino. Quando pensamos nesta associação que a Joana faz na resposta que deu ao cartão IX, é curioso como o feminino surge associado à parte inferior da mancha, funcionando como um continente/contentor para o masculino; o fogo representado na parte superior, conteúdo a ser contido, mas também continente dos conteúdos do feminino. Fica-nos o branco central da mancha, um espaço neutro, que não é feminino nem masculino, mas que ao mesmo tempo é feminino e masculino, um lugar de expectativa, onde Um e Outro podem ter lugar.

3. Análise do Outro Complementar nos Protocolos de Rorschach

Depois de termos realizado a análise do Outro na condição de Igual e de Diferente, é chegado o momento de analisarmos o Outro como Complementar, no decorrer do processo de desenvolvimento adolescente. Para procedermos à análise desta dimensão, definimos anteriormente categorias que nos permitem analisar as respostas dos protocolos de Rorschach dos adolescentes.

De uma forma global, podemos dizer que foi nesta dimensão que inscrevemos um menor número de respostas, por comparação com as outras duas dimensões do Outro, que abordamos neste estudo e que se inscrevem no processo de desenvolvimento adolescente. A dimensão de Complementaridade do Outro apresenta uma maior inscrição nos cartões bilaterais, o que vai ao encontro do que foi descrito anteriormente, já que são estes cartões que possibilitam a organização em duplo, induzindo a representação de imagens humanas e animais em relação, podendo esta apresentar um carácter agressivo ou libidinal (Chabert, 1983/1998).

Nos cartões compactos encontramos um predomínio de respostas dadas pelos adolescentes mais novos, o mesmo acontece nos cartões pastel, enquanto nos cartões bilaterais o predomínio é de respostas dadas pelos adolescentes mais velhos.

Passamos agora a efectuar uma análise mais detalhada das respostas dadas pelos adolescentes nos protocolos de Rorschach, e que foram por nós inscritas nas diferentes categorias que constituímos para a análise do Outro Complementar. Esta dimensão do Outro remete-nos para uma relação de interacção entre o Eu e o(s) Outro(s), pelo que é necessário ter em conta as diferentes modalidades de relação, mais ou menos libidinais.

A categoria acção simples ou postura que implique movimento, tem subjacente um movimento de interacção entre figuras humanas ou entre animais, e foi a categoria em que inscrevemos um maior número de respostas, dentro das categorias que nos possibilitam analisar a dimensão do Outro Complementar no Rorschach. Nas respostas que dão conta de uma acção simples ou de uma postura que implica movimento entre figuras humanas, encontramos uma maior incidência de respostas nos cartões bilaterais e nos cartões pastel.

Dentro dos cartões bilaterais, no cartão II e no cartão III encontramos respostas dadas pelos adolescentes mais novos, nas quais foi realizada uma apreensão global da mancha (G) e onde foi utilizada uma cinestesia humana (K). O cartão VII é abordado apenas pelas raparigas, mais novas e mais velhas, com respostas que apresentam características formais iguais às que foram referidas nos cartões anteriores.

Nos cartões pastel surgem algumas respostas dadas pelas raparigas, mais novas e mais velhas. No cartão VIII, a Diana (17 anos) dá a resposta: *“Isto parecem dois bichos agarrados a uma coisa, a subirem”*; centrando-se nos grandes detalhes laterais da mancha (D), dá uma cinestesia animal (kan). Ainda neste cartão, a resposta dada pela Carla (13 anos); *“V/V Uma pessoa”*, que só pode ser inscrita nesta categoria, quando a associamos ao inquérito em que acrescenta *“parece uma mulher zangada”*, ou seja, em que passa a atribuir uma postura que podemos associar a um movimento de expressão facial e corporal. Na resposta dada pela Diana (17 anos) ao cartão X, acontece algo similar, já que a dimensão de movimento é atribuída através do inquérito.

Ainda dentro desta categoria, encontramos duas respostas dadas pelos rapazes, as quais dizem respeito à atribuição de movimento a partes do corpo humano (kp), pelo que nos referimos a estas respostas em separado. No cartão III, a resposta foi dada pelo Nuno (17 anos): *“Em cima, a vermelho, parece-me um embrião”*, o que pensamos que pode estar ligado a uma reactivação das dificuldades de separação individuação descritas na literatura por Rausch de Traubenberg et. al. (1993), que associa esta questão com a perda de limites e com a destruturação da imagem do corpo. No cartão VII, o Pedro (13 anos) dá a resposta: *“Duas caras, uma a olhar para a outra”*, que revela um movimento curioso, quando comparamos com as respostas das raparigas, que dão conteúdos de figuras humanas inteiras (H).

E também, ainda aqui, encontramos respostas que nos dão conta de uma acção simples ou de uma postura que implica movimento entre figuras humanas irreais ((H)); estas respostas, ao contrário das anteriores, foram dadas nos cartões compactos. No cartão I, pela Marta (13 anos), e no cartão V, pelo Nuno (17 anos), tratando-se ambas de referências a figuras humanas aladas, *“com asas”*.

Nas respostas em que a acção simples ou a postura que implica movimento tem lugar entre os animais, encontramos um predomínio das respostas dadas pelos adolescentes mais novos. No cartão I, a resposta foi dada pela Marta (13 anos), e diz

respeito à banalidade: *“Parece um morcego a voar”*. No cartão VII, a resposta foi dada pelo Tiago (17 anos): *“Isto parecem dois coelhos”*. As respostas dadas nos cartões pastel VIII e X, fazem referência a *“bicho(s)”*, e também foram dadas pelos adolescentes mais novos; apresentam, igualmente associado, um determinante cinestésico (kan), que dá conta de um animal visto em movimento.

Por contraponto à categoria anterior, definimos a categoria – acção simples ou postura que não implique movimento. Aqui só encontramos respostas de interacção entre animais. No cartão II, a Diana (17 anos) dá a resposta: *“Ah! Já sei. São dois animais, assim com as mãos”*, na qual o movimento defensivo emergente, face à solicitação simbólica do cartão, se apresenta de uma forma adequada e adaptada. Já as respostas dadas pelo Pedro (13 anos) aos cartões IV e VIII, apresentam uma má qualidade formal (F–). No cartão IV, responde: *“Dois pinguins de costas um para o outro”*, e no cartão VIII, diz: *“dois hipopótamos”*. Estas respostas fazem-nos pensar num movimento mais regressivo, presente numa fase inicial da adolescência, e que posteriormente, com o avanço do processo adolescente, se transforma, dando lugar a interacções que impliquem movimento.

Na categoria – acção bilateral de carácter neutro, encontramos respostas, na subcategoria de figuras humanas e de animais. As respostas que dão conta de uma acção bilateral, de carácter neutro, entre figuras humanas, surgem apenas no cartão III, e são dadas predominantemente pelos adolescentes mais velhos. A evocação dá conta de *“duas pessoas”*, representação que é favorecida pelo carácter bilateral da mancha e pela configuração da mesma. Estas respostas encontram-se relacionadas com dois tipos de acções: por um lado, encontram-se *“frente a frente”* e, por outro lado, *“agarram algo”* ou *“puxam algo”*, ou seja, realizam uma acção igual e em conjunto. A título de ex., citamos a resposta dada pela Diana (17 anos): *“Isto parece que são duas pessoas que estão a puxar qualquer coisa, e estão frente a frente”*. Na resposta dada pela Marta (13 anos), chamamos a atenção apenas para o facto de a representação humana apresentar uma definição sexual – *“dois homens”*.

As respostas que nos dão conta da acção bilateral, de carácter neutro, entre animais, só aparecem nos protocolos dos rapazes mais novos, com uma maior incidência nos cartões compactos, em particular nos cartões IV e VI. Estas respostas apresentam uma má qualidade formal (F–), já que a mancha não se presta a uma apreensão bilateral, sendo desta forma que é abordada.

Tendo em conta as interacções que podem ter lugar na relação Eu-Outro, constituímos a categoria – interacção recíproca positiva, em que a interacção apresenta uma simetria na relação. Quando temos em conta este tipo de interacção entre figuras humanas, temos uma resposta dada pela Joana (17 anos) ao cartão III: *“Duas pessoas, talvez paixão”*, na qual encontramos, não só a representação de si face ao outro, dada pela representação dos personagens no negro da mancha, mas também a atribuição de uma emoção, a paixão, pela designação do vermelho *“os corações”*. Neste sentido, consideramos uma interacção positiva, já que faz alusão a um movimento relacional entre Un(s) e Outro(s), e que tem lugar no decorrer do processo de desenvolvimento adolescente.

Na categoria que nos dá conta da interacção recíproca positiva entre animais encontramos uma resposta dada pelo Pedro (13 anos) ao cartão X: *“Duas aranhas a fazer uma teia”*; aqui encontramos presente uma interacção conjunta – Um e Outro – trabalham para um mesmo objectivo – uma interacção conjunta que, tendo em conta o carácter dispersivo deste cartão, pode dar conta de uma procura de unificação, de ligação entre os vários elementos que o constituem.

Na relação que se estabelece entre o Eu e o Outro, podemos encontrar um movimento de interacção de Um para com o Outro, na qual pode existir uma acção de Um sobre o Outro, em que está presente um desequilíbrio de Um em relação ao Outro. Foi para dar conta deste movimento que surgiu a categoria – interacção activa/passiva não agressiva. Nesta categoria só encontramos respostas que nos dão conta deste tipo de interacção entre animais, com uma resposta dada pelo Pedro (13 anos) ao cartão VIII, mas onde a interacção activa/passiva só pode ser compreendida, quando temos em conta o movimento das duas respostas que são dadas neste cartão: primeiro, *“dois hipopótamos”*, a que se segue, *“com duas lagartixas em cima deles”*.

Por fim, constituímos uma categoria que nos dá conta do desconhecido, daquilo que por não ser conhecido, suscita no sujeito o desejo de conhecer, e que é comunicado através de respostas claro obscuro (Clob), em que está presente uma tonalidade emocional disfórica, com um predomínio de sentimentos de perigo, de ameaça ou de destruição, reveladores de uma grande angústia. Nesta categoria inscrevemos apenas respostas dadas pelos adolescentes mais novos, com uma maior incidência de respostas dadas pelas raparigas. O conteúdo comum a todas as respostas é o “monstro”, ou seja, a representação que aqui inscrevemos é a de uma

figura humana irreal, sobrenatural ou de lenda. Enquanto que nos cartões compactos (I e IV) encontramos uma apreensão global da mancha (G), nos cartões pastel (VIII e X), a apreensão foi feita com a integração do branco (Gbl).

Nesta categoria, os rapazes mais novos apresentam uma maior projecção no cartão I, o que poderá estar ligado a uma sensibilidade de mutilação, que os leva a projectar imagens carregadas de potência e de força. Por outro lado, as raparigas mais novas utilizam o cartão IV com o mesmo objectivo; mas aqui, a imagem de força dá-nos claramente conta de um movimento de identificação, em que a forte carga de angústia que surge associada ao conteúdo latente do cartão, está ligada à potência viril da imagem representada.

O Outro, na sua condição de complementaridade, pode ser compreendido no Rorschach, através dos organizadores representação das relações, tal como acabamos de explicitar e, através dos processos de transformação e de simbolização, que passamos a descrever, ilustrando estes movimentos com algumas das sequências de respostas dadas pelos adolescentes.

As transformações que têm lugar durante o processo de desenvolvimento adolescente, decorrem numa relação de ligação entre o mundo interno e o mundo externo, num movimento de união e de integração do que já é conhecido, porque vivido e experimentado, e do novo, do que ainda não foi vivido nem experimentado. No Rorschach, o sujeito vê-se confrontado com o ter de nomear o que à partida se apresenta sem um sentido, sem um significado; as manchas, desprovidas à partida de qualquer sentido, suscitam no sujeito um movimento de ligação e de separação, revelador da comunicação entre o mundo interno e o mundo externo, mas ligado e (re)criado na comunicação, agora feita ao Outro, na sua dimensão de Complementaridade, em que a lógica é a de (re)união do que Um tem e do que ao Outro falta.

Na relação de complementaridade está presente uma oscilação permanente entre os movimentos de dispersão e os de integração, numa sequência contínua até ao infinito. É com base neste movimento que surge o novo, o que é sujeito e não é sujeito, o que é objecto e não é objecto, mas que, por ser e não ser, é o lugar que fica disponível para novos sentidos e para novos significados. Trata-se de uma relação que completa, preenchendo, mas que ao mesmo tempo fica (in)completa, na medida em que existe um espaço disponível para novas procuras, para novos sentidos, para

ser (re)preenchido, para, de novo, dar lugar ao aparecimento de um Outro que o complementa.

Começamos por ilustrar este movimento do Outro Complementar, com uma resposta dada pela Marta (13 anos) ao cartão I, que é aquele que confronta o sujeito com o desconhecido, que é a entrada na situação de teste. *"Parece um morcego a voar"*, a resposta banal é dada, seguindo-se uma segunda resposta: *"Parece uma senhora assim com umas asas"*, no inquérito acrescenta *"... a senhora com as asas a voar"*. Nesta resposta encontramos presente a capacidade de integração entre Um e Outro, entre aquilo que é a particularidade do morcego, ter asas e voar, e aquilo que uma senhora não tem, que lhe falta, mas que aqui aparece (re)unido e (re)criado numa relação de complementaridade.

O cartão X é o último cartão a ser apresentado ao sujeito, pelo que desempenha um papel importante ao nível da transferência. Este cartão caracteriza-se, ainda, por apresentar uma grande dispersão, podendo as interpretações incidir mais nesta característica ou nas cores. O Pedro (13 anos) dá como primeira resposta a este cartão *"Duas aranhas a fazerem uma teia"*, seguindo-se uma outra resposta, *"em cima do cabelo de um homem de bigode verde"*. A primeira resposta dá-nos conta de um movimento de ligação entre duas partes do sujeito; podemos pensar numa ligação entre o feminino e o masculino, dada a interacção entre as duas manchas – a aranha, numa ligação ao feminino, com a teia, que é percebida numa parte da mancha, a qual possui uma conotação masculina. Uma relação complementar, uma teia que une, que liga, tal como o feminino e o masculino se ligam, se completam e se complementam. Na segunda resposta o movimento de identificação é mais evidente: *"um homem"*, uma procura de sustentação da sua identidade, pois é esta que lhe vai permitir, posteriormente, realizar a procura do feminino, do Outro Complementar.

Nos protocolos dos adolescentes mais velhos, escolhemos a resposta da Diana ao cartão X, para podermos ilustrar o Outro na sua dimensão de Complementaridade. Numa primeira resposta diz: *"Isto parecem-me dois bichos"*, centrando-se no grande detalhe cinzento superior da mancha, que possui uma conotação fálica, que não lhe passa despercebida no inquérito onde justifica os dois bichos pelas *"antenas"* e pelos *"cornos"*. O movimento seguinte dá-nos conta de um movimento de identificação: *"Aqui parece uma cara com um bigode"*. A possibilidade de se reconhecer como íntegra e separada do Outro, leva à procura do diferente, numa relação complementar entre o feminino e o masculino. Por fim dá a resposta, *"V\ aqui parecem dois"*

bichos”, fazendo referência aos grandes detalhes azuis da mancha, que possuem uma conotação predominantemente feminina.

Dentro da dimensão do Outro Complementar, vamos procurar ilustrar esta dimensão no cartão III, nos protocolos dos adolescentes mais velhos, nas respostas dadas pelo Nuno e pela Joana. O cartão III apresenta uma configuração bilateral, e a disposição da mancha sugere duas silhuetas humanas, numa representação do sujeito face ao Outro. Neste cartão, o Nuno começa por dar a resposta que reenvia para o interior do corpo – *“Aqui, na zona central a vermelho, parecem os pulmões”*, seguindo-se a resposta banal *“aqui, nas zonas laterais, parecem duas pessoas a agarrarem em algo, talvez um saco. É só.”*. Assistimos a um movimento de ligação entre o mundo interno e o mundo externo, entre o dentro e o fora, que aqui aparecem ligados, (re)unidos. Esta reunião possibilita um movimento de construção do adolescente, permitindo-lhe separar, e ao mesmo tempo ligar, o interno e o externo, o dentro e o fora. Assim, surge a última resposta dada: *“Em cima, a vermelho, parece-me um embrião”*. Esta resposta pode ser pensada simbolicamente, numa articulação com as anteriores, ou seja, os pulmões sustentam um corpo em crescimento e em transformação, que agora surge sexuado, capaz de gerar um novo ser, um embrião.

Este movimento de ligação entre o que Um tem e o que o Outro deseja, também é visível na resposta dada pela Joana ao cartão III: *“Duas pessoas, talvez paixão”*, onde encontramos uma relação de ligação entre o Eu e o Outro, uma procura do Outro como Complementar ao Eu, para a vivência de um sentimento muito presente durante o processo de desenvolvimento adolescente, a paixão, o amor, ao qual nos referimos com a alusão às palavras do poeta...

*“O amor sempre teve asas,
como a noite tem estrelas;
umas vezes voa alto,
outras vezes ... é só vê-las.”*

Sena, J. (op. cit., pp. 325) Vol I

X. DISCUSSÃO E INTERPRETAÇÃO

O objectivo deste estudo prende-se com o conhecimento das várias dimensões que o Outro apresenta na relação com o Eu. Neste estudo, destacamos três dimensões que consideramos pertinentes: o Outro Igual, o Outro Diferente e o Outro Complementar.

Os resultados encontrados na realização deste trabalho não pretendem revestir-se de carácter generalizável, no entanto, iremos descrever os aspectos que encontramos nos protocolos dos adolescentes que participaram neste estudo, e que apresentam traços que consideramos relevantes para o estudo do processo de desenvolvimento adolescente.

Para procedermos à análise das diferentes dimensões do Outro como Igual, como Diferente e como Complementar no Rorschach, definimos, por um lado, os organizadores clássicos, ligados à representação de si e à representação das relações e, por outro lado, os processos de transformação e de simbolização. Agora torna-se importante poder reunir os diferentes aspectos encontrados, de forma a podermos fazer uma ligação com os modelos teóricos, no sentido de podermos encontrar novas formas de (re)pensar o desenvolvimento adolescente.

1. Dos Parâmetros: Representação de Si e Representação das Relações

1.1. O Outro Igual

Dentro do organizador representação de si e representação das relações, constituímos, como parâmetros de análise para a dimensão do Outro Igual, a identidade e o investimento da imagem de si, que implica um reconhecimento entre o sujeito e o objecto, ou seja, que tenha decorrido o processo de individuação e de diferenciação, através do qual é possível a separação. Este processo é passível de ser observado através das respostas que dão conta da unidade, presentes nos cartões compactos. Nestes cartões, encontramos respostas que nos dão conta da existência do sujeito, como íntegro e separado do Outro. Os objectos referidos pelos adolescentes, dão conta de uma apreensão global da mancha e são predominantemente de boa qualidade formal.

Nos cartões compactos, destacamos o facto de não encontrarmos respostas ao cartão V, inscritas nas categorias que definimos para a dimensão do Outro como Igual, tendo sido dada apenas uma resposta adicional. O facto de não encontrarmos neste cartão, respostas, nestas categorias, poderá significar que já existe uma boa representação da imagem de si, já que este é o cartão privilegiado para as representações referentes à identidade e aos processos de identificação.

Dentro dos cartões compactos, a maior concentração de respostas dadas nas categorias da dimensão do Outro Igual foi no cartão VI, onde os adolescentes recorreram à resposta banal, o que nos dá conta da existência de uma integridade e de uma capacidade de separação em relação ao Outro. No cartão I, o maior número de respostas é dado pelos rapazes mais novos, e encontramos presente uma reacção ao impacto ansiogénico provocado pelo cartão, mais nas raparigas mais novas, o que, de acordo com Marques (1993), revela falhas ao nível da integridade corporal, podendo deixar emergir a ferida, o que se torna mais credível, se tivermos em conta a integração do branco nestas respostas.

Os cartões bilaterais, pela sua configuração em espelho, favorecem o aparecimento de respostas que nos dão conta de uma problemática de ordem

narcísica, mas que nem sempre põe em causa a identidade do sujeito. Nos protocolos dos adolescentes que estudamos, são as raparigas que apresentam uma maior sensibilidade às representações em espelho, o que é mais visível nas respostas dadas ao cartão VII, nas quais predominam as figuras humanas inteiras, vistas em espelho. Os rapazes também são sensíveis a este tipo de representação; no entanto, nas suas respostas encontramos mais referência ao universo animal ou a partes de figuras humanas.

No cartão II, as respostas às categorias do Outro Igual inscrevem-se em maior número na sensibilidade ao branco, onde o detalhe branco central é percepcionado de uma forma global ou parcial, suscitando respostas, nas raparigas, mais ligadas a uma representação de potência, dando-nos conta de um movimento mais pulsional e, nos rapazes, predominam as respostas de má qualidade formal, com temáticas ligadas ao corpo. No cartão III, a sensibilidade ao branco acaba por se traduzir em respostas de má qualidade formal e, na sua abordagem em grande detalhe, surgem respostas com conteúdos de anatomia.

Os cartões pastel, pela intensa regressão que podem induzir, também solicitam intensamente o narcisismo dos sujeitos. Nas categorias ligadas ao Igual, destacamos no cartão VIII, a abordagem em espelho, que é favorecida pelos detalhes laterais da mancha em relação ao centro. No cartão IX, a abordagem que domina, em particular nos rapazes, prende-se com a integração do branco nas respostas que, na sua maioria, são de má qualidade formal. O cartão X favorece o aparecimento de respostas em espelho, mas também de respostas que procuram a integração e a ligação dos vários elementos que constituem a mancha.

Depois de termos realizado a análise das diferentes categorias definidas para o Outro Igual no Rorschach, consideramos que existem algumas que são fundamentais; outras podem agrupar-se, de modo a podermos constituir uma grelha de análise para esta dimensão no processo de desenvolvimento adolescente. Neste sentido, consideramos como fundamental a categoria – sensibilidade ao branco, já que estas respostas traduzem uma sensibilidade narcísica, dando conta de um retraimento pulsional narcísico. Este movimento apresenta uma grande importância durante o processo de desenvolvimento adolescente, nomeadamente na procura que o adolescente realiza de novos objectos.

No Rorschach, a sensibilidade ao branco é maior nos cartões bilaterais e nos cartões pastel, onde existe uma maior procura de integração e de ligação entre os

vários elementos que constituem a mancha. Estes cartões solicitam de uma forma intensa o narcisismo dos sujeitos, em especial os cartões pastel, por serem aqueles que suscitam uma regressão mais intensa. As respostas que inserimos nesta categoria, apontam neste sentido, uma vez que predomina a má qualidade formal e a utilização de conteúdos mais regressivos. Estas respostas vão ao encontro do que Chabert (1983/1988) descreve como o aparecimento de imagens que nos dão conta de uma insuficiência no suporte objectal, que por sua vez estão ligadas a uma insuficiência no investimento de si, a qual nos dá conta de uma vivência de insatisfação e de falta que é vivida na relação precoce com o meio.

No modelo freudiano, a noção de narcisismo originário corresponde às primeiras fases do desenvolvimento. Freud (1915/1989) descreve um narcisismo auto-erótico, durante o qual o ego é investido pulsionalmente e é capaz de satisfazer as pulsões só por si. Esta fase narcísica, mais tarde vai dar lugar a uma fase objectal em que podemos encontrar relações entre o ego e o objecto. À medida que o objecto passa a poder ser investido de amor e de ódio, ele passa a ser considerado um agente de Eros – o princípio de união e de integração que opera uma passagem para o registo da ligação, pelo que a relação com o Outro decorre no sentido da procura do objecto; deste modo, o Outro Igual é aquele que vai permitir unir e integrar.

De acordo com Green (1997/2000), deixamos o registo de pulsões de vida vs. pulsões de morte, para passarmos para um registo da ligação, no qual se torna possível pensar a relação face ao Outro. Encontramo-nos perante a libido que procura prazer, mas também um objecto, ou seja, a sua função é a de assegurar a ligação entre o prazer e o amor.

A adolescência é o período do desenvolvimento em que é possível viver o encontro com o objecto heterossexual, o que possibilita o abandono das posições narcísica e bissexual; torna-se assim possível viver o amor heterossexual, sendo este acompanhado por um aumento do narcisismo, o que, para Blos (1962/1998), representa uma fase positiva no processo de renúncia definitiva dos primeiros objectos de amor, ou seja, quando a gratificação narcísica, proveniente dos pais, deixa de estar presente, o ego passa a ser investido por uma libido narcísica que é retirada dos pais internalizados. Desta forma, o narcisismo encontra-se ao serviço do desenvolvimento, ligado com o encontro do objecto heterossexual.

Os cartões Rorschach, pelas suas características perceptivas, favorecem o aparecimento de imagens em espelho, sendo esta uma segunda categoria que

consideramos importante ter em conta para a análise do Outro Igual durante o processo de desenvolvimento adolescente; durante este, as imagens em espelho apresentam, por um lado, uma ligação directa às questões do narcisismo e, por outro lado, uma relação com o grupo dos pares.

Durante o processo de desenvolvimento adolescente, é notória a passagem que ocorre do grupo dos pais/família para o grupo dos pares/iguais, onde se revelam as diferenças, nas ideias e nos ideais, nas formas de estar, de ser e de pensar. O grupo desempenha um papel muito importante durante a adolescência, uma vez que surge como um meio que possibilita a autonomia psíquica e a maturidade emocional, ao mesmo tempo que funciona como um espaço privilegiado para o adolescente consolidar a sua identidade. É neste sentido que consideramos importantes as respostas que se inserem dentro da categoria – imagens em espelho, onde são evocadas representações com figuras humanas ou com animais, as quais dizem respeito à procura que o adolescente realiza da sua identidade.

Nesta categoria também encontramos uma maior inscrição das respostas dadas pelos adolescentes nos cartões bilaterais e nos cartões pastel. Os cartões bilaterais, pelas suas características, favorecem o aparecimento de imagens em espelho, que só por si podem suscitar o aparecimento de imagens narcísicas, mas que nem sempre põem em causa o processo de construção e de consolidação da identidade que se encontra a decorrer.

Para Anna Freud (1958), a libido que se libertou do investimento das figuras parentais, durante o período da adolescência, leva o adolescente a passar por um período de luto, o qual é fundamental para que possa decorrer uma procura de novos investimentos. Deste modo, a libido fica disponível para poder ser transferida para os substitutos parentais, onde se destacam os grupos dos pares que assumem um papel muito importante durante este período do desenvolvimento.

É através das relações com os pares, com os iguais, que o adolescente se constrói como Um igual, com toda a sua diferença de ideias e de ideais, de formas de ser, de estar, de sentir e de pensar. O grupo surge, assim, durante o período de desenvolvimento adolescente, como um espaço privilegiado para o adolescente consolidar a sua identidade. Aqui estabelecem-se relações que espelham partes do Eu adolescente na relação com o(s) Outro(s) adolescente(s). O grupo funciona, tal como Meltzer (1973/1979) o descreve, como um lugar onde decorre a disseminação das partes do Eu, o que alivia a confusão, a onipotência e a ansiedade persecutória.

O modelo freudiano colocava as questões em termos pulsionais, enquanto o modelo kleiniano coloca a questão em torno do objecto; é neste sentido que Klein modifica o conceito de narcisismo primário e estabelece a existência de relações de objecto internas, inerentes ao narcisismo. Assistimos a uma alteração da designação inicial de libido narcísica e de libido de objecto, e passamos para a designação de relação com os objectos internos e com os objectos externos.

Ao termos em conta as características que o objecto pode apresentar, definimos algumas categorias para dar conta da sua dimensão interna/externa e inteira/fragmentada. Depois de termos realizado a análise das respostas dadas pelos adolescentes aos protocolos de Rorschach, consideramos que podemos agrupar algumas das categorias que descrevemos, de modo a constituirmos categorias mais abrangentes e mais explícitas para a dimensão do Outro Igual no Rorschach. Neste sentido, consideramos útil a junção das categorias – objectos inteiros e objectos externos, uma vez que as respostas que dão conta da integridade do objecto associam-se a objectos externos, dando agora origem a uma nova categoria para a nossa grelha de análise que designamos por – objectos externos percebidos de forma inteira. Dentro desta categoria, mantemos a sub-categoria que construímos para dar conta das características narcísicas dos objectos externos, mas que agora passa a dar conta desta particularidade, para os objectos externos percebidos de forma inteira.

Esta categoria pode ser fundamentada com base nos trabalhos desenvolvidos no modelo das relações de objecto, em particular através dos trabalhos desenvolvidos por Klein (1930/1996), nos quais defende que a percepção dos outros reais funciona como um suporte para a projecção das imagens do objecto na criança, ou seja, as primeiras relações de objecto que a criança estabelece, são relações com imagens de partes do corpo; mais tarde, estas imagens assumem o aspecto dos objectos reais do mundo exterior. As pulsões da criança, quer as de amor, quer as de ódio, vão ser dirigidas para estas imagens, e servem de suporte, até que as experiências posteriores tenham lugar.

A autora defende a existência de duas posições no decorrer do desenvolvimento, sendo na passagem da posição esquizoparanoide para a posição depressiva, que ocorre um movimento importante no que diz respeito à constituição do objecto interno, ou seja, existe uma passagem de uma relação com o objecto parcial, para uma relação com o objecto total, possuidor de características boas e más. Esta

passagem tem subjacente a utilização de mecanismos de projecção e de introjecção, que permitem que se estabeleçam relações dentro do próprio sujeito, ou seja, são eles que constituem o interior do sujeito (Klein, 1940/1996).

O mundo interno constrói-se na relação com o mundo externo, numa relação de ligação e de (re)união de Um e de Outro, e de Um com o Outro; assim, surgem também as respostas dadas nos cartões Rorschach. Nesta categoria, encontramos uma maior inscrição das respostas nos cartões compactos, nas quais encontramos presente uma apreensão do todo, da unidade, em que as respostas predominantes possuem uma apreensão global da mancha, permitindo deste modo o reconhecimento do objecto como total, dando-nos conta da diferenciação entre o sujeito e o objecto. Neste sentido, as respostas revelam, por um lado, a existência de uma dinâmica relacional claramente estabelecida e, por outro lado, a existência de um espaço psíquico, bem definido e bem delimitado, entre o sujeito e o objecto.

Durante o processo de desenvolvimento adolescente, o grupo dos pares desempenha um papel importante na delimitação e na constituição do que é o mundo interno e do que é o mundo externo, entre o que se passa dentro e o que tem lugar fora, no grupo, entre os pares, entre os iguais, com toda a sua diferença, numa relação de ligação e de oscilação entre o Eu e o(s) Outro(s).

A constituição do objecto interno torna-se fundamental para o desenvolvimento do mundo interno do sujeito; neste sentido consideramos importante, para a dimensão do Outro Igual, a categoria – objectos internos, na qual inscrevemos as respostas com referência ao interior do sujeito, ou seja, respostas com conteúdos de anatomia e abstractos. As respostas que inscrevemos nesta categoria, apresentaram uma maior incidência nos cartões bilaterais, em especial no II e no III, em que existe a integração do vermelho, que reenvia para as pulsões agressivas e/ou libidinais. Nestes cartões, por vezes, torna-se difícil diferenciar os mecanismos de identificação projectiva, no sentido em que a diferenciação entre o sujeito e o objecto é fantasmaticamente abolida, sendo as modalidades narcísicas que pressupõem a continuidade e a distinção entre o sujeito e o objecto.

No desenvolvimento normativo, o objecto inicialmente é percebido de uma forma parcial, passando posteriormente a ser percebido como um todo; deste modo, assistimos à passagem da posição esquizoparanoide para a posição depressiva, descrita por Klein, na qual decorre a introjecção do objecto, em que os aspectos bons

e maus do objecto, que antes tinham que estar separados, passam agora a poder estar reunidos, o que possibilita uma melhor integração do ego.

Enquanto, para Klein, os objectos internos se estabelecem no início da vida, constituindo o mundo interno, para Fairbairn, os objectos internos são substitutos compensatórios para as relações insatisfatórias com os objectos externos, reais e primários da libido, o que significa que os objectos internos derivam das experiências da criança com os seus pais reais. Por sua vez, Winnicott (1971/1975) defende que, quando o objecto externo se apresenta como inadequado, o objecto interno deixa de fazer sentido, o que, por consequência, leva a que o objecto transicional deixe de ter sentido. Assim, o objecto transicional não fica sob um controle mágico, como o objecto interno, mas também não fica fora de controle, como acontece à mãe real. Assim, concebe o objecto interno, como sendo uma representação mental.

Durante o processo de desenvolvimento adolescente, decorre uma (re)organização de objectos internos, surgindo agora o objecto externo com uma grande importância, uma vez que é através da relação que tem lugar fora, com o(s) Outro(s), que o adolescente organiza o seu Eu. Assistimos a uma transição, a uma passagem de um estado de dependência do Outro, para um estado de maior autonomia do Próprio, no qual a dependência é relativa, o que permite a instalação do sentimento de continuidade de existir.

Nos procedimentos de análise que definimos anteriormente, constituímos a categoria objectos fragmentados, por contraponto à categoria que nos daria conta do carácter inteiro dos objectos. As respostas dadas pelos adolescentes aos cartões Rorschach que se inscrevem nesta categoria, foram dadas nos cartões compactos, em particular no cartão VI, que se apresenta muito carregado de simbolismo sexual, evocando, por vezes, uma forte angústia.

Quando pensamos no desenvolvimento, de acordo com o modelo das relações de objecto, podemos inscrever a categoria – objectos fragmentados, na posição esquizoparanoide descrita por Klein (1946/1991), na qual predominam os processos de cisão em relação ao objecto, já que, quanto mais o objecto é sentido como estando separado, mais o ego corre o perigo de cindir-se, em correspondência aos fragmentos do objecto internalizado.

A adolescência caracteriza-se por ser um período durante o qual está presente uma turbulência, caracterizando-se esta pela presença de uma grande dispersão; mas é na medida em que podemos compreender este período com recurso ao modelo

continente-conteúdo, que passa a ser possível compreender a presença destes movimentos de dispersão e de integração, em que está presente um movimento de transformação e de (re)simbolização destes movimentos.

Os objectos podem não apresentar, ainda, uma definição exacta, ou seja, a sua constituição pode estar ligada ao movimento que decorre na passagem da posição esquizoparanoide para a posição depressiva, mas na qual o sujeito ainda não consegue aceder à posição depressiva. A categoria – objectos difusos, dá-nos conta desta dimensão do objecto; aqui inscrevemos as respostas que apresentam como determinante o esbatimento, e que se encontram associadas, de acordo com Chabert (1983/1998), com uma regressão formal, na medida em que estão relacionados com o modo de reacção pouco elaborado e uma regressão temporal, pela reactivação de experiências temporais antigas, ou seja, de experiências primárias.

No Rorschach, os objectos difusos foram mencionados em respostas dadas aos cartões compactos, onde se esperavam respostas que dessem conta da unidade, mas onde a representação do Eu surge de uma forma pouco definida, revelando uma fraca diferenciação na constituição da sua imagem, ou seja, da diferenciação entre o Eu e o Outro.

A primeira experiência relacional é aquela que tem lugar entre a mãe e o bebé, sendo na relação que se estabelece entre ambos, que é possível estruturar a constituição do objecto interno. Mas estamos a referir-nos aos objectos difusos, ou seja, aqueles que ainda não são a coisa em si mesma, que ainda não são representação. É neste sentido que consideramos importante o conceito de objecto transicional de Winnicott (1971/1975), uma vez que é ele que abre caminho para o domínio da representação, tal como aqui consideramos que as respostas que se inscrevem na categoria objectos difusos abrem caminho para a futura representação dos objectos. O conceito de objecto transicional abre caminho ao domínio da representação, no sentido em que o objecto não é verdadeiramente transicional, mas sim o representante de um estado de transição do bebé, de um estado em que se encontra fundido com a mãe, para um outro estado em que se encontra em relação com ela, como objecto externo e separado. É neste sentido que o conceito de objecto interno é concebido como sendo uma representação mental.

A categoria – objectos difusos, foi constituída tendo por base as primeiras experiências de *holding* e de *handling*, descritas por Winnicott, na relação que se estabelece entre a mãe e o bebé, a qual permite ao bebé a sua constituição como

íntegro e separado da sua mãe. Na relação que o bebé estabelece com a mãe, o autor descreve-nos o sentimento da continuidade de existir, que se encontra ligado às identificações primárias necessárias para o desenvolvimento do eixo narcísico do sujeito.

Nos procedimentos de análise, definimos a categoria elementos primitivos, para dar conta das temáticas mais regressivas que remetem para as primeiras relações de objecto, e a categoria botânica para inscrevermos as respostas que apresentam um carácter regressivo e que manifestam uma ligação directa a temas da natureza e de botânica. Agora, uma vez feita a análise das respostas dadas pelos adolescentes aos protocolos de Rorschach, consideramos que estas duas categorias podem ser reunidas, passando a designar-se a categoria por elementos da natureza.

Os cartões do Rorschach que suscitaram uma maior ligação a esta categoria, foram os cartões pastel, o que pode estar relacionado com a ligação directa que apresentam ao investimento da imagem de si, reveladora da relação precoce que o sujeito estabelece com o meio (Chabert, 1983/1998). As respostas que apresentaram uma ligação directa com os elementos da natureza, revelaram, por parte dos adolescentes, uma capacidade em acederem a uma representação de si íntegra e diferenciada; no entanto, a temática apresenta ainda um carácter regressivo, quando temos em conta o processo de desenvolvimento adolescente.

Para Bion (1962/1991), o crescimento é possível na medida em que continente e conteúdo se unem através das emoções, já que, quando estão separados e sem emoções se aproximam de objectos inanimados. Deste modo, tanto o continente como o conteúdo são modelos de representações abstractas de realizações psicanalíticas. Assim, surge a teoria que nos permite dar conta do desenvolvimento de pensamentos, a qual define a pré-concepção, como sendo a “ideia vazia” que pode ser pensada mas que não pode ser conhecida, e a concepção que resulta da união da pré-concepção com as impressões sensoriais apropriadas.

As respostas dadas aos protocolos de Rorschach, dão-nos conta da possibilidade de existir uma pré-concepção, ou seja, de a mancha funcionar como uma “ideia vazia” que se transforma em concepção, através da resposta dada pelo adolescente, à medida que ele liga a esta uma emoção. Nas respostas que se inscrevem na categoria elementos da natureza, esta possibilidade de ligação torna-se mais evidente, no sentido em que as temáticas que estão presentes apresentam um carácter mais regressivo.

Para que estes conteúdos mais regressivos possam ser pensados, é necessário existir um aparelho para pensar os pensamentos, tal como foi definido por Bion (1961), no qual a capacidade que o sujeito apresenta para constituir pensamentos, vai depender, em grande parte, da sua capacidade para tolerar a frustração. O modelo continente-conteúdo surge como um modelo para pensar os pensamentos, numa relação dinâmica entre continente e conteúdo, em que estão presentes movimentos de integração e de desintegração, de oscilação entre a posição esquizoparanoide e a posição depressiva. Na adolescência, o Eu é, à vez, continente e conteúdo, tal como o Outro, numa relação de ligação e de comunicação de Un(s) e de Outro(s) e de Un(s) com os Outro(s), numa relação de troca e de partilha.

Depois de termos procedido à análise das respostas dos protocolos de Rorschach, inserindo-as nas categorias definidas para a dimensão do Outro Igual, procuramos agora reunir as categorias que consideramos fundamentais para a análise desta dimensão do Outro, durante o processo de desenvolvimento adolescente. Assim surgem as primeiras categorias da nossa grelha de análise para a dimensão do Outro Igual, aqui apresentada, resumidamente, num crescendo evolutivo, em termos do desenvolvimento:

- Objectos fragmentados;
- Objectos difusos;
- Elementos da natureza;
- Objectos internos (respostas de anatomia e abstractas);
- Objectos externos percebidos de forma inteira;
 - Características narcísicas atribuídas aos objectos;
- Sensibilidade ao branco;
- Imagens em espelho de figuras humanas e/ou de animais.

1.2. O Outro Diferente

Para a análise do Outro Diferente, dentro dos parâmetros da representação de si e da representação das relações, consideramos o reconhecimento da diferença dos sexos e os modelos de identificação, como dois organizadores importantes no processo de desenvolvimento adolescente, já que, durante este, têm lugar

transformações, nomeadamente ao nível corporal, e que agora possibilitam uma nova vivência da sexualidade, através do corpo que agora surge dotado de características femininas ou masculinas.

Para que seja possível o reconhecimento da diferença dos sexos, é necessário que o adolescente seja capaz de reconhecer a imagem do seu corpo, de uma forma íntegra e unificada. Para Chabert (1983/1998), no Rorschach, são os cartões compactos que mais apelo fazem para a projecção do corpo, já que os cartões bilaterais podem suscitar o aparecimento de uma angústia de desintegração, no sentido em que as referências que oferecem não são estáveis, pelo que põem à prova as capacidades de unificação do sujeito.

Nos cartões compactos, o maior número de respostas que se inscrevem nas categorias do Outro Diferente, foram dadas como resposta ao cartão V, que é considerado o cartão da identidade e da representação de si; é de salientar que a categoria que apresenta um maior número de respostas neste cartão, é a do masculino, para as referências feitas a animais, para os rapazes mais novos, e a do feminino, com referência a animais, para as raparigas mais novas, o que nos dá conta da existência de um movimento de identificação, ou seja, de uma estruturação adequada ao nível da constituição da identidade psíquica do sujeito.

O cartão VI, apesar de não reenviar muito directamente para a imagem do corpo, encontra-se muito carregado de simbolismo sexual e, apesar de apresentar uma dupla referência ao masculino e ao feminino, a dimensão fálica/masculina é aquela que é evocada mais frequentemente, apresentando as respostas uma oscilação entre os movimentos de actividade e os de passividade. Nos protocolos dos adolescentes que aceitaram participar no nosso estudo, encontramos uma maior inscrição de respostas neste cartão, nas categorias que descrevemos para o Outro na dimensão de Diferente, por parte dos rapazes mais velhos, cujas as respostas dadas, dão conta de um movimento de ligação entre a dimensão activa e a dimensão passiva do cartão, revelando-nos a sua capacidade de integração das diferentes solicitações simbólicas apresentadas por ele.

No cartão I, encontramos respostas cotadas como banalidade, que nos dão conta da integração correcta da unidade do corpo. O cartão IV é o que apresenta um menor número de respostas com inscrição nas categorias que definimos para o Outro na condição de Diferente; mas, as que surgem, estão ligadas, por um lado, a imagens de

potência, pelo que foram inscritas na categoria – imago paterna e, por outro lado, estão ligadas a referências que são feitas sem referência sexual.

É nos cartões bilaterais que a representação do corpo é fortemente posta à prova. O cartão II suscita uma maior abordagem pelos adolescentes mais novos e pelos rapazes mais velhos; o mesmo acontece com o cartão III, com a diferença de neste caso, a abordagem ser feita pelas raparigas mais velhas. No cartão VII encontramos uma dificuldade por parte das raparigas em utilizar este cartão como suporte identificatório, o que vai ao encontro dos trabalhos desenvolvidos por Rausch de Traubenberg et. al. (1993), já que encontramos respostas que nos dão conta da possível reactivação de uma problemática de fusão, na qual a relação dual parece ser acompanhada de uma forte carga fantasmática, com inscrição num contexto arcaico, em que se inscrevem os fantasmas de relações simbióticas.

Os cartões pastel reactivam a representação de uma imagem do corpo num meio envolvente regressivo. Aqui, encontramos um maior predomínio de respostas, nas categorias que nos dão conta do Outro Diferente, em particular nos cartões VIII e X. O cartão VIII suscita as angústias referentes ao corpo, que pode ser vivido como inteiro ou como fragmentado em relação a um continente materno, pelo que consideramos curioso o facto de encontrarmos respostas dadas, por parte dos rapazes mais novos, na categoria – animal masculino, enquanto nos adolescentes mais velhos, rapazes e raparigas, encontramos uma inscrição na categoria – animal sem referência sexual. Este movimento pode estar relacionado com os processos de construção da identidade psíquica, presentes durante o processo de desenvolvimento adolescente. O cartão X, pelas características do percepto, põe à prova as capacidades do sujeito de unificação corporal; é o que acontece, em particular por parte dos adolescentes mais velhos, cujas respostas incidem na estruturação de um rosto, ou seja, na procura de uma identidade, masculina ou feminina.

O cartão IX apresenta um grande simbolismo materno/feminino, mas curiosamente, encontramos mais respostas que se inscrevem na categoria – imago paterna, para a dimensão do Outro Diferente, com uma maior incidência nas respostas dadas por parte das raparigas, cujas respostas revelam um forte dinamismo pulsional.

Para podermos proceder à análise da dimensão do Outro na condição de Diferente, durante o processo de desenvolvimento adolescente, constituímos algumas categorias de análise que agora passamos a descrever como constitutivas de uma

grelha de análise para a dimensão do Outro Diferente. Assim, consideramos como fundamentais as categorias – masculino e feminino, dando conta quer de figuras humanas, quer de animais, podendo ser irreais, sobrenaturais ou de lenda, e ser apreendidas de forma inteira ou parcial.

Na categoria masculino, inscrevemos um maior número de respostas, por parte dos rapazes, nos cartões compactos (V e VI), enquanto que, nas raparigas, a inscrição surge nos cartões bilaterais, e é dado mais através de referências feitas a figuras humanas. Na categoria feminino, existe uma inversão, ou seja, encontramos uma maior inscrição de respostas nos cartões compactos, por parte das raparigas, em especial no cartão I e no V, não sendo tão notório o investimento, por parte dos rapazes, nos cartões bilaterais, ainda que tenham sido dadas algumas respostas.

A constituição do masculino e/ou do feminino, quando nos inscrevemos nos modelos clássicos, nas concepções freudianas, do desenvolvimento, tem lugar no contexto da identificação, que, num primeiro momento, corresponde à ligação que se estabelece com um objecto, ou seja, com outra pessoa, e desempenha um papel importante na pré-história do complexo de Édipo. Num segundo momento, a identificação torna-se sucessora da vinculação ao objecto libidinal, o que só é possível através da introjecção do objecto no ego, momento a partir do qual o ego assume as características do objecto. Na teoria freudiana, a identificação passa a ocupar um lugar de extrema importância, já que permite descrever a noção da sexualidade, ou seja, da constituição do masculino e do feminino, em termos do funcionamento psíquico.

Para Freud (1905/1989), a entrada na puberdade dá lugar ao aparecimento da sexualidade genital; assim, a pulsão que anteriormente era auto-erótica, agora encontrou um novo objecto sexual, ou seja, antes existia uma bissexualidade psíquica, que se altera com a entrada na adolescência, possibilitando uma organização sexual definitiva que vai permitir ao adolescente a escolha do masculino ou do feminino. No início da adolescência, assistimos a uma diferenciação inevitável, a partir do momento em que têm lugar a eclosão pubertária. Nos modelos clássicos, de inscrição freudiana, a questão era a de ter ou a de não ter; mas, ao ser compreendida através dos modelos relacionais, passa a poder ser entendida numa lógica de ligação, de união e de integração, que só é possível a partir do momento em que se aceita o princípio de incompletude de Um e do Outro, para se poder realizar uma procura complementar.

Na adolescência têm lugar as escolhas dos primeiros objectos, masculinos ou femininos, que por sua vez vêm possibilitar a realização das identificações, o que só é possível depois do abandono da posição narcísica e bissexual, com o encontro do objecto heterossexual, que vai dar lugar à constituição da identidade genital adulta, masculina ou feminina. O adolescente procede ao abandono do objecto antigo, para procurar um novo objecto; deste modo realiza o que Blos (1962/1998) designou por um processo de “luto”, que consiste no abandono dos pais edípicos e no “estar apaixonado”, que está ligado à expressão do amor durante este processo de desenvolvimento. Neste sentido, encontramos uma procura do Outro como complementar, dotado de um sexo diferente.

A condição de diferente remete-nos para a questão da alteridade, o que significa que a sexualidade está sempre ligada a uma certa forma de alteridade, na medida em que implica a ideia de um objecto que falta ao corpo do sujeito. Assim, o Outro só pode ser constituído, na medida em que antes existe um Eu, permitindo a sua constituição, a delimitação do espaço Eu-Outro (Green, 1997/2000).

Quando nos inscrevemos na teoria das relações de objecto, a relação com o objecto decorre através de movimentos de projecção e de introjecção. Para Klein (1946/1991), o sujeito guarda em si as partes clivadas do objecto, boas ou más, tal como as projecta no Outro, projectando-as para o interior do corpo da mãe, que é vivida como uma extensão do corpo do próprio. Bégoïn-Guignard (1989) defende a existência de um espaço do Édipo precoce, constituído com base nos movimentos de projecção e de introjecção, e que surge como herdeiro da relação de objecto estruturado, aquando da aquisição da posição depressiva, e que dá lugar às primeiras identificações com os objectos.

Ao longo dos tempos, a constatação da existência dos dois sexos tem levado a que o feminino seja descrito na relação com o masculino, surgindo desqualificado, já que, ao longo dos anos, tem sido dada uma maior importância ao masculino. No Rorschach, o masculino e o feminino surgem ligados em cada uma das manchas, sendo pedido ao sujeito que realize um trabalho de ligação, mas ao mesmo tempo de separação, entre o masculino e o feminino, surgindo no final a resposta, como um produto final onde os elementos emergem (re)criados, dotados de novos sentidos e de novos significados.

Consideramos ainda que é importante a inclusão na nossa grelha de análise, para os protocolos de Rorschach de adolescentes, das categorias que dão conta da

representação da imago paterna e da imago materna, uma vez que estas se encontram relacionadas com a aquisição de uma identidade, masculina ou feminina, e por apresentarem uma grande importância na estruturação do Outro na condição de Diferente, durante o processo de desenvolvimento adolescente.

No Rorschach, nas respostas dadas pelos adolescentes que participaram neste estudo, encontramos uma maior inscrição da categoria imago paterna nos cartões compactos, por parte dos adolescentes mais novos, e nos cartões pastel, por parte dos adolescentes mais velhos, principalmente, por parte das raparigas. Na categoria imago materna inscrevemos um menor número de respostas, surgindo aqui uma forte ligação ao estímulo cor, quer do vermelho dos cartões bilaterais, quer dos tons pastel do último cartão.

Na teoria freudiana, considerava-se a existência de uma bissexualidade psíquica e, no que se refere à noção de imago, esta era considerada como sendo o protótipo inconsciente da personagem que orienta a forma como o sujeito apreende outrem, e portanto, a si mesmo, no que diz respeito à sua identidade sexual, ou seja, ao nível do sentimento de ser homem ou mulher. Para Birraux (1988), o materno abre o caminho para o feminino, enquanto o paterno abre o caminho para o masculino. O materno sexual diz respeito aos investimentos realizados pela mãe no seu próprio sexo e no sexo oposto, através da evocação das imagens sexuais bissexuais.

No final da adolescência espera-se que o adolescente tenha realizado uma aquisição da sexualidade definitiva, do masculino ou do feminino, constituindo um espaço psíquico onde se organizam as primeiras identificações, espaço que Bégoin-Guignard (1988) definiu como o do feminino primário.

A constituição de uma categoria que dê conta da não referência sexual, quer se trate de figuras humanas ou de animais, podendo ser irreais, sobrenaturais ou de lenda, e ser apreendidos de forma inteira ou parcial, encontra-se relacionada com esta não diferenciação, que se deve à bissexualidade psíquica, originalmente presente no desenvolvimento infantil. A maior incidência destas respostas no Rorschach, surgiu nos cartões bilaterais e nos cartões pastel. Enquanto as raparigas apresentam uma não referência sexual em figuras humanas inteiras, os rapazes dão respostas que fazem referência a partes de figuras humanas, sem uma atribuição sexual.

Freud (1923/1989) chama a atenção para as identificações objectais do Ego, uma vez que os efeitos das primeiras identificações que decorrem durante a primeira infância, apresentam um carácter mais duradouro, já que nos remetem para a origem

do ideal do ego, que esconde a primeira e a mais importante identificação do sujeito, a identificação com os pais, e que tem lugar antes do conhecimento definitivo da diferença dos sexos, quando ainda não existe uma diferenciação, ou seja, não existe uma distinção entre o pai e a mãe. Desta forma, defende que este tipo de identificação é directo e imediato e tem lugar antes de qualquer investimento objectal.

Para David (1973), a bissexualidade anuncia a diferença dos sexos, ou seja, a dualidade dinâmica contrastada aparece como um princípio comum, que vai permitir, mais tarde, a constituição de uma especificidade sexual. Deste modo, defende que a economia da sexualidade de cada sujeito assenta numa relação instável entre a afirmação da bissexualidade e a afirmação da especificidade sexual, sendo a oscilação entre o feminino e o masculino uma constante da nossa vida psíquica, que permite a elaboração da diferença sexual.

A Psicanálise, ao longo dos anos, tem vindo a realizar um caminho entre o biológico e o psicológico, procurando realizar não só uma compreensão do biológico, mas também dos processos psicológicos que se encontram associados. É neste percurso que se inscreve a concepção de Green (1997/2000), da sexualidade ligada a um forma de alteridade, no sentido em que existe um objecto que falta ao corpo do sujeito. Defende a existência de dois tipos de alteridade, mas aquela que aqui nos importa referir é a alteridade manifesta do Outro, que é necessária para realização do desejo.

Inicialmente, é na relação que se estabelece com a mãe, que é possível ao bebé colmatar as suas faltas; mais tarde, é a elaboração ilusória da dependência que permite constituir o não objecto, ou seja, é com base no negativo que eu posso pensar a diferença em relação ao Outro; no entanto, a diferença só pode ser pensada a partir da separação. Assim, a falta remete-nos para a possibilidade que temos de simbolizar, e nela o símbolo representa a relação com o ausente, sendo na relação que se estabelece com o ausente que se opera toda a comunicação (Dias, 1999).

A propósito do princípio da realidade descrito por Freud, Dias (2005) refere-se a este, como sendo o que separa o sujeito do outro em qualquer relação, sendo nessa separação que o sujeito se constrói; assim, *“o sujeito não se constrói com o outro, o sujeito constrói-se justamente porque o outro não está, não há nenhum outro senão aquele que eu sou capaz de construir dentro de mim, isto é, na relação que mantenho com o objecto interno”* (op. cit., pp. 94).

A possibilidade do adolescente de evocar figuras humanas ou animais, sem fazer referência ao masculino ou ao feminino, remete-nos, dentro da teoria do pensamento, para a relação que se estabelece entre continente e conteúdo, na qual encontramos presente uma relação entre a coisa e a não-coisa, sendo a capacidade de tolerar a não-coisa que permite o acesso ao pensamento, que suscita o aparecimento da noção de ausência do objecto. Desta forma, é perante a falta que surge a representação. Aqui deparamo-nos com a necessidade do adolescente de constituir um continente, um espaço para significar o que ainda não consegue pensar, o masculino/feminino; assim, a resposta surge ainda pouco definida, revelando-se, por vezes, um esboço do que poderá vir a ser, masculino ou feminino.

Depois de termos realizado a análise das respostas Rorschach, de acordo com as categorias de análise definidas para a dimensão do Outro Diferente, procuramos agora definir, de uma forma resumida, as categorias que consideramos fundamentais para a análise desta dimensão do Outro. Desta forma, podemos enumerar mais algumas categorias que podem fazer parte da nossa grelha de análise, agora para a dimensão do Outro Diferente:

- Imago paterna;
- Imago materna;
- Figuras humanas/animais sem referência sexual;
- Masculino;
- Feminino.

1.3. O Outro Complementar

Para podermos realizar uma análise do Outro Complementar, definimos como procedimentos a representação das relações, nomeadamente das relações de objecto de amor e de ódio, por serem as que se estabelecem entre o Eu e o(s) Outro(s), durante o processo de desenvolvimento adolescente. Para Chabert (1983/1998), os cartões bilaterais e os pastel são os privilegiados para este tipo de solicitação. Por um lado, os cartões bilaterais favorecem o aparecimento de imagens humanas ou animais, favorecendo a expressão de relações nas suas modalidades narcísicas ou objectais, agressivas e/ou libidinais. Por outro lado, nos cartões pastel, a presença dos

afectos pode estar ligada a experiências de contacto com o mundo e com o meio que rodeia o sujeito.

Nos cartões bilaterais encontramos um predomínio das respostas dadas pelos adolescentes mais velhos, o que pensamos poder estar relacionado com a expressão da relação de complementaridade na relação existente entre o Eu e o Outro, ou seja, com o que Um tem e com o que o Outro deseja ter, e que tem lugar numa relação de interacção recíproca, de reunião de Un(s) e de Outro(s). Enquanto no cartão II e no VII inscrevemos mais respostas na categoria que nos dá conta de uma acção simples ou postura que implique movimento, o cartão III suscita respostas que se inscrevem na categoria acção bilateral de carácter neutro.

Nos cartões pastel encontramos mais respostas dadas pelas raparigas, o que poderá estar relacionado com a sua maior capacidade em lidar com as solicitações simbólicas suscitadas por estes cartões, já que suscitam a emergência de emoções e de afectos, reactivando manifestações mais antigas, que dizem respeito a uma sensorialidade precoce, a uma vivência primária de prazer ou de desprazer, nos contactos primários.

Os cartões compactos são os que fazem menos apelo para a representação das relações; no entanto, surgem como muito importantes, quando temos em conta a categoria – desconhecido dado por respostas Clob, em que só encontramos respostas dadas pelos adolescentes mais novos aos cartões I e IV, o que nos leva a pensar que os adolescentes mais velhos já são capazes de transformar e de simbolizar o que de assustador lhes é provocado pela mancha. Mas sobre esses processos falaremos mais à frente.

Tendo em conta as categorias que definimos anteriormente para a análise da dimensão do Outro Complementar no Rorschach, é chegado o momento de as ordenarmos e explicitarmos, para podermos constituir mais algumas categorias para a nossa grelha de análise. Deste modo, consideramos que a categoria – acção simples ou postura que implique movimento, deverá ser considerada na medida em que dá conta da relação de interacção que está presente na relação Eu-Outro, durante o processo de desenvolvimento adolescente.

No Rorschach, o movimento é dado através das respostas cinestésicas, as quais são reveladoras da identidade do sujeito, na medida em que dão conta da possibilidade do sujeito se identificar a outro ser humano, reconhecendo as suas semelhanças e as suas diferenças. Quando este movimento ainda não se encontra

completamente definido, podem surgir respostas em que os processos de identificação são realizados com recurso a animais, ou a figuras humanas ou animais, irreais, sobrenaturais ou de lenda. Nestes casos encontramos-nos perante um processo de relação mais infantil, que posteriormente irá dar lugar às formas de relação mais adulta, as quais normalmente se traduzem pela interacção entre figuras humanas.

Nesta categoria encontramos subjacente uma relação de complementaridade entre o Eu e o Outro, na medida em que o movimento de Um é-lhe atribuído na relação que estabelece com o Outro. Assim, decorre um movimento de (re)união, de articulação e de ligação entre o Eu e o Outro, no qual se completam e se complementam. Durante o processo de desenvolvimento adolescente, assistimos a todo um movimento de procura de relação com o Outro, sendo um dos culminares dessa procura o encontro com o Outro, dotado de um outro sexo, com quem o Próprio estabelece uma relação de complementaridade.

Quando nos inscrevemos na teoria clássica, freudiana, a teoria da identificação apresenta um papel importante na descrição da sexualidade do sujeito. Neste sentido, a procura que o adolescente faz do seu complementar, pode ser descrita com base nesta teoria, na qual o Complexo de Édipo desempenha um papel importante, já que é a partir desta altura que é possível a introdução do Outro, dotado de diferentes qualidades, e que agora passa a ser reconhecido como um diferente, ou seja, passa a existir a possibilidade do reconhecimento dos dois como separados. É o reconhecimento da diferença que permite uma descoberta do que não se tem, da falta, e que leva à instauração do desejo, para uma posterior procura do Outro como Complementar, ou seja, como aquele que permite colmatar a falta e realizar o desejo. Aqui encontramos expressa uma alteridade, no sentido em que este Outro é em simultâneo um Outro estranho, mas também o Outro Complementar do desejo do Próprio.

Na adolescência a complementaridade dos sexos pode surgir como uma alternativa ao luto dos objectos edípianos, funcionando como um organizador psíquico para as mudanças que se encontram a decorrer, de entre as quais destacamos a imagem de si e a identidade género, o narcisismo e os ideais que se vão traduzir em novas representações (Birraux, 1990).

Nesta relação de complementaridade presente na relação entre o Eu e o Outro durante o processo de desenvolvimento adolescente, podemos fazer um paralelismo com o modelo de Bion, onde existe um continente Eu e um conteúdo Outro, no qual

decorre uma oscilação, entre continente e conteúdo, mas também entre conteúdo e continente, na qual a passagem de Um para o Outro é por si só transformadora e geradora de novos sentidos e de novos significados, e em que está presente o que Marques (2002) designou por “*uma conciliação, uma união, um recolocar do lugar de Um e do Outro e de Um no/com Outro*” (op. cit., pp. 70).

Tal como definimos nos procedimentos para a análise da dimensão do Outro Complementar no Rorschach, por contraponto à categoria na qual inscrevemos as acções simples ou posturas que implicam movimento, definimos a categoria – acção simples ou postura que não implique movimento, para referências feitas a figuras humanas ou a animais, podendo ser irreais, sobrenaturais ou de lenda.

As respostas dadas no Rorschach, com inscrição nesta categoria, fazem apenas referência a animais, e foram dadas maioritariamente pelos rapazes de 13 anos. Trata-se de respostas que apresentam uma má qualidade formal, com excepção da resposta dada pela Diana ao cartão II, a qual apresenta uma boa qualidade formal. Nesta resposta, dada por uma adolescente mais velha, é mais visível o movimento de relação e de complementaridade entre o Eu e o Outro, o que não é tão evidente nas respostas dadas pelos rapazes mais novos.

Tendo em conta os resultados encontrados nesta categoria, consideramos que ela apresenta pouca relevância para a dimensão de complementaridade do Outro, já que acentua e reforça a categoria masculino da dimensão do Outro Diferente. Consideramos que esta categoria pode ser pensada com recurso aos modelos do pensamento, mais precisamente através da existência de um continente e de um conteúdo, em que continente contém os conteúdos, mas onde não existe uma verdadeira possibilidade de transformação e de significação, ou seja, não existe ainda uma função alfa a funcionar. Assim, esta categoria surge como anterior à categoria que explicitámos antes e que diz respeito a uma acção simples ou postura que implique movimento.

A acção que tem lugar entre o Eu e o Outro, ainda pode ser dotada de diferentes características, ou seja, o tipo de interacção que se estabelece entre o Eu e o Outro pode ser diferente. Deste modo, consideramos importante definir algumas categorias na nossa grelha de análise, para darmos conta do tipo de interacção que pode decorrer entre o sujeito e o objecto, ou seja, entre o Eu e o Outro. Tendo em conta este movimento, podemos aqui inscrever três das categorias que definimos anteriormente para a dimensão do Outro Complementar: a categoria acção bilateral

de carácter neutro, a categoria interacção recíproca positiva e a categoria interacção activa/passiva não agressiva.

Na categoria acção bilateral de carácter neutro, inscrevemos as respostas dadas pelos adolescentes, que faziam referência a uma interacção que tem lugar apenas por uma das partes, ou seja, a acção é realizada pelo Eu ou pelo Outro. As respostas que inscrevemos nesta categoria foram dadas nos cartões bilaterais (II e III), quer por rapazes, quer por raparigas, tanto mais novos como mais velhos, o que revela uma certa homogeneização das respostas inscritas nesta categoria. De acordo com Chabert (1983/1998), os cartões bilaterais favorecem a expressão de relações nas suas diferentes dimensões; nas respostas que inscrevemos nesta categoria, a interacção teve lugar entre figuras humanas e entre animais, o que vai ao encontro do que foi descrito na literatura, pela autora.

Na categoria interacção recíproca positiva, está presente uma simetria na relação, ou seja, decorre uma relação de ligação e de (re)união entre o Eu e o Outro. Nesta categoria inscrevemos apenas duas respostas, uma de interacção entre figuras humanas, dada por uma rapariga mais velha como resposta ao cartão III, e outra entre animais, dada por um rapaz mais novo ao cartão X. Aqui destacamos o aparecimento dos cartões pastel, por permitirem uma apreensão do tipo de relação que o sujeito estabelece com o seu meio, na medida em que suscitam a emergência dos afectos.

Na categoria interacção activa/passiva não agressiva, a relação apresenta uma desigualdade entre o Eu e o Outro, sendo atribuído a Um o papel activo e ao Outro o passivo, numa relação em que está presente a reversibilidade, ou seja, quer o Eu, quer o Outro, podem ser activos/passivos. Nesta categoria, a única resposta que aqui inscrevemos foi dada por um rapaz, do grupo dos adolescentes mais novos, ao cartão VIII, em que a interacção decorreu entre animais, o que nos remete para um deslocamento para o mundo animal, mais infantil, deste tipo de interacção.

A relação de interacção que encontramos presente na relação entre o Eu e o Outro, na sua dimensão de Complementar, durante o processo de desenvolvimento adolescente, expressa-se de diferentes formas, tal como ilustram as categorias que acabámos de definir. Esta possibilidade de ligação e de interacção pode ser pensada com recurso às teorias da relação de objecto, nomeadamente aos trabalhos desenvolvidos por Klein, nos quais está presente uma relação de interacção entre a posição esquizoparanoide e a posição depressiva, fundamental para o desenvolvimento e para o crescimento do sujeito. Aqui encontramos presente uma

interacção, uma oscilação que surge como essencial para o desenvolvimento do sujeito.

Bion (1965/1984) desenvolve um modelo das transformações, o qual permite explicitar como é que se constituem novos objectos, a partir do encontro e da comunicação entre o sujeito e o objecto interno e externo. Aqui importa referir apenas o movimento de transformação que decorre no sentido do conhecer para o Ser (transformações de $K \rightarrow O$), através do qual o adolescente se transforma, podendo, à medida que se conhecer, dar-se a conhecer ao(s) Outro(s), numa relação de troca, de partilha, de Complementaridade entre Un(s) e/com o(s) Outro(s).

A adolescência é um período do desenvolvimento que se caracteriza pelo acontecer de todo um conjunto de mudanças e de transformações, quer internas, quer externas, reveladoras da relação de interacção que decorre entre o Eu adolescente e o(s) Outro(s) que o complementam. É neste sentido que este período tem vindo a ser pensado com recurso ao conceito de Bion, de mudança catastrófica, uma vez que é aquele que melhor descreve o que se passa durante este período, em que o equilíbrio está permanentemente a ser posto em causa, gerando um desequilíbrio, para o qual se procura um novo equilíbrio, num movimento de integração contínuo entre a desintegração e a integração, entre o antigo e o novo.

A categoria desconhecido dado por respostas Clob, é aquela que nos remete para uma dimensão mais arcaica da dimensão do Outro Complementar, no sentido em que as respostas que aqui se inscrevem são reveladoras de uma forte angústia, a qual podemos associar à falta, ao que o sujeito não tem mas que procura vir a ter, numa relação entre o que é conhecido e o que ainda é desconhecido, mas que se deseja vir a conhecer. As respostas inscritas nesta categoria foram dadas apenas pelos adolescentes mais novos, tendo existido uma maior incidência destas respostas nos cartões compactos.

A adolescência é o período do desenvolvimento que se caracteriza por apresentar toda uma relação com o desconhecido, com o novo e enigmático que procura a todo o custo ser conhecido na relação do sujeito consigo Próprio, mas também na relação que estabelece com o Outro, com quem se realizam trocas e partilhas de saber e de saberes desconhecidos, tornados conhecidos através dos movimentos de transformação que se encontram a decorrer entre o mundo interno e o mundo externo. O conceito de “conflito estético”, descrito por Meltzer (1988/1995), refere-se ao conflito entre o exterior conhecido e o interior desconhecido do objecto.

As respostas reveladoras do desconhecido, inscritas na categoria – desconhecido dado por respostas Clob, só foram encontradas nos protocolos dos adolescentes mais novos, o que nos leva a pensar que, durante o processo de desenvolvimento adolescente, existe a possibilidade de se constituir um espaço para pensar o desconhecido, um continente, onde o que surge de enigmático e de assustador pode ser transformado e (re)simbolizado, podendo ser comunicado sob a forma de novos objectos, portadores do antigo (re)criado.

De uma forma similar ao que aconteceu nas dimensões do Outro Igual e Diferente, surge agora a necessidade de reunir as diferentes categorias que definimos para a dimensão do Outro Complementar no Rorschach. Definimos, assim, mais algumas categorias que constituem a nossa grelha de análise, agora para a dimensão do Outro Complementar:

- Desconhecido dado por respostas Clob;
- Interacção activa passiva não agressiva;
- Interacção recíproca positiva;
- Acção bilateral de carácter neutro;
- Acção simples ou postura que não implique movimento;
- Acção simples ou postura que implique movimento.

2. Dos Parâmetros: Processos de Transformação e de Simbolização

O outro organizador que definimos para a análise das dimensões do Outro como Igual, Diferente e Complementar, nos protocolos de Rorschach, foi o dos processos de transformação e de simbolização. Este organizador inscreve-se nos modelos da relação, do crescimento e do pensamento, que se sustentam nas concepções de ligação e de transformação, as quais permitem o acesso a novas criações, ou seja, a novos símbolos, reveladores de novos sentidos e de novos significados.

O Rorschach surge perante o adolescente como um elemento da realidade externa, possuidor de características desconhecidas, indutoras de desequilíbrio, podendo toda a situação ser vivida como uma situação de turbulência, sentida como um ataque ao equilíbrio e à quietude, suscitando uma destabilização dos processos de significação. Face a esta situação, o sujeito vê-se confrontado com a necessidade de realizar um trabalho psíquico que possibilite reencontrar o equilíbrio que foi perdido, operando uma passagem do caos para uma situação de uma maior organização, o que só é possível através dos processos de transformação e de simbolização. Estes processos decorrem entre o mundo interno e o mundo externo, ou seja, entre o sujeito e o objecto, para que possa decorrer o trabalho de simbolização, no qual o sujeito realiza uma actividade de ligação, comunicação e transformação, e pelo qual ele passa a poder ser comunicado através das respostas Rorschach, reveladoras ao Outro da ligação e da transformação entre o interno e o externo, o dentro e o fora, agora (re)ligados e (re)criados, constituindo novos objectos, as respostas Rorschach.

2.1. O Outro Igual

Anteriormente, definimos os processos de transformação e de simbolização para a dimensão do Outro Igual no Rorschach, como sendo aqueles que durante o processo de desenvolvimento adolescente, revelam a existência de um espaço psíquico íntegro e delimitado entre o Eu e o Outro. Para que este movimento possa decorrer, é necessário que no interior do sujeito exista um continente, capaz de conter e de transformar o movimento de turbulência gerado pelas manchas, de forma a

poder atribuir-lhes um significado, um símbolo, resultante do trabalho de transformação e de simbolização que deu lugar à constituição do novo objecto.

Nos protocolos dos adolescentes que participaram no nosso estudo, encontramos uma maior incidência deste movimento, revelador da dimensão do Outro Igual, nas respostas dos adolescentes mais novos (13 anos), já que, nos protocolos dos adolescentes mais velhos (17 anos), este movimento é menos visível, uma vez que se encontra subjacente às outras dimensões que estudámos: o Outro Diferente e o Outro Complementar.

O processo de desenvolvimento adolescente implica que se façam, desfaçam e refaçam, ligações e relações, gerando-se uma possibilidade de encontro entre os elementos que são estranhos e os que são familiares, numa relação de encontro entre Un(s) e Outro(s), uma relação que tem subjacente o modelo continente-conteúdo.

O Rorschach é um elemento da realidade externa, que apresenta ao sujeito características desconhecidas, geradoras de um desequilíbrio, e que podem ser vividas por este como um ataque ao equilíbrio (Marques, 1999). Perante este cenário, o sujeito vê-se confrontado com a necessidade de restaurar o equilíbrio perdido, passando do caos para uma situação de maior organização. Esta passagem é possível, através da actividade de simbolização, na qual ocorre um trabalho psíquico em que tem lugar uma acção de substituição, feita de comunicação, ligação e separação, entre o sujeito e o objecto.

Nas respostas Rorschach, reveladoras do Outro Igual, encontramos presente uma relação do tipo continente-conteúdo, onde o Eu é um continente para os conteúdos do Outro, e vice-versa, mas em que ambos procuram novos significados e novos símbolos. Assim, o sujeito apresenta a sua função alfa a funcionar, de modo a poder dar um sentido à situação, que lhe é apresentada, que pode ser vivida como catastrófica, revelando as suas respostas, a capacidade de se perceber como íntegro e separado, possuindo um espaço suficientemente delimitado entre o dentro e o fora, onde opera uma barreira de contacto, tal como Bion a definiu, uma barreira separadora, mas ao mesmo tempo suficientemente permeável, para que decorra uma passagem entre o interno e o externo, agora (re)ligado e (re)criado, comunicado ao Outro sob a forma de uma resposta.

As respostas que são dadas no Rorschach são o produto da transformação do encontro entre o sujeito e o objecto, traduzindo a forma como os objectos externos mobilizam o sujeito para uma actividade mental de ligação e de (re)criação, dando

origem a um novo objecto que resulta do processo de construção entre o mundo interno e o mundo externo.

A constituição do mundo interno do sujeito decorre num movimento de relação com o mundo externo, pelo que, a construção do objecto interno surge como fundamental para a organização do mundo interno do próprio. Quando pensamos o desenvolvimento com recurso ao modelo das relações de objecto partimos da constituição desenvolvida por Klein (1946/1991) de duas posições: a posição esquizoparanóide e a posição depressiva. Na posição esquizoparanóide predominam os processos de cisão em relação ao objecto, onde ele é sentido como estando separado. Para a análise das respostas Rorschach dos adolescentes, para a dimensão do Outro Igual, constituímos a categoria objectos fragmentados que nos dá conta deste momento do desenvolvimento.

Durante a passagem da posição esquizoparanóide para a posição depressiva assistimos a uma organização progressiva. A transformação que aqui tem lugar leva ao aparecimento de objectos difusos, no sentido em que ainda não se deu o acesso à posição depressiva, na qual encontramos uma maior integração do objecto, passando a ser possível aceder ao objecto na sua totalidade, na sua dupla acepção, ou seja, interno ou externo ao próprio.

Para Klein (1940/1996) é com a passagem da posição esquizoparanóide para a posição depressiva que se opera uma passagem importante de uma relação com o objecto parcial, para uma relação com o objecto total, possuidor de características boas e más.

Perante a situação Rorschach, o sujeito, entrega-se a um trabalho psíquico que visa restaurar a integridade do objecto, quer interno, quer externo. Deste modo, surgem as respostas que podemos inscrever na nossa grelha de análise nas categorias que nos dão conta, por um lado, dos objectos internos ao sujeito, e por outro lado, dos objectos externos percebidos de forma inteira, onde procurámos ter em atenção as características narcísicas atribuídas aos objectos.

Durante o processo de desenvolvimento adolescente o retraimento pulsional narcísico desempenha um papel muito importante, nomeadamente, na procura que o Eu realiza de novos objectos. Foi nesse sentido que constituímos a categoria onde é possível inscrever, as respostas que dão conta da sensibilidade ao branco dos cartões. Estas podem apresentar a utilização de conteúdos mais regressivos que o adolescente deverá ser capaz de transformar, uma vez que, durante este período do

desenvolvimento é esperada uma passagem de uma fase mais narcísica para uma fase objectal, a partir da qual passa a ser possível pensar a relação com o Outro no sentido da união e da integração.

Por vezes, são as próprias manchas que podem suscitar no sujeito uma maior regressão, neste sentido, surgem temáticas mais regressivas que nos remetem para as primeiras relações de objecto, e que são muitas vezes simbolizadas com recurso a elementos da natureza.

A resposta dada pelo sujeito ao Rorschach, mais não é do que a simbolização que nos permite aceder às diversas ligações e transformações que se realizam dentro e entre as várias partes do sujeito, entre o seu mundo interno e o seu mundo externo, mas também, entre o sujeito e o objecto, e o objecto e o sujeito. Assim, a resposta Rorschach é por si só reveladora de todo um trabalho de (re)união que tem lugar na relação que decorre entre o Eu e o Outro. Durante o processo de desenvolvimento adolescente o Outro na condição de Igual é aquele que contém, e que por isso, pode (re)simbolizar o que o Eu não conseguiu pensar, dando-lhe um novo sentido e um novo significado.

Durante o processo de desenvolvimento adolescente, o grupo dos pares funciona como um espelho das transformações que decorrem no adolescente; trata-se do lugar externo, no qual se podem simbolizar as transformações internas e também as externas que se encontram a decorrer. É um espaço de partilha de Un(s) com o(s) Outro(s).

Para podermos dar conta deste movimento presente nas respostas Rorschach dos adolescentes estabelecemos a categoria onde inscrevemos as respostas de imagens em espelho de figuras humanas e/ou de animais, já que através delas podemos aceder ao movimento das transformações relativas à identidade do Próprio. Tal como crescer implica que se façam, desfaçam e refaçam novas ligações, num processo de relação e de (re)construção entre o antigo e o novo, também no Rorschach decorre todo um trabalho de encontro e de (re)encontro entre o sujeito e o objecto e o objecto e o sujeito, podendo ambos ser (re)significados, ficando aptos para que novas relações tenham lugar entre o Eu e o(s) Outro(s).

Nos cartões Rorschach, é nos compactos e nos pastel que encontramos um domínio dos processos de transformação e de simbolização para a dimensão do Outro Igual, nos protocolos dos adolescentes, com uma maior incidência nos mais novos, tal como já tínhamos referido. As respostas dadas a estes cartões revelam um

movimento de ligação entre o mundo interno e o mundo externo, e nelas se acentuam os movimentos de delimitação entre o dentro e o fora, entre o sujeito e o objecto, mas também entre diferentes partes do próprio sujeito e do objecto.

2.2. O Outro Diferente

Na adolescência, o Outro, na condição de Diferente, remete-nos para o Outro de outro sexo, feminino ou masculino, com quem é possível estabelecer uma relação de troca e de partilha, numa actividade de ligação e de interacção entre Um e o Outro, em que o que Um tem pode ser alvo do desejo e da procura pelo Outro. Encontrámo-nos perante a questão da alteridade, ou seja, da diferença entre o Eu e o Outro.

No entanto, no início do desenvolvimento o que encontramos é uma não diferenciação o que se deve à bissexualidade psíquica. Foi para dar conta desta etapa do desenvolvimento que constituímos a categoria figuras humanas ou animais sem referência sexual, podendo ser irreais, sobrenaturais ou de lenda e ser apreendidos de forma inteira ou parcial. Aqui o adolescente realiza uma comunicação, ou seja, dá uma resposta, um símbolo que representa a falta, no sentido em que, se dá início à constituição de um espaço que antes de ser masculino ou feminino, é um espaço continente, um espaço para a constituição da significação, daquilo que à partida surge desprovido de um sentido e de um significado.

Para Marques (1999), o feminino e o masculino são dois dos organizadores que fundam a identidade de cada sujeito. Assim, é a capacidade de cada sujeito ser e de existir que lhe torna possível expressar a sua vivência de ser e de existir sexuado, interactivo e intersubjectivo, vivência essa que se expressa na relação com o Outro, também ele sexuado, interactivo e intersubjectivo.

Durante a adolescência realiza-se a escolha dos primeiros objectos, masculinos ou femininos, para que possam vir a decorrer as identificações a Um ou a Outro sexo, o que só é possível depois do abandono da posição narcísica e bissexual, dando-se o encontro com o objecto heterossexual, o que vai possibilitar a constituição da identidade genital adulta, masculina ou feminina.

É a estruturação da identidade que possibilita a diferenciação entre os sujeitos, sendo esta constituída pelo conjunto de transformações que determinam a sua unidade, na qual está contida a bissexualidade. No Rorschach o sujeito ao interpretar

a mancha realiza uma separação entre o dentro e o fora, ou seja, entre o sujeito e o objecto, o que pressupõe a separação entre o Eu e Outro, possibilitando desta forma a objectualização.

Em todos os cartões Rorschach encontramos presente a integração dos dois sexos, feminino e masculino aparecem reunidos. Ao adolescente cabe a tarefa de operar uma transformação de Um no e com o Outro, numa lógica de (re)união e de integração do que Um têm e do que ao Outro falta. Assim, as respostas que inscrevemos na categoria feminino e na categoria masculino dizem respeito à capacidade que o adolescente teve de dar um sentido e um significado à mancha que à partida se encontra desprovida de significação, mas revelando todo um trabalho interno de integração da sua identidade, pois só desta forma é que é possível designar o seu próprio sexo e o Outro que o pode Complementar, numa relação de ligação e de (re)união de Um com o Outro.

No Rorschach, os cartões apresentam uma combinação dos dois sexos em cada uma das manchas; o feminino e o masculino aparecem ligados, pelo que o sujeito se vê confrontado, perante cada cartão, com a necessidade de integração do feminino e do masculino, mas também da integração e da construção face ao materno e ao paterno, que agora surgem ligados e recriados, revelando a relação do sujeito com o feminino e com o masculino, com o heterossexual, que mais não é do que uma reconstrução, uma transformação do materno e do paterno, com a integração da bissexualidade. Deste modo, a interpretação, a realizar, das respostas Rorschach, deve ser compreendida como um trabalho activo e criativo entre o sujeito e o objecto, numa relação do tipo continente-conteúdo, na qual é possível a transformação e a (re)significação, na resposta comunicada ao Outro.

Dentro do parâmetro representação de si e representação das relações para a análise do Outro Diferente, constituímos as categorias imago paterna e imago materna por considerarmos que representam um papel importante na aquisição da identidade, masculina ou feminina, durante o processo de desenvolvimento adolescente. Neste sentido, as respostas surgem sob a forma de símbolos e podem ser consideradas como o produto de transformações de pensamentos e emoções que se referem à situação Rorschach, como situação presente, mas também como situação passada, numa relação de ligação, no que diz respeito ao mundo interno e ao mundo externo ao sujeito. Assim, a interpretação por nós realizada das respostas dadas pelos adolescentes é também uma transformação sobre o material, ou seja, é a partir das

respostas Rorschach que vamos poder aceder à natureza da representação do sujeito, podendo realizar uma compreensão sobre a mesma.

Tal como tivemos oportunidade de ver nas respostas dadas pelos adolescentes que participaram neste estudo, foi possível encontrar respostas em que o feminino e o masculino aparecem ligados, integrados Um no Outro e/com o Outro, revelando o que já é conhecido, mas deixando em aberto um lugar de expectativa, um lugar disponível para novas descobertas, para novas relações e revelações entre o feminino e o masculino, na relação entre o Eu e o(s) Outro(s).

Dentro dos cartões compactos destacamos o cartão V, como tendo sido aquele em que são mais notórios os processos de transformação e de simbolização para a dimensão do Outro Diferente, o que pensamos que pode estar relacionado com o facto de este cartão fazer um forte apelo para a projecção da unidade, reenviando o sujeito para um reconhecimento da unidade corporal. Aqui encontramos, por um lado, a projecção directa de si, com um reconhecimento do sexo do próprio e, por outro lado, a representação do sexo oposto, ou seja, do outro sexo, numa actividade de transformação e de ligação entre o que é de Um e o que é do Outro, numa mesma resposta, em que Um e Outro reenviam para diferentes sentido e diferentes significados.

Nos cartões pastel também encontramos algumas respostas dadas pelos adolescentes, com uma maior incidência nas respostas dadas pelos rapazes, nas quais é possível aceder ao processo de construção, da transformação à simbolização, que deu lugar ao acesso do Outro, na condição de Diferente. Assim, surgem respostas em que o feminino e o masculino aparecem ligados, (re)unidos, mas, ao mesmo tempo, suficientemente separados, revelando a constituição separada destas duas dimensões psíquicas durante o processo de desenvolvimento adolescente.

Este movimento aponta no sentido do que Marques (1999) descreve, na relação que o sujeito estabelece com o objecto, ou seja, com a mancha Rorschach, a qual pressupõe a existência de uma separação Eu/não Eu, que revela a relação que o sujeito estabelece com o mundo. Esta relação funda-se no sentimento de existir, levando o sujeito a ser capaz de criar, o que só é possível através da sua capacidade de preservar um interior, de ser um continente e, ao mesmo tempo pelo uso não só da identificação e da projecção, mas também da identificação projectiva, de ser capaz de estabelecer conteúdos numa relação e numa comunicação com o mundo.

Para Marques (2003), o feminino e o masculino podem estar ligados numa lógica de (re)união e de conciliação entre Um e o Outro, em que Um/Outro funcionam como um ponto de partida, a partir do qual se podem gerar sempre novas chegadas, numa relação de Um a/com Um, num lugar Outro, lugar esse que não é de Um nem é de Outro; é um lugar de expectativa, de (re)criação na/da intersubjectividade, em que uma relação dá lugar a uma nova relação, desenhando novos ciclos, em que o fim de Um dá lugar ao início de Outro, e em que o fim não é um fim, mas é o lugar para novos princípios.

A adolescência é o período do desenvolvimento que se caracteriza pela presença de inúmeras transformações, por (re)construções, que surgem através da ligação do novo e do antigo, em que as novas aquisições só podem ter lugar depois do antigo ser transformado e (re)significado; assim, surge um espaço-tempo, no qual se desenhavam novos ciclos, geradores de novos significados, na relação presente entre o Eu e o Outro, na qual Um e Outro se completam e se complementam, possibilitando o avanço no crescimento.

Na relação que tem lugar entre o Eu e o Outro, durante o processo de desenvolvimento adolescente, decorrem transformações do mundo interno no e com o mundo externo, e nelas estão sempre presentes movimentos de união e de integração entre o antigo, vivido e experimentado, e o novo que ainda não foi vivido e experienciado. Assim, na adolescência decorre uma articulação entre o conhecido e o que se deseja vir a conhecer; tem lugar o que Meltzer (1988/1995) designou de conflito estético, ou seja, o conflito entre o conhecido e o desconhecido, entre aquilo que já faz parte do próprio e o que, por ser desconhecido, se procura conhecer e, posteriormente, dar a conhecer ao(s) Outro(s).

No Rorschach, as manchas são reveladoras de qualidades psíquicas conhecidas/desconhecidas, suscitando um conflito no sujeito, entre o exterior manifesto e o interior ambíguo do objecto, despertando no sujeito a pulsão epistemofílica que leva ao conhecimento.

2.3. O Outro Complementar

O Outro Complementar, durante o processo de desenvolvimento adolescente, encontra-se ligado a um movimento de transformação do mundo interno no e com o

mundo externo, na qual existe uma ligação e uma integração do antigo e do novo, do que já é conhecido e do que ainda não é conhecido e que ainda não foi simbolizado. Assim, a complementaridade remete-nos para a questão da falta, ou seja, para a existência de um movimento de procura do que, estando em falta no Eu, leva a uma procura no Outro, mas também para o que o Eu possui e que pode ser objecto de procura pelo Outro, e que, também a ele, pode complementar. Na relação Eu-Outro Complementar, está presente uma oscilação permanente entre os movimentos de dispersão e os de integração, a partir dos quais surge um novo objecto.

Na análise das respostas Rorschach, tivemos em conta os diferentes processos que levaram à sua constituição e criação, já que são estes que nos revelam os sucessivos movimentos de oscilação, de passagem da dispersão para a integração, que, por sua vez, dão lugar a um novo movimento de dispersão, para que decorra uma nova integração, num processo contínuo até ao infinito. Daqui surge um novo objecto, que é e não é sujeito, que é e não é objecto, mas que se inscreve numa relação de tipo continente-conteúdo, a qual está presente na relação entre o Eu e o(s) Outro(s).

Durante o processo de desenvolvimento adolescente a relação do Próprio com o(s) Outro(s) surge como importante para que tenham lugar as integrações inerentes ao crescimento. Assim, para que o novo tenha lugar é necessário que o antigo tenha sido transformado e integrado, de modo a dar lugar ao aparecimento de novos significados. Deste modo, as respostas Rorschach revelam a experiência de transformação interna, agora comunicada através de palavras/símbolos ao Outro.

Mas nem sempre esta comunicação é suficientemente tranquila, por exemplo, na categoria que definimos por desconhecido dado por respostas Clob, encontrámos respostas reveladoras de uma forte angústia, no sentido em que existe um desconhecido que ainda não foi tornado conhecido. Estas respostas foram encontradas nos protocolos dos adolescentes mais novos, o que nos leva a pensar que no decorrer do processo de desenvolvimento adolescente está presente uma transformação, no sentido de dar um significado ao desconhecido, tornando-o conhecido. Deste modo, constitui-se um continente, um espaço onde o desconhecido pode ser transformado e (re)simbolizado, podendo posteriormente, ser comunicado sob a forma de novos objectos, que guardam em si o antigo (re)criado. Através das respostas dadas pelos adolescentes podemos ter acesso por um lado, ao que ainda é

desconhecido e, por outro lado, ao que já foi alvo de uma transformação e de uma simbolização.

Na relação que decorre entre o Eu e o(s) Outro(s), numa lógica de complementaridade, durante o processo de desenvolvimento adolescente, está presente uma relação de ligação que pode ou não, suscitar movimentos entre o Eu e o Outro. Foi para darmos conta da presença ou da ausência desse movimento que constituímos as categorias: acção simples ou postura que implique movimento, na qual se considera uma relação de interacção entre o Eu e o Outro e, por contraponto à anterior, acção simples ou postura que não implique movimento. Qualquer uma destas categorias revela a existência de um trabalho de transformação a decorrer. Enquanto que uma acção simples ou postura que implique movimento pode ser pensada através do modelo de Bion, onde o continente se transforma pela acção do conteúdo e este é transformado e (re)simbolizado pela acção do continente. O mesmo não acontece com uma acção simples ou postura que não implique movimento, já que aqui encontramos-nos perante um continente que contém os conteúdos, mas onde não existe uma verdadeira possibilidade de transformação e de significação, o que significa que a função alfa ainda não se encontra a funcionar.

Todo este processo ocorre dentro do sujeito, mas também, na relação que o sujeito estabelece com o(s) Outro(s). Para dar conta deste movimento constituímos anteriormente três categorias que dão conta do tipo de interacção que se pode estabelecer na relação Eu-Outro, que mais não são do que o tipo de interacção que pode estar presente entre o sujeito e o objecto.

A interacção presente na relação entre o Eu e o(s) Outro(s) pode expressar uma acção bilateral de carácter neutro, onde a interacção decorre apenas por uma das partes, o que significa que a acção é realizada só pelo Eu ou só pelo Outro. Este tipo de interacção pode ser pensado através da relação continente-conteúdo, onde ainda não existe uma verdadeira interacção entre um e outro, ou seja, existe um continente e conteúdos à procura deste para poderem ser pensados.

A categoria, interacção recíproca positiva dá-nos conta de uma relação simétrica entre o Eu e o Outro. Aqui encontramos um Eu continente, com uma função transformadora, dos conteúdos do Outro, mas numa lógica de reversibilidade onde o Eu e o Outro são à vez continentes e conteúdos.

Ainda dentro da lógica descrita anteriormente podemos inscrever a interacção activa/passiva não agressiva, uma vez que aqui está presente uma desigualdade entre

o Eu e o Outro, sendo atribuído a um o papel activo e a outro passivo, numa relação onde encontramos presente a reversibilidade, ou seja, quer o Eu, quer o Outro, podem ser activo/passivo.

Para a análise das respostas dadas no Rorschach é necessário ter em conta os processos que levam à sua constituição e à sua criação, já que são eles que contêm a marca das sucessivas passagens, oscilações, dos movimentos que vão da desligação e da dispersão, para a ligação e para a integração, e que dão lugar a novos momentos de desligação e de dispersão, para de novo levarem à ligação e à integração (Marques, 1999). Como resultado desta transformação surge o novo objecto, agora tornado símbolo através das respostas dadas no Rorschach, inscrevendo-se agora em novas relações continente-conteúdo, dando origem a novos significados.

No Rorschach, as respostas dadas aos cartões bilaterais e aos pastel, foram aquelas que nos permitiram ilustrar os processos de transformação e de simbolização que têm lugar para o Outro Complementar. Estas respostas são reveladoras de um movimentos de procura, de ligação e de integração do que pode estar em falta no sujeito, surgindo a mancha como o lugar onde essa falta é projectada, mas também como o lugar onde pode ser colmatada; assim, a resposta é reveladora de um movimento de ligação entre o sujeito e a mancha, numa oscilação que se assemelha a uma relação do tipo continente-conteúdo.

Encontramos uma maior incidência das respostas que nos dão conta dos processos de transformação e de simbolização para o Outro Complementar, nos protocolos dos adolescentes mais velhos, o que nos revela a existência de uma maior integração das dimensões do Outro, de Igual e de Diferente. Assim, consideramos que é a possibilidade de estas dimensões do Outro estarem integradas, que possibilita, agora, uma descoberta, e, posteriormente, uma integração da dimensão do Outro Complementar.

3. Sínteses e Integrações da Relação Eu–Outro na Adolescência

É chegado o momento de realizarmos algumas sínteses e algumas integrações, tendo em conta os vários parâmetros para a análise das respostas dadas aos protocolos de Rorschach, que utilizamos para o estudo das várias dimensões do Outro que têm lugar durante o processo de desenvolvimento adolescente. Por um lado, descrevemos e desenvolvemos os parâmetros considerados clássicos, na escola Francesa para a análise e interpretação do Rorschach, e que dizem respeito à representação de si e à representação das relações; através dos quais pudemos constituir uma grelha de análise, composta por diferentes itens, de acordo com cada uma das dimensões do Outro. Por outro lado, os parâmetros de transformação e de simbolização que se inscrevem nos modelos da significação e do pensamento, permitiram-nos realizar uma compreensão dinâmica das respostas Rorschach, dadas pelos adolescentes, através das quais foi possível aceder aos movimentos que estão presentes ao longo do processo de desenvolvimento adolescente.

Iniciámos este estudo por uma explicitação das teorias existentes sobre a adolescência, desde aquelas que descrevem os processos intra e interp-síquicos, até àquelas que se encontram mais centradas no desenvolvimento, constituindo-o como um processo de transformação, já que este é, por excelência, um período, durante o qual têm lugar mudanças de objectos e de objectivos.

Neste estudo procurámos compreender de que modo é que decorre a relação Eu–Outro durante o processo de desenvolvimento adolescente, tendo em conta as dimensões do Outro: de Igual, de Diferente e de Complementar. Para acedermos a estas diferentes dimensões do Outro durante este período do desenvolvimento, escolhemos o Teste de Rorschach, como método de acesso aos processos de construção e de transformação presentes no desenvolvimento, o que nos leva a inscrevê-lo nos modelos em que opera a significação e a simbolização, numa relação de comunicação entre percepções e representações, internas e externas, na qual está presente uma transformação recíproca das percepções e das representações (Marques, 2005).

Para a explicitação prática deste trabalho, escolhemos protocolos de adolescentes de idades diferentes, por considerarmos que existem transformações a decorrer entre

o início e o fim da adolescência, ou seja, que a relação que se estabelece entre o Eu e o Outro assume diferentes contornos ao longo do processo de desenvolvimento adolescente. Como já tivemos oportunidade de ver anteriormente, encontramos diferenças na forma como os adolescentes de idades diferentes e de sexos diferentes, organizam as várias dimensões do Outro. Deste modo, consideramos importante fazer um ponto da situação, explicitando as diferenças que encontramos, tendo em conta o sexo e a idade dos adolescentes que participaram no estudo.

A adolescência, ao ser pensada com base nos modelos do pensamento que nos dão conta dos processos de transformação e de simbolização presentes nesta fase do desenvolvimento, passa a poder ser compreendida como um processo contínuo, no qual decorrem transformações e mudanças, de uma forma integrada e progressiva, em termos do crescimento e do desenvolvimento do adolescente, no qual o Outro desempenha um papel fundamental na sua constituição.

O Outro Igual, durante o processo de desenvolvimento adolescente, encontra-se ligado à relação de ligação e de transformação entre o mundo interno e o mundo externo, agora (re)organizado e (re)integrado na relação que o Eu adolescente estabelece com o(s) Outro(s) dotado de novos sentidos e de novos significados. Na adolescência, o grupo dos pares surge como um espaço importante para a realização de trocas com os pares, com os iguais; é o espaço que possibilita uma vivência externa dos processos que se encontram a decorrer internamente, permitindo a construção e a estruturação do Eu, do Próprio, na relação que decorre com o(s) Outro(s).

Nos protocolos de Rorschach dos rapazes que aceitaram participar neste estudo, encontramos presente um movimento de procura de conteúdos reveladores do seu mundo interno, o que aponta no sentido da construção do sentimento de continuidade e de constância, que surge a par com o sentimento de descontinuidade e de inquietação, que decorre entre o dentro e o fora, ou seja, entre o mundo interno e o mundo externo, numa relação de ligação, na qual é possível a integração necessária para o crescimento, o que só é possível na e com a relação com o(s) Outro(s).

Nos rapazes mais novos, encontramos presente uma maior acentuação de respostas em espelho, reveladoras da estruturação da integridade do sujeito. Estas respostas encontram-se ligadas, por um lado, à estruturação do narcisismo e, por outro lado, estão relacionadas com o grupo dos pares, que desempenha um papel

fundamental durante a adolescência, e no qual se estabelecem trocas, relações de comunicação entre as várias partes do Eu. Os objectos evocados são reveladores de uma procura de protecção do Eu, na relação que estabelece com o Outro, apontando para a necessidade de constituir um continente, suficientemente delimitador do Eu Próprio, para que, a partir daí, seja possível a estruturação da relação com o Outro, na condição de Igual, existindo a possibilidade de separação entre Um e o Outro, entre o dentro e o fora.

Nas respostas ao Rorschach dadas pelos adolescentes mais velhos, é visível uma maior diferenciação e delimitação entre o dentro e o fora, ou seja, entre o sujeito e o objecto, o que nos revela a capacidade que o sujeito tem de se perceber como íntegro e separado na relação com o Outro, com o qual passa a ser possível estabelecer trocas, numa relação de comunicação entre o mundo interno e o mundo externo.

No início da adolescência, nos protocolos dos rapazes de 13 anos, encontrámos presente um movimento de delimitação do Eu em relação ao Outro, no qual as fronteiras ainda se revelam de uma forma ténue. Com o decorrer do processo de desenvolvimento adolescente, assistimos a uma maior estruturação desta delimitação; assim, as repostas dadas pelos rapazes mais velhos, de 17 anos, revelam a constituição de uma forma mais separada do Eu e do Outro, ou seja, existe uma maior diferenciação entre o sujeito e o objecto. A presença deste movimento ao longo do processo de desenvolvimento adolescente, dá-nos conta da possibilidade que o adolescente tem de constituir um continente em que está presente a função alfa a funcionar.

Nas raparigas, assistimos a um movimento que se mantém no decorrer do processo de desenvolvimento adolescente e que está ligado à representação em espelho, que por sua vez nos remete para a constituição da identidade do sujeito, sendo particularmente evidente o movimento de identificação ao materno, uma vez que as respostas em espelho apresentam uma maior incidência no cartão VII. Este movimento, ainda que apresente uma maior incidência nas raparigas de 13 anos, vai-se mantendo ao longo do processo de desenvolvimento adolescente, sendo ainda visível nas respostas das raparigas de 17 anos; no entanto, aqui a diferenciação e a separação são mais notórias.

Enquanto que nas raparigas mais novas, nas respostas Rorschach, encontramos presente uma grande sensibilidade ao branco, a qual consideramos ser reveladora da

existência de um retraimento pulsional narcísico presente no início da adolescência e que tende a dar lugar a outros movimentos objectais ao longo deste período do desenvolvimento, no final da adolescência, torna-se mais evidente a possibilidade de diferenciar e de distinguir os estímulos provenientes do mundo interior, dos que são provenientes da realidade exterior, passando a existir uma maior delimitação entre aquilo que o sujeito percebe e aquelas que são as suas representações internas.

Nos protocolos das raparigas de 13 anos, encontramos presente uma componente mais narcísica da imagem de si, o que, em termos do desenvolvimento adolescente, está relacionado com uma procura de sustentação e de suporte para os processos que dão lugar à constituição da identidade psíquica. Nos protocolos das raparigas de 17 anos, ainda encontramos presente alguma indiferenciação, numa oscilação entre o mundo adulto e o mundo infantil; esta transição de um para o outro, é mais visível nas raparigas do que nos rapazes.

Com base nos resultados encontrados neste estudo, podemos dizer que a dimensão do Outro Igual, no início do processo de desenvolvimento adolescente, se apresenta suficientemente definido e delineado, tanto nos rapazes como nas raparigas, com a diferença de que, nas raparigas, a dimensão do Outro como Igual é mais notória nos protocolos de 13 anos, o que só acontece da mesma forma nos protocolos dos rapazes de 17 anos. A presença deste movimento nos protocolos das adolescentes mais novas, leva-nos a pensar na constituição mais precoce de um continente, no qual os conteúdos podem ser (re)significados, ou seja, dotados de novos sentidos e de novos significados, numa actividade de ligação, mas também de transformação entre o mundo interno e o mundo externo.

O Outro, na condição de Diferente, coloca-nos perante a questão da alteridade, ou seja, da diferença entre o Eu e o Outro. Na adolescência reenvia-nos directamente para a diferença de sexos e para a diferença de gerações, no sentido em que existe uma maturação corporal que agora dá lugar à possibilidade de viver a sexualidade adulta, ao mesmo tempo que decorre o confronto com a geração dos pais, o qual vai permitir a estruturação da identificação do Eu adolescente.

Nos protocolos que utilizámos para a explicitação prática deste trabalho, encontrámos, nos rapazes mais novos, uma estruturação do masculino, e nas raparigas, uma estruturação do feminino. No decorrer do processo de desenvolvimento adolescente, e tendo em conta os protocolos dos adolescentes mais

velhos, os rapazes apresentam já uma estruturação sólida e integrada do masculino e as raparigas do feminino, mas também dos opostos, o que significa uma integração, por parte dos rapazes, do feminino e, por parte das raparigas, do masculino o que só foi possível encontrar (re)unido nas respostas dadas pelos adolescentes mais velhos.

Encontrámos um outro dado bastante homogéneo para rapazes e para raparigas, e que diz respeito à integração das imagos parentais: assim, nos adolescentes mais novos, quer nos rapazes, quer nas raparigas, encontrámos uma integração da imago paterna, surgindo respostas reveladoras desta dimensão e, nos adolescentes mais velhos, surge a integração da imago materna.

A maior diferença na dimensão do Outro como Diferente, durante o processo de desenvolvimento adolescente, encontra-se ligada aos processos de transformação e de simbolização que aí têm lugar. Tendo em conta este movimento, os rapazes e as raparigas revelam algumas diferenças, em função da idade e do sexo. Nas respostas dadas pelos adolescentes mais novos, encontramos uma grande referência a animais, provenientes de um cenário mais infantil, anterior a esta fase do desenvolvimento, mas que agora se encontra em transformação e em (re)significação. Nestas respostas, os rapazes recorrem a animais e a temáticas com um carácter muito mais regressivo, ao contrário do que acontece nas respostas dadas pelas raparigas, em que são evocados animais mais evoluídos e possuidores de uma maior integridade, estando associados às banalidades dadas nas respostas aos cartões Rorschach.

Nos protocolos dos adolescentes mais velhos, encontramos nos rapazes e nas raparigas uma (re)união na mesma resposta, do masculino e do feminino. Aqui encontramos presente o que Bion definiu por uma relação do tipo continente-conteúdo, na qual o continente atribui um significado aos conteúdos, mas que só é possível através da acção que decorre entre Um e o Outro e de no/com o Outro. Nas respostas dadas pelas raparigas de 17 anos, foi possível constatar, de uma forma mais notória e explícita, aquilo que Marques (2003) descreve, a propósito da relação existente entre o feminino e o masculino, quando pensado numa lógica de (re)união e de conciliação de Um e de Outro, em que o feminino pode ser considerado como um ponto inicial, a partir do qual se podem gerar novas chegadas, numa relação de Um a/com Um, num lugar outro, já que o feminino fica disponível para novas chegadas. É neste sentido que o descreve como um lugar de expectativa, um lugar de criação e de (re)criação na e da intersubjectividade, relação esta que descreve ciclos intermináveis, onde o princípio é sempre um fim que dá lugar a novos princípios.

Com base nos resultados encontrados neste trabalho, podemos acrescentar a possibilidade de pensar o masculino de uma forma similar, no sentido em que este também pode ser o ponto de partida, a partir do qual se podem gerar novas chegadas, já que, para a sua constituição e integração, é necessário que tenha lugar a integração do feminino, sendo, a partir da sua integração, que possibilita o aparecimento de um lugar de expectativa, a partir do qual se podem procurar novas criações e (re)criações, novos ciclos, reveladores de novos sentidos e significados.

Através dos resultados encontrados para a dimensão do Outro Diferente, no processo de desenvolvimento adolescente, podemos destacar dois aspectos que consideramos pertinentes e que são: em primeiro lugar, a possibilidade de encontrarmos uma definição, já estabelecida e estruturada, da identidade do sujeito, na percepção do seu sexo, masculino ou feminino, logo no início da adolescência e, em segundo lugar, uma capacidade de estruturação e de integração do outro sexo, no decorrer deste período do desenvolvimento, o que nos foi possível encontrar nas respostas dadas ao Rorschach, pelos adolescentes mais velhos que participaram neste estudo.

O Outro, na condição de Complementar presente na relação Eu-Outro, encontra-se directamente ligado com a noção de falta e com a consequente noção de a colmatar, o que tem lugar através dos movimentos de transformação entre o mundo interno e o mundo externo, nos quais estão presentes movimentos de integração do antigo e do novo, agora (re)criado e (re)simbolizado. Na adolescência, a falta desencadeia uma procura que se revela complementar, na medida em que tem lugar uma (re)união do que Um não tem mas que o Outro tem, o que suscita uma relação de partilha e de ligação entre Un(s) e Outro(s).

Neste estudo constatámos que os adolescentes mais novos, mais as raparigas, mas também os rapazes, não conseguem, numa fase inicial da adolescência, lidar com o desconhecido, ou seja, com o movimento de turbulência e de dispersão que tem lugar durante o processo de desenvolvimento adolescente, no qual decorre uma (re)organização do antigo, agora ligado e (re)criado com o novo. Este período do desenvolvimento tem sido descrito na literatura, nomeadamente por Salgueiro (1990) com recurso à noção de Bion, de “mudança catastrófica”, por se tratar de um termo que define bem o que se passa durante este período de grande turbulência, no qual decorre um movimento entre o que é conhecido e que logo passa a desconhecido.

Associada a esta mudança que tem lugar durante a adolescência, está a dor mental, como condição necessária para que ocorra a própria mudança, ou seja, a transformação que dá lugar ao novo integrado, possibilitando um avanço no crescimento. Este movimento, que exige do adolescente a capacidade de lidar com a turbulência e com a dor mental, tende a decorrer de uma forma mais integrada, à medida que avança o processo de desenvolvimento adolescente, deixando de ser tão evidente nos adolescentes mais velhos, pelo que consideramos a existência de uma maior capacidade em lidar com o desconhecido, transformando-o e simbolizando-o, (re)criando-o na comunicação feita ao Outro, através das respostas Rorschach.

Nos protocolos de Rorschach dos adolescentes mais novos, são menos notórios os movimentos de transformação e de simbolização que nos dão conta do Outro como Complementar. Da mesma forma, inscrevemos um menor número de respostas nas categorias que descrevemos para esta dimensão do Outro, nos parâmetros para a análise da representação de si e para a representação das relações. Aqui, os movimentos encontrados nas respostas dadas aos protocolos de Rorschach, apresentam diferenças em relação ao sexo e à idade dos adolescentes.

Nos rapazes de 13 anos, encontramos dois movimentos marcantes: por um lado a presença de interacções recíprocas positivas e, por outro lado, a presença de interacções activas/passivas não agressivas. Este último tipo de interacção foi mais notório no início da adolescência, e consideramos que deu lugar ao aparecimento de outro tipo de interacções, nomeadamente ao aparecimento de acções bilaterais de carácter neutro, ou de acções simples ou postura que não implique movimento, que foi a categoria com uma maior inscrição por parte dos rapazes de 17 anos.

Nas raparigas encontramos uma maior incidência em acções simples ou posturas que impliquem movimento, principalmente entre figuras humanas, e em acções bilaterais de carácter neutro. Neste estudo encontrámos respostas com inscrição nestas categorias, tanto para as mais novas como para as mais velhas, o que consideramos que pode estar associado à existência de um forte dinamismo pulsional presente ao longo de todo o processo de desenvolvimento adolescente. Nas raparigas mais velhas, surge ainda uma inscrição acentuada na interacção recíproca positiva.

Podemos constatar então que, em termos dos organizadores representação de si e representação das relações, assistimos a um movimento quase oposto, no desenvolvimento adolescente dos rapazes e das raparigas, ou seja, os rapazes de 13 anos e as raparigas de 17 anos, dão respostas em que está presente uma interacção

recíproca positiva, e as raparigas de 13 anos e os rapazes de 17 anos, apresentam uma maior inscrição em acções simples ou posturas que implicam, ou que não implicam movimento, ainda com a diferença de as raparigas darem mais respostas de interacção entre figuras humanas e os rapazes com animais.

Quando temos em conta os processos de transformação e de simbolização presentes durante o processo de desenvolvimento adolescente, encontramos algumas diferenças entre os rapazes e as raparigas, para a dimensão do Outro Complementar. Tal como já foi referido anteriormente, esta dimensão é mais visível nas respostas dadas ao Rorschach, nos protocolos dos adolescentes mais velhos, o que nos dá conta da adolescência como um espaço durante o qual decorrem transformações, que por sua vez, dão lugar a novos objectos e objectivos, existindo no final a possibilidade de o sujeito se complementar na relação que estabelece com o(s) Outro(s).

Nos rapazes, as respostas são reveladoras da separação entre o mundo interno e o mundo externo, entre o dentro e o fora, que agora surgem ligados e (re)criados nas respostas comunicadas ao Outro. Nos protocolos de Rorschach dos rapazes mais novos, os movimentos de transformação e de simbolização do Outro Complementar estão menos presentes do que nos protocolos dos adolescentes mais velhos. Enquanto os mais novos apresentam respostas com temáticas de carácter mais regressivo, nos mais velhos encontramos uma capacidade de ligação e de articulação entre o dentro e o fora, entre o sujeito e o objecto, existindo a possibilidade de (re)encontro do que estando em falta pode ser complementar.

Nas raparigas mais novas encontramos um movimento que se assemelha ao que encontrámos nos adolescentes mais velhos, ou seja, existe a capacidade de perceber o que Um tem e o que ao Outro falta, decorrendo um movimento de procura, uma actividade de ligação, na qual está presente a transformação. Nas adolescentes mais velhas encontramos uma maior interligação entre o mundo interno e o mundo externo, e uma capacidade de transformação e de simbolização mais abstracta.

Procurando resumir os resultados encontrados para a dimensão do Outro Complementar, tendo em conta os processos de transformação e de simbolização, podemos dizer que nos rapazes mais velhos, encontrámos respostas que apresentam um carácter mais pragmático, no qual o simbolismo surge com uma maior transparência, e que, por sua vez, as raparigas apresentam uma maior capacidade de abstracção, surgindo respostas que evocam um simbolismo mais abstracto. Os resultados encontrados nesta dimensão do Outro, levam-nos a pensar o Rorschach,

tal como Marques (1999) o definiu, como um espaço virtual, um espaço que potencia novas comunicações, interpretações e simbolizações, um espaço activo, continente, no qual é possível (re)criar novos sentidos e significados para os objectos, ou seja, constituir novos conteúdos, através do pensamento e da simbolização, que se baseiam na identificação projectiva e na relação dinâmica de oscilação entre a dispersão e a integração.

Nos quadros seguintes procuramos reunir de uma forma sistematizada, quais são os principais resultados encontrados neste estudo, para as diferentes dimensões do Outro, presentes no decorrer do processo de desenvolvimento adolescente.

DIMENSÃO DO OUTRO IGUAL		
	RAPAZES	RAPARIGAS
13 ANOS	- Respostas em espelho: - construção da integridade; - estruturação do narcisismo; - Objectos que evocam a procura de protecção do Eu na relação com o Outro; - Delimitação Eu/Outro com fronteiras ténues.	- Respostas em espelho: - forte presença de um movimento identificatório na relação com o materno; - Grande sensibilidade ao branco: - retraimento pulsional narcísico; - Maior investimento narcísico da imagem de si.
17 ANOS	- Objectos externos definidos de forma coesa; - Maior diferenciação e constituição em separado do Eu e do Outro (Sujeito/Objecto).	- Objectos internos; - Alguma presença do movimento identificatório em relação ao materno mas com uma menor incidência; - Maior capacidade de diferenciação entre o mundo interno e o mundo externo.

DIMENSÃO DO OUTRO DIFERENTE		
	RAPAZES	RAPARIGAS
13 ANOS	- Estruturação do masculino; - Integração da imago paterna; - Predominância de respostas mais infantis com recurso a conteúdos animais e a temáticas mais regressivas.	- Estruturação do feminino; - Predominância de respostas mais evoluídas com conteúdos animais associados às banalidades.
17 ANOS	- Estruturação sólida e integrada do masculino e do feminino; - Integração da imago materna; - Possibilidade de integração do masculino no e com o feminino.	- Estruturação sólida e integrada da feminino e do masculino;

DIMENSÃO DO OUTRO COMPLEMENTAR		
	RAPAZES	RAPARIGAS
13 ANOS	- Presença de interacções recíprocas positivas; - Presença de interacções activas passivas não agressivas; - Respostas com um carácter mais regressivo.	- Grande dificuldade em lidar com o desconhecido, ou seja, com a turbulência e com a dispersão presente neste momento do desenvolvimento; - Acções simples ou posturas que impliquem movimento (mais figuras humanas); - Acção bilateral de carácter neutro; - Capacidade de reconhecer a falta, recurso a uma actividade de ligação onde está presente a transformação.
17 ANOS	- Acções bilaterais de carácter neutro; - Acções simples ou postura que não implique movimento (mais animais); - Possibilidade de (re)encontro do que estando em falta pode ser complementar; - Respostas mais pragmáticas com um simbolismo mais transparente.	- Acções simples ou posturas que impliquem movimento (mais figuras humanas); - Acção bilateral de carácter neutro; - Forte dinamismo pulsional; - Interacção recíproca positiva; - Maior capacidade de ligação, transformação e de um simbolismo mais abstracto.
	- Possibilidade do sujeito se Complementar na relação que estabelece com o(s) Outro(s).	

XI. CONCLUSÃO

1. Eis que chega ao fim um caminho percorrido com o(s) Outro(s), com os modelos teóricos e com os autores que neles se inscrevem, mas também com os adolescentes que aceitaram participar neste estudo e dar-se a conhecer ao(s) Outro(s), numa relação de transformação e de significação do desconhecido que aqui procurámos conhecer, dando-lhe novos sentidos e novos significados, o que só foi possível numa relação de comunicação e de encontro entre nós e o Outro, numa actividade de ligação e de (re)criação do Igual, com toda a sua Diferença, numa procura do Complementar.

As conclusões que podemos apresentar neste trabalho, não podem ser generalizadas, dizem respeito apenas a este estudo que abre caminho para novas formas de pensar o processo de desenvolvimento adolescente em Psicologia Clínica, possibilitando um alargamento dos campos da compreensão e da acção desta, nomeadamente no que diz respeito à natureza dos processos de construção do conhecimento.

Este estudo teve como objectivo a compreensão da relação Eu-Outro, durante o processo de desenvolvimento adolescente. Para a sua realização foi necessário proceder a uma articulação entre as referências teóricas, relativas à adolescência, e os modelos teóricos que nos permitem compreender de que formas é que decorre a relação entre o Eu e o Outro, ou seja, entre o sujeito e o objecto. Deste modo, procurámos aproximar a compreensão do processo de desenvolvimento adolescente dos modelos teóricos mais utilizados dentro da teoria psicanalítica, o que nos levou a constituir outros organizadores para pensar este período do desenvolvimento, os quais deverão ser acrescentados aos que já se encontram estabilizados, de forma a podermos renovar as formas de aceder aos processos mentais que se encontram a

decorrer durante este período do desenvolvimento, processos inscritos em movimentos de transformação, numa oscilação em que é possível a construção e a expansão. Para o acesso a estes processos que se encontram a decorrer durante este período do desenvolvimento, utilizámos o Rorschach como o método de acesso ao sujeito, já que nos permite aceder aos processos internos e externos, procurando revelar a natureza dos processos internos que se sustentam nas expressões externas.

2. Ao longo dos anos temos assistido a uma evolução nas concepções de ciência, a qual gerou, não só mudanças significativas, como um maior aprofundamento de determinadas áreas do saber. De acordo com Marques (1999), a ciência inicialmente apresentava uma grande preocupação com os métodos, tendo passado depois a valorizá-los e a diferenciá-los, em função dos fenómenos a estudar. No início, os fenómenos a estudar eram aqueles que apresentavam características de mensuração, de visibilidade, de objectividade, de constância e de continuidade, uma vez que os métodos utilizados eram quantitativos. Depois surgiu a necessidade de diferenciar os fenómenos em função das suas qualidades, o que levou a uma mudança nos métodos, e gerou a compreensão de que nem todos os fenómenos podem ser mensuráveis. Deste modo, torna-se possível estudar os fenómenos humanos, na sua espessura e profundidade, o que levou a que novos métodos fossem constituídos, surgindo a compreensão e a interpretação. Mas, não são só os fenómenos que devem ser considerados a partir do contexto em que são produzidos, há que ter em conta o papel dos sujeitos envolvidos na própria acção de conhecimento, suscitando assim uma valorização do processo que conduz ao conhecimento, o que leva a que os métodos sejam ordenados pela intersubjectividade, o consenso, a simbolização e a construção.

Este trabalho foi inscrito nos modelos da Psicanálise, por serem aqueles onde melhor se estruturou este acesso ao conhecimento, através do qual é possível operar uma passagem do registo do simbolismo e da interpretação para novos modelos que, sem anular os anteriores, suscitam novas possibilidades de conhecimento, no sentido em que procuram aceder aos processos de transformação, criação e expansão. Percorremos um caminho que vai das teorias mais clássicas, freudianas, nas quais predomina a noção de pulsão, até ao modelo do pensamento de Bion, em que o sujeito é compreendido numa relação de ligação e de comunicação, na qual está presente a transformação e a criação.

3. Na construção deste trabalho, procurámos reunir os elementos que consideramos pertinentes para acedermos ao objectivo do estudo. Neste sentido, começámos por destacar e explicitar, dentro dos principais referências teóricos em Psicanálise, as abordagens que fazem referência à adolescência e ao Eu e ao Outro, ou seja, ao sujeito e ao objecto, procurando destacar o mais específico de cada modelo e as diferenças entre os vários, o que implicou uma escolha e uma renúncia de concepções. De seguida, realizámos uma síntese em que procurámos realizar algumas integrações, tendo em conta as diferentes abordagens apresentadas. Foi desta forma que foi possível chegar ao que consideramos insuficientemente explorado, o que nos levou a colocar questões, tendo em vista novos prismas para pensar a relação presente entre o Eu e o(s) Outro(s) na adolescência.

De acordo com a forma como procedemos à realização deste estudo, surgem como importantes organizadores, durante o processo de desenvolvimento adolescente, na relação que este estabelece com o(s) Outro(s), a dimensão do Outro como Igual, como Diferente e como Complementar. Estes devem ser compreendidos e inscritos nas teorias do pensamento, nas quais o conhecimento se inscreve nas vias da criação, da construção, da transformação e do crescimento em expansão.

4. O Rorschach, ao ser constituído como um método de acesso ao sujeito psicológico, deixou de estar inscrito apenas nos referenciais ligados à medida e à quantificação, e passou a ter em conta uma relação de assimilação entre o sinal e o funcionamento do sujeito, pelo que recorreu aos modelos do funcionamento mental estabelecidos pela psicopatologia. No entanto, estes apresentam-se limitativos para o estudo do sujeito e, neste estudo em particular, para o estudo do processo de desenvolvimento adolescente, o que suscitou a realização de uma mudança, com a introdução dos métodos consagrados pela interpretação, passando o Rorschach a poder dar conta dos processos de transformação e de simbolização que têm lugar no sujeito, permitindo-nos operar uma passagem para uma dimensão qualitativa da avaliação, inscrita nos modelos que nos permitem pensar o desenvolvimento, o crescimento, e a expansão. Desta forma o Rorschach surge como um instrumento importante, na medida em que nos permite aceder ao processo de desenvolvimento adolescente, numa relação de ligação entre o mundo interno e o mundo externo, que agora surgem ligados e (re)criados nas respostas que são comunicadas ao Outro, em

novos objectos, que mais não são do que a reconstrução dos antigos, transformados e (re)simbolizados.

5. Durante o processo de desenvolvimento adolescente, encontramos presentes inúmeras transformações que decorrem no Próprio, mas também na relação que este estabelece com o(s) Outro(s), tendo em conta o Igual, o Diferente, e a procura do Complementar, numa relação de ligação e de transformação que tem lugar entre Un(s) e Outro(s). Assim, conhecer o Outro implica também conhecer o Eu, tal como conhecer o Eu só é possível através do conhecimento do Outro; é como se de duas faces se tratasse, duas partes constitutivas de um todo, mas que, ao mesmo tempo que se (re)unem para formar um todo, também se separam, se desdobram, revelando o(s) Outro(s). Isso significa que, dizer algo sobre o Eu, só é possível quando se tem em conta a relação com o(s) Outro(s), o que significa, também, falar do(s) Outro(s).

O conhecimento da relação que tem lugar, durante o processo de desenvolvimento adolescente, entre o Eu e o(s) Outro(s), deverá ser percorrido num caminho em que estão presentes os modelos clássicos, mas onde se abrem as vias da transformação e da construção, nas quais podem ser integrados os modelos do pensamento, em que o crescimento pode ser compreendido através das noções de criação e de expansão. Estes modelos abrem caminho para a possibilidade de pensar o adolescente como activo e interactivo, permitindo um acesso ao que de mais profundo existe no Eu, possibilitando a compreensão da relação que se estabelece com o(s) Outro(s), como um processo de construção, em que está presente a transformação e a (re)criação do antigo conhecido e do novo ainda desconhecido, em novos sentidos e significados.

O acesso ao adolescente, neste estudo, ou melhor dizendo, à relação Eu-Outro, durante o processo de desenvolvimento adolescente, só foi possível através da utilização de instrumentos, pelo que estes devem ser construídos em função dos modelos teóricos que explicitam a natureza do objecto em estudo; assim, os instrumentos surgem como auxiliares da observação e da construção do conhecimento, tendo como função destacar alguns elementos que, de outro modo, não se destacariam. Posteriormente, os elementos que a sua utilização revela, deverão ser ligados e tornados coerentes e convergentes com os modelos teóricos. Para Marques (1999), é fundamental que sobre os instrumentos se estabeleça o que

eles revelam e mobilizam, mas também o que cada sujeito neles realiza e revela, assim como o que o intérprete faz dos dados encontrados.

Deste modo, torna-se importante que os modelos metodológicos sejam submetidos aos modelos teóricos, para que exista uma convergência no processo de conhecimento, o que possibilita inscrever os resultados encontrados no mesmo registo, ou seja, submetê-los às mesmas concepções teóricas, possibilitando a criação de novas concepções que permitam alargar o campo do conhecimento, tornado conhecido o que antes não o era, permitindo o acesso ao latente que agora pode ser comunicado sob a forma de conceitos e de símbolos.

O processo de desenvolvimento adolescente, assim como as relações que têm lugar entre o Eu e o(s) Outro(s) durante este período do desenvolvimento, são processos que se encontram a decorrer, não são estáticos, são processos em transformação e em mudança, o que obriga a dar uma maior atenção ao instrumento a utilizar. Foi por esta razão que escolhemos o Rorschach como instrumento, uma vez que permite aceder aos processos de construção e criação de significados e sentidos. Esta caracterização foi defendida por Marques (1999), com base nos modelos da relação de objecto, que dão conta das formas e da natureza do trabalho de comunicação, ligação e transformação entre o objecto interno e o objecto externo, mas também entre o objecto externo e o objecto interno.

6. Por considerarmos a adolescência como um período do desenvolvimento, durante o qual decorrem importantes transformações e mudanças, utilizámos, para a explicitação prática deste trabalho, protocolos de adolescentes no início da adolescência (13 anos) e no final deste período (17 anos), de sexos diferentes, já que a literatura aponta para a existência de diferenças entre rapazes e raparigas. A análise do organizador Outro, nas suas dimensões de Igual, de Diferente e de Complementar, nos protocolos de Rorschach dos adolescentes que participaram neste estudo, revelou pontos de convergência e divergência, tendo em conta a fase do desenvolvimento e o sexo dos participantes.

Nos protocolos de Rorschach dos rapazes mais novos, assistimos a uma estruturação, ainda em construção, da dimensão do Outro Igual, na qual as fronteiras entre o Eu e o Outro surgem ainda de uma forma pouco coesa, dando-nos conta da constituição e da estruturação do narcisismo do sujeito. Na dimensão do Outro como Diferente, encontramos presente uma estruturação bem definida e delimitada do sexo

do Próprio; mas esta ainda não se encontra suficientemente estruturada para possibilitar a procura da falta, ou seja, do Outro como Complementar; que aqui se apresenta ainda de uma forma muito pouco estruturada e organizada. Nos protocolos dos rapazes mais velhos, o Outro Igual surge integrado e estabilizado, revelando uma diferenciação entre o Eu e o Outro, ou seja, entre o sujeito e o objecto. Na dimensão do Outro Diferente, existe agora a integração bem definida e delimitada do masculino, assim como a possibilidade de integrar o feminino, numa lógica de (re)união do que Um tem e do que falta ao Outro, surgindo a dimensão do Outro como Complementar.

Nos protocolos de Rorschach das raparigas mais novas, para a condição do Outro Igual, encontrámos uma maior delimitação na relação entre o Eu e o Outro, ou seja, entre o sujeito e o objecto, de uma forma semelhante ao que aconteceu nos protocolos dos rapazes mais velhos. Na dimensão do Outro Diferente, foi notória a integração do feminino, ou seja, do Próprio sexo, numa actividade de (re)união e de integração desta dimensão; existindo também uma integração da parte em falta, ou seja, do Outro Complementar, de uma forma muito mais visível nos protocolos das raparigas do que no dos rapazes. Nos protocolos das raparigas mais velhas, a dimensão do Outro Igual surge já suficientemente ligada e transformada, sendo muito mais notória a dimensão do Outro Diferente, no sentido em que aparece ligado o sexo oposto, ou seja, o masculino, como complementar do feminino. A dimensão do Outro como Complementar, surge aqui dotada de um simbolismo mais abstracto, que revela ao Outro a capacidade de transformar, simbolizar e (re)criar.

7. No fim deste percurso, surge o imperativo de voltar a enunciar que só os desenvolvimentos que a partir daqui forem realizados poderão ser relevantes e significativos. O que suscita a necessidade de retomar estas questões, (re)pensá-las a partir de novos prismas, de forma a aceder a novos processos de construção e de significação, o que consideramos uma necessidade premente no estudo do processo de desenvolvimento adolescente e nas relações que têm lugar entre o Eu e o(s) Outro(s), onde está presente uma relação de transformação, de significados e de sentidos, que tende para o infinito, abrindo-nos o caminho para novas e possíveis procuras no Eu e no/com o(s) Outro(s).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bégoin-Guignard, F. (1988). Le role des identifications maternelles et féminines dans le devenir du masculin chez le garçon. *Adolescence*. 6, 1, 49-74.

Bégoin-Guignard, F. (1989). Symbolisation et géographie des identifications. *Revue Française de Psychanalyse*. 6, 1681-1694.

Bion, W.R. (1961). *Uma teoria do pensar*. In "Melanie Klein Hoje desenvolvimentos da teoria e da técnica Vol. 1: Artigos Predominantemente teóricos. (Spillius, E.B.), pp. 185-1933. Imago: Rio de Janeiro.

Bion, W.R. (1962/1991). *Learning from experience*. London: Karnac.

Bion, W.R. (1965/1984). *Transformations*. London: Maresfield Reprints.

Birraux, A. (1988). Présentation du «Masculin». *Adolescence*, 6, 1. 5-16.

Birraux, A. (1990). *L'Adolescent face à son corps*. Paris : Editions Universitaires.

Blos, P. (1962/1998). *Adolescência. Uma interpretação Psicanalítica*. São Paulo: Martins Fontes.

Blos, P. (1967). The second individuation process of adolescence. *The Psychoanalytic Study of the Child*. Vol. XXII, 162-186.

Blos, P. (1988). L'insoumission au père ou l'effort adolescent pour être masculin. *Adolescence*. 6, 1, 19-31.

Braconnier, A. (1985). Ruptures et séparations. *Adolescence*, 3, 1. 5-19.

Braconnier, A., Marcelli, D. (1989). *Manual de Psicopatologia do Adolescente*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Braunschweig, D. & Fain, M. (1971). *Éros et Antéros. Réflexions psychanalytiques sur la sexualité*. P.B.P: Paris.

Bollas, C. (1989). L'objet Transformationnel. *Revue Française de Psychanalyse* *LIII*, 1181-1199.

Cahn, R. (1980). De quelques vicissitudes de l'espace transitionnel a l'adolescence. *Revue Française de Psychanalyse*. 3-4, 531-542.

Chabert, C. (1983/1998). *O Rorschach na clínica do adulto. Interpretação Psicanalítica*. Lisboa: Climepsi Editores.

Chabert, C. (1987/1998). *A psicopatologia à prova no Rorschach*. Lisboa: Climepsi Editores.

David, C. (1971). *L'état amoureux. Essais psychanalytiques*. Paris: P.B.P.

David, C. (1973). *Les belles différences*. In *Bisexualité et différence des sexes*. Éditions Gallimard.

Descartes, R. (1637/1991). *Discurso do Método*. Porto: Porto Editora.

Dias, C. A. (1988). *Para uma Psicanálise da Relação*. Porto: Edições Afrontamento.

Dias, C. A. (1999). *O Negativo ou o Retorno a Freud*. Lisboa: Fim de Século Edições LDA.

Dias, C. A. (2000). *Freud para Além de Freud*. Lisboa: Fim de século LDA.

Dias, C. A. (2003). *Modelos da Interpretação em Psicanálise*. Coimbra: Aledina.

Dias, C. A. (2005). *Freud para Além de Freud*. Vol. II. Lisboa: Climepsi Editores.

Dias, C. A. & Fleming, M. (1998). *A Psicanálise em tempo de mudança*. Porto: Edições Afrontamento.

Dias, A., Vicente, T. (1984). *A Depressão no Adolescente*. Porto: Edições Afrontamento.

Erikson, E. (1968/1972). *Adolescence et crise. La quête de l'identité*. Paris : Flammarion.

Fairbairn, R. (1941/2000). *Uma revisão psicopatológica das psicoses e psiconeuroses*. In *Estudos Psicanalíticos da Personalidade*. pp. 45-81. Veja Editora: Lisboa.

Fairbairn, R. (1946/2000). *Relações de objecto e estrutura dinâmica*. In *Estudos Psicanalíticos da Personalidade*. pp. 177-194. Veja Editora: Lisboa.

Fairbairn, R. (1951/2000). *Uma sinapse do desenvolvimento dos pontos de vista do autor a respeito da estrutura da personalidade*. In *Estudos Psicanalíticos da Personalidade*. pp. 177-194. Veja Editora: Lisboa.

Fleming, M. (1993/1997). *Adolescência e Autonomia. O desenvolvimento psicológico e a relação com os pais*. Porto: Edições Afrontamento.

Freud, A. (1958). Adolescence. *The Psychoanalytic Study of the Child*. Vol. XIII, 255-278.

Freud, S. (1905/1989). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. In *Textos Essenciais da Psicanálise* Vol. II. Mem Martins: Publicações Europa América.

Freud, S. (1915/1989). *As pulsões e as suas vicissitudes*. In *Textos Essenciais da Psicanálise* Vol. I. Mem Martins: Publicações Europa América.

Freud, S. (1917/1969). *Luto e Melancolia*. In *Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* Vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago Editora.

Freud, S. (1920/1996). *Além do Princípio do Prazer*. In *Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* Vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago Editora.

Freud, S. (1921/1996). *Psicologia de Grupo e a Análise do Ego*. In *Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* Vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago Editora.

Freud, S. (1923/1989). *O Ego e o Id*. In *Textos Essenciais da Psicanálise* Vol. III. Mem Martins: Publicações Europa América.

Freud, S. (1926/1996). *Inibição, Sintomas e Ansiedade*. In *Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* Vol. XX. Rio de Janeiro: Imago Editora.

Green, A. (1993). *Le travail du négatif*. Paris : Les Éditions de Minuit.

Green, A. (1997/2000). *As cadeias de Eros*. Lisboa: Climepsi Editores.

Greenberg, J. R. & Mitchell, S. A. (1983/2003). *Relações de Objecto na Teoria Psicanalítica*. Lisboa: Climepsi Editores.

- Gutton, P. (1983). Du changement à la puberté. *Adolescence*. 1, 1, 7-11.
- Gutton, P. (1988). Homme et son fils. *Adolescence*. 6, 1, 31-36.
- Gutton, P. (1991). Le pubertaire à découvert. *Journal de la Psychanalyse de l'enfant*. Vol 10, 164-175.
- Jeammet, P. (1980). Réalité externe et réalité interne importance et spécificité de leur articulation à l'adolescence. *Revue Française de Psychanalyse*. 3-4, 481-521.
- Jeammet, P. (1991). Les enjeux des identifications à l'adolescence. *Journal de la Psychanalyse de l'enfant*. Vol. X, 140-163.
- Jorge, M. A. (2000). *Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan*". Vol. I. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Kant, I. (1781/1976). *Critique de la Raison Puré*. Paris: Garnier Flammarion.
- Kestemberg, E. (1980). Notule sur la crise de l'adolescence. De la déception à la conquête. *Revue Française de Psychanalyse*. 3-4, 523-530.
- Kernberg, O. (1979/2001). *La Teoría de las Relaciones Objectales y el Psicoanálisis Clínico*. Mexico: Paidós Psicología Profunda.
- Klein, M. (1930/1996). *A importância da formação de símbolos no desenvolvimento do ego*. In *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos 1921-1945 - Vol 1*. Rio de Janeiro: Imago.
- Klein, M. (1932/1969). *Psicanálise da criança*. São Paulo: Editora Mestre Jou.
- Klein, M. (1940/1996). *O luto e suas relações com os estados Maníaco – Depressivos*. In *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos 1921-1945 - Vol 1*. Rio de Janeiro: Imago.

Klein, M. (1946/1991). *Notas sobre alguns mecanismos esquizóides*. In *Inveja e Gratidão e outros trabalhos 1946-1963 – Vol. III*. Rio de Janeiro: Imago.

Klein, M. (1958/1991). *Sobre o desenvolvimento do funcionamento mental*. In *Inveja e Gratidão e outros trabalhos 1946-1963 – Vol. III*. Rio de Janeiro: Imago.

Lacan, J. (1966/1998). *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Ladame, F. (1983). Adolescence et féminité: Histoire d'une histoire. *Adolescence*. 1, 2, 217-237.

Ladame, F. (1980). L'Adolescent en Psychanalyse: résistances intérieures et résistances extérieures. *Revue Française de Psychanalyse*. 3-4, 571-579.

Laufer, E. (1984). L'utilisation du corps par l'adolescence dans les relations d'objet et le transfert. *Adolescence*, 2 (2), 237-251.

Laufer, M. (1964/1980). L'idéal du moi et le pseudo-idéal du moi a l'adolescence. *Revue Française de Psychanalyse*. 3-4, 591-615.

Laufer, M. (1968). Object loss and mourning during adolescence. *The Psychoanalytic Study of the Child*. Vol. XXI. 269-293.

Laufer, M. & Laufer, E. (1984). *Adolescence and Developmental Breakdown*. Yale University Press: New Haven and London.

Lerner, P. M. (1991). *Psychoanalytic Theory and the Rorschach*. Hillsdale: The Analytic Press.

Mahler, M. (1975/1993). *O nascimento psicológico da criança*. Porto Alegre: Brasil.

Marques, M. E. (1993). L'Expression Feminine et Masculine de l'adolescence a travers le Rorschach: le travail de transformation et de construction a l'adolescence. *Bulletn de la Société du Rorschach et des Méthodes Projectives de Langue Française*. 37, 41-55.

Marques, M. E. (1994). Do desejo do Saber ao Saber do Desejo: Contributos para a caracterização da situação Projectiva. *Análise Psicológica*, 4 (XII), 431-439.

Marques, M. E. (1996). Comunicação, interpretação e simbolização no/para o Rorschach. *Análise Psicológica*, 1 (XIV), 39-44.

Marques, M. E. (1999). *A Psicologia Clínica e o Rorschach*. Lisboa: Climepsi Editores.

Marques, M. E. (2003). Sobre como é que as mulheres ficaram em silêncio. Campos, sementes e sementeiras. *Revista Portuguesa de Psicanálise*. 23, 55-74.

Marques, M. E. (2005). Avaliação Psicológica do Adolescente e do Risco. *Análise Psicológica*, 1 (XXIII) 19-26.

Marques, M. E. & Aleixo, P. (1994). O Rorschach e a revelação do trabalho de ligação e transformação do interno e do externo. *Análise Psicológica*, 4 (XII) 459-462.

Matos, C. (1984). *Depressão; Estrutura e Funcionamento*. I Simpósio de Dinâmica da Depressão: Lisboa.

Meltzer, D. (1973/1979). *Os Estados Sexuais da Mente*. Rio de Janeiro: Imago.

Meltzer, D. & Williams, M. H. (1988/1995). *A Apreensão do Belo*. Rio de Janeiro: Imago.

Meltzer, D. (1990). O conflito Estético: o seu lugar no processo de desenvolvimento. *Revista Portuguesa de Psicanálise*. 8, 5-30.

Rausch de Trautenberg, N. (1970/1990). *A Prática do Rorschach*. São Paulo: Cultrix.

Rausch de Trautenberg, N. (1983a). Actividade perceptiva e a actividade fantasmática no Teste de Rorschach. O Rorschach: espaço de interações. *Análise Psicológica*. 1 (IV): 17-21.

Rausch de Trautenberg, N. (1983b). Representação de si e relação do objecto. Grelha de representação de si. *Análise Psicológica*. 1 (IV): 31-40.

Rausch de Trautenberg, N., Bloch-Lainé, F., Duplant, N., Martin, M. & Poggionovo, M. (1993). Le Rorschach a l'adolescence: La Clinique du Normal. *Bulletn de la Société du Rorschach et des Méthodes Projectives de Langue Française*. 37, 7-39.

Rausch de Trautenberg, N. & Boizou, M. F. (1984/1999). *O Rorschach na Clínica Infantil*. Lisboa: Climepsi Editores

Ogden, T. H. (1992). *The matriz of the Mind. Object Relations and the Psychoanalytic dialogue*. London: Maresfield Library.

Ricoeur, P. (1913/1990). *O si-mesmo como um outro*. São Paulo: Papirus Editora.

Salgueiro, E. (1990). Breves Reflexões sobre o Narcisimo e o objecto Estético na Adolescência. *Revista Portuguesa de Psicanálise*. 8, 71-75.

Sandler, J. (1976). Dreams, unconscious fantasies and "identity perception". *International Review of Psycho-analysis*. 3, 1, 33-42.

Schafer, R. (1967/1986). *Projective Testing and Psychoanalysis*. Madison, Connecticut: International Universities Press.

Segal, H. (1955). *Notas sobre a formação de símbolos*. In "Melanie Klein Hoje desenvolvimentos da teoria e da técnica Vol. 1: Artigos Predominantemente teóricos. (Spillius, E.B.), pp. 167-184. Imago: Rio de Janeiro.

Sena, J. (1985). *Post-Scriptum II*. Vol. I e II. Vila da Maia : Imprensa Nacional Casa da Moeda : Co-edição Moraes Editores.

Sugar, M. (1968). Normal Adolescent Mourning. *American Journal of Psychoterapy*, 22, 258-269.

Winnicott, D. (1971/1975). *O Brincar e a Realidade*. Imago: Rio de Janeiro.

DM
CUNH./1.2

INSTITUTO SUPERIOR DE PSICOLOGIA APLICADA
MESTRADO DE PSICOPATOLOGIA E PSICOLOGIA CLÍNICA
EDIÇÃO 2001/2003
REINGRESSO 2004/2006

TESE DE MESTRADO

Volume II

A construção do Eu adolescente na relação com
o(s) Outro(s) através do Rorschach.

Anexos

Isabel Maria Gonzalez Duarte da Cunha – N.º 1823

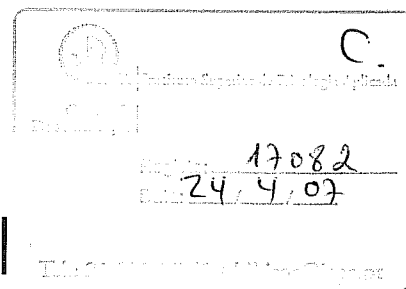
ORIENTADORA: Prof.^a Doutora Maria Emília Marques

Instituto Superior de Psicologia Aplicada

SEMINÁRIO DIRIGIDO POR: Prof.^a Doutora Maria Emília Marques

Instituto Superior de Psicologia Aplicada

2006



ÍNDICE

I. PROTOCOLOS DE RORSCHACH	3
1. O Rui	3
1.1. Protocolo de Rorschach do Rui	4
2. O Pedro	7
2.1. Protocolo de Rorschach do Pedro	8
3. A Carla	11
3.1. Protocolo de Rorschach da Carla	12
4. A Marta	16
4.1. Protocolo de Rorschach da Marta	17
5. O Tiago	21
5.1. Protocolo de Rorschach do Tiago	22
6. O Nuno	25
6.1. Protocolo de Rorschach do Nuno	26
7. A Joana	30
7.1. Protocolo de Rorschach da Joana	31
8. A Diana	34
8.1. Protocolo de Rorschach da Diana	35
 II. ANÁLISE DAS CATEGORIAS DEFINIDAS PARA A DIMENSÃO DO OUTRO NO RORSCHACH	 39
1. O Outro Igual no Rorschach	39
2. O Outro Diferente no Rorschach	59
3. O Outro Complementar no Rorschach	80

I. PROTOCOLOS DE RORSCHACH

1. O Rui

Apresentação do Rui

O Rui, na altura em que se submete à prova Rorschach, tem 13 anos, completando mais um ano dali a poucos dias. Anda no 8.º ano de uma Escola Secundária. Tem tido um percurso escolar sem problemas, mas em relação aos estudos diz que gosta mais ou menos.

É o filho mais novo de uma fratria de três, um rapaz de 29 anos e uma rapariga de 25 anos. O pai tem 56 anos e a mãe 50 e, na data da realização da prova, já estavam reformados.

Nunca recorreu a consultas de Psicologia ou de Psiquiatria até à data da realização da prova.

O Rui tem um ar muito “franzino”, de estatura média; no seu rosto contrastam os sinais de menino e os de futuro homem: uns olhos azuis escuros, com umas longas pestanas, o cabelo curto mas cheio de caracóis, e no seu rosto anunciam-se os primeiros sinais de barba, com uma penugem que lhe cobre todo o rosto.

Ocupa os minutos, antes da passagem da prova, a falar sobre a sua prática desportiva, o futebol; pertence à equipa da escola, que se encontra entre as melhores do distrito, nesta época, e joga também na escola do Simão Saborosa. Apesar de ser do Sporting, diz não se importar de estar a aprender numa escola ligada a um jogador do Benfica.

Nos tempos livres gosta de ir à praia e de passear no *Shopping*, com os amigos, ou ir até à Internet ver os *mails* e conversar com os amigos.

Na participação no estudo que estamos a realizar, mostra-se decidido e com vontade de colaborar. Depois de lhe ter sido dada a instrução, responde de uma forma determinada.

1.1. Protocolo de Rorschach do Rui

I

3''

1 – *Parece uma cara.*

Gbl F+ Hd

(Dois olhos, um nariz – Dbl central, a boca – Dbl inf. e o preto)

2 – *Uma máscara.*

Gbl F+ Obj.

(Pela forma).

Uma figura sombria

Com.

19''

II

6''

3 – *Dois animais.*

G F+ A

(Parece a tromba de um elefante, dois juntos, o corpo – aponta para o negro).

4 – *Parece uma borboleta aqui em baixo. Mais nada.*

D F+ A

(Aqui em baixo parece uma borboleta – vermelho inf., por causa das asas).

26''

III

3''

5 – *Parece uma senhora que se está a ver ao espelho.*

G K H

Porque isto parece o corpo de uma senhora e, como tem aqui o outro, do outro lado.

Obs. espelho

19''

IV

8''

6 – *Duas botas. (Olha para a janela) Mais nada.*

Do F+ Obj.

(D inf. lateral).

23''

V

4''

7 – *Um morcego.*

G F+ A Ban

(Aqui as orelhas e as asas).

9''

VI

11''

8 – V *Uma explosão.*

G kob Fragn.

(Foi a forma do fumo – D inf., e aqui parece fogo – D sup).

18''

VII

6''

9 – *Duas caras com orelhas bem grandes.*

D F+ Hd

(Cara – 1.º terço, orelhas – Dd sup.)

18''

VIII

16''

10 – > ^ < *Um camaleão.*

D F+ A Ban

(Rosa lateral)

24''

IX

8''

11 – *Um portão.*

Dbl F– Obj.

(Tem aqui estas entradas – laranja, e tem aqui esta parte ao meio para abrir – branco central).

18''

X

10''

12 – *Parecem uns bichos, uns aliens.*

D kan A

(Aqui tem uma forma estranha – cinzento sup.; parece que estão a sair de um sítio).

(R. A.: Aqui também parecem dois animais – azul; parece um caranguejo – D F+ A)

25''

Prova das Escolhas+ V – *Porque parece um animal esquisito, estranho.*IX – *Parece a entrada para um mundo imaginário.*- IV – *Porque não percebi muito bem.*VI – *Este parece uma tragédia, uma explosão; morrem muitas pessoas.*

Psicograma do Protocolo de Rorschach do Rui

R	12	G	6	50 %	F	9	A	5	F%	75
		(Gbl)	(2)						F+%	89
T.T.	20'				+	8	H	1		
		D	5	42 %	-	1	Hd	2	A%	42
		(Do)	(1)	.					H%	25
		Dbl	1	8 %	K	1	Obj.	3		
					kan	1	Fragm.	1	Ban	2
					kob	1				

TRI 1 K : 0 Σ C**FC** 2 Σ k : 0 Σ E**RC%** 25**IA%** 17**Elementos Qualitativos**

Obs. espelho (III).

2. O Pedro

Apresentação do Pedro

O Pedro tem 13 anos, anda no 8.º ano de uma Escola Secundária. Tem tido um percurso escolar sem problemas, é bom aluno e refere que gosta da escola e de estudar.

O pai tem 46 anos e a mãe tem 44; ambos licenciados, têm uma profissão adequada à sua formação académica. Tem um irmão mais velho, com 23 anos, com quem tem uma boa relação; refere que agora dão-se melhor, porque cada um respeita o que o outro quer.

Nunca teve nenhum contacto com consultas de Psicologia ou de Psiquiatria, nem directa, nem indirectamente, até à data em que participou neste estudo.

O Pedro tem uma estatura baixa, para a sua idade; é rechonchudo e tem os olhos castanhos claros e o cabelo castanho claro. Tem a pele morena e um ar “reguila”. Veste-se com um estilo desportista e calça ténis a combinar.

Nos tempos livres gosta de estar com os amigos e ir ao cinema, mas, sempre que pode, gosta de praticar desporto, um pouco de tudo, mas futebol em especial.

Aceita participar no estudo, revelando alguma curiosidade em saber do que se trata, mostrando vontade de colaborar. Durante a passagem da prova evita o contacto visual, desviando o olhar; a sua postura altera-se durante o inquérito, deixando de estar tanto à defesa, apresentando um ar mais descontraído e confiante.

2.1. Protocolo de Rorschach do Pedro

I

6''

1 – *Isto aqui parece-me, sei lá, um monstro, não sei. É um monstro mesmo.* G FClOb (H)

(Esta cara... as orelhas todas defeituosas – D lat., os olhos – Dbl sup., e isto deve ser o nariz – Dbl inf.)

30''

II

4''

2 – *Costelas. Mais nada.*

D F– Anat.

(Porque isto tem uns traços – diferentes tonalidades no negro, que parecem as costelas e aqui um corpo anormal onde os pulmões estão fora do sítio – D vermelho sup.)

12''

III

5''

3 – *A cara de um sapo.*

G F– Ad

(Os olhos nesta forma – vermelho inf., ser assim uma cara redonda com o queixo raspado, achatado e isto parece o nariz – vermelho central, o nariz do sapo).

13''

IV

3''

4 – *Dois pinguins de costas um para o outro.*

Dbl F– A

(Esta cara tem a forma do pinguim com o bico branco – Dd lat. sup., só que estão para baixo. O bico não parece assim tanto, parece de abutre).

14''

V

3''

5 – *Dois crocodilos.*

D F+ A

(R.A.: A boca tem o formato dos crocodilos que estão mergulhados dentro de água – negro – D EF Elem.)

7''

VI

3''

6 – *Esta aqui parecem dois ursos de boca aberta.*

G F– A

(O corpo dos ursos – D inf., esta parte pode ser a cara deles – D sup.)

(R.A.: Mas também um tapete de urso – G F+ A)

16''

VII

4''

7 – *Duas caras, uma a olhar para a outra.*

G kp Hd

(O formato destas caras, a olhar frente a frente, parecem caras de duas senhoras – 1.º terço, isto é o pescoço – 2.º terço, e a saia – 3.º terço).

13''

VIII

5''

8 – *Dois hipopótamos.*

D F– A

(Hipopótamos – rosa inf., este aspecto gordo, com a cara parecida com o formato dos hipopótamos).

9 – *Com duas lagartixas em cima deles.*

D F– A

(As lagartixas – rosa lat., por serem grandes e estarem a trepar).

19''

IX

4''

10 – *Hum... Uma pessoa de cara verde com um chapéu, de cara pálida, com uma boina.*

Gbl F– Hd

(São dois: cara – verde, os olhos aqui – Dbl do verde, aqui uma boina ou um chapéu levantado para cima – laranja. Isto pode ser o corpo, pode ser uma velha, vestida assim de antigo – rosa)

25''

X

4''

11 – *Duas aranhas a fazerem uma teia.*

D Kan A

(Isto parecem aranhas – azul, estão com umas coisas na mão – verde sup.)

12 – *Em cima do cabelo de um homem de bigode verde.*

Dbl F+ Hd

(O cabelo do homem – rosa, isto são os olhos – amarelo, o nariz e o bigode – verde inferior).

26''

Prova das Escolhas

+ IV – *Está mais giro, dá para ter mais ideia do que é.*
X – *Dá para ter uma ideia do que poderá ser.*

- I – *Porque não se tem nada a dizer. É bizarro.*
VIII – *É a mesma coisa, é um bocado bizarro, não dá para descobrir nada sobre isto.*

3. A Carla

Apresentação da Carla

A Carla tem 13 anos na altura em que participa neste estudo. Anda no 8.º ano de uma Escola Secundária. Tem tido um percurso escolar sem problemas; é boa aluna e diz que não gosta de estudar algumas matérias, mas define-se como aplicada nas que mais lhe interessam.

É alta, morena e com um corpo bem esculpido; cabelos castanhos escuros, que encaracolam nas pontas, dando-lhe um ar de menina, num corpo que já se anuncia ser de mulher. Os olhos são castanhos e muito expressivos. O seu sorriso, ainda que bonito, fica encoberto pelo aparelho que usa nos dentes e que lhe dá um ar metálico. Veste-se de uma forma desportiva, muito jovial e com cores muito claras. Alguns adereços ressaltam à vista: os brincos e o anel que usa no dedo anelar, a combinar.

O pai tem 44 anos e a mãe 43. A Carla é a filha única.

Nunca recorreu a consultas de Psicologia ou de Psiquiatria, até à data da realização deste estudo.

Nos tempos livres gosta de ir à praia, de ir ao *Shopping* com as amigas, e de passear, diz, resumindo. Mas em casa gosta muito de dormir, de ouvir música, ver televisão e jogar computador.

Aceita participar no estudo, tendo logo uma postura de “arregaçar as mangas” para participar, o que faz de uma forma entusiasmada, mostrando-se interessada ao longo de toda a prova.

3.1. Protocolo de Rorschach da Carla

I

2''

1 – *Uma aranha acho eu...*

D/G F– A

(Por causa desta parte Dd sup. central; e o centro, as costas).

2 – *Uma mosca.*

G F+ A

(Parece o que tem à frente).

3 – *Um monstro.*

Gbl FClob (H)

(Porque é preto, é mal feito. Tem quatro olhos, é esquisito, as asas – D lat. e as mãos Dd sup. central)

34''

II

2''

4 – *Uma cara. Mais nada* ^...

Gbl F– Hd

(Os olhos – vermelho sup., o nariz – branco, a boca – vermelho inferior. A parte preta é o resto da cara).

21''

III

7''

5 – *Um sapo* (morde o lábio) ^ ^ *Só um sapo.*

D bl F– A

(Os olhos – D inf. negro, as patas – D lat. inf.)

R.A.: Aqui tem um lacinho nas costas – vermelho central –

D F+ Obj.)

28''

IV

3''

6 – *Um monstro.* ^ ^

G FClob (H)

(Um monstro, porque parece ter braços, pernas e uma cabeça pequena. Esta parte não sei o que é – D inf. central)

Obs. Dd

7 – *Uma nuvem de fumo, acho eu.* (rói a unha). *Mais nada.*

G EF Nat.

(R.A.: A nuvem de fumo, porque pareceu-me aqui uma chaminé – D inf. central e depois deitava fumo – D F+ Obj.)

32''

V

1''

8 – *Uma borboleta.*

G F+ A Ban

(A borboleta, porque tem as antenas e as patas parecidas).

9 – $\vee$ <i>Um morcego. $\wedge$ Mais nada.</i> (O morcego, porque é preto e tem as asas abertas). 16''	G F+ A
VI 2'' Risos 10 – $\vee \wedge$ <i>Um vulcão. Mais nada.</i> (Esta parte aqui parece o vulcão – D inf., e esta parte aqui parece lava – D sup.) 23''	G kob Geo.
VII 12'' 11 – $\rightarrow \wedge \vee$ <i>Duas pessoas. Gémeos. Mais nada.</i> (Parece que elas estão ligadas pela cabeça e são idênticas – 3.º terço). 32''	G K H Obs. Ligação
VIII 9'' 12 – $\vee \wedge \vee$ <i>Um monstro.</i> (O monstro, é tudo, mais por causa do cinzento e do verde; parece que está desconfiado). 13 – $\rightarrow \wedge \vee$ <i>Uma cara. Mais nada.</i> (Parece que tem dois olhos – rosa inferior, tem o cabelo – rosa lat., tem género um chapéu na cabeça – laranja, e tem um queixo muito fininho – cinzento). 25''	Gbl FClob (H) $\rightarrow$ K Gbl F– Hd
IX 3'' 14 – $\vee$ <i>Uma árvore.</i> (Na árvore, parece que tem um caule – Dbl central e ramos – verde e o rosa). 15 – $\vee \wedge \vee$ <i>Uma pessoa. Mais nada</i> (Parece uma mulher zangada, com os braços na cintura, a saia laranja, os braços – verde, e a cabeça que não é muito normal, mas pronto). 28''	Gbl FC Nat. G K H
X 4'' 16 – $\vee$ <i>Flores.</i> (Flores, porque é muito colorido).	G CF Bot.

17 – V *Um monstro.*

Gbl FClob (H)

(O monstro, porque parece que tem aqui uma cara no meio).

D F+ A Ban

18 – V *Aranhas. Mais nada.*

(Azul lat.)

24''

Prova das Escolhas

+ V – *Porque parece uma borboleta, e um morcego, porque é sinistro.*

X – *Porque é colorido. É giro.*

- II – *Porque não percebi muito bem.*

IV – *Porque não percebi muito bem.*

Inquérito dos Limites

Sim.

Psicograma do Protocolo de Rorschach da Carla

R	18	G	16	89 %	F	8	A	6	F%	44
		(D/G)	1						F+%	50
T.T.	20'	(Gbl)	6		+	4	H	2		
					-	4	Hd	2	A%	33
		D	2	11 %			(H)	4	H%	44
		(Dbl)	(1)							
					K	2	Nat	2	Ban	2
					(→ K)	(1)	Geo	1		
					kob	1	Bot	1		
					FClob	4				
					EF	1				
					FC	1				
					CF	1				

TRI 2 K : 1,5 Σ C

FC 1 Σ k : 1 Σ E

RC% 39

IA% 11

Elementos Qualitativos

Choque Clob (I, IV, VIII, X), Obs. Dd (IV), Obs. ligação (VII).

4. A Marta

Apresentação da Marta

A Marta tem 13 anos, anda no 8.º ano de uma Escola Secundária. Tem tido um percurso escolar sem problemas e considera-se uma aluna média.

Nunca recorreu a consultas de Psicologia ou de Psiquiatria, nem directa, nem indirectamente, até à data em que participou neste estudo.

O pai tem 39 anos e a mãe tem 34. A Marta é a filha mais velha, tem um irmão mais novo, com 2 anos. Em relação à família, fala com entusiasmo do irmão, de quem gosta de ficar a tomar conta.

Fisicamente a Marta é alta e muito magra, apresentando um ar delicado. O cabelo castanho, muito comprido, preso num rabo-de-cavalo, dá-lhe um ar seguro e altivo.

Entre os seus passatempos, destaca os passeios com os amigos e o gosto pela leitura de livros de aventuras. Como que em tom de confidência, fala-me do seu gosto pelo futebol; gosta de ver jogar e de praticar futebol, embora não o faça muitas vezes; diz que é por ser rapariga, e porque na escola não há equipa feminina.

Entrega-se à prova com afinco e determinação, procurando sentido para a ambiguidade do material que lhe é pedido para nomear.

4.1. Protocolo de Rorschach da Marta

I

5''

1 – *Parece um morcego a voar.*

G kan A Ban

(O morcego, porque tem estas duas coisas – Dd sup. central, e porque tem as asas).

2 – *Parece uma senhora assim com umas asas.*

G K (H)

(A senhora, porque está aqui no meio – D central; tem um vestido, os pés – Dd inf. central, as mãos – Dd sup. central, as asas – D lat., a senhora com as asas a voar).

> V / > V / Não parece mais nada.

44''

II

10''

3 – V / *Parece-me um lago, aqui, assim no meio* (contorna com o dedo).

Dbl/D Kob Geo.

(Aqui é onde ele nasce – Dd sup. central, e aqui faz-se um lago – Dbl central).

4 – V *Assim, parece um homem um bocadinho esquisito.*

G K H

(A cabeça – vermelho inf., uma parte do corpo – negro, e os pés – vermelho sup., parece que tem as mãos abertas e tem umas mangas compridas).

> V /

48''

III

15''

(Morde o lábio)

5 – V *Parecem dois homens, um virado para cada lado.* / Assim, parece que estão os dois de frente.

G K H Ban

(Homens – negro)

6 – *Parece um coração, isto aqui vermelho.*

D FC Anat.

(Vermelho central)

48''

IV

20''

7 – √ *Esquisito, parece que tem aqui um repuxo no meio.* D Kob Nat.
(D inf. central)

8 – ∧ *Assim parece um monstro.*

G FClob (H)

(A cabeça – D sup. central, mãos esquisitas – D sup. lat., as pernas – D inf. lat., e aqui assim, uma grande cauda – D inf. central)

42''

V

5''

9 – √ ∧ *Assim, parece um bichinho com antenas, assim com umas asas.* √ *Uma borboleta.*

G F+ A Ban

(As borboletas costumam ter assim antenas, e tem asas).

29''

VI

13''

10 – √ > ∧ *Parece um tapete daqueles que têm as peles dos animais.* G FE A Ban

(Aqui parece que tem a cara de um animal espalmado, e depois tem o resto do corpo espalmado).

29''

VII

12''

11 – √ ∧ *Parece uma ilha, assim vista de cima, aqui com o mar.* Gbl EF Geo.

(Ilha – negro, mar – branco)

12 – √ *Ao contrário, parecem duas raparigas, assim um bocadinho para o defeituosas.* G K H

(As raparigas têm a cabeça junta – 3.º terço, o corpo, a mão – 2.º terço, e as pernas – 1.º terço)

45''

VIII

13''

13 – √ ∧ > *Isto assim parece um bicho a andar para terra e tem reflexos no mar.* D kan A

(O bicho – rosa, aqui tá igual; eu pensei que ele fosse a andar; depois tinha o mar ao pé dele e ficasse com o reflexo).

Obs. reflexo

31''

IX

5''

14 – V *Isto parece a lava do vulcão a sair do vulcão.*

G kob Geo.

(Vulcão – laranja + verde, lava a sair – rosa)

21''

X

13''

Risos

15 – V > ^ V *Parece uma cara.*

Dbl F+ Hd

(Os olhos – amarelo inf., o nariz – azul central, a boca – laranja, o queixo – cinzento sup., a parte da cara – rosa – aponta para o seu rosto).

20''

Prova das Escolhas+ IX – *Porque vi a lava a sair do vulcão, parece-se com a natureza, e eu gosto.*X – *Porque é engraçado.*- IV – *Porque não gosto de monstros.*VI – *Porque não gosto de ver o animal assim sem pele.*

Psicograma do Protocolo de Rorschach da Marta

R	15	G	10	67 %	F	2	A	4	F%	13
T.T.	20'	D	4	27 %	+	2	H	3	F+%	100
		(Dbl/D)	(1)		K	4	Hd	1	A%	27
		Dbl	1	6 %	kan	2	(H)	2	H%	40
					kob	3	Geo	3	Ban	4
					FClob	1	Nat	1		
					FC	1	Anat	1		
					FE	1				
					EF	1				

TRI 4 K : 0,5 Σ C

FC 5 Σ k : 2,5 Σ E

RC% 20

IA% 13

Elementos Qualitativos

Choque (IV), Obs. reflexo (VIII).

5. O Tiago

Apresentação do Tiago

O Tiago, na altura em que se submete à prova Rorschach, tem 17 anos. Anda no 12.º ano de uma Escola Secundária. Tem tido um percurso escolar sem problemas.

O pai tem 47 anos e a mãe 45. É o filho mais novo; tem um irmão com 19 anos, com quem, segundo diz, não se dá lá muito bem, porque têm idades muito próximas; diz que ambos querem fazer as mesmas coisas, e por isso zangam-se com frequência.

Nunca recorreu a consultas de Psicologia ou de Psiquiatria, até à data da realização da prova.

O Tiago apresenta uma estatura alta, é magro, tem os cabelos e os olhos castanhos escuros e um tom de pele morena. No rosto evidencia-se a barba, já cerrada, que lhe dá um ar de homem.

Quando sabe que foi seleccionado para participar na prova, fica um pouco desconfiado e reage de uma forma ansiosa, dizendo para ir outro, mas acaba por aceitar participar sem ser necessário insistir. Nos minutos antes da passagem da prova fala sobre o gosto que tem pelo basquet e da equipa local em que joga. Para além do desporto, o seu passatempo favorito é a Internet, onde pode conversar com os amigos.

Durante a passagem da prova mostra-se tranquilo, entregando-se à actividade que lhe é proposta, a de nomear o desconhecido que lhe é apresentado.

5.1. Protocolo de Rorschach do Tiago

I

3''

1 – *Um morcego.*

G F+ A Ban

(As asas – D lat., a cabeça – D central sup.)

12''

II

8''

Schi! Pá!

2 – *Parece uma cara, uma cara gordinha.*

Gbl F- Hd

(Os olhos – vermelho sup., a boca – vermelho inf., o nariz – Dd negro, e disse que era gordinha, porque é redondinha).

20''

III

17''

3 – *∨ ∧ Um E.T.. Não vejo nada aqui.*

Gbl F- (H)

(Porque aqui os olhos – Dd inf. central, a cabeça – D inf. central, um E.T.. Tem uns olhos grandes e aqui tem umas antenas – D sup. negro).

27''

IV

11''

É difícil.

4 – *Um carro de fórmula I.*

G kob Obj.

(O bico do carro – D sup. central, as rodas dianteiras – D lat., aqui o motor – D inf. central, e aqui as rodas de trás – D lat. inf.)

17''

V

3''

5 – *Uma borboleta; sem cores é muito pobrezinha.*

G F+ A Ban

(A cabeça, as asas – D lat, e as patinhas – D inf. central).

16''

VI

6''

6 – *Parece daqueles tapetes, tipo pele de urso, assim no* G F+ A Ban
chão (exemplifica abrindo os braços).

(A cabeça – D sup. central, as patas da frente e as patas de
 trás e, como estava assim espalmado, pareceu-me que era
 um tapete).

26''

VII

8''

7 – *Isto parecem dois coelhos.*

(As orelhas – 1.º terço, a cabeça e o rabinho; estão sentados G kan A
 em cima de uma pedra e estão a falar os dois).

17''

VIII

15''

Risos.

8 – *Aqui de lado (aponta) parecem-me animais, mas de* D F+ A Ban
resto... Mais nada.

(Animais – rosa lat.)

33''

IX

4''

9 – *Parece-me uma vaquinha.*

Gbl F– A

(Os olhos – laranja, aqui o nariz – Dbl central, tipo os
 buracos, e aqui a boca – rosa inf.)

15''

X

7''

10 – *Parece fogo de artifício.*

G kob Cena

(As cores estarem assim dispersas).

17''

Prova das Escolhas

- + IX – *Não sei, porque gosto de vaquinhas. Tem cor; está giro, acho eu.*
 X – *Porque está assim... diferente dos outros, acho eu.*

- I – *Porque não me pareceu grande coisa.*
 IV – *Porque é muito parecido com o I, e também não me pareceu grande coisa.*

6. O Nuno

Apresentação do Nuno

O Nuno tem 17 anos, anda no 12.º ano de uma Escola Secundária. Tem tido um percurso escolar sem problemas; neste momento encontra-se no agrupamento 1 – Científico Natural. Tem tido um percurso escolar com sucesso, nunca tendo reprovado. Em relação ao curso que quer seguir, diz que ainda está indeciso mas que gostava de ir para Biologia Marinha, porque gosta de animais e do mar.

O pai tem 46 anos e a mãe tem 47, são ambos licenciados e trabalham como funcionários públicos. Tem duas irmãs mais velhas, com 24 anos e com 21 anos, com quem tem uma boa relação.

Nunca teve nenhum contacto com consultas de Psicologia ou de Psiquiatria, nem directa, nem indirectamente, até à data em que participou neste estudo.

O Nuno tem uma estatura média, para a sua idade; é magro, tem o cabelo castanho claro. Os seus olhos azuis fazem lembrar o mar, num rosto marcado por uma cicatriz, junto do lábio, que lhe encobre o sorriso. Tem um tom de pele muito claro e, no seu rosto quase angelical, passam despercebidos os primeiros sinais do aparecimento da barba.

Nos tempos livres gosta de estar com os amigos e ir ao cinema. Em relação ao desporto, gosta de jogar futebol e de andar de bicicleta. Não gosta da Internet; “o computador é só para trabalhar”, diz com um ar sério e decidido.

Aceita participar no estudo, mantendo uma postura séria e um ar compenetrado, durante a passagem da prova.

6.1. Protocolo de Rorschach do Nuno

I

18''

1 – *Talvez uma borboleta.*
(Negro)

G F+ A Ban

2 – *Um anjo, porque não.*

(As asas – D lat., as mãos – Dd sup., os pés – Dd inf., e o corpo – D central)

G F+ (H)

33''

II

12''

3 – *Aqui parece-me ver a cabeça de dois cães.*

(A cabeça dos cães – negro, o focinho – Dd sup., todo o contorno do negro faz-me lembrar o contorno do cão).

D F– A

4 – *E por cima dos cães, a vermelho, duas caras. É só.*

(As cabeças no vermelho – superior, pelo contorno e interiormente, parece-me ver um olho).

Dbl F+ A

35''

III

20''

5 – *Aqui, na zona central a vermelho, parecem os pulmões.*

(Os pulmões, pela forma e pela zona central; parecem os ossos que cobrem os pulmões – vermelho central)

D FC Anat.

6 – *Aqui, nas zonas laterais, parecem duas pessoas a agarrarem em algo, talvez um saco. É só.*

(A negro, pela forma, parecem duas pessoas, numa posição pouco confortável e com os braços a agarrarem, parece-me, um saco).

G K H Ban

7 – *Em cima, a vermelho, parece-me um embrião.*

(O embrião, pela forma, até pelo cordão umbilical).

D kp Anat.

1'18''

IV

39''

Abre muito os olhos.

Aqui, sinceramente, não me parece nada.

Recusa

V

28''

8 – *Aqui, talvez uma pessoa com umas antenas e umas asas largas. É só.*

G K (H)

(A cabeça – D sup. central, este redondo faz-me lembrar a forma da cabeça humana. As antenas, porque são sobrepostas na mesma, nesta zona – D inf. central, as pernas, o corpo que está coberto pelas asas – D lat.)

47''

VI

27''

9 – *Aqui, parece ser um daqueles tapetes, uma pele de animal. Talvez um tigre.*

G F+ A Ban

(A forma espalmada da figura. Aqui, na parte superior, faz-me lembrar os bigodes, e aqui, nesta zona, – aponta para o D sup., uma cabeça espalmada, por todos estes recortes).

50''

VII

11''

10 – *Cá em baixo vejo uma base; depois, nos picos da base, vejo duas caras de carneiro.*

D F– Ad

(Pela forma e pelos recortes. A base – 3.º terço, a cara de carneiro – 2.º terço)

11 – *E por cima das duas caras de carneiro, duas caras humanas. É só.*

D F+ Hd

(A cara humana – 1.º terço).

43''

VIII

15''

12 – *Aqui, nos laterais a cor-de-rosa, parecem-me ser dois animais selvagens; desconheço o nome.*

D F+ A Ban

13 – *Na parte central, parece-me ser uma borboleta aberta.*

D F+ A

(Na parte central, parece-me ser o corpo de uma borboleta e as respectivas asas).

D F+ Geo.

14 – *Por baixo, a rosa e a alaranjado, parecem-me umas rochas, uns rochedos.*

D CF Geo.

15 – *Em cima, uma montanha a verde mais claro. É só.*

(Pela forma e pelos recortes, parece-me ver as tais montanhas).

1'20''

IX

16''

16 – *Basicamente, neste desenho, o que eu posso imaginar é uma face mutante. É só.*

Gbl F– (Hd)

(Não conseguia ver os olhos, não se conseguia identificar. Identifiquei apenas o nariz – Dbl central e, no cor-de-rosa, talvez uma boca indefinida).

35''

X

14''

17 – *Aqui, a cor-de-rosa, parece-me ver dois cavalos- marinhos.*

D F+ A

(Pela forma curva e recortada que eles têm – rosa)

18 – *Cá mais acima, a cinzento, parece-me ver um órgão semelhante aos pulmões.*

D F– Anat.

(A cinzento, parecem-me os pulmões, porque associei este pau ao nosso esófago, depois a acabar nos pulmões – cinzento sup.)

19 – *Cá em baixo, uma criatura com dois olhos e uns bigodes a saírem pelo nariz. Nos laterais, não me parece ver nada, não consigo imaginar nada.*

D F– Hd

(No amarelo, os olhos; na zona central, a cinza, o nariz e a saírem estes bigodes a verde).

1'26''

Prova das Escolhas

+ VIII – *Por ter imaginado aqui duas criaturas selvagens que eu desconheço, e por falar da natureza, das montanhas, das rochas, é realmente um mundo que me fascina, apesar de não estar inteiramente em contacto com ele.*

X – *Porque o que eu consegui aqui imaginar foram animais marinhos, e eu gosto, apesar de ter aqui aquelas caras que não me dizem nada.*

- II – *Não gostei, porque as caras dos cães que eu aqui vejo, são de uma raça de que eu não gosto e que me aflige um pouco, uma raça perigosa.*

IV – *Porque não consegui imaginar nada; se conseguisse imaginar algo, podia vir a gostar.*

Psicograma do Protocolo de Rorschach do Nuno

R	19	G	6	32 %	F	14	A	7	F%	74
		(Gbl)	(1)				Ad	1	F+%	43
T.T.	25'				+	9	H	1	A%	42
		D	12	63 %	-	5	Hd	2	H%	32
Recusa	1						(H)	2		
		Dbl	1	5 %	K	2	(Hd)	1	Ban	4
					Kp	1				
					FC	1	Anat	3		
					CF	1	Geo	2		

TRI 2 K : 1,5 Σ C

FC 1 Σ k : 0 Σ E

RC% 42

IA% 26

7. A Joana

Apresentação da Joana

A Joana tem 17 anos, na altura em que participa neste estudo, e anda no 12.º ano de uma Escola Secundária. Tem tido um percurso escolar sem problemas, e encontra-se a frequentar a área de Científico Natural – Agrupamento I.

O pai tem 38 anos e a mãe 40. A Joana é a filha mais velha de uma fratria de três; tem dois irmãos mais novos, um com 15 e outro com 13 anos, com quem diz ter uma boa relação.

Nunca recorreu a consultas de Psicologia ou de Psiquiatria, até ao momento em que participou neste estudo.

A Joana é uma rapariga de estatura média para a sua idade; tem os cabelos castanhos, cheios de caracóis, que lhe dão um ar de menina, o que contrasta com o seu ar de mulher decidida e resolvida, pronta a aceitar o desafio que lhe foi proposto.

Nos tempos livres gosta de passear e de sair com os amigos, que diz que não são muitos, mas que são bons; nas suas palavras, “são pessoas com quem eu sei que posso contar quando preciso”.

Mostra-se curiosa em participar no estudo; no início da passagem da prova está um pouco apreensiva, mas muito curiosa; mas, depois das primeiras respostas, descontrai-se e mostra-se mais ligada à tarefa de nomear o desconhecido que lhe é apresentado em cada um dos cartões.

7.1. Protocolo de Rorschach da Joana

I

4''

1 – *Parece uma abelha, assim uma coisa, um insecto.*

G F+ A

(O corpo – D central, as asas mais ou menos).

18''

II

11''

Riu-se

*Não me faz lembrar nada. Não sei...*2 – *Talvez preto, morte. Não sei... Morte e dor.*

G CF Abst

(O preto, o vermelho cor de sangue)

(R.A.: Agora parecem-me dois animais, dois ursinhos ou dois cães – negro. Agora já me transmite mais calor, porque eu gosto dos animais, menos de dor – D F+ A)

39''

III

3''

3 – *Duas pessoas, talvez paixão.*

G K H Ban

(Duas pessoas – negro, os corações – paixão).

12''

IV

12''

Olha nos olhos do psicólogo.

4 – *Parece um animal um bocadinho estranho, mas um animal.*

G F+ A

(Porque parece mesmo um animal, aqui a cara – D inf. central).

28''

V

4''

5 – *Um morcego.*

G F+ A Ban

(A estrutura e a cor).

14''

VI

5''

6 – *Isto parece-me a pele de um animal.*

G F+ A Ban

(Porque eu tenho a pele de um animal em casa e, como está assim todo aberto, parece que está estendido).

10''

VII

16''

(Olha para o psicólogo).

*Não sei...*7 – *Duas pessoas iguais, idênticas, interligadas.*

G K H

(Duas pessoas iguais e interligadas – 3.º terço).

Obs. Simetria

31''

VIII

14''

8 – *Calor.*

D kobC Nat.

(O laranja e o rosa)

Um bocadinho mais de fantasia.

(R. A.: Fantasia, por este boneco que está aqui – verde e cinzento; parece aqueles bonecos animados, com a cara e os braços – D F– (H))

9 – *Animais.*

D F+ A Ban

(Dois animais – rosa lateral).

30''

IX

24''

10 – *Não sei... Figuras... mas parece-me uma associação com a natureza, fogo e mar.*

G kobC Nat.

(Fogo – laranja, natureza – verde, mar porque parece que estão dois peixes – rosa).

25''

X

16''

11 – *Cores, ligação. Mais nada... vejo mas não consigo explicar o que eu sinto.*

G CF A

(Ligação, porque estão todos juntos; tocam-se quase todos. Obs. Ligação

Tem aqui alguns animais; parece um leão – amarelo inf. – Obs. Cor

R.A.: D F+ A, e insectos – cinzento sup. – R.A.: D F+ A.

Ainda me faz lembrar pássaros azuis – azul central – R.A.:

D F– A, e um touro – verde lat. – D F+ A).

48''

Prova das Escolhas+ III – *Amor, relação.*VIII – *Não sei, a cor.*- II – *Isto parece-me morte e dor.*V – *Um animal, um morcego.*

Psicograma do Protocolo de Rorschach da Joana

R	11	G	9	82 %	F	5	A	6	F%	45
T.T.	15'	D	2	18 %	+	5	H	2	F+%	100
					K	2	Abst.	1	A%	55
					kob	2	Nat	2	H%	18
					C	3			Ban	4
					CF	1				

TRI 2 K : 3 Σ C

FC 2 Σ k : 0 Σ E

RC% 36

Elementos Qualitativos

Obs. simetria (VII), Obs. ligação e Obs. cor (X).

8. A Diana

Apresentação da Diana

A Diana tem 17 anos, anda no 12.º ano de uma Escola Secundária. Considera-se uma boa aluna, apesar de não estudar muito. Encontra-se a frequentar a área de animação cultural; diz-nos que o seu desejo era poder trabalhar dentro dessa área, para depois poder pensar se quer continuar a estudar, e decidir qual o curso em que quer tirar a licenciatura.

Nunca recorreu a consultas de Psicologia ou de Psiquiatria, nem directa, nem indirectamente, até à data em que participou neste estudo.

O pai tem 54 anos e a mãe tem 52. A Diana é filha única.

Tem uma estatura média, cabelo castanho, olhos verdes, escondidos atrás dos óculos, sorriso encoberto pelo aparelho nos dentes. Veste-se de uma forma sensual, com roupas justas e com cores atraentes.

Nos seus tempos livres gosta de estar com os amigos e com os primos, com quem passeia, no *Shopping* e na praia.

Na participação no estudo, mostra-se calma e serena, e com vontade de colaborar, pelo que se envolve no processo de resposta, procurando designar a mancha, o desconhecido que lhe é apresentado.

8.1. Protocolo de Rorschach da Diana

I

3''

*Sei lá...*1 – *Uma borboleta... não sei... é, acho que sim.*

G F+ A Ban

(Por causa disto – D lat., são as asas, o corpo – D central).

29''

II

8''

*Isto, sinceramente, não me parece nada...*2 – *Ah! Já sei. São dois animais, assim com as mãos (junta as mãos e mostra como é).*

Gbl F+ A

(Pensava que eram dois homens, ao princípio, por causa das mãos, por estarem assim com as mãos de cada um; só que depois, olhando para esta parte, – vermelho sup., parece a cabeça de um pato; portanto, já não pode ser um homem, tem que ser um animal).

32''

III

6''

3 – *Isto parece que são duas pessoas que estão a puxar qualquer coisa, e estão frente a frente.*

G K H Ban

(O corpo da pessoa – negro, porque a pessoa, quando está a fazer força, está assim nesta posição. Estão frente a frente; parece que estão a agarrar uma coisa – D inf. central)

30''

IV

8''

*Isto não me parece nada... não consigo...*4 – *Parecem dois pés gigantes.*

Do F+ (Hd)

(D lateral).

5 – *Parece que é um bicho, assim espalmado. Acho que é isso.*

G F+ A

(A cabeça – D sup., a cauda, um rabo, aliás, – D inf. central e o resto do corpo).

38''

V

4''

Ah! Este aqui?... Não me parece nada...

Dd F+ Ad

6 – *Isto parece os corninhos do caracol (mostra na mancha).*

→Do

(D sup. central)

7 – *Mas isto (aponta) parece umas asas.*

Do F+ Ad

(D lateral)

42''

VI

2''

8 – *Isto parece um gato espalmado; isto parece o focinho do gato. √ ∧*

D/G F- A

(Parece os bigodes – D sup., e depois o resto do corpo).

22''

VII

3''

9 – *Isto parecem duas raparigas a olharem uma para a outra. No fundo estão caladas. Têm o cabelo em pé. Não sei se é uma em frente a um espelho, e depois, dá para ver a outra. √ ∧*

G K H

(A cara de uma rapariga – 1.º terço, uma trança levantada, estava em pé, as mãos – 2.º terço, e depois o resto do corpo, estão coladas – 3.º terço).

51''

VIII

5''

10 – *Isto parecem dois bichos agarrados a uma coisa, a subirem. √ ∧*

G kan A

(Os dois bichos – D lat., agarrados, tipo a uma mão – cinzento; agora é que tou a ver).

23''

IX

36''

Isto não percebo mesmo nada... √ ∧. Não consigo perceber.

Recusa

23''

X	
5''	
11 – <i>Isto parecem-me dois bichos.</i> (Dois bichos – cinzento sup., as antenas, os cornos).	D F+ A
12 – <i>Aqui parece uma cara com um bigode.</i> (O olhos – amarelo, o nariz e o bigode – verde).	D bl F+ Hd
13 – $\vee \wedge$ <i>Aqui parecem dois bichos.</i> (Dois bichos agarrados a alguma coisa – azul)	D F– A →kan
40''	

Prova das Escolhas

- + II – *Porque é engraçado, gostei. Parece que são dois animais, assim tipo a dançar, parece. Achei piada.*
VII – *Parecem dois bonecos que estão a olhar; está a olhar para o espelho, a fazer qualquer coisa na mão. Achei piada ao cabelo, é uma trança que está levantada.*
- VIII – *Porque acho que é um bocado difícil, a não ser estes dois bichos. Custou-me mais a perceber.*
IX – *Pela mesma razão, este ainda consegue ser mais difícil do que o outro.*

Psicograma do Protocolo de Rorschach da Diana

R	13	G	7	54 %	F	10	A	7	F%	77
		(Gbl)	(1)				Ad	2	F+%	80
T.T.	30'	(D/G)	(1)		+	8				
					-	2	H	2	A%	69
		D	4	30 %			Hd	2	H%	31
Recusa	1	(Do)	(2)		K	2				
		(→ Do)	(1)		kan	1			Ban	2
					(→kan)	(1)				
		Dd	1	8 %						
		Dbl	1	8 %						

TRI 2 K : 0 Σ C

FC 1 Σ k : 0 Σ E

RC% 31

IA% 15

II. ANÁLISE DAS CATEGORIAS DEFINIDAS PARA A DIMENSÃO DO OUTRO NO RORSCHACH

1. O Outro Igual no Rorschach

Análise das categorias definidas para a dimensão do **Outro Igual**, no cartão I do Rorschach, para os adolescentes de 13 anos:

		Rapazes	Raparigas
Objectos inteiros			
Objectos fragmentados			
Objectos internos			
Objectos externos - Objectos com valor narcísico		"Uma máscara." (Gbl F+ Obj.) Rui	
Imagem em espelho	Figuras humanas		
	Animais		
Sensibilidade ao branco		"Parece uma cara." (Gbl F+ Hd) Rui; "Uma máscara." (Gbl F+ Obj.) Rui	"> Um monstro." (Gbl FClob (H)) Carla
Elementos primitivos			
Objectos difusos			
Botânica			

Análise das categorias definidas para a dimensão do **Outro Igual**, no cartão I do Rorschach, para os adolescentes de 17 anos:

		Rapazes	Raparigas
Objectos inteiros			
Objectos fragmentados			
Objectos internos			
Objectos externos - Objectos com valor narcísico			
Imagem em espelho	Figuras humanas		
	Animais		
Sensibilidade ao branco			
Elementos primitivos			
Objectos difusos			
Botânica			

Análise das categorias definidas para a dimensão do **Outro Igual**, no cartão II do Rorschach, para os adolescentes de 13 anos:

		Rapazes	Raparigas
Objectos inteiros			
Objectos fragmentados			
Objectos internos		<i>"Costelas. Mais nada."</i> (D F- Anat.) Pedro	
Objectos externos - Objectos com valor narcísico			
Imagem em espelho	Figuras humanas		
	Animais		
Sensibilidade ao branco			<i>"Uma cara. ∨ Mais nada ∧..."</i> (Gbl F- Hd) Carla; <i>"∨ ∧ Parece-me um lago, aqui, assim no meio"</i> (Dbl/D kob Geo.) Marta
Elementos primitivos			<i>"∨ ∧ Parece-me um lago, aqui, assim no meio"</i> (Dbl/D kob Geo.) Marta
Objectos difusos			
Botânica			

Análise das categorias definidas para a dimensão do **Outro Igual**, no cartão I do Rorschach, para os adolescentes de 17 anos:

		Rapazes	Raparigas
Objectos inteiros			
Objectos fragmentados			
Objectos internos			<i>"Talvez preto, morte. Não sei... Morte e dor."</i> (G CF Abst.) Joana
Objectos externos - Objectos com valor narcísico			
Imagem em espelho	Figuras humanas		
	Animais	<i>"Aqui parece-me ver a cabeça de dois cães."</i> (D F- A) Nuno	R.A. <i>"Agora parecem-me dois animais, dois ursinhos ou dois cães"</i> (D F+ A) Joana; <i>"Ah! Já sei. São dois animais, assim com as mãos (junta as mãos e mostra como é)."</i> (Gbl F+ A) Diana
Sensibilidade ao branco		<i>"Parece uma cara, uma cara gordinha."</i> (Gbl F- Hd) Tiago; <i>"E por cima dos cães, a vermelho, duas caras. É só."</i> (Dbl F+ A) Nuno	<i>"Ah! Já sei. São dois animais, assim com as mãos (junta as mãos e mostra como é)"</i> (Gbl F+ A) Diana
Elementos primitivos			
Objectos difusos			
Botânica			

Análise das categorias definidas para a dimensão do **Outro Igual**, no cartão III do Rorschach, para os adolescentes de 13 anos:

		Rapazes	Raparigas
Objectos inteiros			
Objectos fragmentados			
Objectos internos			<i>"Parece um coração, isto aqui vermelho."</i> (D FC Anat.) Marta
Objectos externos - Objectos com valor narcísico			R.A.: <i>"Aqui tem um lacinho nas costas."</i> (D F+ Obj.) Carla
Imagem em espelho	Figuras humanas	<i>"Parece uma senhora que se está a ver ao espelho."</i> (G K H) Rui	
	Animais		
Sensibilidade ao branco			<i>"V Um sapo (morde o lábio) ^ V. Só um sapo."</i> (D bl F- A) Carla
Elementos primitivos			
Objectos difusos			
Botânica			

Análise das categorias definidas para a dimensão do **Outro Igual**, no cartão III do Rorschach, para os adolescentes de 17 anos:

		Rapazes	Raparigas
Objectos inteiros			
Objectos fragmentados			
Objectos internos		<i>"Aqui, na zona central a vermelho, parecem os pulmões."</i> (D FC Anat.) Nuno; <i>"Em cima, a vermelho, parece-me um embrião."</i> (D kp Anat.) Nuno	
Objectos externos - Objectos com valor narcísico			
Imagem em espelho	Figuras humanas		<i>"Isto parece que são duas pessoas que estão a puxar qualquer coisa, e estão frente a frente."</i> (G K H Ban) Diana
	Animais		
Sensibilidade ao branco		<i>"∨ ∧ Um E.T.. Não vejo nada aqui."</i> (Gbl F- (H)) Tiago	
Elementos primitivos			
Objectos difusos			
Botânica			

Análise das categorias definidas para a dimensão do **Outro Igual**, no cartão IV do Rorschach, para os adolescentes de 13 anos:

		Rapazes	Raparigas
Objectos inteiros			R.A.: <i>"A nuvem de fumo, porque pareceu-me aqui uma chaminé e depois deitava fumo."</i> (D F+ Obj.) Carla
Objectos fragmentados			
Objectos internos			
Objectos externos - Objectos com valor narcísico		<i>"Duas botas. (Olha para a janela) Mais nada."</i> (Do F+ Obj.) Rui	
Imagem em espelho	Figuras humanas		
	Animais		
Sensibilidade ao branco			
Elementos primitivos			
Objectos difusos			<i>"∇ ∧ Uma nuvem de fumo, acho eu. (rói a unha). Mais nada."</i> (G EF Nat.) Carla
Botânica			

Análise das categorias definidas para a dimensão do **Outro Igual**, no cartão IV do Rorschach, para os adolescentes de 17 anos:

		Rapazes	Raparigas
Objectos inteiros		<i>"Um carro de fórmula 1"</i> (G kob Obj.) Tiago	
Objectos fragmentados			
Objectos internos			
Objectos externos - Objectos com valor narcísico			
Imagem em espelho	Figuras humanas		
	Animais		
Sensibilidade ao branco			
Elementos primitivos			
Objectos difusos			
Botânica			

Análise das categorias definidas para a dimensão do **Outro Igual**, no cartão V do Rorschach, para os adolescentes de 13 anos:

		Rapazes	Raparigas
Objectos inteiros			
Objectos fragmentados			
Objectos internos			
Objectos externos - Objectos com valor narcísico			
Imagem em espelho	Figuras humanas		
	Animais		
Sensibilidade ao branco			
Elementos primitivos		R.A.: "A boca tem o formato dos crocodilos que estão mergulhados dentro de água." (D EF Elem.) Pedro	
Objectos difusos			
Botânica			

Análise das categorias definidas para a dimensão do **Outro Igual**, no cartão V do Rorschach, para os adolescentes de 17 anos:

		Rapazes	Raparigas
Objectos inteiros			
Objectos fragmentados			
Objectos internos			
Objectos externos - Objectos com valor narcísico			
Imagem em espelho	Figuras humanas		
	Animais		
Sensibilidade ao branco			
Elementos primitivos			
Objectos difusos			
Botânica			

Análise das categorias definidas para a dimensão do **Outro Igual**, no cartão VI do Rorschach, para os adolescentes de 13 anos:

		Rapazes	Raparigas
Objectos inteiros		R.A.: <i>"Mas também um tapete de urso"</i> (G F+ A) Pedro	<i>"∨ > ∧ Parece um tapete daqueles que têm as peles dos animais."</i> (G FE A Ban) Marta
Objectos fragmentados		<i>"∨ Uma explosão."</i> (G kob Fragn.) Rui	
Objectos internos			
Objectos externos - Objectos com valor narcísico			
Imagem em espelho	Figuras humanas		
	Animais		
Sensibilidade ao branco			
Elementos primitivos			
Objectos difusos			
Botânica			

Análise das categorias definidas para a dimensão do **Outro Igual**, no cartão VI do Rorschach, para os adolescentes de 17 anos:

		Rapazes	Raparigas
Objectos inteiros		<i>"Parece daqueles tapetes, tipo pele de urso, assim no chão (exemplifica abrindo os braços)."</i> (G F+ A Ban) Tiago; <i>"Aqui, parece ser um daqueles tapetes, uma pele de animal. Talvez um tigre."</i> (G F+ A Ban) Nuno	<i>"Isto parece-me a pele de um animal."</i> (G F+ A Ban) Joana
Objectos fragmentados			
Objectos internos			
Objectos externos - Objectos com valor narcísico			
Imagem em espelho	Figuras humanas		
	Animais		
Sensibilidade ao branco			
Elementos primitivos			
Objectos difusos			
Botânica			

Análise das categorias definidas para a dimensão do **Outro Igual**, no cartão VII Rorschach, para os adolescentes de 13 anos:

		Rapazes	Raparigas
Objectos inteiros			
Objectos fragmentados			
Objectos internos			
Objectos externos - Objectos com valor narcísico			
Imagem em espelho	Figuras humanas (Partes de figuras humanas)	<i>"Duas caras com orelhas bem grandes."</i> (D F+ Hd) Rui; <i>"Duas caras, uma a olhar para a outra."</i> (G kp Hd) Pedro	<i>"> ^ V Duas pessoas. Gémeos. Mais nada."</i> (G K H) Carla; <i>"V... Parecem duas raparigas, assim um bocadinho para o defeituosas."</i> (G K H) Marta
	Animais		
Sensibilidade ao branco			<i>"V ^ Parece uma ilha, assim vista de cima, aqui com o mar."</i> (Gbl EF Geo.) Marta
Elementos primitivos			
Objectos difusos			
Botânica			

Análise das categorias definidas para a dimensão do **Outro Igual**, no cartão VII do Rorschach, para os adolescentes de 17 anos:

		Rapazes	Raparigas
Objectos inteiros			
Objectos fragmentados			
Objectos internos			
Objectos externos - Objectos com valor narcísico			
Imagem em espelho	Figuras humanas (Partes de figuras humanas)	<i>"E por cima das duas caras de carneiro, duas caras humanas. É só."</i> (D F+ Hd) Nuno	<i>"Duas pessoas iguais, idênticas, interligadas."</i> (G K H) Joana; <i>"Isto parecem duas raparigas a olharem uma para a outra. No fundo estão caladas. Têm o cabelo em pé. Não sei se é uma em frente a um espelho, e depois, dá para ver a outra. V ^"</i> (G K H) Diana
	Animais (Partes de animais)	<i>"Isto parecem dois coelhos."</i> (G kan A) Tiago; <i>"Cá em baixo vejo uma base; depois, nos picos da base, vejo duas caras de carneiro."</i> (D F- Ad) Nuno	
Sensibilidade ao branco			
Elementos primitivos			
Objectos difusos			
Botânica			

Análise das categorias definidas para a dimensão do **Outro Igual**, no cartão VIII do Rorschach, para os adolescentes de 13 anos:

		Rapazes	Raparigas
Objectos inteiros			
Objectos fragmentados			
Objectos internos			
Objectos externos - Objectos com valor narcísico			
Imagem em espelho	Figuras humanas		
	Animais		“$\vee \wedge >$ Isto assim parece um bicho a andar para terra e tem reflexos no mar.” (D kan A) Marta
Sensibilidade ao branco			“$\vee \wedge \vee$ Um monstro.” (Gbl FClob (H) Carla; → K “$> \wedge \vee$ Uma cara. Mais nada.” (Gbl F– Hd) Carla
Elementos primitivos			
Objectos difusos			
Botânica			

Análise das categorias definidas para a dimensão do **Outro Igual**, no cartão VIII do Rorschach, para os adolescentes de 17 anos:

		Rapazes	Raparigas
Objectos inteiros			
Objectos fragmentados			
Objectos internos			
Objectos externos - Objectos com valor narcísico			
Imagem em espelho	Figuras humanas		
	Animais	<i>“Aqui de lado (aponta) parecem-me animais, mas de resto... Mais nada.”</i> (D F+ A Ban) Tiago; <i>“Aqui, nos laterais a cor-de-rosa, parecem-me ser dois animais selvagens; desconheço o nome.”</i> (G F+ A Ban) Nuno	
Sensibilidade ao branco			
Elementos primitivos		<i>“Por baixo, a rosa e a alaranjado, parecem-me umas rochas, uns rochedos.”</i> (D F+ Geo.) Nuno; <i>“Em cima, uma montanha a verde mais claro. É só.”</i> (D CF Geo.) Nuno	
Objectos difusos			
Botânica			

Análise das categorias definidas para a dimensão do **Outro Igual**, no cartão IX do Rorschach, para os adolescentes de 13 anos:

		Rapazes	Raparigas
Objectos inteiros		<i>"Um portão."</i> (Dbl F- Obj.) Rui	
Objectos fragmentados			
Objectos internos			
Objectos externos - Objectos com valor narcísico			
Imagem em espelho	Figuras humanas (Partes de figuras humanas)	<i>"Hum... Uma pessoa de cara verde com um chapéu, de cara pálida, com uma boina."</i> (Gbl F- Hd) Pedro	
	Animais		
Sensibilidade ao branco		<i>"Um portão."</i> (Dbl F- Obj.) Rui; <i>"Hum... Uma pessoa de cara verde com um chapéu, de cara pálida, com uma boina."</i> (Gbl F- Hd) Pedro	<i>"V Uma árvore."</i> (Gbl FC Nat.) Carla
Elementos primitivos			
Objectos difusos			
Botânica			<i>"V Uma árvore."</i> (Gbl FC Nat.) Carla

Análise das categorias definidas para a dimensão do **Outro Igual**, no cartão IX do Rorschach, para os adolescentes de 17 anos:

		Rapazes	Raparigas
Objectos inteiros			
Objectos fragmentados			
Objectos internos			
Objectos externos - Objectos com valor narcísico			
Imagem em espelho	Figuras humanas		
	Animais		
Sensibilidade ao branco		<i>"Parece-me uma vaquinha."</i> (Gbl F- A) Tiago; <i>"Basicamente, neste desenho, o que eu posso imaginar é uma face mutante. É só."</i> (Gbl F- (Hd)) Nuno	
Elementos primitivos			<i>"Não sei... Figuras... mas parece-me uma associação com a natureza, fogo e mar."</i> (G kobC Nat.) Joana
Objectos difusos			
Botânica			

Análise das categorias definidas para a dimensão do **Outro Igual**, no cartão X do Rorschach, para os adolescentes de 13 anos:

		Rapazes	Raparigas
Objectos inteiros			
Objectos fragmentados			
Objectos internos			
Objectos externos - Objectos com valor narcísico			
Imagem em espelho	Figuras humanas		
	Animais		
Sensibilidade ao branco		<i>"Em cima do cabelo de um homem de bigode verde."</i> (Dbl F+ Hd) Pedro	<i>"∨ Um monstro."</i> (Gbl FClob (H)) Carla; <i>"∨ > ∧ ∨ Parece uma cara."</i> (Dbl F+ Hd) Marta
Elementos primitivos			
Objectos difusos			
Botânica			<i>"∨ Flores."</i> (G CF Bot) Carla

Análise das categorias definidas para a dimensão do **Outro Igual**, no cartão X do Rorschach, para os adolescentes de 17 anos:

		Rapazes	Raparigas
Objectos inteiros			
Objectos fragmentados			
Objectos internos		<i>“Cá mais acima, a cinzento, parece-me ver um órgão semelhante aos pulmões.”</i> (D F– Anat.) Nuno	
Objectos externos - Objectos com valor narcísico			
Imagem em espelho	Figuras humanas		
	Animais	<i>“Aqui, a cor-de-rosa, parece-me ver dois cavalos-marinhos.”</i> (D F+ A) Nuno	R.A.: <i>“Parece um leão”</i> (D F+ A) Joana; R.A.: <i>“Insectos”</i> (D F+ A) Joana; R.A.: <i>“Ainda me faz lembrar pássaros azuis”</i> (D F– A) Joana; R.A.: <i>“Um touro”</i> (D F+ A) Joana
Sensibilidade ao branco			<i>“Aqui parece uma cara com um bigode.”</i> (D bl F+ Hd) Diana
Elementos primitivos			
Objectos difusos			
Botânica			

2. O Outro Diferente no Rorschach

Análise das categorias definidas para a dimensão do **Outro Diferente**, no cartão I do Rorschach, para os adolescentes de 13 anos:

		Rapazes	Raparigas
Masculino	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animal (Inteiro)		<i>"Parece um morcego a voar."</i> (G kan A Ban) Marta
	Animal I.		
Feminino	Fig. H.		
	Fig. H. I.		<i>"Parece uma senhora assim com umas asas."</i> (G K (H)) Marta
	Animal (Inteiro)		<i>"Uma aranha acho eu..."</i> (D/G F-) Carla; <i>"\ Uma mosca."</i> (G F+ A) Carla
	Animal I.		
Feminino/Masculino			
Fig. H. inteira s/ ref. sex.			
Fig. H. parcial s/ ref. sex.		<i>"Parece uma cara."</i> (Gbl F+ Hd) Rui	
Fig. H. I. inteira s/ ref. sex.		<i>"Isto aqui parece-me, sei lá, um monstro, não sei. É um monstro mesmo."</i> (G FClob (H)) Pedro	<i>"> Um monstro."</i> (G FClob (H)) Carla
Fig. H. I. parcial s/ ref. sex.			
Animal int. s/ ref. sex.			
Animal par. s/ ref. sex.			
Animal I. int. s/ ref. sex.			
Animal I. par. s/ ref. sex.			
Imago materna ...			
Imago paterna ...			

Análise das categorias definidas para a dimensão do **Outro Diferente**, no cartão I do Rorschach, para os adolescentes de 17 anos:

		Rapazes	Raparigas
Masculino	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animal (Inteiro)	<i>"Um morcego."</i> (G F+ A Ban) Tiago	
	Animal I.		
Feminino	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animal (Inteiro)	<i>"Talvez uma borboleta."</i> (G F+ A Ban) Nuno	<i>"Parece uma abelha, assim uma coisa, um insecto."</i> (G F+ A) Joana <i>"Uma borboleta... não sei... é, acho que sim."</i> (G F+ A Ban) Diana
	Animal I.		
Feminino/Masculino			
Fig. H. inteira s/ ref. sex.			
Fig. H. parcial s/ ref. sex.			
Fig. H. I. inteira s/ ref. sex.		<i>"Um anjo, porque não."</i> (G F+ (H)) Nuno	
Fig. H. I. parcial s/ ref. sex.			
Animal int. s/ ref. sex.			
Animal par. s/ ref. sex.			
Animal I. int. s/ ref. sex.			
Animal I. par. s/ ref. sex.			
Imago materna ...			
Imago paterna ...			

Análise das categorias definidas para a dimensão do **Outro Diferente**, no cartão II do Rorschach, para os adolescentes de 13 anos:

		Rapazes	Raparigas
Masculino	Fig. H. (Inteira)		"∨ Assim, parece um homem um bocadinho esquisito." (G K H) Marta
	Fig. H. I.		
	Animal		
	Animal I.		
Feminino	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animal (Inteiro)	"Parece uma borboleta aqui em baixo. Mais nada." (D F+ A) Rui	
	Animal I.		
Feminino/Masculino			
Fig. H. inteira s/ ref. sex.			
Fig. H. parcial s/ ref. sex.			"Uma cara. ∨ Mais nada ∧..." (Gbl F- Hd) Carla
Fig. H. I. inteira s/ ref. sex.			
Fig. H. I. parcial s/ ref. sex.			
Animal int. s/ ref. sex.		"Dois animais." (G F+ A) Rui	
Animal par. s/ ref. sex.			
Animal I. int. s/ ref. sex.			
Animal I. par. s/ ref. sex.			
Imago materna ...			
Imago paterna ...			"∨ ∧ Parece-me um lago, aqui, assim no meio (contorna com o dedo)." (Dbl /D kob Geo.) Marta

Análise das categorias definidas para a dimensão do **Outro Diferente**, no cartão II do Rorschach, para os adolescentes de 17 anos:

		Rapazes	Raparigas
Masculino	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animal (Inteiro)		R.A.: <i>Agora parecem-me dois animais, dois ursinhos ou dois cães – negro. Agora já me transmite mais calor, porque eu gosto dos animais, menos de dor.</i> (D F+ A) Joana
	Animal I.		
Feminino	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animal		
	Animal I.		
Feminino/Masculino			
Fig. H. inteira s/ ref. sex.			
Fig. H. parcial s/ ref. sex.		<i>“Parece uma cara, uma cara gordinha.”</i> (Gbl F– Hd) Tiago; <i>“E por cima dos cães, a vermelho, duas caras. É só.”</i> (Dbl F+ A) Nuno	
Fig. H. I. inteira s/ ref. sex.			
Fig. H. I. parcial s/ ref. sex.			
Animal int. s/ ref. sex.			<i>“Ah! Já sei. São dois animais, assim com as mãos (junta as mãos e mostra como é).”</i> (Gbl F+ A) Diana
Animal par. s/ ref. sex.			
Animal I. int. s/ ref. sex.			
Animal I. par. s/ ref. sex.			
Imago materna ...			
Imago paterna ...			

Análise das categorias definidas para a dimensão do **Outro Diferente**, no cartão III do Rorschach, para os adolescentes de 13 anos:

		Rapazes	Raparigas
Masculino	Fig. H. (Inteira)		“∇ <i>Parecem dois homens, um virado para cada lado. ∧ Assim, parece que estão os dois de frente.</i> ” (G K H Ban) Marta
	Fig. H. I.		
	Animal (Inteiro)		“∇ <i>Um sapo (morde o lábio) ∧ ∇. Só um sapo.</i> ” (D bl F- A) Carla
	(Parcial)	“ <i>A cara de um sapo.</i> ” (G F- Ad)	
Feminino	Animal I.		
	Fig. H. (Inteira)	“ <i>Parece uma senhora que se está a ver ao espelho.</i> ” (G K H) Rui	
	Fig. H. I.		
	Animal		
Feminino/Masculino	Animal I.		
	Fig. H. inteira s/ ref. sex.		
	Fig. H. parcial s/ ref. sex.		
	Fig. H. I. inteira s/ ref. sex.		
Feminino/Masculino	Fig. H. I. parcial s/ ref. sex.		
	Animal int. s/ ref. sex.		
	Animal par. s/ ref. sex.		
	Animal I. int. s/ ref. sex.		
Feminino/Masculino	Animal I. par. s/ ref. sex.		
	Imago materna ...		
	Imago paterna ...		

Análise das categorias definidas para a dimensão do **Outro Diferente**, no cartão III do Rorschach, para os adolescentes de 17 anos:

		Rapazes	Raparigas
Masculino	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animal		
	Animal I.		
Feminino	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animal		
	Animal I.		
Feminino/Masculino			
Fig. H. inteira s/ ref. sex.		<i>"Aqui, nas zonas laterais, parecem duas pessoas a agarrarem em algo, talvez um saco. É só."</i> (G K H Ban) Nuno	<i>"Duas pessoas, talvez paixão."</i> (G K H Ban) Joana; <i>"Isto parece que são duas pessoas que estão a puxar qualquer coisa, e estão frente a frente."</i> (G K H Ban) Diana
Fig. H. parcial s/ ref. sex.			
Fig. H. I. inteira s/ ref. sex.		<i>"∨ ∧ Um E.T.. Não vejo nada aqui."</i> (Gbl F- (H)) Tiago	
Fig. H. I. parcial s/ ref. sex.			
Animal int. s/ ref. sex.			
Animal par. s/ ref. sex.			
Animal I. int. s/ ref. sex.			
Animal I. par. s/ ref. sex.			
Imago materna ...			
Imago paterna ...			

Análise das categorias definidas para a dimensão do **Outro Diferente**, no cartão IV do Rorschach, para os adolescentes de 13 anos:

		Rapazes	Raparigas
Masculino	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animal (Inteiro)	<i>“Dois pinguins de costas um para o outro.”</i> (Dbl F– A) Pedro	
	Animal I.		
Feminino	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animal		
	Animal I.		
Feminino/Masculino			
Fig. H. inteira s/ ref. sex.			
Fig. H. parcial s/ ref. sex.			
Fig. H. I. inteira s/ ref. sex.			<i>“Um monstro. ∨ ∧”</i> (G FClob (H)) Carla
Fig. H. I. parcial s/ ref. sex.			
Animal int. s/ ref. sex.			
Animal par. s/ ref. sex.			
Animal I. int. s/ ref. sex.			
Animal I. par. s/ ref. sex.			
Imago materna ...			
Imago paterna ...			R.A.: <i>A nuvem de fumo, porque pareceu-me aqui uma chaminé e depois deitava fumo.</i> (D F+ Obj.) Carla; <i>“∨ Esquisito, parece que tem aqui um repuxo no meio.”</i> (D kob Nat.) Marta

Análise das categorias definidas para a dimensão do **Outro Diferente**, no cartão IV do Rorschach, para os adolescentes de 17 anos:

		Rapazes	Raparigas
Masculino	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animal		
	Animal I.		
Feminino	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animal		
	Animal I.		
Feminino/Masculino			
Fig. H. inteira s/ ref. sex.			
Fig. H. parcial s/ ref. sex.			<i>"Parecem dois pés gigantes."</i> (Do F+ (Hd)) Diana
Fig. H. I. inteira s/ ref. sex.			
Fig. H. I. parcial s/ ref. sex.			
Animal int. s/ ref. sex.			<i>"Parece um animal um bocadinho estranho, mas um animal."</i> (G F+ A) Joana; <i>"Parece que é um bicho, assim espalmado. Acho que é isso."</i> (G F+ A) Diana
Animal par. s/ ref. sex.			
Animal I. int. s/ ref. sex.			
Animal I. par. s/ ref. sex.			
Imago materna ...			
Imago paterna ...		<i>"Um carro de fórmula I."</i> (G kob Obj.) Tiago	

Análise das categorias definidas para a dimensão do **Outro Diferente**, no cartão V do Rorschach, para os adolescentes de 13 anos:

		Rapazes	Raparigas
Masculino	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animal (Inteiro)	<i>"Um morcego."</i> (G F+ A Ban) Rui; <i>"Dois crocodilos."</i> (D F+ A) Pedro	<i>"√ Um morcego. ∧ Mais nada."</i> (G F+ A) Carla
	Animal I.		
Feminino	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animal (Inteiro)		<i>"Uma borboleta."</i> (G F+ A Ban) Carla; <i>"√ ∧ Assim, parece um bichinho com antenas, assim com umas asas. √ Uma borboleta."</i> (G F+ A Ban) Marta
	Animal I.		
Feminino/Masculino			
Fig. H. inteira s/ ref. sex.			
Fig. H. parcial s/ ref. sex.			
Fig. H. I. inteira s/ ref. sex.			
Fig. H. I. parcial s/ ref. sex.			
Animal int. s/ ref. sex.			
Animal par. s/ ref. sex.			
Animal I. int. s/ ref. sex.			
Animal I. par. s/ ref. sex.			
Imago materna ...		R.A.: <i>"A boca tem o formato dos crocodilos que estão mergulhados dentro de água."</i> (D EF Elem.) Pedro	
Imago paterna ...			

Análise das categorias definidas para a dimensão do **Outro Diferente**, no cartão V do Rorschach, para os adolescentes de 17 anos:

		Rapazes	Raparigas
Masculino	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animal (Inteiro)		"Um morcego." (G F+ A Ban) Joana;
	(Parcial)		"Isto parece os corninhos do caracol (mostra na mancha)." (Dd F+ Ad) Diana; →Do
Feminino	Animal I.		
	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animal (Inteiro)	"Uma borboleta; sem cores é muito pobrezinha." (G F+ A Ban) Tiago	
Feminino/Masculino	Animal I.		
	Fig. H. inteira s/ ref. sex.		
	Fig. H. parcial s/ ref. sex.		
	Fig. H. I. inteira s/ ref. sex.	"Aqui, talvez uma pessoa com umas antenas e umas asas largas. É só." (G K (H)) Nuno	
	Fig. H. I. parcial s/ ref. sex.		
	Animal int. s/ ref. sex.		
	Animal par. s/ ref. sex.		"Mas isto (aponta) parece umas asas." (Do F+ Ad) Diana
	Animal I. int. s/ ref. sex.		
	Animal I. par. s/ ref. sex.		
	Imago materna ...		
	Imago paterna ...		

Análise das categorias definidas para a dimensão do **Outro Diferente**, no cartão VI do Rorschach, para os adolescentes de 13 anos:

		Rapazes	Raparigas
Masculino	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animal (Inteiro)	<i>“Esta aqui parecem dois ursos de boca aberta.”</i> (G F– A) Pedro	
	Animal I.		
Feminino	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animal		
	Animal I.		
Feminino/Masculino			
Fig. H. inteira s/ ref. sex.			
Fig. H. parcial s/ ref. sex.			
Fig. H. I. inteira s/ ref. sex.			
Fig. H. I. parcial s/ ref. sex.			
Animal int. s/ ref. sex.			<i>“∨ > ∧ Parece um tapete daqueles que têm as peles dos animais.”</i> (G FE A Ban) Marta
Animal par. s/ ref. sex.			
Animal I. int. s/ ref. sex.			
Animal I. par. s/ ref. sex.			
Imago materna ...			
Imago paterna ...		<i>“∨ Uma explosão.”</i> (D kob Fragn.) Rui	<i>“∨ ∧ Um vulcão. Mais nada.”</i> (G kob Geo.) Carla

Análise das categorias definidas para a dimensão do **Outro Diferente**, no cartão VI do Rorschach, para os adolescentes de 17 anos:

		Rapazes	Raparigas
Masculino	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animal (Inteiro)	<i>"Parece daqueles tapetes, tipo pele de urso, assim no chão (exemplifica abrindo os braços)."</i> (G F+ A Ban) Tiago; <i>"Aqui, parece ser um daqueles tapetes, uma pele de animal. Talvez um tigre."</i> (G F+ A Ban) Nuno	<i>"Isto parece um gato espalmado; isto parece o focinho do gato. V ^"</i> (D/G F- A) Diana
	Animal I.		
Feminino	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animal		
	Animal I.		
Feminino/Masculino			
Fig. H. inteira s/ ref. sex.			
Fig. H. parcial s/ ref. sex.			
Fig. H. I. inteira s/ ref. sex.			
Fig. H. I. parcial s/ ref. sex.			
Animal int. s/ ref. sex.			<i>"Isto parece-me a pele de um animal."</i> (G F+ A Ban) Joana
Animal par. s/ ref. sex.			
Animal I. int. s/ ref. sex.			
Animal I. par. s/ ref. sex.			
Imago materna ...			
Imago paterna ...			

Análise das categorias definidas para a dimensão do **Outro Diferente**, no cartão VII do Rorschach, para os adolescentes de 13 anos:

		Rapazes	Raparigas
Masculino	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animal		
	Animal I.		
Feminino	Fig. H. (Inteira)		“√ Ao contrário, parecem duas raparigas, assim um bocadinho para o defeituosas.” (G K H) Marta
	(Parcial)	“Duas caras, uma a olhar para a outra. (O formato destas caras, a olhar frente a frente, parecem caras de duas senhoras – 1.º terço, isto é o pescoço – 2.º terço, e a saia – 3.º terço).” (G kp Hd) Pedro	
	Fig. H. I.		
	Animal		
	Animal I.		
Feminino/Masculino			
Fig. H. inteira s/ ref. sex.			“> ∧ √ Duas pessoas. Gémeos. Mais nada.” (G K H) Carla
Fig. H. parcial s/ ref. sex.		“Duas caras com orelhas bem grandes.” (D F+ Hd) Rui	
Fig. H. I. inteira s/ ref. sex.			
Fig. H. I. parcial s/ ref. sex.			
Animal int. s/ ref. sex.			
Animal par. s/ ref. sex.			
Animal I. int. s/ ref. sex.			
Animal I. par. s/ ref. sex.			
Imago materna ...			
Imago paterna ...			

Análise das categorias definidas para a dimensão do **Outro Diferente**, no cartão VII do Rorschach, para os adolescentes de 17 anos:

		Rapazes	Raparigas
Masculino	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animal (Inteiro)	<i>“Isto parecem dois coelhos.”</i> (G kan A) Tiago;	
	(Parcial)	<i>“Cá em baixo vejo uma base; depois, nos picos da base, vejo duas caras de carneiro.”</i> (D F– Ad) Nuno	
Feminino	Animal I.		
	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animal		
		Animal I.	
Feminino/Masculino			
Fig. H. inteira s/ ref. sex.			<i>“Duas pessoas iguais, idênticas, interligadas.”</i> (G K H) Joana
Fig. H. parcial s/ ref. sex.		<i>“E por cima das duas caras de carneiro, duas caras humanas. É só.”</i> (D F+ Hd) Nuno	
Fig. H. I. inteira s/ ref. sex.			
Fig. H. I. parcial s/ ref. sex.			
Animal int. s/ ref. sex.			
Animal par. s/ ref. sex.			
Animal I. int. s/ ref. sex.			
Animal I. par. s/ ref. sex.			
Imago materna ...			
Imago paterna ...			

Análise das categorias definidas para a dimensão do **Outro Diferente**, no cartão VIII do Rorschach, para os adolescentes de 13 anos:

		Rapazes	Raparigas
Masculino	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animal (Inteiro)	"> ^ < <i>Um camaleão.</i>" (D F+ A Ban) Rui; <i>"Dois hipopótamos."</i> (D F- A) Pedro	
	Animal I.		
Feminino	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animal (Inteiro)	<i>"Com duas lagartixas em cima deles."</i> (D F- A) Pedro	
	Animal I.		
Feminino/Masculino			
Fig. H. inteira s/ ref. sex.			
Fig. H. parcial s/ ref. sex.			"> ^ v <i>Uma cara. Mais nada.</i>" (Gbl F- Hd) Carla
Fig. H. I. inteira s/ ref. sex.			"v ^ v <i>Um monstro.</i>" (Gbl FClob (H)) Carla → K
Fig. H. I. parcial s/ ref. sex.			
Animal int. s/ ref. sex.			"v ^ > <i>Isto assim parece um bicho a andar para terra e tem reflexos no mar.</i>" (D kan A) Marta
Animal par. s/ ref. sex.			
Animal I. int. s/ ref. sex.			
Animal I. par. s/ ref. sex.			
Imago materna ...			
Imago paterna ...			

Análise das categorias definidas para a dimensão do **Outro Diferente**, no cartão VIII do Rorschach, para os adolescentes de 17 anos:

		Rapazes	Raparigas
Masculino	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animal		
	Animal I.		
Feminino	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animal (Inteiro)	<i>“Na parte central, parece-me ser uma borboleta aberta.”</i> (D F+ A) Nuno	
	Animal I.		
Feminino/Masculino			
Fig. H. inteira s/ ref. sex.			
Fig. H. parcial s/ ref. sex.			
Fig. H. I. inteira s/ ref. sex.			R. A.: <i>“Fantasia, por este boneco que está aqui – verde e cinzento; parece aqueles bonecos animados, com a cara e os braços.”</i> (D F– (H)) Joana
Fig. H. I. parcial s/ ref. sex.			
Animal int. s/ ref. sex.		<i>“Aqui de lado (aponta) parecem-me animais, mas de resto... Mais nada.”</i> (D F+ A Ban) Tiago; <i>“Aqui, nos laterais a cor-de-rosa, parecem-me ser dois animais selvagens; desconheço o nome.”</i> (D F+ A Ban) Nuno	<i>“Animais.”</i> (D F+ A Ban) Joana; <i>“Isto parecem dois bichos agarrados a uma coisa, a subirem. ∨ ∧”</i> (G kan A) Diana
Animal par. s/ ref. sex.			
Animal I. int. s/ ref. sex.			
Animal I. par. s/ ref. sex.			
Imago materna ...			
Imago paterna ...			<i>“Calor”</i> (D kobC Nat.) Joana

Análise das categorias definidas para a dimensão do **Outro Diferente**, no cartão IX do Rorschach, para os adolescentes de 13 anos:

		Rapazes	Raparigas
Masculino	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animal		
	Animal I.		
Feminino	Fig. H. (Inteira)		“∨ ∧ ∨ Uma pessoa. Mais nada (Parece uma mulher zangada, com os braços na cintura, a saia laranja, os braços – verde, e a cabeça que não é muito normal, mas pronto).” (G K H) Carla
	Fig. H. I.		
	Animal		
	Animal I.		
Feminino/Masculino			
Fig. H. inteira s/ ref. sex.			
Fig. H. parcial s/ ref. sex.		“Hum... Uma pessoa de cara verde com um chapéu, de cara pálida, com uma boina.” (Gbl F– Hd) Pedro	
Fig. H. I. inteira s/ ref. sex.			
Fig. H. I. parcial s/ ref. sex.			
Animal int. s/ ref. sex.			
Animal par. s/ ref. sex.			
Animal I. int. s/ ref. sex.			
Animal I. par. s/ ref. sex.			
Imago materna ...			
Imago paterna ...			“∨ Isto parece a lava do vulcão a sair do vulcão.” (G kob Geo.) Marta

Análise das categorias definidas para a dimensão do **Outro Diferente**, no cartão IX do Rorschach, para os adolescentes de 17 anos:

		Rapazes	Raparigas
Masculino	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animal		
	Animal I.		
Feminino	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animal (Inteiro)	<i>“Parece-me uma vaquinha.”</i> (Gbl F– A) Tiago	
	Animal I.		
Feminino/Masculino			
Fig. H. inteira s/ ref. sex.			
Fig. H. parcial s/ ref. sex.			
Fig. H. I. inteira s/ ref. sex.			
Fig. H. I. parcial s/ ref. sex.		<i>“Basicamente, neste desenho, o que eu posso imaginar é uma face mutante. É só.”</i> (Gbl F– (Hd)) Nuno	
Animal int. s/ ref. sex.			
Animal par. s/ ref. sex.			
Animal I. int. s/ ref. sex.			
Animal I. par. s/ ref. sex.			
Imago materna ...			
Imago paterna ...			<i>“Não sei... Figuras... mas parece-me uma associação com a natureza, fogo e mar.”</i> (G kobC Nat.) Joana

Análise das categorias definidas para a dimensão do **Outro Diferente**, no cartão X do Rorschach, para os adolescentes de 13 anos:

		Rapazes	Raparigas
Masculino	Fig. H. (Parcial)	<i>“Em cima do cabelo de um homem de bigode verde.”</i> (Dbl F+ Hd) Pedro	
	Fig. H. I.		
	Animal (Inteiro)	R. A.: <i>“Aqui também parecem dois animais, parece um caranguejo.”</i> (D F+ A) Rui	
	Animal I.		
Feminino	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animal (Inteiro)	<i>“Duas aranhas a fazerem uma teia.”</i> (D kan A) Pedro	<i>“√ Aranhas. Mais nada.”</i> (D F+ A Ban) Carla
	Animal I.		
Feminino/Masculino			
Fig. H. inteira s/ ref. sex.			
Fig. H. parcial s/ ref. sex.			<i>“√ > ∧ √ Parece uma cara.”</i> (Dbl F+ Hd) Marta
Fig. H. I. inteira s/ ref. sex.			<i>“√ Um monstro.”</i> (Gbl FClob (H)) Carla
Fig. H. I. parcial s/ ref. sex.			
Animal int. s/ ref. sex.		<i>“Parecem uns bichos, uns aliens.”</i> (D kan A) Rui	
Animal par. s/ ref. sex.			
Animal I. int. s/ ref. sex.			
Animal I. par. s/ ref. sex.			
Imago materna ...			
Imago paterna ...			

Análise das categorias definidas para a dimensão do **Outro Diferente**, no cartão X do Rorschach, para os adolescentes de 17 anos:

		Rapazes	Raparigas
Masculino	Fig. H. (Parcial)	<i>“Cá em baixo, uma criatura com dois olhos e uns bigodes a saírem pelo nariz. Nos laterais, não me parece ver nada, não consigo imaginar nada.”</i> (D F– Hd) Nuno	<i>“Aqui parece uma cara com um bigode.”</i> (D bl F+ Hd) Diana
	Fig. H. I.		
	Animal (Inteiro)	<i>“Aqui, a cor-de-rosa, parece-me ver dois cavalos-marinhos.”</i> (D F+ A) Nuno	R.A.: <i>“Parece um leão”</i> (D F+ A) Joana; R.A.: <i>“Insectos”</i> (D F+ A) Joana; R.A.: <i>“Ainda me faz lembrar pássaros azuis”</i> (D F– A) Joana; R.A.: <i>“Um touro”</i> (D F+ A) Joana
	Animal I.		
Feminino	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animal		
	Animal I.		
Feminino/Masculino			
Fig. H. inteira s/ ref. sex.			
Fig. H. parcial s/ ref. sex.			
Fig. H. I. inteira s/ ref. sex.			
Fig. H. I. parcial s/ ref. sex.			

Continuação da tabela, da análise das categorias definidas para a dimensão do **Outro Diferente**, no cartão X do Rorschach, para os adolescentes de 17 anos:

	Rapazes	Raparigas
Animal int. s/ ref. sex.		<i>"Isto parecem-me dois bichos."</i> (D F+ A) Diana; <i>"∨ ∧ Aqui parecem dois bichos. (Dois bichos agarrados a alguma coisa)."</i> (D F- A) Diana →kan
Animal par. s/ ref. sex.		
Animal I. int. s/ ref. sex.		
Animal I. par. s/ ref. sex.		
Imago materna ...		<i>"Cores, ligação. Mais nada... vejo mas não consigo explicar o que eu sinto."</i> (G CF A) Joana
Imago paterna ...	<i>"Parece fogo de artifício."</i> (G kob Cena) Tiago	

3. O Outro Complementar no Rorschach

Análise das categorias definidas para a dimensão do **Outro Complementar**, no cartão I do Rorschach, para os adolescentes de 13 anos:

		Rapazes	Raparigas
Acção simples ou postura que implique movimento entre ...	Fig. H.		
	Fig. H. I.	<i>“Parece uma senhora assim com umas asas.”</i> (G K (H)) Marta	
	Animais	<i>“Parece um morcego a voar.”</i> (G kan A Ban) Marta	
	Animais I.		
Actos simples ou posturas que não impliquem movimento entre ...	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animais		
	Animais I.		
Acção bilateral de carácter neutro entre ...	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animais		
	Animais I.		
Interacção recíproca positiva entre ...	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animais		
	Animais I.		
Interacção activa/passiva não agressiva entre ...	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animais		
	Animais I.		
Desconhecido dado por respostas Clob		<i>“Uma figura sombria.”</i> Com. Rui <i>“Isto aqui parece-me, sei lá, um monstro, não sei. É um monstro mesmo.”</i> (G FClob (H)) Pedro	<i>“> Um monstro.”</i> (Gbl FClob (H)) Carla

Análise das categorias definidas para a dimensão do **Outro Complementar**, no cartão I do Rorschach, para os adolescentes de 17 anos:

		Rapazes	Raparigas
Acção simples ou postura que implique movimento entre ...	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animais		
	Animais I.		
Actos simples ou posturas que não impliquem movimento entre ...	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animais		
	Animais I.		
Acção bilateral de carácter neutro entre ...	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animais		
	Animais I.		
Interacção recíproca positiva entre ...	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animais		
	Animais I.		
Interacção activa/passiva não agressiva entre ...	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animais		
	Animais I.		
Desconhecido dado por respostas Clob			

Análise das categorias definidas para a dimensão do **Outro Complementar**, no cartão II do Rorschach, para os adolescentes de 13 anos:

		Rapazes	Raparigas
Acção simples ou postura que implique movimento entre ...	Fig. H.		"\ Assim, parece um homem um bocadinho esquisito." (G K H) Marta
	Fig. H. I.		
	Animais		
	Animais I.		
Actos simples ou posturas que não impliquem movimento entre ...	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animais		
	Animais I.		
Acção bilateral de carácter neutro entre ...	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animais	"Dois animais." (G F+ A) Rui	
	Animais I.		
Interacção recíproca positiva entre ...	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animais		
	Animais I.		
Interacção activa/passiva não agressiva entre ...	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animais		
	Animais I.		
Desconhecido dado por respostas Clob			

Análise das categorias definidas para a dimensão do **Outro Complementar**, no cartão II do Rorschach, para os adolescentes de 17 anos:

		Rapazes	Raparigas
Acção simples ou postura que implique movimento entre ...	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animais		
	Animais I.		
Actos simples ou posturas que não impliquem movimento entre ...	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animais		<i>“Ah! Já sei. São dois animais, assim com as mãos (junta as mãos e mostra como é).”</i> (Gbl F+ A) Diana
	Animais I.		
Acção bilateral de carácter neutro entre ...	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animais		
	Animais I.		
Interacção recíproca positiva entre ...	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animais		
	Animais I.		
Interacção activa/passiva não agressiva entre ...	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animais		
	Animais I.		
Desconhecido dado por respostas Clob			

Análise das categorias definidas para a dimensão do **Outro Complementar**, no cartão **III** do Rorschach, para os adolescentes de 13 anos:

		Rapazes	Raparigas
Ação simples ou postura que implique movimento entre ...	Fig. H.	<i>"Parece uma senhora que se está a ver ao espelho."</i> (G K H) Rui	
	Fig. H. I.		
	Animais		
	Animais I.		
Actos simples ou posturas que não impliquem movimento entre ...	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animais		
	Animais I.		
Ação bilateral de carácter neutro entre ...	Fig. H.		<i>"\ Parecem dois homens, um virado para cada lado. ^ Assim, parece que estão os dois de frente."</i> (G K H Ban) Marta
	Fig. H. I.		
	Animais		
	Animais I.		
Interacção recíproca positiva entre ...	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animais		
	Animais I.		
Interacção activa/passiva não agressiva entre ...	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animais		
	Animais I.		
Desconhecido dado por respostas Clob			

Análise das categorias definidas para a dimensão do **Outro Complementar**, no cartão **III** do Rorschach, para os adolescentes de 17 anos:

		Rapazes	Raparigas
Ação simples ou postura que implique movimento entre ...	Fig. H. (Parciais)	<i>“Em cima, a vermelho, parece-me um embrião.”</i> (D kp Anat.) Nuno	
	Fig. H. I.		
	Animais		
	Animais I.		
Actos simples ou posturas que não impliquem movimento entre ...	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animais		
	Animais I.		
Ação bilateral de carácter neutro entre ...	Fig. H.	<i>“Aqui, nas zonas laterais, parecem duas pessoas a agarrarem em algo, talvez um saco. É só.”</i> (G K H Ban) Nuno	<i>“Isto parece que são duas pessoas que estão a puxar qualquer coisa, e estão frente a frente.”</i> (G K H Ban) Diana
	Fig. H. I.		
	Animais		
	Animais I.		
Interacção recíproca positiva entre ...	Fig. H.		<i>“Duas pessoas, talvez paixão.”</i> (G K H Ban) Joana
	Fig. H. I.		
	Animais		
	Animais I.		
Interacção activa/passiva não agressiva entre ...	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animais		
	Animais I.		
Desconhecido dado por respostas Clob			

Análise das categorias definidas para a dimensão do **Outro Complementar**, no cartão IV do Rorschach, para os adolescentes de 13 anos:

		Rapazes	Raparigas
Acção simples ou postura que implique movimento entre ...	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animais		
	Animais I.		
Actos simples ou posturas que não impliquem movimento entre ...	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animais	<i>“Dois pinguins de costas um para o outro.”</i> (Dbl F– A) Pedro	
	Animais I.		
Acção bilateral de carácter neutro entre ...	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animais	<i>“Dois pinguins de costas um para o outro.”</i> (Dbl F– A) Pedro	
	Animais I.		
Interacção recíproca positiva entre ...	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animais		
	Animais I.		
Interacção activa/passiva não agressiva entre ...	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animais		
	Animais I.		
Desconhecido dado por respostas Clob			<i>“Um monstro. V ^”</i> (G FClob (H)) Carla; <i>“^ Assim parece um monstro.”</i> (G FClob (H)) Marta

Análise das categorias definidas para a dimensão do **Outro Complementar**, no cartão IV do Rorschach, para os adolescentes de 17 anos:

		Rapazes	Raparigas
Acção simples ou postura que implique movimento entre ...	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animais		
	Animais I.		
Actos simples ou posturas que não impliquem movimento entre ...	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animais		
	Animais I.		
Acção bilateral de carácter neutro entre ...	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animais		
	Animais I.		
Interacção recíproca positiva entre ...	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animais		
	Animais I.		
Interacção activa/passiva não agressiva entre ...	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animais		
	Animais I.		
Desconhecido dado por respostas Clob			

Análise das categorias definidas para a dimensão do **Outro Complementar**, no cartão V do Rorschach, para os adolescentes de 13 anos:

		Rapazes	Raparigas
Acção simples ou postura que implique movimento entre ...	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animais		
	Animais I.		
Actos simples ou posturas que não impliquem movimento entre ...	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animais		
	Animais I.		
Acção bilateral de carácter neutro entre ...	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animais		
	Animais I.		
Interacção recíproca positiva entre ...	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animais		
	Animais I.		
Interacção activa/passiva não agressiva entre ...	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animais		
	Animais I.		
Desconhecido dado por respostas Clob			

Análise das categorias definidas para a dimensão do **Outro Complementar**, no cartão V do Rorschach, para os adolescentes de 17 anos:

		Rapazes	Raparigas
Acção simples ou postura que implique movimento entre ...	Fig. H.		
	Fig. H. I.	<i>"Aqui, talvez uma pessoa com umas antenas e umas asas largas. É só."</i> (G K (H)) Nuno	
	Animais		
	Animais I.		
Actos simples ou posturas que não impliquem movimento entre ...	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animais		
	Animais I.		
Acção bilateral de carácter neutro entre ...	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animais		
	Animais I.		
Interacção recíproca positiva entre ...	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animais		
	Animais I.		
Interacção activa/passiva não agressiva entre ...	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animais		
	Animais I.		
Desconhecido dado por respostas Clob			

Análise das categorias definidas para a dimensão do **Outro Complementar**, no cartão VI do Rorschach, para os adolescentes de 13 anos:

		Rapazes	Raparigas
Acção simples ou postura que implique movimento entre ...	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animais		
	Animais I.		
Actos simples ou posturas que não impliquem movimento entre ...	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animais		
	Animais I.		
Acção bilateral de carácter neutro entre ...	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animais	<i>“Esta aqui parecem dois ursos de boca aberta.”</i> (G F– A) Pedro	
	Animais I.		
Interacção recíproca positiva entre ...	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animais		
	Animais I.		
Interacção activa/passiva não agressiva entre ...	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animais		
	Animais I.		
Desconhecido dado por respostas Clob			

Análise das categorias definidas para a dimensão do **Outro Complementar**, no cartão VI do Rorschach, para os adolescentes de 17 anos:

		Rapazes	Raparigas
Acção simples ou postura que implique movimento entre ...	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animais		
	Animais I.		
Actos simples ou posturas que não impliquem movimento entre ...	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animais		
	Animais I.		
Acção bilateral de carácter neutro entre ...	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animais		
	Animais I.		
Interacção recíproca positiva entre ...	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animais		
	Animais I.		
Interacção activa/passiva não agressiva entre ...	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animais		
	Animais I.		
Desconhecido dado por respostas Clob			

Análise das categorias definidas para a dimensão do **Outro Complementar**, no cartão VII do Rorschach, para os adolescentes de 13 anos:

		Rapazes	Raparigas
Acção simples ou postura que implique movimento entre ...	Fig. H. (Inteira)		"> ^ V Duas pessoas. Gémeos. Mais nada." (G K H) Carla;
	(Parcial)	"Duas caras, uma a olhar para a outra." (G kp Hd) Pedro	"V Ao contrário, parecem duas raparigas, assim um bocadinho para o defeituosas." (G K H) Marta
	Fig. H. I.		
	Animais		
	Animais I.		
Actos simples ou posturas que não impliquem movimento entre ...	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animais		
	Animais I.		
Acção bilateral de carácter neutro entre ...	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animais		
	Animais I.		
Interacção recíproca positiva entre ...	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animais		
	Animais I.		
Interacção activa/passiva não agressiva entre ...	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animais		
	Animais I.		
Desconhecido dado por respostas Clob			

Análise das categorias definidas para a dimensão do **Outro Complementar**, no cartão VII do Rorschach, para os adolescentes de 17 anos:

		Rapazes	Raparigas
Acção simples ou postura que implique movimento entre ...	Fig. H.		<i>"Duas pessoas iguais, idênticas, interligadas."</i> (G K H) Joana; <i>"Isto parecem duas raparigas a olharem uma para a outra. No fundo estão caladas. Têm o cabelo em pé. Não sei se é uma em frente a um espelho, e depois, dá para ver a outra. √ ∧"</i> (G K H) Diana
	Fig. H. I.		
	Animais	<i>"Isto parecem dois coelhos."</i> (G kan A) Tiago	
	Animais I.		
Actos simples ou posturas que não impliquem movimento entre ...	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animais		
	Animais I.		
Acção bilateral de carácter neutro entre ...	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animais		
	Animais I.		
Interacção recíproca positiva entre ...	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animais		
	Animais I.		
Interacção activa/passiva não agressiva entre ...	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animais		
	Animais I.		
Desconhecido dado por respostas Clob			

Análise das categorias definidas para a dimensão do **Outro Complementar**, no cartão VIII do Rorschach, para os adolescentes de 13 anos:

		Rapazes	Raparigas
Acção simples ou postura que implique movimento entre ...	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animais		" $\vee \wedge >$ Isto assim parece um bicho a andar para terra e tem reflexos no mar." (D kan A) Marta
	Animais I.		
Actos simples ou posturas que não impliquem movimento entre ...	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animais	"Dois hipopótamos." (D F- A) Pedro	
	Animais I.		
Acção bilateral de carácter neutro entre ...	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animais		
	Animais I.		
Interacção recíproca positiva entre ...	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animais		
	Animais I.		
Interacção activa/passiva não agressiva entre ...	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animais	"Dois hipopótamos" ... Com duas lagartixas em cima deles." (D F- A) Pedro	
	Animais I.		
Desconhecido dado por respostas Clob			" $\vee \wedge \vee$ Um monstro." (Gbl FClob (H)) Carla → K

Análise das categorias definidas para a dimensão do **Outro Complementar**, no cartão VIII do Rorschach, para os adolescentes de 17 anos:

		Rapazes	Raparigas
Acção simples ou postura que implique movimento entre ...	Fig. H.		<i>"Isto parecem dois bichos agarrados a uma coisa, a subirem. V ^"</i> (G kan A) Diana
	Fig. H. I.		
	Animais		
	Animais I.		
Actos simples ou posturas que não impliquem movimento entre ...	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animais		
	Animais I.		
Acção bilateral de carácter neutro entre ...	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animais		
	Animais I.		
Interacção recíproca positiva entre ...	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animais		
	Animais I.		
Interacção activa/passiva não agressiva entre ...	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animais		
	Animais I.		
Desconhecido dado por respostas Clob			

Análise das categorias definidas para a dimensão do **Outro Complementar**, no cartão **IX** do Rorschach, para os adolescentes de 13 anos:

		Rapazes	Raparigas
Acção simples ou postura que implique movimento entre ...	Fig. H.		"∨ ∧ ∨ Uma pessoa. Mais nada (Parece uma mulher zangada...)." (G K H) Carla
	Fig. H. I.		
	Animais		
	Animais I.		
Actos simples ou posturas que não impliquem movimento entre ...	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animais		
	Animais I.		
Acção bilateral de carácter neutro entre ...	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animais		
	Animais I.		
Interacção recíproca positiva entre ...	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animais		
	Animais I.		
Interacção activa/passiva não agressiva entre ...	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animais		
	Animais I.		
Desconhecido dado por respostas Clob			

Análise das categorias definidas para a dimensão do **Outro Complementar**, no cartão IX do Rorschach, para os adolescentes de 17 anos:

		Rapazes	Raparigas
Acção simples ou postura que implique movimento entre ...	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animais		
	Animais I.		
Actos simples ou posturas que não impliquem movimento entre ...	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animais		
	Animais I.		
Acção bilateral de carácter neutro entre ...	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animais		
	Animais I.		
Interacção recíproca positiva entre ...	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animais		
	Animais I.		
Interacção activa/passiva não agressiva entre ...	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animais		
	Animais I.		
Desconhecido dado por respostas Clob			

Análise das categorias definidas para a dimensão do **Outro Complementar**, no cartão **X** do Rorschach, para os adolescentes de 17 anos:

		Rapazes	Raparigas
Acção simples ou postura que implique movimento entre ...	Fig. H.		"V $\wedge$ <i>Aqui parecem dois bichos.</i> (Dois bichos agarrados a alguma coisa)." (D F- A) Diana →kan
	Fig. H. I.		
	Animais		
	Animais I.		
Actos simples ou posturas que não impliquem movimento entre ...	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animais		
	Animais I.		
Acção bilateral de carácter neutro entre ...	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animais		
	Animais I.		
Interacção recíproca positiva entre ...	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animais		
	Animais I.		
Interacção activa/passiva não agressiva entre ...	Fig. H.		
	Fig. H. I.		
	Animais		
	Animais I.		
Desconhecido dado por respostas Clob			